

ORGS.
ELISÂNGELA SILVA DA COSTA
EMANUEL ARAÚJO BEZERRA
LUCIANA LEANDRO SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS PRÁTICAS INTEGRADORAS

UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR



INSTITUTO
FEDERAL
Roraima



BRAZIL PUBLISHING

Elisângela Silva da Costa
Emanuel Araújo Bezerra
Luciana Leandro Silva
organizadores

**Educação Física Escolar e as Práticas Integradoras:
uma abordagem multidisciplinar**



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Roraima

Reitora do IFRR

Sandra Mara de Paula Dias Botelho

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Fabiana Leticia Sbaraini

Pró-Reitora de Ensino

Sandra Grützmacher

Pró-Reitor de Extensão

Nadson Castro dos Reis

Pró-Reitora de Administração

Regina Ferreira Lopes

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Diogo Saul Silva Santos

Diretora-Geral do *Campus* Boa Vista

Joseane de Souza Cortez

Diretor-Geral do *Campus* Novo Paraiso

Eliezer Nunes Silva

Diretor-Geral do *Campus* Amajari

George Sterfson Barros

Diretora-Geral do *Campus* Boa Vista Zona Oeste

Maria Aparecida Alves de Medeiros

Diretora de Ensino, Pesquisa, Inovação Tecnológica e Extensão do *Campus*

Avançado Bonfim

Evemília Sousa

Diretora de Políticas de Educação à Distância

Maria Betânia Gomes Grisi

Coordenadora de Editoração e Divulgação Científica

Leila Marcia Ghedin



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Roraima

Organizadores

Elisângela Silva da Costa
Emanuel Araújo Bezerra
Luciana Leandro Silva

Corpo Editorial - IFRR

Alaine Andrade de Morais
Aldaires Aires da Silva Lima
Amarildo Ferreira Junior
Ana Aparecida Vieira de Moura
Ananias Noronha Filho
Cora Elena Gonzalo Zambrano
Daniele Monteiro Mota
Emanuel Araujo Bezerra
Emilio Luiz Faria Rodrigues
Fernanda Zambonin
Gilmar Alves Silva
Irany Gomes Barros
João Marcos Coelho
Jucilene Oliveira de Sousa
Karla Santana Morais
Larissa Jussara Leite de Santana
Leila Marcia Ghedin

Luana Firmino Lobo
Marcello da Silva Soares
Marco Jose Mendonça de Souza
Marcos Vieira Araujo
Maria Ivonice de Sousa Vieira
Marilda Vinhotte Bentes
Marlúcia Silva de Araújo
Naira Gomes Lamarão
Nilra Jane Filgueira Bezerra
Pollyane de Barros Albuquerque
Ricardo Luiz de Souza
Sammya Faria Adona Leite
Saula Leite Oliveira Dantas
Simone Rodrigues Batista Mendes
Solange Almeida Santos
Udine Garcia Benedetti
Virginia Guedelho de Albuquerque Carvalho

Revisão de Editoração Literária – IFRR

Silvana Menezes da Silva

Supervisão Editorial – IFRR

Leila Marcia Ghedin

Todo conteúdo presente nesta obra é de inteira responsabilidade dos autores.

© todos os direitos desta edição reservados ao IFRR



BRAZIL PUBLISHING

Conselho Editorial Internacional

Presidente: Professor Doutor Rodrigo Horochovski	(UFPR – Brasil)
Professora Doutora Anita Leocadia Prestes	(ILCP – Brasil)
Professora Doutora Claudia Maria Elisa Romero Vivas	(UN – Colômbia)
Professora Doutora Fabiana Queiroz	(Ufla – Brasil)
Professora Doutora Hsin-Ying Li	(NTU – China)
Professor Doutor Ingo Wolfgang Sarlet	(PUC/RS – Brasil)
Professor Doutor José Antonio González Lavaut	(UH – Cuba)
Professor Doutor José Eduardo Souza de Miranda	(UniMB – Brasil)
Professora Doutora Marília Murata	(UFPR – Brasil)
Professor Doutor Milton Luiz Horn Vieira	(Ufsc – Brasil)
Professor Doutor Ruben Sílvia Varela Santos Martins	(UE – Portugal)



Comitê Científico da área Ciências Humanas

Presidente: Professor Doutor Fabrício R. L. Tomio	(UFPR – Sociologia)
Professor Doutor Nilo Ribeiro Júnior	(Faje – Filosofia)
Professor Doutor Renee Volpato Viaro	(PUC/PR – Psicologia)
Professor Doutor Daniel Delgado Queissada	(Ages – Serviço Social)
Professor Doutor Jorge Luiz Bezerra Nóvoa	(Ufba – Sociologia)
Professora Doutora Marlene Tamanini	(UFPR – Sociologia)
Professora Doutora Luciana Ferreira	(UFPR – Geografia)
Professora Doutora Marlucy Alves Paraíso	(UFMG – Educação)
Professor Doutor Cezar Honorato	(UFF – História)
Professor Doutor Clóvis Ecco	(PUC/GO – Ciências da Religião)
Professor Doutor Fauston Negreiros	(UFPI – Psicologia)
Professor Doutor Luiz Antônio Bogo Chies	(UCPel – Sociologia)
Professor Doutor Mario Jorge da Motta Bastos	(UFF – História)
Professor Doutor Israel Kujawa	(Imed – Psicologia)
Professor Doutor Luiz Fernando Saraiva	(UFF – História)
Professora Doutora Maristela Walker	(UTFPR – Educação)
Professora Doutora Maria Paula Prates Machado	(Ufcspsa – Antropologia Social)
Professor Doutor Francisco José Figueiredo Coelho	(UFRJ – Ensino de Biociências e Saúde)
Professora Doutora Maria de Lourdes Silva	(UERJ – História)
Professora Ivonete Barreto de Amorim	(Uneb – Educação, Formação de Professor e Família)
Professor César Costa Vitorino	(Uneb – Educação/Linguística)
Professor Marcelo Máximo Purificação	(Uneb – Educação, Religião, Matemática e Tecnologia)
Professora Elisângela Maura Catarino	(Unifimes – Educação/Religião)
Professora Sandra Célia Coelho G. da Silva	(Uneb – Sociologia, Gênero, Religião, Saúde, Família e Internacionalização)



© Brazil Publishing Autores e Editores Associados
Rua Padre Germano Mayer, 407
Cristo Rei - Curitiba, PR - 80050-270
+55 (41) 3022-6005



Associação Brasileira de Editores Científicos
Rua Azaleia, 399 - Edifício 3 Office, 7º Andar, Sala 75
Botucatu, SP - 18603-550
+55 (14) 3815-5095

Comitê Editorial

Editora-Chefe: Sandra Heck

Editor Superintendente: Valdemir Paiva

Editor Coordenador: Everson Ciriaco

Diagramação e Projeto Gráfico: Brenner Silva

Arte da Capa: Paula Zettel

Revisão Editorial: Thais Valentim

Revisão de Texto: Os autores

DOI: 10.31012/978-65-86854-83-1

Linhas de Pesquisa: Linha 1 - Promoção da saúde na Educação Física Escolar (EFE);

Linha 2 - O esporte escolar na Educação Básica;

Linha 3 - As atividades rítmicas, expressivas e as lutas na Educação Básica;

Órgão Financiador: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

E24 Educação física escolar e as práticas integradoras:
uma abordagem multidisciplinar [recurso eletrônico] / organização de Elisângela Silva da Costa, Emanuel Araújo Bezerra, Luciana Leandro Silva – 1.ed. - Curitiba: Brazil Publishing / Instituto Federal de Roraima, 2020.

Vários colaboradores
ISBN 978-658685483-1

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Exercícios físicos para jovens. 3. Educação à distância. 4. Educação física escolar – Roraima/RR. I. Costa, Elisângela Silva da (org.). II. Bezerra, Emanuel Araújo (org.). III. Silva, Luciana Leandro (org.).

CDD 796.07 (22.ed)
CDU 796:37



[1ª edição – Ano 2020]
www.aeditora.com.br

Prefácio

A Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia tem como um de seus pressupostos a verticalização do ensino, com intuito de ampliar e aprofundar os níveis dos estudos teóricos e práticos nas diversas áreas do conhecimento. Por essa razão, o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência da Educação Física Escolar na Modalidade a Distância foi ofertado em 2018-2019, atendendo a uma demanda de profissionais existente no estado de Roraima, formados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, por meio do curso de Licenciatura em Educação Física e Primeira e Segunda Licenciatura em Educação Física/Parfor, e com necessidade de ampliação da formação bem como oportunizando a oferta aos demais profissionais da área de Educação Física formados em outras instituições de ensino.

A Educação Física escolar e as práticas integradoras: uma abordagem multidisciplinar, é o tema central deste e-book que foi elaborado a partir da contribuição de profissionais de Educação Física que participaram do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Física Escolar na Modalidade Educação a Distância. O presente e-book contém 15 artigos produzidos a partir de experiências vivenciadas pelos profissionais de diversos municípios do Estado de Roraima, com apresentação de situações singulares e debates acerca da prática da Educação Física Escolar, com objetivo de enriquecer o acervo técnico-científico.

Nessa perspectiva, os autores foram convidados a explorar e descobrir, em seu campo de atuação, novas informações, técnicas e estratégias para a melhoria de suas práticas por meio das várias possibilidades que serão apresentadas, aos que abraçaram a docência como escolha profissional, oportunizando assim, a ressignificação da dimensão do aprender em seu cotidiano.

Esta publicação compreende três temáticas: a promoção da saúde na educação física escolar voltada à prática regular de atividades físicas na perspectiva da promoção da saúde e na busca de sua compreensão como instrumento de promoção da saúde; o esporte escolar na educação básica relatando sobre a importância do esporte escolar como ferramenta pedagógica de ensino e a educação básica relacionada ao estímulo da criança no desenvolvimento de suas potencialidades esportivas; as atividades rítmicas,

expressivas e as lutas na educação básica, tratando a dança como manifestação cultural e corporal e a relação entre a psicomotricidade, as atividades e a expressão corporal.

Demostramos aqui, o orgulho em prefaciarmos esta edição do resultado do trabalho dos profissionais da área da Docência em Educação Física Escolar do estado de Roraima e convidamos a todos para conhecerem sobre as temáticas abordadas, compreendendo-as como relevantes subsídios na busca pela melhoria do ensino.

Desejamos que você tenha uma excelente leitura!

Organizadores.

SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BENEFÍCIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA . . .	10
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO VOLEIBOL E SUA APLICABILIDADE NO CONTEXTO SOCIAL E ESCOLAR	26
ANÁLISE DO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NO INSTITUTO FEDERAL DE RORAIMA.	39
A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA A REDUÇÃO DA INDISCIPLINA	50
ESTILO DE VIDA DOS PROFESSORES DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RORAIMA	69
A DANÇA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS DA SEDE DO MUNICÍPIO DE RORAINÓPOLIS . . .	86
A DANÇA DO PARIXARA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA.	101
ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE DE ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM BOA VISTA/RR	115
A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO INSTRUMENTO NA PREVENÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL.	132
A INFLUÊNCIA DA ESTIMULAÇÃO AQUÁTICA NO DESENVOLVIMENTO MOTOR: UM ESTUDO DE OBSERVAÇÃO EM CRIANÇAS DE 6 A 36 MESES	149
PERFIL NUTRICIONAL E PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DE ALUNOS DO 5º ANO DAS ESCOLAS: CENTENÁRIO DE BOA VISTA E LAUCIDES INÁCIO DE OLIVEIRA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BOA VISTA – RR	166
COM QUANTA GINGA SE APRENDE A DAR AULA DE CAPOEIRA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA	183
CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COORDENAÇÃO MOTORA E NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR	202
REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.	217
REFLEXÕES SOBRE JOGOS COMO FATOR CONTRIBUINTE NA FORMAÇÃO DE VALORES ÉTICO-SOCIAIS	233
SOBRE OS ORGANIZADORES	249

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BENEFÍCIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

THE IMPORTANCE OF PHYSICAL EDUCATION IN CHILDHOOD EDUCATION: BENEFITS FOR CHILDREN'S INTEGRAL DEVELOPMENT

Edjane Souza Rêgo¹
Rosineide Almeida da Silva²
Emanuel Araújo Bezerra³
Aristides Sampaio Cavalcante Neto⁴

RESUMO

O presente artigo apresenta a importância da Educação Física no ensino infantil, destacando os benefícios das atividades físicas para o desenvolvimento integral da criança na fase da primeira infância, momento em que é construído seu maior acervo motor. A Educação Física é o estudo do corpo em movimento e abrange várias áreas, as mais destacadas são a saúde e a educação. É na escola que a criança aprende sobre regras e critérios, também é nela que há um maior desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e afetivas que são essenciais para crescimento e qualidade de vida da criança. Neste estudo, realizou-se uma revisão de literatura sobre o assunto. Mediante a revisão de diversos autores, percebeu-se que a literatura é muito rica com relação a esse assunto na área da Educação Física. Conclui-se que os benefícios da atividade física são de grande auxílio ao crescimento e desenvolvimento da criança, além da melhora no convívio social entre elas e também entre adultos. Será durante a fase adulta que será obtida a resposta da atividade física praticada na infância, seja na prevenção, na promoção da saúde e até no auxílio do tratamento de inúmeras doenças. Portanto, considera-se que o sedentarismo é o maior fator de risco para os níveis de saúde nos dias de hoje, devendo-se iniciar o seu combate na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Benefícios. Educação Física. Infância.

1 Licenciada em Educação Física. Pós-Graduada em Docência em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR) edjanerego@gmail.com;

2 Licenciada em Educação Física. Pós-Graduada em Docência em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR) Rosineide_rr@hotmail.com;

3 Orientador. Docente do Instituto Federal de Roraima – IFRR. Mestre em Ciências da Saúde. ebezerra@ifrr.edu.br;

4 Docente do Instituto Federal de Roraima – IFRR. Mestre em Educação. aristides.neto@ifrr.edu.br.

ABSTRACT

This article presents the importance of Physical Education in early childhood education, highlighting the benefits of physical activities for the integral development of children in the early childhood stage, which is where their greatest motor collection is built. Physical Education is the study of the body in motion and covers several areas, the most prominent of which are health and education. It is there that the child learns about rules and criteria, it is also there that there is a greater development of motor, cognitive and affective skills that are essential for the child's growth and quality of life. In this study, there was a literature review on the subject. Through the review of several authors, it was noticed that the literature is very rich in relation to this subject in the area of Physical Education. It is concluded that the benefits of physical activity are of great help to the child's growth and development, in addition to the improvement in social life among them and also among adults. And it will be during adulthood that the response to physical activity practiced in childhood will be obtained, be it in prevention, health promotion and even in helping to treat numerous diseases. Therefore, sedentary lifestyle is considered to be the greatest risk factor for health levels nowadays, and its fight should start in childhood.

KEYWORDS: Benefits. Physical Education. Childhood.

INTRODUÇÃO

A educação infantil representa o início da vida escolar da criança. O aprendizado é importante em todas as suas dimensões e a Educação Física nesta fase vem a contribuir para sua formação, melhorando seu conhecimento, sua relação com o mundo e o ambiente em que estão inseridos. A Educação Física é importante para atuar junto com outras disciplinas, estruturando a metodologia didática para que a criança consiga, por meio das práticas, melhorar o seu desempenho escolar. Ao frequentar o ambiente escolar, a criança tem acesso a determinados conhecimentos, dentro de um contexto sociocultural (MALTA, 2012)

A educação infantil tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança (BRASIL, 1996). Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, o currículo da educação infantil deve abordar um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. É nesse período que a criança tem

importantes aquisições, tais como o desenvolvimento da marcha, da fala, da imaginação, da capacidade de fazer de conta e da representação usando diferentes linguagens (BRASIL, 2010).

A Educação Física é uma área ampla, porém sua importância fica esquecida principalmente no ensino infantil que é a base da criança. Durante o desenvolvimento da criança na infância, é importante que sejam disponibilizados o maior número de experiências motoras possíveis, a fim de aumentar seu desenvolvimento para estabelecer relações com o mundo que a rodeia. Para isso, é necessário que a complexidade dos “desafios” oferecidos à criança seja cada vez maior para que ela possa superá-los.

A priorização da Educação Física escolar na pré-escola trouxe a preocupação e questionamentos sobre os conteúdos e o desenvolvimento da criança. O enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno, tirando da escola a função de promover os esportes de alto rendimento (BRASIL, 2001).

As ações educativas, junto com a prática de atividade física nos primeiros anos da criança se tornam primordiais para seu conhecimento e controle do seu próprio corpo, explorando suas capacidades de maneiras distintas em circunstâncias lúdicas da vida diária dos infantes. Neste período, ela começa a construir uma imagem positiva de si mesma, mediante a exploração de diferentes movimentos e posturas corporais. Precisamos ter uma atenção especial nos primeiros anos da criança.

Os primeiros anos são um período de desenvolvimento cognitivo importante e foram denominados de “fase pré-operacional do raciocínio” por Piaget. Nesse período, as crianças desenvolvem funções cognitivas que eventualmente resultarão em raciocínio lógico e em formulação de conceitos (GALLAHUE; OZMUM, 2001, p. 237).

Pesquisadores como Freire (1992), Vygotsky (2007) e Oliveira (1999), ressaltam a importância do educar dentro de um contexto pedagógico e a sua contribuição para a formação integral da criança. Mostrando que a Educação Física, por meio dos movimentos naturais, como andar, correr, saltar etc. e de seus conteúdos e práticas pedagógicas atuam diretamente no desenvolvimento dos educandos e também facilitam o trabalho de outros professores de áreas distintas na transmissão dos saberes.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que rege os sistemas de ensino, afirma em seu capítulo 2 que: “a Educação Física,

integrada à proposta pedagógica da escola, é componente obrigatório na Educação Básica, [...]” (BRASIL, 1996). Como podemos observar, a Educação Física está legalmente inserida na educação infantil, pois esta é a primeira etapa da Educação Básica.

Porém, no currículo escolar do ensino infantil, não existe a presença do professor de Educação Física na educação infantil, assim, é possível interpretar que não dão a devida importância para esse profissional, perdendo um pouco de seu real propósito, quando tratada apenas como uma aula de momentos livres, de brincar no parquinho sem intuito de aprendizagem (BRASIL, 2001)

Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir a importância da Educação Física na Educação Infantil.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura que foi construída usando como referencial teórico os principais estudos que trabalharam os aspectos pedagógicos da atividade física, ancorados nos pressupostos da pedagogia progressista e libertadora e seus autores expoentes. A revisão expôs a importância da educação física na educação infantil, evidenciou o papel do professor de educação física na educação infantil e identificou os benefícios da educação física para o desenvolvimento integral da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As atividades físicas são importantes aliadas para tal desenvolvimento, visto que por meio delas, conseguem-se benefícios que vão desde o desenvolvimento em termos de crescimento e melhora de habilidades motoras, até socialização e melhora do autoconceito. De uma forma geral, as atividades físicas são avaliadas como importantes aliadas na prevenção e/ou tratamento de inúmeras patologias, sendo o sedentarismo considerado uma ameaça para a saúde e o bem-estar das pessoas (SOUZA, 2010).

Quando praticadas desde a infância, é possível manter-se uma vida longe do sedentarismo, além dos benefícios que a prática oferece, aumenta-se também a chance de se manter hábitos saudáveis na vida adulta. Vale ressaltar que a prática de atividade física requer cuidados que vão desde a adesão a melhor atividade para determinada faixa etária até os cuidados na prescrição, evitando-se a competição excessiva, a especialização precoce, minimizando assim, os riscos de traumas físicos e psicológicos (SOUZA, 2010).

Discutir sobre Educação Física na educação infantil é muito desafiador, principalmente, quando pensamos em possíveis conflitos que existem na presença do profissional de Educação Física inserido no ensino de zero a seis anos. Estamos falando da relação entre professor especialista atuando junto com o pedagogo (AYOUB, 2001).

Os conteúdos da Educação Física são específicos e não se pode deixar que pulem fases importantes da criança durante sua infância. As habilidades motoras precisam ser bem desenvolvidas e trabalhadas, de forma que haja aprendizagem por parte do aluno. Relacionar seus contextos, dinamizar as aulas com relação a outros conteúdos e outras disciplinas, propõe ao aluno uma ligação entre o que ele já aprendeu, questionando sua margem de conhecimento (RIBEIRO, 1994).

A brincadeira não se refere apenas a distrações, sua ligação envolve as atividades simbólicas e desenvolve aspectos físicos necessários para sobreviver e adaptar-se. É por meio do “faz de conta” que a criança começa a entender os sistemas das relações sociais, esses papéis preparam-na para entender a vida real. Aos poucos o aluno deixa o faz de conta e passa a entender regras e compromissos para assim participar de atividades mais complexas que o levarão a pequenos e grandes jogos (SILVA *et al.*, 2011).

A Educação Física no ensino infantil, aliada ao projeto de ensino da escola, busca por meio do jogo e da brincadeira, estimular a interação da criança entre os colegas, os adultos e o ambiente, possibilita a socialização e a construção de conhecimento com auxílio da ludicidade (ROLIM, 2004). A aula de Educação Física exerce um papel importante no processo de ensino aprendizagem e por meio de brincadeiras e dos conteúdos da cultura corporal do movimento, estimulam aspectos motores, cognitivos e afetivos, favorecendo o desenvolvimento e formação integral da criança.

A LDB, lei nº 9394/96, no artigo 26, parágrafo 3º, garante o ensino da Educação Física nas escolas, inclusive para as crianças abaixo de seis anos. Apesar de bastante discutida, a Educação Física na educação infan-

til é respaldada por lei, tentando garantir da melhor forma possível o desenvolvimento das crianças por meio das experiências e vivências motoras (BURGUER; KRUG, 2010).

A Educação Física na infância é muito importante. A criança é uma multiplicadora de aprendizado, ela aprende tudo o que lhe é ensinado com grande facilidade e da sua maneira consegue passar para frente o que aprendeu. Nessa fase, existe um interesse muito grande em mostrar o que se sabe, por exemplo: aos pais, familiares e na própria escola (SILVA; LACORDIA, 2016).

O pequeno conquistador dedica aos outros (pai, mãe ou quem cumpre essas funções) sua produção [...] a criança necessita que esses outros aprovelem e afirmem esse fazer significativo, essa conquista [...]. Precisa demonstrar-lhes e demonstrar a si mesmo que pode fazê-lo “por si só”, que pode saltar, correr, subir, rodar etc. (LEVIN, 1997).

Essas conquistas, que podem ser pequenas para os adultos, desenvolvem um papel importante na vida das crianças. Gallahue e Ozmun (2001, p. 237) descrevem que “[...] as crianças envolvem-se em novas experiências, como subir, pular, correr e arremessar objetos, por conta própria e pela pura alegria de sentir e de saber o que elas são capazes de fazer”.

Estudos recentes comprovam a importância da educação motora durante a educação infantil, e é a Educação Física quem proporciona melhor desenvolvimento nessa educação. É um componente curricular indispensável para o aprimoramento das habilidades da criança, tais como a comunicação, a inteligência, a sociabilidade e a afetividade. Por meio das atividades físicas é possível que a criança tenha possibilidades de interação com outras crianças que passam pela mesma fase que elas, favorecendo o processo de desenvolvimento de maneira integral (SILVA, 2011).

Pode-se afirmar, então, que a existência das aulas de Educação Física no contexto da educação infantil é importante para que as crianças possam se desenvolver por meio das brincadeiras e da ludicidade, de modo a estimular o cognitivo e as habilidades motoras de maneira conjunta. Porém, as aulas de Educação Física devem ser planejadas, seguindo objetivos específicos para que o desenvolvimento seja alcançado. Assim, não se trata apenas de aplicar atividades pura e meramente para passar o tempo ou como simples diversão na hora de lazer das crianças; cada atividade deve ser pensada e fundamentada, sendo transmitida e aplicada com a melhor metodologia para cada turma. É desse conjunto que depende o sucesso das aulas e, as-

sim, aumentar o reconhecimento da importância da disciplina de Educação Física na educação infantil (MAGALHÃES *et al.* 2007).

De acordo com Le Boulch (1988) apud Gava, França e Rosa (2010), a Educação Física é tão importante quanto as demais áreas educativas, pois procura desabrochar no indivíduo suas aptidões e aquisições de habilidades e capacidades. Esta área sempre recebeu um papel secundário dentro da Educação, mas as pesquisas científicas apontam que é impossível educar integralmente sem levar em conta o ato motor.

É necessário que o professor de Educação Física tenha que se dedicar, pesquisar e compreender esta fase da vida, para que se possa aperfeiçoar mais e observar, de maneira correta e concreta, o desenvolvimento das crianças cujo, objetivo é o de proporcionar a elas uma infância de aprendizado e experiências que influenciarão suas vidas (SILVA; LACORDIA, 2016).

O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na educação infantil, o professor de Educação Física atua como mediador e facilitador para o desenvolvimento integral da criança. Trazendo para suas aulas novas experiências, possibilitando que a criança explore, desde o ambiente até um novo movimento, mas sempre com um olhar atento e especializado, sugerindo novas formas de realizar um movimento ou de vivenciar determinada brincadeira. Cabe ao professor fornecer possibilidades para esse desenvolvimento, procurando valorizar as especificidades das crianças e da turma como um todo (D'AVILA, 2016).

Independente da fase em que o indivíduo se encontra, sendo ele criança ou adulto, deve-se ter muito cuidado na prescrição e orientação das atividades. Uma atividade física é considerada um fator importante para a manutenção de uma vida saudável, porém quando mal orientada, pode gerar lesões, traumas físicos e psicológicos e o que era um fator de ajuda para o desenvolvimento passará a ser um trauma ou até mesmo uma aversão à atividade física (SILVA; LACORDIA, 2016).

Nesse contexto, o professor de Educação Física, por intermédio do movimento, da brincadeira e da ludicidade, exerce um papel fundamental no desenvolvimento infantil. Ele deve conhecer cada estágio em que seus alunos se encontram, para que possa enviar estímulos adequados e eficazes

para o desenvolvimento deles. Como objetivos principais da atividade física durante a infância podem se destacar: a noção e domínio corporal, noção espaço-temporal, melhoria nas habilidades físicas como o deslocamento, força e resistência, a consolidação dos hábitos de higiene, além de estimular o trabalho em grupo e o respeito às regras (FRIEDMANN 1996).

O papel do professor de Educação Física é fundamental para a formação dos educandos, com atividades organizadas, favorecerá que os alunos melhorem suas habilidades físicas e seu desenvolvimento individual. Com isso, o profissional demonstrará a necessidade das aulas de Educação Física e também sua participação no processo ensino-aprendizagem (PAULA *et al.*, 2006).

Sobre a finalidade da Educação Física na escola, Toledo *et al.* (1999, p. 53) afirma:

É necessário que contribua com a pluralidade cultural, permitindo que os alunos desfrutem das diversidades de seu país e mundo; solucionem problemas de ordem corporal, em diferentes contextos; conheçam a diversidade de padrões de saúde, beleza e estética corporal, conquistem seu direito de cidadania ao reivindicarem espaços e projetos adequados para atividades corporais de lazer; bem como, reconheçam as condições apropriadas de trabalho, que não prejudiquem sua saúde.

A criança, nesta fase, depende de uma pessoa para instruí-lo, para um bom desenvolvimento. O amadurecimento motor e físico, será a base para as atividades futuras. Um profissional que estuda e se prepara para planejar e trabalhar os conteúdos de forma adequada, conseguirá perceber as necessidades de cada turma e de cada aluno, oportunizando ao seu educando atingir resultados positivos no seu desenvolvimento (BRANCO, 2012).

A respeito da atuação do professor de Educação Física na educação infantil, autores como Arantes (1990) realizaram diferentes pesquisas com professores do extinto magistério. Os temas giram em torno da formação de professores. Eles perceberam a importância da Educação Física na idade pré-escolar, no sentido de auxiliar o desenvolvimento uno e global da criança, integrando os aspectos motor, afetivo, social e cognitivo, por meio da atividade física orientada. Quanto à formação docente, eles perceberam que

os professores dos magistérios que haviam, eram despreparados; em outros casos, tal profissional era ausente.

É importante a presença do profissional de Educação Física na educação infantil para promover o desenvolvimento global da criança, integrando todos os seus aspectos, por meio da atividade física orientada. Esse profissional deve somar os seus conhecimentos específicos da área aos conhecimentos próprios da criança com a qual está trabalhando, e proporcionar vivências que tenham finalidades concretas para o seu cotidiano (ARANTES, 1990).

Assim, a ação do professor na aula de Educação Física na escola é fundamental para que a criança se coloque no mundo como ser que não é único e que necessita aprender a conviver com outras crianças, socializando, dividindo e aprendendo a elaborar sua percepção de espaço e a do outro, aprendendo a conviver com ele. De acordo com Oliveira (1999) o estudo do papel do educador junto às crianças não pode descuidar das relações que elas estabelecem entre si nas diferentes situações. Atos cooperativos, imitativos, diálogos, disputas de objetos e mesmo brigas, entre tantos outros, são grandes momentos de desenvolvimento. Todas essas situações são frequentes nas creches e pré-escolas, sendo de responsabilidade dos professores criar situações para lidar positivamente com elas.

O processo de ensino-aprendizagem na Educação Física não se restringe aos simples exercícios de certas habilidades e destrezas, mas sim, de capacitar o aluno a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social, culturalmente significativa e adequada. Devido às contribuições referentes ao desenvolvimento infantil, que os estudos em Educação Física trouxeram, é importante que o professor seja um profissional competente para o exercício de tal disciplina (TUBINO, 1994).

O professor deve ministrar as aulas buscando atender todos os objetivos da Educação Física, visando todos os aspectos motores, sociais, cognitivos e afetivos. As aulas devem possuir atividades que ativem o sistema fisiológico, cardíaco, vascular, respiratório e nervoso. No caso da Educação Física Infantil, as destrezas podem e devem ser desenvolvidas, porém, não deve haver a cobrança de resultados com relação à execução perfeita dos movimentos, além disso, a ludicidade deve estar sempre presente nas aulas, pois a criança aprende brincando. Fica evidente a importância do professor de Educação Física inserido no contexto da educação infantil, mas de uma

forma totalmente direcionada e pedagogicamente desenvolvido para a especificidade das crianças de 0 a 5 anos. A Educação Física pode ser considerada um dos principais elementos da educação infantil, pois, por intermédio de conteúdos aplicados de forma lúdica e recreativa, possibilita à criança a construção do conhecimento (FREIRE, 1997)

No ensino realizado tradicionalmente nas escolas de educação infantil, as crianças têm menos liberdade para expressar-se, pois as demandas e as exigências para que aprendam a ler e a escrever, por vezes, acabam por limitar outros fatores, por exemplo, a linguagem por meio da expressão corporal.

OS BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

Para Andrade (2014, p. 8) “é na infância que as crianças aprendem as bases necessárias para o seu desenvolvimento nos aspectos físico, motor, social, emocional, cognitivo, linguístico e o comunicacional”.

A Educação infantil é uma fase em que as crianças aprendem por meio de observações e repetições de movimentos. Nessa fase, o desenvolvimento do potencial motor é imprescindível para o desenvolvimento dos potenciais cognitivos, afetivos e sociais.

De acordo com Brasil (1998) o movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. Por intermédio da experimentação dos movimentos é que a criança aprende e incorpora hábitos, associa contextos e se relaciona com o ambiente ao seu redor. A criança precisa do movimento para o seu desenvolvimento motor, fisiológico e o lado socioafetivo e, para isso, tem que ter uma aprendizagem significativa para sua formação, como um indivíduo autônomo e capaz.

De acordo com Freire (1992), é na educação infantil ou nos primeiros anos de vida que a criança adquire conhecimentos para serem usados em toda sua existência. Pereira (2001) articula que é na educação infantil que ocorre o desenvolvimento da formação integral da criança, devendo então proporcionar diferentes experiências, respeitando a individualidade de cada uma. Na infância, aprende-se os primeiros passos da vida e se conhecem e desenvolvem as principais habilidades.

É por meio dessas experiências e até dos traumas vividos que se desenvolve também a personalidade da vida adulta. Deve-se ter uma aten-

ção especial para os primeiros anos. Os primeiros anos são um período de desenvolvimento cognitivo importante e foram denominados de “fase pré-operacional do raciocínio” por Piaget.

Nesse período, as crianças desenvolvem funções cognitivas que eventualmente resultarão em raciocínio lógico e em formulação de conceitos (GALLAHUE; OZMUM, 2001). Inúmeros benefícios já foram comprovados com relação à atividade física quando praticada desde a infância. Dentre esses ganhos tem-se a diminuição de sintomas depressivos e ansiedade, um efeito de proteção contra as doenças crônico-degenerativas, especialmente as de origem cardiovascular (STEIN, 1999, p. 147).

Observa-se que a prática de atividade física pode trazer benefícios não só físicos, mas também psicológicos e até sociais. A busca por uma melhor qualidade de vida vem sendo constantemente associada a uma vida não sedentária como ferramenta para promoção e/ou manutenção da saúde.

É na infância que podemos proporcionar uma motivação correta para atividades físicas, depois dessa base construída nos primeiros anos, ela se tornará uma pessoa cheia de saúde, terá sempre uma boa disposição para praticar atividades físicas, mais a frente também terá seu desenvolvimento motor bem trabalhado, e não terá problemas com falta de coordenação motora. Assim, facilitando, principalmente seu desenvolvimento nas atividades de manuseios motor, na fala e nas atividades físicas e cognitivas propostas por cada professor (ARRAZ, 2018).

Dessa forma, para que a Educação Física possa contribuir de maneira significativa no avanço do aprendizado do educando, é preciso que este seja visto como um ser integral, que começa a ser estimulado desde cedo para as mais diversas experiências motoras, porém sem torná-lo um “especialista motor” precoce (BURGUER; KRUG, 2010).

A atividade física regular e adequada promove o crescimento saudável do esqueleto, fazendo com que ele siga seu curso genético de aumento longitudinal e transversal. Já a ausência ou excesso de atividades físicas pode prejudicar o crescimento em estatura e promover deformações ósseas (DE ROSE JR., 2009).

De Rose Jr. (2009) afirma que as atividades físicas podem contribuir inclusive para a melhora das atividades diárias. Um dos benefícios imediatos de maior magnitude que a prática de atividades físicas oferece para crianças e adolescentes, é o desenvolvimento da aptidão física, relaciona-

da à saúde. Benefícios advindos da melhora na aptidão cardiorrespiratória, força muscular, flexibilidade e composição corporal que contribuem para o desempenho das atividades da vida diária nessa faixa etária.

Além de benefícios ligados diretamente à saúde física, observa-se também que por intermédio dessas atividades, as crianças aumentam a socialização, visto que em algumas práticas elas terão que conviver com outras crianças que talvez nem conheçam, além da presença de um professor que pode ser uma figura totalmente nova e significativa em suas vidas. Segundo De Rose Jr. (2009, p. 212), “acrescida aos benefícios para a saúde, a atividade física oferece oportunidades de lazer e socialização, além de agregar valores como autoestima, confiança e motivação para a participação futura em programas de atividade física”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância é sem dúvida uma fase muito importante para o desenvolvimento de habilidades e comportamentos que podem acompanhar as pessoas ao longo da vida. A partir dela constrói-se o alicerce para as outras fases da vida, podendo tal etapa influenciar de forma positiva ou negativa. Às crianças devem ser dadas as oportunidades de um desenvolvimento adequado. Com um bom desenvolvimento motor, estimulação das habilidades motoras e intelectuais. Além disso, um bom convívio social e afetivo com os pais, professores e demais pessoas.

Este estudo constatou que as crianças pequenas têm o direito à educação/cuidado/brincadeira e também à Educação Física no seu currículo conforme consta na lei e nos documentos normativos relativos à temática. Na lei e na política ocorreram avanços, por outro lado, na prática a garantia não está sendo efetivada a contento, pois há falta de espaço, tempo, recursos e materiais para a prática pedagógica, além da ausência de formação do profissional de Educação Física qualificada na área da educação infantil.

A pesquisa foi importante para mostrar o quanto as crianças perdem por não terem o professor de Educação Física na Educação infantil, por meio das atividades físicas e movimentos corporais que a criança se comunica com o seu meio interior e exterior, pois o objetivo da educação Física na educação infantil não é somente despertar o interesse pela prática de atividades

físicas, mas também, desenvolver a criatividade da criança, sem apresentar receitas prontas, mas incentivando-a a criar e recriar a partir da realidade.

O professor não deve negar os conhecimentos e experiências próprias das crianças, mas sim atuar a partir delas. Deve aprender a lidar com esses conteúdos lúdicos, que tem real significado para as crianças.

Finalmente, considera-se mediante este trabalho, que o simples fato de se manter uma infância ativa, não é garantia de saúde na vida adulta, mas já é um começo, pois é possível despertar o gosto por uma vida ativa, além de ajudar no crescimento, desenvolvimento físico e social além de ensinar às crianças o valor de hábitos saudáveis e comportamentos que levem ao crescimento de suas potencialidades. Evitando uma vida sedentária na sua fase adulta, para que as crianças tenham desde a infância o incentivo correto para a prática de atividade física.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. S. L. C. **Importância do brincar**. Relatório do projeto de investigação Mestrado em Educação Pré-Escolar, Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal, 2014. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/7783>. Acesso em: 20 abr. 2019.

ARANTES, A. C. **Educação Física Infantil nos cursos de habilitação específica de 2º grau para o Magistério em São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Biblioteca da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, 1990.

ARRAZ, Fernando Miranda. A Importância da Atividade Física na Infância. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 3, ed. 8, v. 1, p. 92-103, Agosto de 2018. ISSN:2448-0959.

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.

BRANCO, R. M. **A Educação Física nas séries iniciais: suas contribuições e seus profissionais**. Monografia para obtenção do título de Especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – *Campus Medianeira*. Medianeira, 2012. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4719/1/MD_EDUMTE_VII_2012_15.pdf.

BRASIL. Congresso. Senado. Lei nº 9.394, de 1996. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Senado Federal, Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_dire.pdf. Acesso em: 3 maio. 2019.

BRASIL. Diretrizes nº 4, de 2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizese-educacao-basica-2013pdf/file>. Acesso em: 3 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Coordenação Geral de educação infantil, **Referencial Curricular Nacional para educação infantil, Conhecimento de Mundo**, v. 3, Brasília-DF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. 96p: il; 16x23cm.

BURGUER, L. C.; KRUG, H.N. **Educação Física Escolar: um olhar para a educação infantil**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ED_UCACAO_FISICA/artigos/EDF_Escolar_ED_Infantil.pdf. Acessado em: 7 abr. 2019.

D'AVILA, A. da S. **Educação Física na Educação Infantil: o papel do professor de Educação Física**. 2016. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/157203>. Acesso em: 5 maio. 2019.

DAVID, N. A. N. A Formação de Professores para a Educação Básica: dilemas atuais para a Educação Física. **Revista do Colégio Brasileiro de ciências do Esporte**. Campinas: CBCE: v. 23, n. 2, jan. 2002.

DE ROSE JR, D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.

FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4. ed. São Paulo: Abrinq, 1996.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7. ed. Porto Alegre: Amgh, 2013. 487 p. Tradução: Denise Regina de Sales.

GAVA, D.; FRANÇA, E. S.; ROSA, R. Educação Física na educação infantil: considerações sobre sua importância. **EFDeportes Revista Digital**, Buenos Aires, ano 15, n. 144, maio de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd144/educacao-fisica-na-educacao-infantil.htm>. Acesso em: 05 maio. 2019.

KUNZ, E. **Transformação didática-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUI, 2004. LDB. Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

LEVIN, E. **A infância em cena: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, J. *et al.* **Educação Física Na educação infantil: Uma Parceria Educação Física Na educação infantil: Uma Parceria Necessária**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br>. Acessado em: 07 abr. 2019.

MALTA, N. F. **A Importância da Educação Física no Ensino Infantil na cidade de Barretos S.P.** Monografia apresentada para aprovação no Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa UAB da Universidade de Brasília – Pólo Barretos SP. Barretos-SP, 2012. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5346/1/2012_NubiadeFatimaMalta.pdf.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola**. 6. ed. São Paulo: Editora Phorte, 2006.

OLIVEIRA, M. D. T. **Existe espaço para o ensino de Educação Física na escola básica? Pensar a Prática**, v. 2, p. 119-135, jun., 1999.

PAULA, C. H. de; *et al.* **Importância do Papel do professor de Educação Física**. **Revista Científica de Faminas/Muriaé**, v. 2, n. 1, p. 202, 2006.

PEREIRA, A. M. de A. **A excelência profissional em Educação Física e desporto em Portugal**. Perfil a partir de sete histórias de vida. 2001. Disponível em: <http://www.ipv.pt/temaseresumos/esev2.pdf>. Acesso em: 20 abril. 2019.

RIBEIRO, P. S. **Jogos e brinquedos tradicionais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROLIM, L. R. **O professor de Educação Física na educação infantil: uma revisão bibliográfica**. 2004. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/485>. Acesso em: 5 maio. 2019.

SILVA, L. C.; LACORDIA, R. C. Atividade Física na Infância, seus benefícios e implicações na vida adulta. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery** - ISSN 1981 0377. Curso de Educação Física – n. 21, jul./dez. 2016.

SILVA, P. V.; COSTA Jr., A. L. Efeitos da atividade física para saúde de crianças e adolescentes. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 41-50, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?ddl=4525&ddd99=view>. Acesso em: 12 maio. 2019.

SILVA, R. S. *et al.* Atividade física e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 115-120, jan. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n1/a17v15n1.pdf>. Acesso em: 12 maio. 2019.

SOUZA, R.S. **Os benefícios da prática de atividade física e os riscos do sedentarismo em: crianças e adolescentes, no adulto e no idoso**. Cinergis, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, p. 52-59, jan. 2010, Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/1443/1546>. Acesso em: 12 mar. 2015.

STEIN, R. Atividade física e saúde pública. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, v. 5, n. 4, p. 147-149, ago. 1999, Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151786921999000400006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 maio. 2019.

TOLEDO, Eliana de *et al.* **Proposta de conteúdos para a ginástica escolar: um paralelo com a teoria de Coll**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp: Campinas, 1999.

TUBINO Lidiane Dias. **O lúdico na sala de aula: Problematizações da prática docente na 4ª série do Ensino Fundamental**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71912/000880442.pdf?sequenc e=1>. Acesso em: 09 dez. 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO VOLEIBOL E SUA APLICABILIDADE NO CONTEXTO SOCIAL E ESCOLAR

HISTORICAL EVOLUTION OF VOLLEYBALL AND ITS APPLICABILITY IN THE SOCIAL AND SCHOOL CONTEXT

Laiane Abreu Viveiro¹

Alinne Sousa Braide²

Emanuel Araújo Bezerra³

Karla Santana Morais⁴

RESUMO

Atualmente, o voleibol é um esporte amplamente praticado no Brasil e no mundo. Com o passar dos anos esse esporte se popularizou, ganhando visibilidade pelo mundo todo. As equipes brasileiras participaram em vários campeonatos mundiais com resultados excelentes e foram consideradas as melhores do mundo. O objetivo deste artigo foi discutir a história do voleibol e suas características, além da aplicabilidade no âmbito escolar. Realizou-se um estudo bibliográfico, com abordagem qualitativa das informações. Para tal, utilizamos fontes como: livros, periódicos e revistas científicas. Observou-se que o jogo foi idealizado inicialmente em 1885, com Willian G. Morgan. O voleibol foi introduzido no Brasil em 1915, pelo colégio Marista de Pernambuco, onde perdurou sendo praticado sem muito rigor até a década de 1950, quando os organizadores do esporte no Brasil preocuparam-se em tornar o voleibol um fenômeno social esportivo. Este jogo é considerado o mais coletivo de todos os esportes, pois as jogadas são estruturadas com a participação de todos os jogadores. Sob a ótica física, esse esporte pode proporcionar inúmeros benefícios ao organismo humano, dentre eles, a melhora na flexibilidade das articulações, desenvolve e aprimora os movimentos, corrige os gestos, há um controle do sistema nervoso, amplia-se a capacidade cardiorrespiratória e desenvolve a des-

1 Licenciada em Educação Física pelo Instituto Federal de Roraima, Pós-Graduada em Docência em Educação Física Escolar (IFRR), e-mail: laiane.pho@hotmail.com;

2 Licenciada em Educação Física pelo Instituto Federal de Roraima, Pós-Graduada em Docência em Educação Física Escolar (IFRR), e-mail: alinne_volei@hotmail.com;

3 Docente do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em “Docência em Educação Física Escolar” na modalidade a distância parceria do Instituto Federal de Roraima e Universidade Aberta do Brasil, e-mail: ebezerra@ifrr.edu.br;

4 Docente do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em “Docência em Educação Física Escolar” na modalidade a distância parceria do Instituto Federal de Roraima e Universidade Aberta do Brasil - karla.morais@ifrr.edu.br.

treza. Outro ponto é que, mediante a competição, ocorre o despertar do aluno para o aprimoramento, além de habilidades motoras, noção espacial e temporal, fazendo com que o corpo responda melhor às exigências externas.

PALAVRAS-CHAVE: Contexto Histórico. Voleibol. Educação Física Escolar.

ABSTRACT

Currently, volleyball is a sport widely practiced in Brazil and worldwide. Over the years this sport has become popular, gaining visibility around the world. The Brazilian teams participated in several world championships with excellent results and were considered the best in the world. The purpose of this article was to discuss the history of volleyball and its characteristics, in addition to its applicability in the school context. A bibliographic study was carried out, with a qualitative approach to the information. For this, we use sources such as: books, periodicals and scientific magazines. It was observed that the game was initially conceived in 1885, with William G. Morgan. Volleyball was introduced in Brazil in 1915, by the Marist college of Pernambuco, where it lasted and was practiced without much rigor until the 1950s, when sport organizers in Brazil were concerned with making volleyball a social sports phenomenon. This game is considered the most collective of all sports, as the moves are structured with the participation of all players. From the physical point of view, this sport can provide countless benefits to the human organism, among them, the improvement in the flexibility of the joints, develops and improves the movements, corrects the gestures, there is a control of the nervous system, the cardiorespiratory capacity expands and develops dexterity. Another point is that, through competition, the student awakens to improvement, in addition to motor skills, spatial and temporal notion, making the body respond better to external demands.

KEYWORDS: Historical Context. Volleyball. School Physical Education.

INTRODUÇÃO

O esporte é tratado por vários autores como um fenômeno sociocultural e universal. Desde a Grécia antiga a prática de exercícios físicos e jogos era comum entre os povos daquela época. Conforme relata Vanoyeke (1992 apud LESSA, 2008), os gregos antigos consideravam o exercício físico um meio de conservar a saúde ou de curar doenças. Tinham uma grande paixão pelos jogos e pelos concursos, eles inventaram as lutas competitivas do estádio para satisfazer seus gostos de luta e de rivalidade. Anos à frente na época clássica, o esporte se tornou um meio de lapidar a beleza e a força física.

Para Stigger (2005), conceituar o esporte é limitador, pois é um fenômeno tão complexo e multifacetado que dificilmente pode ser conceituado de forma rígida. Esse autor relata que muitos estudos feitos ao longo dos anos falharam em conceituar em sua totalidade o esporte.

Sobre a origem dos esportes nas escolas, Damo (1998 apud STIGGER, 2005), fala que a prática dos esportes nas escolas tinha por objetivo descarregar as energias dos estudantes. Era utilizado como técnica pedagógica disciplinadora para reduzir os índices de violência entre os estudantes internos.

Assim, o surgimento e o desenvolvimento do esporte moderno estão relacionados com o contexto sociocultural inglês. A difusão para outros países, desde a Europa e posteriormente para o restante do mundo, demonstram o protagonismo da Inglaterra imponente nessa fase (STIGGER, 2005).

Segundo Machado (2006), o voleibol chegou ao Brasil por volta do ano de 1917, no entanto, já era praticado nos Estados Unidos e na Europa há alguns anos. Este jogo consistia em movimentar uma bola por cima de uma rede, possibilitando aos jogadores optar por jogar em quadra fechada ou na areia. O esporte se solidificou, com regras específicas e, por meio do envolvimento da mídia em transmitir as partidas pela televisão, com o intuito de se promover como grande espetáculo para o mundo, ganhou espaço entre as pessoas (PIMENTEL, 2012).

Segundo Pimentel (2012) o voleibol passou por muitas alterações em suas regras. De acordo com Bizzochi (2004), apud Mezarroba e Pires (2011), as equipes brasileiras masculinas e femininas participaram em vários campeonatos mundiais com resultados tão bons que foram considerados pela Federação Internacional de Voleibol (FIBV) como a melhor equipe de voleibol do planeta.

Segundo Matthesen (1994), o esporte recebeu, em plena Ditadura Militar, um grande apoio dos órgãos governamentais. Como forma de incentivar a população na prática do Esporte, como forma de preenchimento do tempo livre da classe trabalhadora criou-se o movimento “Esporte para Todos - E.P.T.”, que se desenvolveu na sociedade brasileira ao longo dos anos 70.

Como forma de incentivar a prática do esporte pela população, a legislação brasileira prevê na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 217 que é dever do Estado prover práticas esportivas formais e não formais, bem como investir financeiramente no desporto profissional e não

profissional (BRASIL, 1988). Dessa forma, emerge a seguinte questão: como ocorreu o nascimento do voleibol no contexto mundial e nacional e qual sua aplicabilidade no contexto escolar?

Em virtude de todo o progresso que o voleibol conquistou e ao que se tornou hoje, o objetivo deste estudo é discutir a história do voleibol e suas características e aplicabilidade no âmbito escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este artigo utiliza como referencial teórico principal as obras de Ribeiro (2004), Pimentel (2012) e Duarte (2000), visto que descrevem aspectos históricos fundamentais da história e contexto do voleibol no Brasil e no mundo. As informações foram enriquecidas e contextualizadas para a situação atual no esporte e sua prática em ambiente escolar.

Nesse contexto, para Barroso e Darido (2010), o esporte está intimamente ligado com às práticas corporais da população. O jogo, como manifestação cultural se destaca pelos sentimentos de competição e pelas expressões de alegria e tristeza. Como formação pessoal, por meio dele se transmite conhecimentos e se constroem valores morais e éticos, fundamentais para a vida em sociedade.

Já na escola, segundo Moreira (2006), o esporte tem a atribuição de atuar como elemento facilitador. O voleibol no âmbito educacional, como esporte na escola, compõe conteúdo obrigatório no currículo de Educação Física. É nesse espaço que se transmite a prática social para que se propague para as gerações futuras. Assim, pelas possibilidades de desenvolvimento do esporte, este se configura como importante ferramenta para aprendizagem.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo bibliográfico, de caráter descritivo, com abordagem qualitativa das informações. Para tal, utilizamos fontes como: livros, periódicos e revistas científicas. As fontes de pesquisa foram organizadas segundo as principais referências estudadas durante o curso de Licenciatura em Educação Física.

Nos atentamos em mostrar o que de fato contribuiu para que esta modalidade chegasse ao nível em que se encontra o esporte atualmente. Desse modo, faremos uma exposição do surgimento do voleibol no mundo e, por conseguinte, como se instalou no Brasil, revelando as características principais do jogo, a influência da mídia para a promoção deste esporte e como ele se desenvolveu e se desenvolve como conteúdo nas aulas de Educação Física atualmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ORIGEM DO VOLEIBOL NO MUNDO

No ano de 1895, o professor Willian G. Morgan foi desafiado a criar um jogo que posteriormente ficou conhecido como voleibol, na cidade de Holyoke, Massachusetts (Estados Unidos). Segundo Duarte (2000), Morgan considerava o basquetebol um esporte que exigia uma demanda muito grande de recursos materiais e energéticos e que, dessa forma, não se encaixava como uma atividade relaxante após o trabalho. Assim, ele decidiu criar um jogo em que mais jogadores entrassem em campo, mas sem que houvesse grande contato corporal, para tal ato ele utilizou uma rede usada no tênis que separava a quadra de um lado a outro e, por conseguinte, aproveitou uma bola feita com a câmara da bola de basquete para adequar às necessidades do jogo. Conforme deixa claro o autor, o que se viria chamar *volley ball* passou a ser conhecido inicialmente como *minonette*. O jogo era organizado da seguinte maneira: os jogadores ficavam organizados de lados opostos da quadra, jogando a bola por cima da rede.

A mudança para o nome atual de *volleyball* veio quando Morgan foi convidado pelo diretor da Escola para Trabalhadores Cristãos da Associação Cristã de Moços (ACM) de Springfield para mostrar sua “invenção” numa Conferência dos Diretores dos Departamentos de Atividades Físicas das ACMs. Sua apresentação virou sensação na conferência e gerou discussões entusiasmadas. Lá, foi aceita a ideia que sugeriu o nome de *volleyball*, “já que a bola permanecia em constante voleio (*volley*, em inglês) sobre a rede” (BIZZOCHI, 2004).

Em meados dos anos de 1915, a prática do voleibol foi impulsionada e mais bem divulgada nos Estados Unidos, através de uma resolução dos ór-

gãos governamentais de educação, que recomendou tal prática nos programas de Educação Física das escolas norte-americanas (BIZZOCHI, 2004).

Por conter regras simples, este esporte ganhou o mundo por intermédio de soldados americanos que estavam na Europa e pela Associação Cristã de Moços. Apesar de termos hoje o voleibol como um grande espetáculo no cenário mundial, sabemos que não foi fácil ganhar o gosto das camadas menos favorecidas da sociedade. Em virtude de toda o contexto social ao qual se originou esta modalidade, emergida em uma cultura elitista, para homens de meia idade, “homens de negócios” que o praticavam em seu tempo livre.

Conforme Ribeiro (2004), pode-se verificar que, da década de 1900 em diante, em um primeiro momento, ocorreu a difusão do voleibol no mundo seguindo uma ordem cronológica. A segunda fase, a dos esforços organizacionais, foi primordial para a criação das Federações capazes de gerenciar e regulamentar o desporto. Por fim, a terceira fase foi caracterizada pela evolução técnico-tática mediante campeonatos e mudanças nas regras.

Assim, vemos que o voleibol ganhou notoriedade e espectadores no mundo inteiro, principalmente no Brasil onde iremos detalhar mais a frente como ocorreu este processo de massificação e popularidade deste esporte.

A CHEGADA DO VOLEIBOL AO BRASIL

Conforme aponta Ribeiro (2004), o voleibol foi introduzido no Brasil em 1915, pelo colégio Marista de Pernambuco. Mas, para fins de padronização, é tomado como ano oficial 1916, introduzido pela Associação de Moços Maristas (ACM).

Segundo Pimentel (2012), o jogo era ainda muito novo e não se priorizava as regras com tamanho rigor, pois era necessário que os jogadores compreendessem totalmente seus fundamentos e regras. Isso fez com que esse processo se alongasse até a década de 50.

Ainda de acordo com Pimentel (2012), existia uma carência quanto ao quadro de arbitragem com curso e certificação oficial. Por conta disso, muitos jogadores acabavam por executar a função de árbitros pelo conhecimento adquirido na prática. Assim, a partir da década de 50 as mudanças tanto nas regras, na uniformidade da bola e os sistemas de jogo foram acontecendo e isso contribuiu para o aperfeiçoamento do jogo.

Outro ponto-chave importante que colaborou para a evolução do voleibol no Brasil, foram as transmissões dos jogos pela TV. De acordo com

Pimentel (2012), as dificuldades naquela época eram grandes para os atletas, pois os outros países já estavam bastante evoluídos em suas técnicas, táticas e regras. Enquanto no Brasil, ainda engatinhava para a evolução das regras. As transmissões na televisão só aconteceram no Brasil a partir da década de 80, e isso fez com que o interesse e aperfeiçoamento do jogo pudesse ser visto e acompanhado por milhares de pessoas.

Na década de 80, segundo Campos (2006), os organizadores do voleibol no Brasil preocuparam-se em tornar o voleibol um fenômeno social esportivo.

De acordo com Daiuto (1964, p. 8), sobre o vôlei é possível compreender a seguir:

Trazido para o nosso país somente depois de 22 anos de sua criação, o voleibol ainda não foi, logo a seguir, bastante difundido. A sua prática quase se restringia a atividades internas de algumas poucas entidades. Nesse particular, coube ao Fluminense F. C., com a realização de um Torneio dos clubes filiados à então Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, dar um impulso considerável para a difusão do voleibol.

Com os passar dos anos e com os grandes investimentos na divulgação e no incentivo ao esporte, o Brasil passou a ganhar títulos e destaques no cenário esportivo, tornando-se referência nessa modalidade, tanto no masculino quanto no feminino, nas modalidades de vôlei de praia e de quadra.

Segundo Duarte (2000), o Brasil alcançou grandes resultados internacionais e, com isso, elevou sua categoria para os níveis mais altos, tornando-se medalha de prata em 1984 (Los Angeles) e medalha de ouro em 1992 (Barcelona), nos jogos Olímpicos.

Pimentel (2012) destaca que os anos seguintes foram anos de conquistas para o esporte na modalidade de praia nas categorias feminino e masculino, e, principalmente, para o feminino, que conquistou medalhas de ouro e prata nas olimpíadas de Atlanta em 1996.

Os resultados das duplas na categoria feminina nesta modalidade de praia são perceptíveis. O Brasil se manteve no ranking mundial como campeão por anos, e o masculino, apesar de não ter obtido tantas lideranças, ainda assim teve um bom destaque como campeão mundial nesse período dos anos 1990 a 2000.

Com os resultados obtidos e pela espetacularização da mídia, o voleibol ganhou o gosto dos brasileiros sendo considerado o segundo esporte mais assistido e praticado pelos brasileiros. A mídia teve a sua contribuição principal para popularizar esses jogos como grande espetáculo, com direito a ídolos, investimentos pesados das empresas e formação de atletas para alto rendimento.

O país do futebol ganhou, assim, mais um esporte de grande destaque para ser aplaudido e assistido e, principalmente, praticado pelos brasileiros. Como conteúdo nas aulas de Educação Física nas escolas os esportes têm grande notoriedade e expectativa para serem praticados.

CARACTERÍSTICAS DO JOGO DE VÔLEI

O voleibol é um jogo esportivo coletivo. Para Ribeiro (2004), por conta de suas características, este jogo é considerado o mais coletivo de todos os esportes, pois as jogadas são estruturadas com a participação de todos os jogadores.

Em relação ao posicionamento no jogo, Campos (2006) esclarece:

Os seis jogadores se dispõem na quadra determina as formas de ações particulares que vão desde um momento de expectativa para receber a bola e organizar o ataque, desencadeando movimentos rápidos e extremamente precisos, mantendo sua ordem interna e tentando desestabilizar a equipe contrária (CAMPOS, 2006, p. 25).

Segundo Machado (2006), uma equipe de competição é composta por seis jogadores titulares. Além dos titulares, a equipe pode ter mais seis reservas. A equipe para ser completa, precisa de outros componentes que são: um técnico e um auxiliar.

De acordo com Casco (2007), o jogo sempre inicia com um saque de um dos lados. A bola deverá chegar até o lado adversário passando por cima rede e os adversários deverão recebê-la.

Conforme Machado,

sobre a posição dos jogadores, todos seguem um movimento semelhante aos dos ponteiros de um relógio: do saque para o meio da quadra, depois, para a lateral esquerda; e daí para a rede (MACHADO, 2006, p. 8).

Para Casco (2007), o ponto é marcado quando a bola cai dentro do campo adversário quando a equipe não consegue devolver a bola dentro da área de jogo ou utilizando no máximo 3 toques, um ponto é marcado. De acordo com Ribeiro, sobre o funcionamento do jogo:

A bola é iniciada no jogo por meio do saque, este movimento é executado pelo jogador de defesa da direita. Quando ocorre uma sequência de jogadas iniciadas após o saque chama-se rally. A equipe que recebeu o saque ganha um rally, obtém o direito de sacar, marca-se um ponto e seus jogadores mudam de posição, efetuando uma rotação no sentido horário. Essa rotação permite que todos os jogadores possam jogar tanto em linha de ataque quanto na linha de defesa. Uma equipe ganha um set quando atinge 25 pontos (15 no set decisivo), com um mínimo de 2 pontos de vantagem sobre os do adversário, e vence um jogo ganhando 3 sets (RIBEIRO, 2004, p. 30).

Conforme Machado (2006) as linhas que compõe a marcação da quadra delimitam o espaço específico para o jogo acontecer. Caso a bola toque a parte interna da linha, o ponto é marcado, pois considera-se dentro da área.

Sobre as posições dos jogadores, Casco define:

1. Saque/defesa direita
2. Saída de rede
3. Meio de rede
4. Entrada de rede
5. Fundo defesa esquerda
6. Fundo defesa meio (CASCO, 2006, p. 33).

Segundo Casco (2006), cada jogador é responsável por um setor estratégico. Ele ainda afirma que o jogo do vôlei é definido quando se alcança a pontuação limite de 25 pontos, o que finaliza um *set*. Cabendo a equipe vencedora ter uma diferença de 2 pontos.

De acordo com Machado (2006), a cada *set* que se inicia é permitido fazer todas as substituições. Deve-se dar atenção as linhas de fundo quando for executar o saque, pois uma pisada errada em cima da linha, automaticamente perde-se a posse de bola e a equipe adversária ganha pontos. Da mesma forma com a linha de frente, pois as invasões por baixo da rede geram pontos à equipe oposta.

Os sistemas de jogos mais utilizados, são 3x3, 4x2, 5x1 e 6x0 ou 6x6 (MACHADO, 2006). O autor explica que os primeiros números representam os números de atacantes e os segundos números são dos levantadores. Cada sistema exige dos jogadores condicionamento físico adequado, nível técnico-tático bem treinado, além de entrosamento entre os jogadores.

Segundo Daiuto (1964), o vôlei é um dos esportes mais fáceis de ser praticado pela quantidade de recursos materiais necessários e não possui contraindicação, desde que todos estejam em condições adequadas para jogar.

Sob a ótica física, esse esporte pode proporcionar inúmeros benefícios ao organismo humano, dentre eles, a melhora na flexibilidade das articulações, desenvolve e aprimora os movimentos, corrige os gestos, há um controle do sistema nervoso, amplia-se a capacidade cardiorrespiratória e desenvolve a destreza.

O VOLEIBOL COMO FERRAMENTA ESPORTIVA E SOCIAL NO AMBIENTE ESCOLAR

O currículo do curso de Educação Física possibilita aos alunos conhecer a história do voleibol, sua evolução como desporto e sua prática, evidenciando a necessidade do aprendizado dos movimentos técnicos contribuindo para o desenvolvimento físico do aluno.

Na prática escolar da disciplina de educação física, a iniciação no desporto possibilita que as crianças e adolescentes sejam familiarizados com diversas modalidades esportivas. A modalidade voleibol, por sua popularidade, faz com que sua prática seja mais intensificada, atraindo cada vez mais a atenção dos alunos. Por conta disso, percebemos a importância de sua exploração em todos os seus aspectos físico, técnico e social.

Além de aprender a prática do esporte, é interessante também que o aluno tenha acesso às suas informações históricas, reconhecendo o papel do voleibol diante da sociedade e os resultados alcançados em grandes competições.

Em se tratando do voleibol de alto rendimento, as mudanças ocorridas ao longo dos anos nas regras do voleibol fizeram com que as escolhas dos biotipos dos jogadores estejam dentro de certas características, como:

[...] altura, envergadura, força explosiva de membros, velocidade, equilíbrio recuperado. Em consequência disto, um padrão de ação motora foi se configurando e, a cada pequena mudança nas regras, esse padrão motor era ligeiramente alterado (CAMPOS, 2006, p. 24).

Trazendo nossa atenção para o esporte, no âmbito escolar, temos em questão o aspecto seletivo de exclusão, pois poucos são os alunos que se encaixam nos requisitos exigidos para a prática do voleibol, o que em uma visão geral e mais tecnicista não beneficiaria a todos, o que não é o objetivo da prática no contexto escolar. Assim, Campos (2006) enfatiza que é importante buscar adaptações para que todos possam desfrutar e desenvolver suas habilidades motoras ao participarem desse esporte.

Segundo Machado (2006), para que se alcance a formação integral do aluno, o profissional de Educação Física deve compreender muito bem a diferença entre os jogos competitivos e os jogos cooperativos, para saber aplicá-los no momento certo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo descreveu um pouco da história do voleibol no Brasil e no mundo, além de discorrer sobre suas características e aplicabilidade no âmbito escolar.

Inicialmente compreendemos que principal objetivo do voleibol era criar um passatempo para homens de negócios, mas diante das facilidades de se jogar essa modalidade, houve uma grande difusão pelos demais países e isso fez com que este jogo se popularizasse rapidamente, caindo no gosto de todas as camadas da sociedade.

Contribuiu para isso o poder de influência da mídia, que fez do esporte um grande espetáculo mundial, um fenômeno que impulsionava os jogadores a se tornarem ídolos e grandes influenciadores de marcas para o mercado competidor.

No Brasil, o esporte passou por muitas dificuldades, porém, o país começou a obter progresso no voleibol a partir de cursos realizados, obtendo crescimento que rendeu ao Brasil diversos títulos, até então inéditos para a categoria. Percebemos assim, que não somente o futebol alcançou os mais altos destaques no meio esportivo, mas que também o voleibol se consagrou como esporte importante no contexto nacional.

Várias habilidades motoras e capacidades físicas são usadas e treinadas a partir do jogo de voleibol, favorecendo o aperfeiçoamento técnico individual por meio das atividades desenvolvidas dentro das aulas, na educação física escolar.

Outro ponto é que, por intermédio da competição, ocorre o despertar do aluno para o aprimoramento, ou seja, ele passa a buscar seu aperfeiçoamento com treinos melhorando seu condicionamento, suas habilidades, sua integração e sua atenção.

Mediante os fundamentos do voleibol, seu participante se prepara para viver diferentes experiências que, de certa forma, ajudam no desenvolvimento do dia a dia. Saber atacar, defender, trabalhar em equipe no conceito de suas palavras, parecem atividades simples, mas quando vivenciadas no jogo, demonstram a capacidade que cada pessoa tem de viver e de conviver com outras pessoas, revelando suas dificuldades e facilidades.

Nós, enquanto profissionais de Educação Física, somos responsáveis por mediar o conhecimento aos alunos. Ao levar aos alunos o conteúdo do voleibol, nós ressignificamos a nossa prática, pois contextualizamos a origem histórica, seus aspectos sociais, culturais e políticos, além de estarmos contribuindo de forma dinâmica para a sua formação pessoal.

Assim, este trabalho nos possibilitou ampliar nossa visão acerca deste esporte tão praticado e bem aceito pela população e traz uma reflexão sobre como nós estamos ministrando nossas aulas nas escolas e de que maneiras podemos aprimorá-las.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Voleibol escolar: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 179-194, abr./jun. 2010.
- BIZZOCHI, C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. Barueri: Manole, 2004.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- CAMPOS, Luiz Antônio da Silva. **Voleibol “da” escola**. – Jundiaí [SP]: Fontoura Editora, 2006.
- CASCO, Patricio. **Vôlei**. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.
- DAIUTO, M. **Voleibol-Regras comentadas-técnica-tática**. São Paulo: Cia Brasil Editora, 1964.
- DUARTE, O. **História dos esportes**. São Paulo: Makron books, 2000.
- LESSA, F. Esporte na Grécia Antiga: um balanço conceitual e historiográfico. **Revista de História de Esporte**. Recorde: Artigo v. 1, n. 2, dez. 2008.
- MACHADO, A. A. **Voleibol: do aprender ao especializar**. Editoras da série: Irene Conceição Andrade Rangel, Suraya Cristina Darido. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- MATTHLESEN, S. Q. Um estudo sobre o voleibol: em busca de elementos para sua compreensão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis: CBCE, v. 15, n. 2, p. 194-199, 1994.
- MOREIRA, E. C. **Educação física escolar: propostas e desafios**. Jundiaí- SP: Fountora Editora, 2006.
- MEZZAROBBA, C. PIRES, G. de L. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida: Revista de Educação Física**, Manaus. v. 2, n. 2, p. 3-19, jul./dez., 2011. ISSN 2179-4677.
- PIMENTAL, R. A. **História do voleibol no Brasil**. Niterói, RJ: Letras e Versos Editora, 2012.
- RIBEIRO, Jorge L.S. **Conhecendo o Voleibol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.
- STIGGER, M. P. **Educação física e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ANÁLISE DO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NO INSTITUTO FEDERAL DE RORAIMA

ANALYSIS OF THE LEVEL OF PHYSICAL ACTIVITY OF HIGH SCHOOL STUDENTS AT THE FEDERAL INSTITUTE OF RORAIMA

João Batista Carvalho de Araújo¹
Tatiane Cassiano dos Santos²
Emanuel Araújo Bezerra³
Aristides Sampaio Cavalcante Neto⁴

RESUMO

A urbanização ocasionou mudanças no padrão de vida da população, com impactos profundos na saúde, pois possibilitou às pessoas uma maior comodidade. A vida sedentária gerou um estilo de vida patológico no qual as doenças surgem cada vez mais precocemente e com mais frequência. Alterações no estilo de vida têm sido destacadas como fatores fundamentais na prevenção de diversas doenças, e dentre elas tem lugar de destaque a atividade física. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo verificar o nível de atividade física e do sedentarismo dentre os estudantes do Ensino Médio, uma vez que o sedentarismo pode contribuir para o aparecimento de vários fatores de risco para doenças, os quais são influenciados pela pouca ou nenhuma prática de atividade física. A aferição foi feita por meio de um questionário Ipaq semiestruturado, já validado anteriormente, que possibilitou a identificação do nível de atividade física. A amostra foi composta por estudantes do Ensino Médio com seguimento técnico, nas áreas de eletrotécnica e eletrônica do Instituto Federal em Roraima, composta por 66 alunos sendo 27 do gênero masculino e 39 do gênero feminino. Observou-se que os estudantes do Ensino Médio no IFRR têm uma vida muito ativa, levando em consideração a existência de uma parcela significativa de alunos irregularmente ativos e sedentários. Portanto, a prática de atividades físicas é de fundamental importância para a qualidade de vida dos adolescentes e da população em geral, e que inúmeros são os benefícios que a atividade física proporciona.

1 Pós-Graduado em Docência em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR). E-mail: joo_batistacarvalho@yahoo.com;

2 Pós-Graduada em Docência em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR). E-mail: tatiane.cassiano@hotmail.com;

3 Orientador. Docente do Instituto Federal de Roraima – IFRR. Mestre em Ciências da Saúde. E-mail: ebezerra@ifrr.edu.br;

4 Coorientador. Docente do Instituto Federal de Roraima – IFRR. E-mail: aristides.neto@ifrr.edu.br.

PALAVRAS-CHAVE: Nível de Atividade Física. Estudantes. Instituto Federal de Roraima.

ABSTRACT

Urbanization has caused changes in the population's standard of living, with profound impacts on health, as it has enabled people to be more comfortable. Sedentary life has generated a pathological lifestyle in which illnesses appear earlier and earlier. Changes in lifestyle have been highlighted as fundamental factors in the prevention of various diseases, among which physical activity stands out. Thus, the present study aimed to verify the level of physical activity and physical inactivity among high school students, since physical inactivity can contribute to the appearance of several risk factors for diseases, which are influenced by little or no practice of physical activity. The measurement was performed using a semi-structured Ipaq questionnaire, previously validated, which enabled the identification of the level of physical activity. The sample consisted of high school students with technical follow-up in the areas of electrotechnics and electronics at the Federal Institute in Roraima, comprising 66 students, 27 of whom were male and 39 were female. It was observed that high school students at IFRR have a very active life, taking into account the existence of a significant number of irregularly active and sedentary students. Therefore, the practice of physical activities is of fundamental importance for the quality of life of adolescents and the population in general, and that there are countless benefits that physical activity provides.

KEYWORDS: Physical Activity Level. Students. Federal Institute of Roraima.

INTRODUÇÃO

Após a Primeira Revolução Industrial e tecnológica, com consequente expansão nos séculos XIX e XX, houve uma forte migração das áreas rurais para as sedes municipais e a população urbana mundial passou 1,7 bilhões em 1900 para mais de 6 bilhões em 2000 (FREITAS, 2010).

Essa urbanização ocasionou mudanças no padrão de vida da população, com impactos profundos na saúde, pois se conseguiu processar matérias-primas sem precedentes na natureza, consumindo alimentos, energia e gerando cada vez mais bens, resíduos e poluição. Como resultado dos avanços tecnológicos, a sociedade tornou-se cada vez mais sedentária (FREITAS, 2010; BULL; BAUMAN, 2011).

Essa evolução tecnológica possibilitou-se às pessoas a maior comodidade, o que contribuiu para que as pessoas prefiram andar de elevador em vez de subir as escadas, utilizar o controle da televisão em vez de ir até a

televisão mudar o canal, ligar para a farmácia e pedir por telefone o remédio em vez de ir até a farmácia comprá-lo, dirigir o trator em vez de colher os grãos de próprio punho, dentre muitas outras comodidades que a tecnologia trouxe para a sociedade, fazendo com que a utilizem para trabalhos que eram antes realizados pela força dos músculos humanos (CAMPOS *et al.*, 2002). A vida sedentária, as atitudes estressantes, a alimentação excessiva e desequilibrada, o uso abusivo de bebidas alcoólicas e de drogas lícitas e ilícitas, o meio ambiente dilapidado pelo desregrado e ambicioso crescimento tecnológico, a exagerada cobrança de produtividade, a obsessão pelo crescimento econômico, pela ascensão social, pelo prestígio e pelo poder individual, geraram um estilo de vida patológico no qual as doenças surgem cada vez mais precocemente e com mais frequência, ou seja, a vida do homem contemporâneo tornou-se física e mentalmente comprometida (CAMPOS *et al.*, 2002, p. 27).

Com essa grande revolução nos comportamentos, observamos vários fatores resultantes, sendo os principais: distúrbios psicossomáticos, obesidade, estresse, hipertensão arterial, diabetes, colesterol alto, alcoolismo, tabagismo, sedentarismo, infarto, acidente vascular cerebral e muitos outros agravantes.

Alterações no estilo de vida têm sido destacadas como fatores fundamentais na prevenção de diversas doenças e, dentre elas, têm lugar de destaque a atividade física, pois a prática de atividade física e exercício físico vêm contribuir positivamente não só para a melhora dos fatores supracitados, mas também para várias outras doenças patológicas adquiridas e hereditárias como: mal de Parkinson, mal de Alzheimer, fibromialgia, artrose, artrite, asma, bronquite, Lesão por Esforço Repetitivo (LER), Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (Dort), Afecções Musculoesqueléticas Relacionadas ao Trabalho (Amert) e muitas outras doenças relacionadas ao trabalho e não relacionadas diretamente ao trabalho.

A atividade física mostra-se cada dia mais necessária para erradicar ou amenizar o sedentarismo. Segundo Jebb e Moore (1999 apud GOMES, 2001), outros estudos apontam que o condicionamento obtido por meio do exercício físico reduz a mortalidade e a morbidade, mesmo nos indivíduos que se mantêm obesos. Esse fato só vem a reforçar a ideia de que atividade física é importante não só para sedentários não obesos, mas também para sedentários obesos.

Dessa forma, emerge o seguinte questionamento: qual o nível de atividade física de alunos do Ensino Médio no IFRR? Para responder a esta pergunta de pesquisa, lançamos mão de um estudo investigativo sobre o perfil dos alunos do IFRR, uma vez que o sedentarismo pode contribuir para o aparecimento ou agravamento de vários fatores de risco para doenças, os quais são influenciados pela pouca ou nenhuma prática de atividade física.

Este trabalho teve como objetivo verificar o nível de atividade física e do sedentarismo entre os estudantes do Ensino Médio do Instituto Federal de Roraima.

REFERENCIAL TEÓRICO

A atividade física regular reduz o risco de mortalidade e morbidade, independente de outras modificações no estilo de vida. De acordo com o Ministério da Saúde, no Brasil, doenças do aparelho circulatório são as principais causas de óbito (32%). A inatividade física é um dos fatores de risco importantes para o aparecimento de doenças crônicas-degenerativas. No Brasil, 83% da população não praticam nenhuma atividade física; além disso, acima de 54 anos, 38,7% das mulheres têm circunferência abdominal acima de 88cm e 15,6% dos homens, acima de 102cm, médias estas consideradas como fatores de risco para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares (BENEDETTI, 2007).

A síndrome do desuso (inatividade física) pela falta de movimento e de exercícios corporais aumenta, expressivamente, a procura por atendimento médico; além disso, parece estar criando, precocemente, nos idosos, dependência de terceiros. Observa-se a necessidade de serem elaboradas estratégias e ações em prol da promoção de saúde coletiva que incluam atividade física e formas de quantificá-la. A atividade física é um importante componente de estilo de vida saudável, principalmente pela evidência de diversos benefícios à saúde. A prática de atividades físicas está associada à diminuição da incidência de doenças cardiovasculares, diabetes, entre outras (BENEDETTI, 2007).

Entretanto, é desafiador mensurar o gasto energético total das atividades físicas, o que dificulta a implementação de programas adequados. Diante disso, a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Centro de

Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) e o Instituto Karolinska, na Suécia, reuniram pesquisadores com a finalidade de desenvolver e testar um instrumento que permitisse obter medidas de atividades físicas que fossem internacionalmente comparáveis. Com tal objetivo, foi proposto o Questionário Internacional de Atividade Física (*International Physical Activity Questionnaire – Ipaq*), validado em 12 países e 14 centros de pesquisa. O Ipaq é um questionário que permite estimar o tempo semanal gasto em atividades físicas de intensidade moderada e vigorosa, em diferentes contextos do cotidiano, como: trabalho, transporte, tarefas domésticas e lazer, e ainda o tempo despendido em atividades passivas, realizadas na posição sentada. O questionário foi publicado na versão curta e na versão longa (BENEDETTI, 2007).

A versão curta do Ipaq é composta por sete questões abertas e suas informações permitem estimar o tempo despendido, por semana, em diferentes dimensões de atividade física (caminhadas e esforços físicos de intensidades moderada e vigorosa) e de inatividade física (posição sentada). A versão longa do Ipaq apresenta 27 questões relacionadas com as atividades físicas, realizadas em uma semana normal, com intensidade vigorosa, moderada e leve, com a duração mínima de 10 minutos contínuos, distribuídas em quatro dimensões de atividade física (trabalho, transporte, atividades domésticas e lazer) e do tempo despendido por semana na posição sentada. Quando comparadas as versões curta e longa do Ipaq, os resultados são diferentes. Na versão curta, o tempo semanal despendido em atividades físicas moderadas e vigorosas tem sido menor quando comparado com a versão longa. Esse fato pode ser devido à diferença no número de domínios em cada versão e o número de questões, pois na longa cada domínio é mais explorado (BENEDETTI, 2007).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e analítico com abordagem mista dos dados. A população total do estudo é de 548 pessoas, formada por alunos regularmente matriculados no Ensino Médio do Instituto Federal de Roraima. A amostra foi composta por 66 alunos de ambos os gêneros, com idade entre 14 e 19 anos.

Para avaliação do Nível de Atividade Física (NAF) dos participantes foi utilizado o Questionário Internacional de Atividade Física - Ipaq – ver-

são curta, já validado (PARDINI 2001), aplicado após assinatura de termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis. Os alunos responderam ao questionário na presença do avaliador para esclarecimento de qualquer dúvida.

A tabulação dos dados foi realizada com a planilha do Excel e logo após os dados foram submetidos à estatística descritiva (média, desvio padrão, frequências e porcentagens).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra para esse estudo foi composta por estudantes do ensino médio com seguimento técnico, nas áreas de eletrotécnica e eletrônica do Instituto Federal de Roraima *Campus* Boa Vista. Composta por 66 alunos sendo 27 do gênero masculino e 39 do gênero feminino.

A figura 1 ilustra o número total e porcentagem de estudantes pesquisados, alunos do Ensino Médio no IFRR, por gênero.

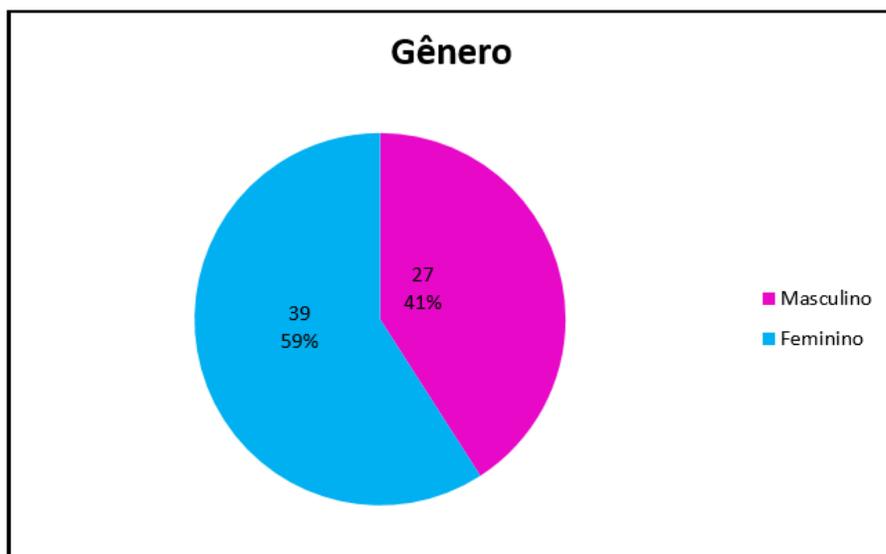


Figura 1 - Distribuição amostral de estudantes de acordo com o gênero.
Fonte: Pesquisa de Campo.

A figura 2 ilustra a classificação do nível de atividade física do gênero feminino demonstrando que do total da amostra (n = 39), 21% foram classificados como Muito Ativo, 33% Ativo (a), 31% Irregularmente Ativo (a), 13% de Sedentário (a).

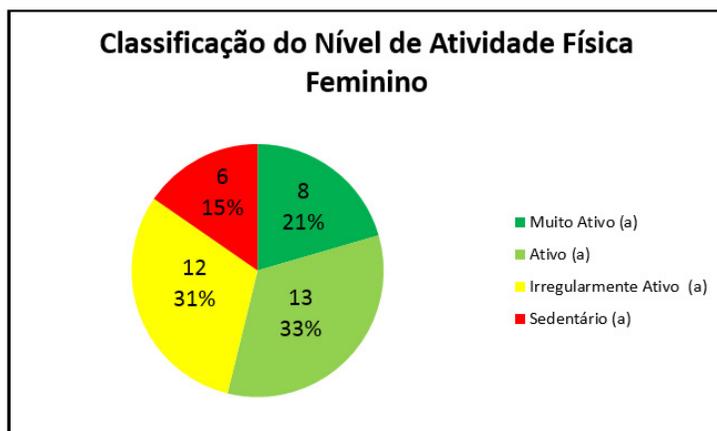


Figura 2 - Ilustra a classificação do nível de atividade física do Gênero Feminino. Fonte: Pesquisa de Campo.

A figura 3 ilustra a classificação do nível de atividade física do gênero masculino demonstrando que, do total da amostra (n = 27), 29% foram classificados como Muito Ativo, 30% Ativo (a), 30% Irregularmente Ativo (a), 11% de Sedentário.

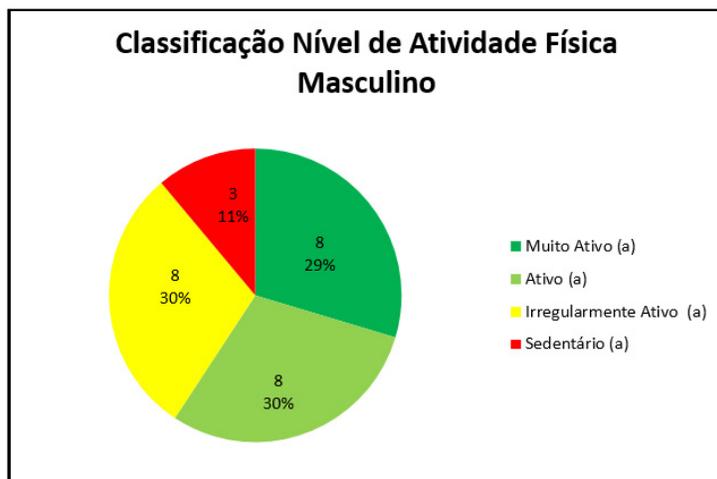


Figura 3 - Ilustra a classificação do nível de atividade física masculino. Fonte: Pesquisa de Campo.

A figura 4 ilustra a classificação do nível de atividade física geral incluindo os gêneros Masculino e Feminino, demonstrando que, do total da amostra (n = 66), 24% foram classificados como Muito Ativo, 32% Ativo (a), 30% Irregularmente Ativo (a), 14% de Sedentário.

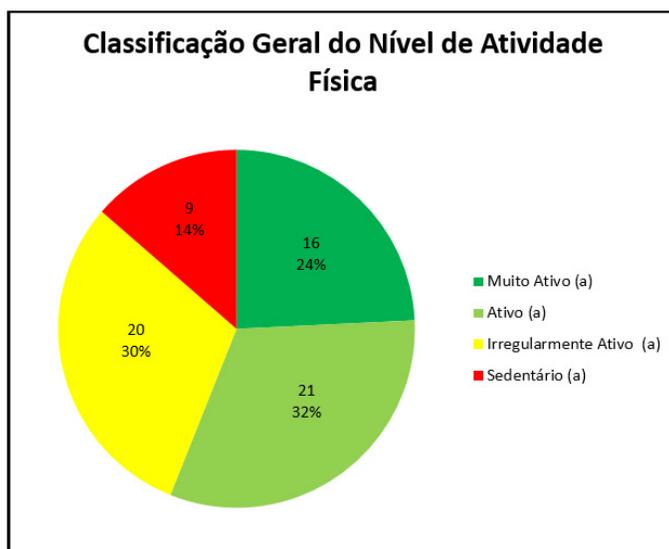


Figura 4 - Ilustra a classificação do nível de atividade física geral incluindo o Gênero Masculino e Feminino.

Fonte: Pesquisa de Campo.

Os resultados obtidos por meio da aplicação do questionário Ipaq versão curta, evidenciou que os estudantes no Ensino Médio do IFRR quando classificados de forma geral representam: 24% Muito Ativo (a), 32% Ativo (a), 30% Irregularmente Ativo (a) e 14% Sedentário (a).

Quando comparados os Níveis de atividade física por gênero Masculino e Feminino, o gênero Masculino é mais ativo fisicamente do que o Gênero Feminino, mesmo o gênero Feminino sendo maior na população amostral no presente estudo do que o Gênero Masculino, o que ratifica os resultados de outros estudos realizados por Silva (2018) e Dresch (2013), cujos indivíduos Muito Ativo e Ativo são em sua maior proporção do Gênero Masculino, o que ressalta a ideia de que o Gênero Feminino pratica menos atividade física quando comparado ao Gênero Masculino.

No entanto, esses resultados foram superiores aos apresentados por Ceschini (2016), referente ao Nível de atividade física em adolescentes bra-

sileiros determinado pelo Questionário Internacional de Atividade Física (Ipaq) que analisou a prevalência de inatividade física, visto que variou entre 96,7% no Ceará e 22,3% em Goiás.

Considerando exclusivamente os estudos realizados nas capitais brasileiras, a maior prevalência de inatividade física foi encontrada em Fortaleza (96,7%) e a menor em Florianópolis (25,4%). Verificou-se, ainda, que em sete estudos a prevalência de inatividade física permaneceu acima de 50% (CESCHINI, 2016).

Na Classificação conjunta de gêneros, identificou-se uma vida muito ativa e ativa dos estudantes do Ensino Médio no IFRR, levando em consideração a existência de uma parcela significativa de alunos(as) Irregularmente Ativos e Sedentários. Diante das mudanças sociais e econômicas observadas nas últimas décadas, o estilo de vida inativo se tornou um fenômeno mundial.

Nesse contexto, a inatividade física é considerada como um fator de risco independente para diversas morbidades como doenças cardiovasculares, obesidade, diabetes tipo síndrome metabólica e alguns tipos de câncer, que respondem pela maior parte no número de óbitos em diversos países do mundo.

Diante desse cenário, a promoção do estilo de vida ativo deve ser entendida como prioridade nas políticas de saúde pública, tanto em países desenvolvidos, como em países emergentes. Para tanto, uma vida saudável requer pequenas atitudes, a começar com hábitos saudáveis e práticas regulares de exercícios físicos, que sem dúvida proporcionarão uma melhor qualidade de vida e maior longevidade. Uma vida saudável requer atitudes comprometedoras como a escolha de hábitos mais saudáveis.

Entende-se que os hábitos de vida adquiridos pela sociedade moderna foram decorrentes da praticidade advinda dos avanços tecnológicos que proporcionaram comodidade com a utilização de recursos até então inexistentes, cabe agora aos profissionais da área de saúde modificar esta situação que se apresenta de forma preocupante, por meio da sensibilização da sociedade visando à mudança de hábitos adquiridos, pois o esclarecimento quanto a este estilo de vida pode sim ser revertido, produzindo assim uma visão e uma mudança aos hábitos de vida e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, por meio deste estudo, que a prática de atividades físicas é de fundamental importância para a qualidade de vida dos adolescentes e da população em geral, e que inúmeros são os benefícios que a atividade física proporciona. Uma vida saudável requer hábitos saudáveis que implicam em readaptação de atividades físicas, de maneira que estas poderão aumentar a qualidade de vida das pessoas tornando-as mais longevas. Aliados a isto, estão os avanços tecnológicos que proporcionaram à sociedade moderna maior praticidade e trazendo maior comodidade com a utilização destes recursos até então inexistente

Recomenda-se a implantação de mais políticas públicas que estimulem a prática regular de Atividade Física nos subgrupos populacionais mais afetados pela prática irregular de atividade física e o sedentarismo, bem como a propagação de programas que incluam a prática regular de atividade física voltada para adolescentes cuja finalidade é diminuir os níveis de sedentarismo e estimular a prática de atividades físicas.

A pouca idade dos estudantes contribui certamente para a maior realização de atividade física, o perfil de compromissos voltados para os estudos e lazer pode ser um fator preponderante para a ocorrência de maior possibilidade de realização de exercício físicos, do ponto de vista de saúde pública e medicina preventiva, promover a atividade física significa estabelecer uma base sólida para a redução da prevalência do sedentarismo, contribuindo, dessa forma, para preservar e melhorar a saúde e a qualidade de vida dessa população.

Diante das mudanças sociais e econômicas observadas nas últimas décadas, o estilo de vida inativo se tornou um fenômeno mundial. Diante desse cenário, a promoção do estilo de vida ativo deve ser entendida como prioridade nas políticas de saúde pública, tanto em países desenvolvidos, quanto em países emergentes.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, T. R. B. *et al.* Reprodutibilidade e validade do Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ) em homens idosos. *Rev. Bras. Med. Esporte*, v. 13, n. 1, p. 11-6, 2007.

BULL, F. C.; BAUMAN, A. E. Physical inactivity: the “Cinderella” risk factor for noncommunicable disease prevention. **J. Health Commun.** 2011.

CAMPOS, M. V.; NETO, B. G. *et al.* **Atividade física Passo a Passo: Saúde sem medo e sem preguiça.** ed. 1. Brasília: Thesaurus editora, 2002.

CESCHINI, F. L. *et al.* Nível de atividade física em adolescentes brasileiros determinado pelo Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ). **R. Bras. Ci. e Mov.**, v. 24, n. 4, p. 199-212, 2016.

DRESCH, F. *et al.* Nível de Atividade Física de Escolares da Rede Pública de Ensino de um Município do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira Promoção Saúde**, Fortaleza, v. 26, n. 3, p. 365-371, jul./set. 2013.

FREITAS, C. M.; PORTO, M. F. **Saúde, ambiente e sustentabilidade.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2010.

GOMES, V. B.; SIQUEIRA, K. S.; SICHIERI, R. Atividade física em uma amostra probabilística da população do município do Rio de Janeiro. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 969-976, 08/2001.

MELO, A.B. *et al.* Nível de Atividade Física dos Estudantes de Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. **J. Phys. Educ.** v. 27, e2723, 2016.

PARDINI, R.; MATSUDO, S. *et al.* Validação do questionário internacional de nível de atividade física (IPAQ – Versão 6): estudo piloto em adultos jovens Brasileiros. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, Brasília, v. 9, n. 3, p. 45-51, 07/2001.

SILVA, G. D. F. [*et al.*]. Avaliação do Nível de Atividade Física de Estudantes de Graduação das áreas Saúde/Biológica. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 13, n. 1, jan./fev. 2007.

SILVA, J. *et al.* Níveis insuficientes de atividade física de adolescentes associados a fatores sociodemográficos, ambientais e escolares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 12, p. 4277-4288, 2018.

TAFNER, E. P.; SILVA, E.; FISCHER, J.; TAFNER, M. A. **Metodologia do trabalho acadêmico.** 2. ed. Curitiba: Juruá, 2008.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA A REDUÇÃO DA INDISCIPLINA

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AS A TOOL FOR REDUCING INDISCIPLINE

Suzana Grazielle Silveira Vasconcelos¹

Wendell Almeida Queiros²

Emanuel Araújo Bezerra³

RESUMO

Dentre os desafios do contexto educacional, a indisciplina tem adquirido lugar de destaque, em consequência de suas diversas implicações na sociedade. Trata-se de uma questão recorrente no âmbito escolar, fazendo com que pais, gestores e professores se vejam obrigados a enfrentar os problemas gerados dentro e fora dos estabelecimentos de ensino. Este trabalho objetivou realizar uma análise da indisciplina no contexto escolar e identificar os fatores de contribuição para este fato, bem como compreender os desafios dos profissionais de educação física frente a essa realidade. Realizou-se um estudo bibliográfico na base de dados Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde e outras fontes de pesquisas em meio eletrônico no qual os artigos estavam disponíveis gratuitamente na versão digital, abordando a temática Indisciplina e Educação Física. As informações foram categorizadas em três partes: a indisciplina no ambiente escolar, os fatores que contribuíram para o surgimento da indisciplina na escola e a educação física e a indisciplina. Observou-se que, quando surge a indisciplina na sala de aula o diálogo parece ser o melhor instrumento para resolver os conflitos com os alunos, buscando adequar às práticas pedagógicas modernas. Nesse sentido, faz-se necessário que o professor reflita sobre o seu planejamento e metodologia a ser aplicada, uma vez que a educação física é uma disciplina que se destaca por possuir uma dinâmica diferente na escola. **PALAVRAS-CHAVE:** Indisciplina. Educação Física. Escola. Professor.

ABSTRACT

Among the challenges of the educational context, indiscipline has acquired a prominent place, as a result of its diverse implications in society. It is a recurring issue

1 Pós-Graduada em Docência em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR). E-mail: graziellesvasconcelos@hotmail.com;

2 Pós-Graduado em Docência em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR). Delmaster2008@hotmail.com;

3 Docente do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em “Docência em Educação Física Escolar” na modalidade de a distância parceria do Instituto Federal de Roraima e Universidade Aberta do Brasil UNIVIRR. E-mail: ebezerra@ifrr.edu.br.

in the school environment, making parents, managers and teachers feel obliged to face the problems generated inside and outside educational establishments. This work aimed to carry out an analysis of indiscipline in the school context and to identify the contributing factors to this fact, as well as to understand the challenges of physical education professionals in face of this reality. A bibliographic study was carried out in the Scielo database, Virtual Health Library and other electronic research sources in which the articles were available for free in the digital version, addressing the theme of Discipline and Physical Education. The information was categorized into three parts: indiscipline in the school environment, the factors that contributed to the emergence of indiscipline in school, and physical education and indiscipline. It was observed that, when indiscipline arises in the classroom, dialogue seems to be the best instrument to resolve conflicts with students, seeking to adapt to modern pedagogical practices. In this sense, it is necessary for the teacher to reflect on his planning and methodology to be applied, since physical education is a discipline that stands out for having a different dynamic in the school.

KEYWORDS: Indiscipline. Physical Education. School. Teacher.

INTRODUÇÃO

A educação física no Brasil surge ligada intimamente a uma formação e educação corporal disciplinadora, com objetivos diversos, desde militares, de saúde, estéticos, esportivos até recreativos (OLIVEIRA, 2008).

Diversos estudos têm apresentado vantagens da atividade física não somente na questão corporal, como redução da adiposidade e no controle de peso, melhoria dos níveis de habilidades motoras fundamentais, mas também no desempenho cognitivo, no desenvolvimento psicossocial e nas interações entre pessoas e ambientes (COELHO, 2018).

Nesse contexto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96 contribuiu diretamente na área de educação física, uma vez que a inseriu como disciplina obrigatória nas grades curriculares das escolas brasileiras, dando reconhecimento a este componente curricular nas escolas e o consolidando como área de estudo relevante na formação global dos alunos (BRASIL, 1996).

Na realidade brasileira, a instituição escolar encontra sérios problemas, como professores insatisfeitos com a falta de incentivo à formação, desvalorização do trabalho docente, a carga horária excessiva, pouco tempo para estudar e planejar as atividades, além de problemas ligados à indisciplina na escola (LINKE, 2014).

Dentre os desafios do contexto educacional, a indisciplina tem adquirido lugar de destaque, em consequência de suas diversas implicações na sociedade. Trata-se de uma questão recorrente no âmbito escolar, fazendo com que pais, gestores e professores se vejam obrigados a enfrentar os problemas gerados dentro e fora dos estabelecimentos de ensino.

Os professores vivenciam situações de apreensão, incerteza, insegurança e conflito, e passam a repensar sobre suas práticas educativas, questionando seus velhos conceitos. A indisciplina presente em suas aulas, por parte dos alunos, acarreta problemas graves como o adoecimento e afastamento de diversos professores, consequentemente afetando o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Choma (2012) compreende que a educação física escolar quando trabalhada de forma significativa passou a ser uma importante ferramenta para a redução da indisciplina, pois dentro do seu próprio conteúdo os professores trabalham as regras e disciplina:

Pode se explorar a educação física como um instrumento que, através das linguagens corporais, pode se alcançar a socialização, são as experiências alcançadas em atividades grupais, tendo nos colegas e no mundo que os rodeia, a reflexão em suas ações. Formando assim um ser social, capaz de interferir em suas próprias ações, sabendo de forma clara o que pode e não fazer, conhecendo seus limites, seus direitos e deveres dentro do grupo ao qual, estará inserido (CHOMA, 2012, p. 8).

Para tanto, a missão do professor de educação física é direcionar seu trabalho para a busca do resgate e da valorização de atitudes socialmente corretas, auxiliando no desenvolvimento de importantes características como sociabilidade, respeito e autoestima entre a comunidade e a escola. As aulas de educação física devem servir de instrumento para que se detectem e previnam atos de violência e exclusão na escola.

A inquietação em procurar entender os motivos que levam os alunos a praticarem atos de indisciplina e violência em meio escolar é uma preocupação que faz parte do cotidiano dos professores na escola e também

durante as aulas de Educação Física, na medida em que esse tipo de comportamento dificulta a condução pedagógica, com impacto negativo nas relações interpessoais entre professores e alunos e acaba por acarretar dificuldades quanto ao ensino e a aprendizagem (TORRES; ARAÚJO, 2015, p. 2).

Desse modo, o presente estudo tem o objetivo de analisar a contribuição da educação física para a redução da indisciplina no contexto escolar, identificar os motivos que levaram a indisciplina e os desafios dos profissionais de educação física frente a essa realidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

O termo indisciplina é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas, e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, pode ser compreendida como o desrespeito às normas vigentes na instituição. Assim, os alunos que desrespeitam alguma norma dessa instituição são vistos como indisciplinados (SILVA, 2012).

O aluno, ao ingressar à escola, já traz consigo atitudes e condutas herdadas do grupo social e familiar em que está inserido, e esse comportamento quando é indisciplinar gera conflito no ambiente escolar, pois na escola existem regras e normas que devem ser seguidas. Conforme Sganzella (2012), no cotidiano escolar observa-se que o comportamento do aluno no ambiente de ensino é reflexo das experiências vividas no meio familiar e social.

Nesse sentido, “As famílias são responsáveis pelo desenvolvimento social e psicológico de seus filhos, devem estabelecer a interação com a escola, questionando, sugerindo, promovendo e interagindo de forma a fornecer auxílio nos desafios da escola” (SANTOS, 2014, p. 14).

A família deve ser o primeiro lugar em que o sentido das regras e a disciplina deve ocorrer. Contudo, com a nova dinâmica familiar estabelecida na sociedade, crianças passam a ser escolarizadas precocemente e fica para a escola a função de estabelecer regras ao aluno. Porém, nos dias atuais é comum encontrar crianças com famílias sem estrutura: pais ausentes ou desatentos com vida escolar e social do filho. Apesar de tudo isso, é de ex-

trema importância relatar que cada indivíduo responde diferentemente aos estímulos provindos do meio.

É de suma importância debatermos, questionarmos, revermos regras, limites, valores e pensarmos em mudanças, atitudes e ações na escola, confrontarmos posicionamentos através do debate, diálogo, práticas diárias, para buscarmos superar e enfrentar este desafio (LINKE, 2014, p. 4).

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo bibliográfico de trabalhos científicos nas bases de dados Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde e outras fontes de pesquisas em meio eletrônico, acerca da temática indisciplina no âmbito escolar, com abordagem qualitativa das informações. Foram utilizados os seguintes descritores: indisciplina, educação física, escola e professor. A pesquisa foi feita entre novembro de 2018 e março de 2019. Não houve necessidade de submissão ao comitê de ética por não se tratar de pesquisa com seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

A indisciplina atinge tanto as escolas públicas como privadas, sendo predominantemente percebida pelos professores nas escolas públicas. Para Sant'ana (2012, p. 21), “os exemplos mais comuns de indisciplina estão pautados na agressividade dos estudantes (brigas e xingamentos), o não cumprimento das obrigações estudantis (falta de compromisso) e a evasão escolar”.

Porém, indisciplina e violência são conceitos diferentes que, por vezes, se confundem no discurso de professores e demais agentes educativos. Contudo, devemos ter a concepção de que a indisciplina pode ocorrer acompanhada ou não pela violência.

A violência nas escolas pode ocorrer em três dimensões: a primeira relaciona-se com as estruturas deficientes

que decorrem da dificuldade de gestão nas escolas; a segunda relaciona-se ao contexto social, em que a escola é invadida por gangues, pelo tráfico de drogas, bem como pela exclusão social (DEBARBIEUX, 1996 apud ABRAMOVAY; RUA, 2003).

Vasconcellos (2000, p.78) aponta que:

Há necessidade de o professor compreender que existe uma indisciplina ativa – aquela em que o aluno faz “bagunça”, mas existe também a forma de indisciplina passiva: aquela em que o professor até consegue silêncio, mas não há interação com os alunos, que é tão grave quanto a primeira. O educador deve ajudar a construir a disciplina ativa e coletiva.

Na sala de aula o professor deve buscar desenvolver a autonomia dos alunos, o pensamento crítico e a reflexão dos conteúdos, o professor deixa de ser a fonte do saber e passa a mediar formas de conhecimento, ajudando o aluno na tradução desses saberes e na compreensão do mundo.

Essa proposta pode ser encontrada na legislação educacional brasileira (LDB nº 9394/96), que se mostra avançada em relação às demandas atuais, pois coloca a escola como um espaço democratizado, aberto às experiências de todas as ordens e unifica o currículo em âmbito nacional, o que garante uma unidade nacional no ensino, mas também é flexível às particularidades regionais do país (SGANZELLA, 2012, p.46)

Uma das ferramentas utilizadas pela escola é a questão curricular que reflete essa democratização, pois está voltada para as comunidades e para suas necessidades buscando entender os problemas que as rodeiam. Além de atender as necessidades da comunidade escolar, o currículo torna-se a identidade dos grupos escolares e determina seu conjunto local de valores e suas dificuldades a serem combatidas.

A escola deve proporcionar aos alunos que participem ativamente da construção das regras e das demais decisões da escola. Para isso, é essencial que os educadores envolvidos, assim como todo o entorno educativo, estejam preparados para aderir a projetos que viabilizem tais práticas (CALIL; ARAGÃO, 2011).

Porém, na atualidade, muitas escolas deixam a desejar nessa questão. Assim, a indisciplina persiste, nem tanto por falta de “soluções”, mas devido à falta de construção crítica sistemática, que iria revelar contradições bem como possíveis avanços nas formas de se restaurar a disciplina em sala de aula - como uma elaboração e responsabilidade coletivas, que deseja restaurar as condições necessárias para as aprendizagens coletivas (GARCIA, 2009).

É comum que os professores abordem a violência como sendo um dos maiores obstáculos pedagógicos e como uma das causadoras da falta de aproveitamento escolar. Os professores, quando confrontados com tais comportamentos, se sentem desconfortáveis e ansiosos em suas aulas, temendo não saber gerir possíveis incidentes que surjam nas suas aulas ou que sejam confrontados com situações que não ficaram bem resolvidas, voltando a enfrentar situações semelhantes.

Lidar com a indisciplina não é uma tarefa muito fácil, dispõe de paciência, sensibilidade e compreensão. Conforme os relatos dos professores investigados, todos tentam resolver as situações envolvendo indisciplina dentro da sala de aula antes de tomar qualquer outra medida. Entendemos que este deve ser o caminho mais adequado em questão, pois o professor é o principal responsável pelos seus alunos, devendo ter total autonomia para intervir sempre que necessário, lembrando sempre que, o diálogo faz parte da prática educativa (LAINS, 2012, p. 8).

Contudo, não é apenas papel do professor mediar os conflitos dentro de sala. É necessário que haja um trabalho coletivo. A escola precisa buscar auxiliar o aluno a desenvolver formas mais eficazes e cooperativas de lidar com as desavenças. Porém, muitos professores preferem resolver essas situa-

ções de forma isolada, com isso, há uma ausência da reflexão acerca da crítica coletiva da eficácia dos seus resultados. Conforme Soares e Farias (2018):

Há quatro ideias socialmente instituídas das quais os professores se apropriaram: a interação em sala de aula é regulada pelo professor; a indisciplina é fruto da relação do aluno com seu contexto familiar; “respeito” se associa à ideia de “temor”; a afetividade é o principal instrumento de aproximação com os alunos (SOARES; FARIAS, 2018, p. 94).

Conforme Britto (2013), talvez o professor não tenha sido preparado para enfrentar essa situação. Porém, a questão é que a situação é real, a indisciplina, está na sala de aula.

No entanto, em resposta a esse agravante, os professores parecem utilizar métodos variados baseados em sua vivência educacional, pessoal, de infância e profissional. Por isso se faz necessário refletir sobre a temática indisciplina, compreendendo seu significado e os efeitos, nas relações que ocorrem na instituição escolar, bem como no processo de ensino-aprendizagem.

FATORES QUE CONTRIBUEM PARA INDISCIPLINA NA ESCOLA

Ao refletir sobre as mudanças que aconteceram na instituição escolar, pode-se constatar que estas vêm acompanhadas de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. A escola, assim como a sociedade, sofreu mudanças quanto a sua legislação, seus valores, sua cultura. As mudanças no mundo do trabalho e na gestão política, em grande medida inserida naquilo que se pensa como “globalização”, originaram novas formas de pensar e fazer a educação, tendo em vista a constituição de um novo sujeito (BANALETTI; DAMETTO, 2015).

Ao longo da história, fatores foram influenciando as relações de poder do professor para com os alunos, influenciando assim também a disciplina na escola. Há os que alegam que a autoridade e o controle exagerado do professor de tempos atrás, foram substituídos por certa liberdade excessiva entre os educandos, dando a

disciplina uma importância secundária (BANALETTI; DAMETTO, 2015, p. 5).

A Constituição Federal Brasileira tornou universal o acesso ao Ensino Fundamental, com isso, muitas crianças passaram a frequentar a escola por ser obrigatória, muitas vezes contra a sua própria vontade e sem possuir o apoio dos pais, o que gerou uma certa indisciplina no contexto escolar.

Outro fator que acarreta a indisciplina até nos dias de hoje é o fato de os pais passarem menos tempo com os filhos, pois são obrigados a trabalhar, muitas vezes por questões econômicas, ocasionando no não acompanhamento de perto do seu filho, ou seja, percebe-se que grande parte das famílias brasileiras está desestruturada, desorientada, e por sua vez transfere suas obrigações para a escola de educar.

Desde muito pequenas, as crianças passam o dia todo em creches ou com babás. Os pais ao chegarem exaustos do trabalho, pensam apenas em descansar e colocar as crianças para dormir. Não se dedicam mais a vida escolar dos filhos, em saber como estão na escola, a não ser que sejam chamados para conversar. Por passarem pouco tempo com as crianças, muitos pais não colocam limites nos filhos, não sabem dizer “não”, por consequência, as crianças chegam às escolas cada vez mais carentes, agressivas, sem saberem ouvir, esperar, respeitar o outro e as regras que são impostas (BANALETTI; DAMETTO, 2015, p. 6).

As atitudes dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que influenciam o comportamento da criança na escola. É na família que acontecem as primeiras noções de disciplina, de ordem e de socialização, pois ela exerce enorme influência sobre as atitudes e o comportamento da criança. O professor de sala passou a realizar tarefas que não são de sua profissão, sendo, por vezes, solicitado a dar conta de funções tradicionalmente atribuídas aos pais.

A escola é uma extensão ou, muitas vezes, o próprio reflexo da sociedade. A indisciplina apresentada dentro

do ambiente escolar é o reflexo dessa mesma sociedade. Isso significa que a família tem um papel indispensável na formação de seus filhos, além das instituições. Quando a família e a sociedade não cumprem sua função educadora e não agem com autoridade afetiva, criam condições favoráveis para promover a indisciplina dentro das instituições de ensino, comprometendo o processo de aprendizagem, dificultando o exercício da prática pedagógica do professor, além de trazer prejuízos aos próprios alunos (SIEROTA, 2016, p. 3).

Além disso, a era digital é outro fator que influencia crianças e jovens na indisciplina e violência, com a facilidade de acesso a todo tipo de informação nas redes sociais e meios de pesquisas eletrônicos, grande parte têm acesso a conteúdos impróprios, pois seus responsáveis não provém o acompanhamento necessário. Alguns professores até veem na era tecnologia uma rival, porém, não se pode distanciar dessa nova realidade, visto que vivemos em um mundo cada vez mais globalizado e informatizado e, de uma forma ou outra, as mídias são meios nos quais os alunos passam a ter interesse pela aula. Nesse sentido,

o grande problema que se evidencia na maioria das escolas é que, mesmo com todas estas mudanças ocorridas na instituição e nos membros que a compõem, ainda há docentes que seguem tão somente a linha tradicional de ensino, [...] ainda se mantém a didática que considera o professor como o único detentor do saber em sala de aula. O aluno deve manter-se, horas a fio, calado e atento. O professor vai se habituando a trabalhar com os “limites do não pode”, ao invés de privilegiar os “limites da possibilidade”, não levando em conta que o objetivo do trabalho pedagógico é “suprimir a figura do aluno enquanto aluno, isto é, o trabalho pedagógico se efetua para fazer com que a figura do estudante desapareça” (CHAUÍ, 2006, apud BOARINI, 2013, p. 128).

Outro aspecto que atualmente tem sido discutido como uma das causas da indisciplina é a falta de perspectiva de um futuro melhor por meio da

educação, o que contribui na desvalorização do professor e da escola, além das altas taxas de evasão escolar e de reprovação e o baixo desempenho acadêmico observado nas avaliações em larga escala realizadas no ensino fundamental e médio.

Se a escola deseja proporcionar o desenvolvimento da autonomia, precisa rever suas noções e práticas de disciplina. O quanto a escola tem conseguido realizar, e pretende avançar nas próximas décadas, com uma disciplina baseada em mecanismos de controle social? Parece-nos que o avanço na democratização, nas práticas pedagógicas e nas próprias tecnologia digitais que hoje se apresentam nas escolas tendem a colocar em questão diversos mecanismos de controle social tradicionalmente exercidos pelos professores. Mas as mudanças nas visões sobre disciplina não ocorrem sem resistências, recuos e muito debate (GARCIA, 2009, p. 313).

Acredita-se que a indisciplina deve ser interpretada, não como problema exclusivamente do aluno, por ser uma criança ou um adolescente rebelde, mas deve ser interpretada como algo que não está funcionando bem. Podendo ser fatores relacionados à família, ao professor, à organização da escola e à motivação do aluno (LOUZADA; PIMENTA, 2012). Com isso, a indisciplina tem sido fonte de problematização nas escolas, mesmo não sendo um fenômeno atual.

A EDUCAÇÃO FÍSICA E A INDISCIPLINA

Percebe-se que a indisciplina está presente em todos segmentos escolares, e se insere como o maior obstáculo no trabalho do professor, causando desgaste e desmotivação. Sendo assim, foram analisadas a relação de Educação Física com a indisciplina escolar.

A educação física passou por diversas transformações historicamente, possui características esportivas, vindas principalmente do caráter competitivo e militarista dos anos setenta. Essas transformações foram precisas visto que a educação física ficava restrita apenas a educar o físico.

A partir da década de oitenta, a Educação Física passou por diversas reformas, nas quais seu conteúdo deixou de ser restrito apenas ao esporte,

atribuindo outras manifestações culturais como a dança, a ginástica, o jogo e as lutas. Nos dias de hoje, a educação física vem constituindo-se como uma prática pedagógica, apesar de não ter o seu devido valor. Gaspari *et al.* (2006, p. 43) reforça que “a educação física escolar, por vezes, não recebe o devido valor nem mesmo da esfera política educacional, deixando de ser reconhecida pela sociedade, sendo esse mais um dos fatores que levam à sua depreciação”.

A Educação Física passou a ser concebida pela sociedade, e até mesmo por muitos professores, como uma aula de lazer, de brincar, contribuindo somente na distração do aluno, e não como uma disciplina que desenvolve a pesquisa, a análise, a reflexão e a avaliação.

A educação física brasileira tem tido muita dificuldade de traduzir seus avanços epistemológicos e teóricos para o campo da intervenção pedagógica, em particular no âmbito escolar. O enfrentamento deste desafio tem colocado questões importantes para os processos de formação (inicial e continuada). Sabemos, por outro lado, dos limites destes processos quando verificamos o cotidiano dos espaços/tempos escolares e as diferentes posturas assumidas pelos professores. Nesse sentido, reconhece-se que o desempenho profissional vincula-se também (ou fundamentalmente) ao contexto específico de suas práticas pedagógicas. O que se percebe é que no interior dos espaços educacionais também emergem práticas pedagógicas inovadoras, as quais parecem não obedecer a lógicas lineares, motivadas por razões que muitas vezes nos escapam (SILVA; BRACHT, 2012, p. 2).

Para Kung (2001),

a Educação Física deve ser entendida como componente curricular da educação básica integrada à proposta pedagógica da escola, ajustadas às faixas e às condições da população escolar. Portanto, não deve ser vista de forma isolada, mas sim como parte da proposta pedagógica da escola onde está inserida (KUNG, 2001, 52).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física (BRASIL, 1996) relatam os benefícios da Educação Física para crianças, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades afetivas, de integração e inserção social. Dentro dessa perspectiva foi notável a contribuição da educação física na indisciplina.

A Educação Física na Escola tem como objetivos mostrar a sua identidade, sua razão de ser no currículo escolar, o fazendo por meio do esporte, cultura e lazer. Para isso, sua importância deve ser rediscutida dentro da própria escola e, porque não dizer, nos diversos âmbitos sociais (PROENÇA, 2017, p. 17).

Os professores que buscam construir práticas em um sentido inovador, estão sempre preocupados com a relevância daquilo que vai ser trabalhado nas aulas para que tenham significado na vida dos estudantes, além de ter o reconhecimento da sua aula. Por meio da relação professor-aluno com a dimensão do afeto, o aluno passa a ver a aula não mais como obrigação.

Ao ensinar os conteúdos da Educação Física, o professor deve promover estratégias que contribuam para que os alunos possam se entender como sujeito atuante na sociedade por meio de seu movimento. Movimento esse que é constitutivo do sujeito e intencional, feito por nós, humanos, a todo instante (COSTA *et al*, 2009, p. 6).

O professor deve sempre refletir sobre o seu planejamento e metodologia a ser aplicada assumindo o papel de mediador do conhecimento, além da preocupação com o currículo, com isso muitos professores conseguem em sua aula fazer com que o aluno possa achar meios de lidar com a indisciplina.

Desta forma ele contribui na esfera educativa, formando comportamentos disciplinados nos seus alunos, estando sempre atento para as manifestações de inquietação, de conversa, de desatenção e até mesmo de agressividade por parte dos alunos, buscando ajuda junto às famílias e junto aos serviços especializados. Ainda, o professor deve reavaliar e redimensionar constante-

mente a sua prática em busca da aprendizagem e do desenvolvimento de condutas disciplinadas nos seus alunos (SCALABRIN; HORN, 2011, p. 16278 apud REGO 1996, p. 100).

Portanto, o professor deve sempre buscar o conhecimento e formas de trabalhar com essa nova geração, visto que muitas regras e atitudes mudaram com o decorrer do tempo, com isso grandes problemas podem ser reduzidos no âmbito de sua aula. Para Silva e Bracht (2012):

Urge pensar numa perspectiva diferenciada de formação de professores que vislumbre outros níveis de relação entre histórias de vida, conhecimento acadêmico, produção de saber, sentimentos em relação ao trabalho e à profissão. Nessa linha, o professor assumiria posturas mais autônomas para o desenvolvimento do trabalho em suas salas de aulas. Cabe salientar que os registros escritos que os professores fazem, se problematizados, podem suscitar alternativas para a reconstrução de uma paisagem escolar mais criativa e coerente com as realidades nas quais os professores estão inseridos (SILVA; BRACHT, 2012, p. 90).

A Educação Física é uma matéria relevante por diversos fatores, ela trabalha o físico e cognitivo do aluno estimulando-o a ter hábitos saudáveis desde criança até a vida adulta. Influencia positivamente no caráter, personalidade e autoestima do estudante, contribui também para uma boa convivência na equipe aumentando a capacidade de concentração e comunicação do estudante, além de ajudar os alunos a aprenderem a lidar com as limitações uns dos outros, respeitando as diferenças étnicas, sociais, físicas e morais.

As percepções dos alunos quanto ao papel da disciplina de Educação Física na minimização das questões relacionadas à indisciplina e à violência, observamos a ênfase nas atividades esportivas. Assim constatamos que para esses alunos, as atividades incentivadoras da confraternização e do trabalho em equipe contribuem na prevenção da agressividade, indisciplina e violência.

[...] Embora os alunos relatem a promoção de eventos esportivos e recreativos como forma de confraternização entre os alunos e professores, essas devem ser organizadas no sentido de garantir que a mesma não se torne mais uma competição esportiva excludente (TORRES; ARAÚJO, 2015, p. 10).

As aulas de educação física devem proporcionar a inclusão, não sendo voltadas apenas ao resultado, o que ressalta a importância de propor, durante as aulas, jogos cooperativos, pois quando o professor visa muitos resultados o aluno se sente intimidado em realizar tal atividade com medo do fracasso. Os jogos cooperativos estimulam os alunos a participarem mais das aulas, possibilitando alegria, satisfação e também colabora com a integração dos alunos e potencializa valores de compreensão, paciência, respeito e inclusão.

Portanto o professor de educação física deve se empenhar em criar e estreitar vínculos afetivos, levar o aluno a perceber que está sendo valorizado e respeitado, assim ele passa a interagir mais com a turma e com o professor, passa a se sentir motivado e torna-se participativo. Além de dominar o conteúdo, preparar aulas atrativas que permitem a interação, sabe que precisa ser coerente, justo e firme, fazendo com que seu aluno reflita sobre suas ações e as consequências que elas acarretam, o faz reconhecer o quanto as regras são necessárias para o bom convívio, saber dosar sua autoridade e respeitar seus alunos (SILVA, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou tecer considerações acerca da temática indisciplina no ambiente escolar, bem como as responsabilidades do educador físico frente a este processo, na efetivação de práticas que venham a beneficiar a escola, com a manutenção de uma consciência coletiva no sentido da construção de uma disciplina e bem-estar no âmbito da comunidade escolar.

Quando surge a indisciplina na sala de aula, o diálogo parece ser o melhor instrumento para lidar com aluno, buscando se adequar a práticas pedagógicas modernas. Nesse sentido, faz-se necessário que o professor re-

flita sobre o seu planejamento e metodologia a ser aplicada, uma vez que a educação física é uma disciplina que se destaca por possuir uma dinâmica diferente na escola.

A Educação Física é caracterizada por metodologias que possam não apenas conscientizar, mas apresentar propostas de combate à indisciplina e redução da violência. O professor de educação física deve buscar formas de transformação da realidade, atuando em uma perspectiva em que se trabalhe o corpo e a mente por meio do esporte, de atividades lúdicas ou expressão corporal.

As aulas de educação física devem proporcionar a inclusão, não sendo focadas apenas nos resultados. É importante propor durante as aulas jogos cooperativos, aulas que despertem o interesse dos alunos, além de momentos que possam despertar neles o senso crítico.

Dessa forma, com muito diálogo, reflexão, e um trabalho conjunto com a escola, percebendo que os alunos tem uma voz ativa, buscaremos, ao longo das aulas, conscientizar os alunos a terem mais empatia pelo próximo, mais sucesso e menos conflitos no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**: versão resumida. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133967_por. Acesso em: 13 maio. 2020.

BANALETI, Samara Marina Menin; DAMETTO, Banaletti Jarbas. Indisciplina no contexto escolar: causas, consequências e perspectivas de intervenção. **Rei - Revista de educação do IDEAU**. v. 10, n. 22, jul./dez. 2015. Semestral. ISSN: 1809-6220. Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/284_1.pdf. Acesso em: 13 maio. 2020.

BOARINI, Maria Lucia. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Revista Semestral Da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. Maringá, v. 17, n. 1, p. 123-131, jan./jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal nº 9.394/96. Brasília: MEC: 1996.

BRASIL. LDB 9394/96 – Art. 26, § 3º. Planalto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília:

MEC/SEF, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.

BRITTO, Ana Cláudia de Oliveira. **Indisciplina na sala de aula: contribuições da análise do comportamento**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, Lins-SP, para Graduação em Pedagogia, 2013. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56017.pdf>.

CALIL, Juliana Alvim Bites Castro; ARAGÃO, Ana Maria Falcão de. **Conflitos, indisciplina e violência na escola: o que as regras têm a ver com isso? X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE, 2011 - educere.bruc.com.br**. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5630_3932.pdf.

COSTA, Amanda Luiza Aceituno da; PEREIRA, Vera Lucia; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victória. **O papel da educação física enquanto disciplina escolar**. Congresso Paranaense de educação física escolar, 2009.

COELHO, Vitor Antonio Cerignoni; AQUINO, Marta Aurora Mota ; MONTEBELO, Maria Imaculada de Lima; TOLOCKA, Rute Estanislava. (Des) Valorização da atividade física na pré-escola por professores. **Revista Brasileira Ciência E Esporte[on-line]**. 2018, v. 40, n. 4 [cited 2019-05-06], p. 381-387.

CHOMA, R. Marcio. **A Prática do Basquetebol como Instrumento para Diminuir a Indisciplina Escolar**. 2012. 16 f. Trabalho de conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional, Governo do Estado do Paraná, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2012.

GARCIA, Joe. **Representações dos professores sobre indisciplina escolar**. Educação Santa Maria, v. 34, n. 2, p. 311-324, maio/ago. 2009.

GASPARI, Telma Cristiane; SOUZA JÚNIOR, Osmar; MACIEL, Valéria; IMPOLCEFTO, Fernanda; VENÂNCIO, Luciana; ROSÁRIO, Luis Fernando; LORIO, Laércio; DI THORNMAZO, Aline; DARIDO, Suraya Cristina. **A realidade dos professores de educação física na escola: suas dificuldades e sugestões**. Universidade Federal de Educ. Fís. de Viçosa. v. 14, n. 1, p. 109, 117-121. 2006.

KUNG, Elenor. **Educação física: ensino & mudanças**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001. 208p. (coleção educação física).

LAINS, Valéria de Cássia Pereira. **Indisciplina escolar: indisciplina no cotidiano escolar na visão do docente**. **Revista Educação no (Con)Texto: do curso de**

Pedagogia. v. 4, n. 4, p. 1-9, jan./dez. 2012. ISSN 2446-5038 1. Disponível em: http://faculadecatuaui.com.br/portal/wp-content/uploads/2017/11/2012_Indisciplina-escolar-Val%C3%A9ria-de-C%C3%A1ssia.pdf.

LINKE, Valdemir. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. UniOeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná *Campus* de Marechal Cândido Rondon Curso de Educação Física, Versão Online. ISBN 978-85-8015-079-7, Cadernos PDE, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_edfis_pdp_valdemir_linke.pdf.

LOUZADA, Shênia Soraya Soares; PIMENTA, Kedna Gomes. A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades. **Revistae - Ped – FACOS/CNECO sório**, v. 2, n. 1, ago. 2012– ISSN: 2237-7077.

OLIVEIRA; V. M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense; 2008. (Coleção primeiros passos; 79).

PROENÇA, Flagner dos Santos. **Desvalorização da educação física escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, 2017.

SANT'ANA, Antonio Sérgio Santos. **A indisciplina na educação física escolar**. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Desportos Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis 2012.

SANTOS, Rejane de Oliveira Silva dos. **Indisciplina escolar no ensino fundamental: interação entre escola e família**. Sociedade cultural e educacional de Itapeva faculdade de ciências sociais e agrárias de Itapeva, nov./2014Itapeva –SP.

SCALABRIN, Ionara Soveral; PIAIA, Karine. HORN, Ângela Maria Horn. **Indisciplina: implicações da aprendizagem e do desejo de saber**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais Subjetividade e Educação – SITSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 05 a – 07/11/2011.

SGANZELLA, Natalia Cristina Marciola. O ambiente escolar e a indisciplina no ensino fundamental. **Revista Eletrônica de Educação e Ciência – REEC**. v. 2, n. 1, p. 44-53, mar. 2012. ISSN 2237-346244.

SIEROTA, Andrea Maria Dallacort. **Indisciplina nas aulas de educação física: jogos e brincadeiras como estratégia de intervenção**. Versão Onli-

ne. ISBN 978-85-8015-093-3 Cadernos PDE, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edfis_unioeste_andreamariadallacort.pdf.

SILVA, Mauro Sérgio da; BRACHT, Valter. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. *Revista Kinesis*, v. 30, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718/3394>.

SILVA, Laudemir Duarte. **Indisciplina escolar ou transtornos que alteram o comportamento do aluno**. Universidade Candido Mendes Pós-Graduação Lato Sensu AVM Faculdade Integrada, 2012. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K221810.pdf.

SOARES, Roberta Rafaela Bernardino da Silva; FARIAS, Otávia Marques de. Reflexões sobre o discurso docente acerca da indisciplina e do mau desempenho escolar. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, p. 93-118, jan./abr. 2018.

TORRES, Nelson Vieira; ARAÚJO, Elson Luís de. **A indisciplina e a violência: a redução a partir da prática da educação física na escola**. An. Sciencult Paranaíba, v. 6, n. 1, p. 181-190, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Alessandra/Downloads/3102-4567-1-PB.pdf>.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 11. ed. São Paulo: Liberdade, 2000.

ESTILO DE VIDA DOS PROFESSORES DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RORAIMA

LIFESTYLE OF TEACHERS AT THE FEDERAL INSTITUTE OF EDUCATION, SCIENCE AND TECHNOLOGY OF RORAIMA

Natália Araújo Veras¹

Gleicivânia de Souza Feitosa²

Luciana Leandro Silva³

Emanuel Araújo Bezerra⁴

RESUMO

A qualidade de vida é compreendida como a percepção de bem-estar resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, o que inclui a devida atenção ao lazer e a promoção da saúde da pessoa que trabalha. Em um cenário mais otimista, acredita-se que trabalhadores mais felizes e saudáveis podem produzir mais e melhor. Este trabalho teve como objetivo identificar o Perfil do Estilo de Vida dos Professores do Instituto Federal de Roraima *Campus Boa Vista*. Utilizamos um estudo transversal, exploratório, com abordagem quali-quantitativa das informações. O universo de estudo foi composto por sessenta e três professores pertencentes ao quadro do *Campus Boa Vista*. Foi utilizado como instrumento um questionário intitulado perfil do estilo de vida com objetivo de avaliar e analisar o perfil do estilo de vida dos professores relacionado a características nutricionais, estresse, atividade física, relacionamento e comportamento preventivo. Os resultados apontam que os professores possuem quatro características positivas, sendo que a alimentação e o estresse se aproximam do resultado negativo, demonstrando um indicador de alerta para a instituição em relação a saúde do trabalhador. A componente atividade física se apresenta como negativo havendo necessidade de investimento, por parte da instituição, em programas que possam atender as necessidades dos professores para a promoção de um estilo de vida e hábitos de lazer saudáveis, para que o ambiente educacional se torne saudável e propício para o processo de ensino e aprendizagem.

1 Especialista em Docência em Educação Física Escolar/IFRR. E-mail: nicnataveras@gmail.com;

2 Especialista em Docência em Educação Física Escolar/IFRR. E-mail: souzagleicivania@gmail.com;

3 Coorientadora do Curso de Pós-Graduação em Docência em Educação Física Escolar/IFRR. E-mail lucianasilva@ifrr.edu.br;

4 Orientador do Curso de Pós-Graduação em Docência em Educação Física Escolar/IFRR. E-mail ebezerra@ifrr.edu.br.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade de vida. Bem-Estar. Perfil do Estilo de Vida.

ABSTRACT

Quality of life is understood as the perception of well-being resulting from a set of individual and socio-environmental parameters, which includes due attention to leisure and the promotion of the health of the person who works. In a more optimistic scenario, it is believed that happier and healthier workers can produce more and better. This study aimed to identify the Lifestyle Profile of Teachers at the Federal Institute of Roraima *Campus* Boa Vista. We used a cross-sectional, exploratory study, with a qualitative and quantitative approach to the information. The universe of study was composed of sixty-three teachers belonging to the staff of *Campus* Boa Vista. A questionnaire entitled lifestyle profile was used as an instrument to assess and analyze the teachers' lifestyle profile related to nutritional characteristics, stress, physical activity, relationships and preventive behavior. The results show that teachers have four positive characteristics, with food and stress approaching the negative result, demonstrating an alert indicator for the institution regarding worker health. The physical activity component is negative as there is a need for investment by the institution in programs that can meet the needs of teachers to promote a healthy lifestyle and leisure habits, so that the educational environment becomes healthy and conducive to the teaching and learning process. **KEYWORDS:** Quality of life. Welfare. Lifestyle Profile.

INTRODUÇÃO

No contexto atual, encontramos-nos na chamada era do estilo de vida. O fato de como vivemos em nosso cotidiano pode influenciar diretamente a nossa saúde. Sendo o estilo de vida um conjunto de ações cotidianas que refletem as atitudes e valores das pessoas, é necessário que o indivíduo reconheça de forma consciente o valor no comportamento relacionado às mudanças almeçadas, por meio de um conjunto de ações em prol da qualidade de vida (NAHAS, 2013).

Já a qualidade de vida é compreendida como a percepção de bem-estar resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano (NAHAS, 2013).

O conceito de qualidade de vida é diferente de pessoa para pessoa e tende a mudar ao longo da vida de cada um. De modo geral, essa expressão está relacionada à: estado de saúde, longevidade, satisfação no trabalho, salário, lazer, relações familiares, disposição, prazer e espiritualidade.

Existem diversos estudos sobre qualidade de vida. Os professores, por sua vez, não estão fora deste estudo, pois esses profissionais são os responsáveis pela formação de novos atores sociais, estão em contato direto com o público e são grandes formadores de opinião (KOETZ *et al.*, 2013). Esta população nos chama atenção, pois segundo Nóvoa (1999) citado por Unesco (2004, p. 17):

[...] é no professor que se deposita parte da responsabilidade pela condução do processo de consolidação de novos paradigmas científicos, éticos e culturais, fato que se traduz em exigências cada vez mais complexas quanto a suas competências profissionais [...].

Para alcançar o padrão de qualidade em todas as instituições de ensino, meta do Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2020, faz-se necessário refletir na saúde e qualidade de vida dos professores (BRASIL, 2011).

Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo identificar o perfil do estilo de vida dos professores do Instituto Federal de Roraima *Campus* Boa Vista, visando que se busque melhorias relacionadas à qualidade de vida dos servidores desta instituição e consequente satisfação no ambiente de trabalho.

Esta pesquisa contribuiu na busca por respostas referentes ao perfil do estilo de vida dos professores do IFRR, levantando dados importantes para serem utilizados pela comunidade acadêmica para melhor compreensão dos futuros profissionais que irão trabalhar com a educação e a saúde e, além disso, poderá servir como fonte de pesquisa para futuros trabalhos e como base para os professores que fizeram parte da pesquisa sobre a importância da adoção de um estilo de vida saudável, pois sabemos que o professor tem o papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, e este precisa estar em condições saudáveis para atuar com qualidade no contexto educacional, refletindo assim na qualidade do ensino na instituição.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo tem como base a teoria de Nahas (2013, p. 22), que entende que “o estilo de vida representa um conjunto de ações cotidianas que

refletem as atitudes e valores das pessoas”. Comprovadamente, existem fatores positivos e negativos no nosso estilo de vida que podem comprometer a saúde e o bem-estar, a curto ou a longo prazo.

Na perspectiva da promoção de hábitos saudáveis, é citado que existem elementos que contribuem para o bem-estar físico e mental das pessoas que buscam melhoria no estilo de vida, são eles: “Alimentação, Atividade física, Comportamento preventivo, Relacionamento e Controle de estresse” (NAHAS, 2013, p. 24).

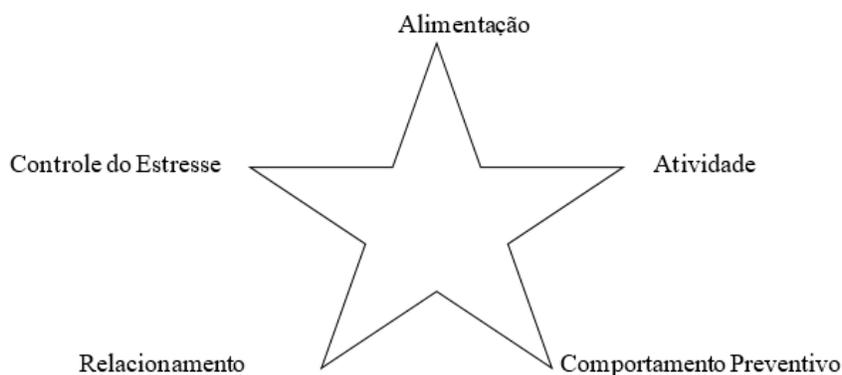


Figura 1 – O Pentágulo do Bem-Estar.

Fonte: Nahas, 2013, p. 24.

O autor cita, ainda, que é de suma importância que haja um equilíbrio dos elementos do Pentágulo do Bem-Estar. Nesse sentido, incentivar os professores na mudança de comportamentos, implica em oportunizar ao indivíduo ambientes que promovam a saúde e a qualidade de vida mediante a educação, saúde e lazer, os incentivos relacionados à mudança precisam ser mantidos de forma saudável, adequando o ambiente de trabalho às necessidades do trabalhador para que haja a promoção do bem-estar e consequentemente uma melhoria na qualidade de vida dos servidores.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo transversal, exploratório, com abordagem quali-quantitativa das informações. Foi aplicado um questionário estruturado, intitulado “Perfil do Estilo de Vida” (NAHAS, 2013, p. 32-33), com intuito de avaliar e analisar o Perfil do Estilo de Vida dos professores do

Instituto Federal de Roraima, das diversas áreas do conhecimento, por meio de 15 perguntas relacionadas às características nutricionais, nível de estresse, atividade física habitual, relacionamento e comportamento preventivo. Essas cinco características são representadas no Pentágulo do bem-estar, sendo a base conceitual para avaliação do estilo de vida de indivíduos ou grupos (NAHAS, 2000, p. 48-59).

O estudo foi realizado na própria instituição. A população é composta por 180 professores. A amostra é do tipo não probabilística e é composta por 63 professores, correspondendo a 35% da população. Realizou-se amostragem simples por conveniência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da população total do estudo, composta por 180 professores na época da realização da coleta de dados, 139 são professores efetivos, 19 são professores substitutos e 22 estavam afastados por motivos de licença médica ou licença para estudo.

Aceitaram participar do estudo 63 professores, correspondendo a 35% dos professores pertencentes ao quadro do Instituto Federal de Roraima *Campus Boa Vista*. Destes, 32 são homens e 31 são mulheres.

Sobre o estado civil, 13 são solteiros, 44 são casados ou estão vivendo com parceiros e 6 são viúvos, desquitados ou divorciados.

Tabela 1 – Estado Civil.

Solteiros		Casados ou Vivendo com Parceiros		Viúvos, Desquitados ou Divorciados	
N	%	N	%	n	%
13	20,64	44	69,84	6	9,52

Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme observa-se na tabela a seguir, 59% dos participantes da pesquisa possuem entre 36 e 57 anos de idade.

Tabela 2 - Idade.

De 18 a 35 anos		De 36 a 46 anos		De 47 a 57 anos		De 58 a 68 anos		Não responderam	
N	%	N	%	n	%	n	%	n	%
11	17	17	27	20	32	8	13	7	11

Fonte: Elaborado pelos autores.

QUESTIONÁRIO: PERFIL DO ESTILO DE VIDA

O questionário do perfil do Estilo de Vida, derivado do modelo do Pentáculo do Bem-Estar, é um instrumento que possui 15 perguntas, divididas em 5 áreas, que são: alimentação, atividade física, comportamento preventivo, relacionamentos e controle do estresse.

As respostas são dadas em uma escala que vai de 0 (zero) a 3 (três), de acordo com a menor ou maior frequência daquele hábito dentro do estilo de vida do participante. Considera-se perfil negativo o somatório do percentual dos escores de 0 a 1 (não e às vezes); e considera-se perfil positivo o somatório do percentual dos escores de 2 a 3 (quase sempre e sempre).

Observaremos a seguir os resultados obtidos, para cada característica, com intuito de apresentar o perfil negativo e positivo de forma mais detalhada.

NUTRIÇÃO

A tabela 3 apresenta uma prevalência equivalente a 50,8% no hábito dos professores que não comam pelo menos 5 porções de frutas e hortaliças frequentemente. Referente a ingestão de alimentos gordurosos (carnes gordas, frituras) e doces, 46,01% dos professores adotam comportamento inadequado, ou seja, ingerem esses alimentos em excesso e 44,45% apresentam comportamento negativo referente ao hábito de fazer refeições variadas de 4 a 5 vezes ao dia, incluindo um bom café da manhã.

Tabela 3 - Perfil do Estilo de Vida dos Professores - Componente Alimentação.

Respostas	0 Não		1 Às Vezes		2 Quase Sempre		3 Sempre		Perfil Negativo		Perfil Positivo	
	n	%	n	%	N	%	n	%	n	%	n	%
A	11	17,46	21	33,34	17	26,98	14	22,22	32	50,8	31	49,2
B	7	11,09	22	34,92	20	31,77	14	22,22	29	46,01	34	53,99
C	12	19,06	16	25,39	15	23,81	20	31,74	28	44,45	35	55,55

Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda (Questões): A – “Sua alimentação diária inclui pelo menos 5 porções de frutas e hortaliças?”; B – “Você evita ingerir alimentos gordurosos (carne gordas, frituras) e doces?”; C – “Você faz 4 a 5 refeições variadas ao dia, incluindo um bom café da manhã?”.

No componente em análise, apesar do perfil estar positivo com a média percentual de 52,9%, é preocupante a frequência percentual do Perfil Negativo apurado em todas as questões avaliadas (A=50,08%, B=46,01%, C=44,45%), pois apesar da média percentual do perfil negativo ser de 47,1%, cada resultado analisado isoladamente já se apresenta elevado.

De acordo com Sonati *et al.* (2007), a alimentação na fase adulta é voltada para uma nutrição defensiva, isto é, uma nutrição que enfatiza fazer escolhas de alimentos saudáveis para promover o bem-estar e prover os sistemas orgânicos de maneira que tenham um funcionamento ótimo durante o envelhecimento. Para uma nutrição saudável é recomendada uma ingestão diária de 4 a 5 porções de hortaliças e de 3 a 5 porções de frutas conforme (PHILIPPI, 2003).

Segundo Nieman (1999), uma alimentação correta aliada com atividades físicas regulares, diminui a obesidade, pois a obesidade associada ao sedentarismo acaba gerando uma situação de balanço energético positivo, potencializa o risco de doenças cardiovasculares, hipertensão arterial e diabetes.

Atualmente, as atividades do cotidiano têm consumido a maior parte do tempo das pessoas e, por esse motivo, tem se buscado alimentos práticos e rápidos, aumentando os mercados de fast-food. Nesses lugares são vendidos alimentos com alto teor de calorias, pobre em nutrientes e normalmente são sanduíches, batata frita, refrigerantes, milk-shakes, entre outros (MENDONÇA, 2010).

No entendimento de vários autores a alimentação é o pilar para uma vida saudável, somos precisamente o que comemos em nosso hoje, refletindo assim na saúde do amanhã. Quem busca se alimentar bem tem longevidade de vida, disposição e eficiência nas atividades do cotidiano (KAMEL, 2003; MENDONÇA, 2010; NAHAS, 2013).

ATIVIDADE FÍSICA

Foi constatado, por meio da análise das respostas dos sujeitos da pesquisa, em relação aos hábitos de atividade física, descritas na tabela 4, que 25,4% dos professores não incluem a prática de atividades físicas (exercícios, esportes ou dança) de forma habitual em momentos de lazer, 30,17% não tem o hábito de fazer exercícios de força e alongamento pelo menos duas vezes por semana e 28,58% dos professores apontaram que não utili-

zam, habitualmente, a caminhada ou pedalada como forma preferencial de deslocamento, assim como não utilizam preferencialmente as escadas em vez do elevador.

Tabela 4- Perfil do Estilo de Vida dos Professores - Componente Atividade Física.

Respostas	0		1		2		3		Perfil		Perfil	
	Não		Às Vezes		Quase Sempre		Sempre		Negativo		Positivo	
Questões	n	%	n	%	N	%	n	%	n	%	n	%
D	16	25,4	23	36,5	11	17,46	13	20,64	39	61,9	24	38,1
E	19	30,17	17	26,98	10	15,89	17	26,98	36	57,15	27	42,85
F	18	28,58	23	36,5	13	20,64	9	14,28	41	65,08	22	34,92

Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda (Questões): D – “Seu lazer inclui a prática de atividades físicas? (exercícios, esportes ou dança)”;

E – “Ao menos duas vezes por semana você realiza exercícios que envolvam força e alongamento muscular?”;

F – “Você caminha ou pedala como meio de deslocamento e, preferencialmente, usa as escadas ao invés do elevador?”.

Verificamos que 61,36% foi a média percentual do Perfil Negativo e 38,64% a média percentual do Perfil Positivo para o componente Atividade Física. Apurou-se nesse componente uma frequência percentual alta de comportamento inadequado em todas as questões (D, E, F). De acordo com Nahas (2013), aproximadamente 60% dos adultos não são suficientemente ativos, e, por meio dos dados obtidos nesta pesquisa, corroboramos com o autor no que refere a essa característica.

A atividade física regular reduz o risco de uma pessoa desenvolver doenças crônicas, especialmente as cardiovasculares – principais causas de morte e de incapacidade funcional no Brasil e no mundo.

Os principais benefícios proporcionados pela atividade física fundamentam-se nas reduções: de peso, da pressão arterial, do mau colesterol, do diabetes, da ansiedade, do estresse e do risco de morte por doenças do coração. São benéficos ainda na melhora da capacidade cardiorrespiratória, do nível da força, da flexibilidade, do fortalecimento de ossos e articulações. Para a saúde mental beneficia o convívio social, a recuperação da autoestima, a regulação das substâncias relacionadas ao sistema nervoso, o estresse, ajuda na melhora do fluxo de sangue para o cérebro e contribui no tratamento da depressão. Portanto, a participação em um programa de exercício físico regular oferecerá mais anos com melhor qualidade de vida (MIRANDA, 2014).

COMPORTAMENTO PREVENTIVO

Para este componente, verificamos na tabela 5 que se destaca o Perfil Negativo, evidenciado pelo desconhecimento, por parte dos sujeitos da pesquisa, sobre a sua pressão arterial, seus níveis de colesterol e sobre o controle desses índices, alcançando o percentual de 26,98%. Este foi seguido por 25,4% dos professores que não se abstém de fumar e ingerir álcool e 9,51% não apresentam dificuldades em respeitar as normas de trânsito, usar cinto de segurança e dirigir sem estar alcoolizado.

Tabela 5 - Perfil do Estilo de Vida dos Professores – Comportamento Preventivo.

Respostas	0 Não		1 Às Vezes		2 Quase Sempre		3 Sempre		Perfil Negativo		Perfil Positivo	
	n	%	N	%	N	%	n	%	n	%	n	%
Questões												
G	10	15,89	7	11,09	8	12,69	38	60,31	17	26,98	46	73,02
H	10	15,89	6	9,51	11	17,46	36	57,14	16	25,4	47	74,6
I	1	1,6	5	7,91	11	17,46	46	73,03	6	9,51	57	90,49

Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda (Questões): G – “Você conhece sua pressão arterial, seus níveis de colesterol e procura controlá-los?”; H – “Você se abstém de fumar e ingere álcool com moderação (ou não bebe)?”; I – “Você respeita as normas de trânsito (como pedestre, ciclista ou motorista), usa sempre cinto de segurança e, se dirige, nunca ingere álcool?”.

A média percentual do Perfil Negativo foi de 20,64%, enquanto a média percentual do Perfil Positivo do componente comportamento preventivo foi de 79,36%. Verificamos que para o referido componente apurou-se uma frequência percentual alta de comportamentos adequados em todas as questões (G, H, I), destacando-se o respeito as normas de trânsito, bem como a moderação na ingestão de álcool e abstenção ao fumo.

É de suma importância a adoção de um comportamento preventivo, visando o bem-estar e a saúde das pessoas. De acordo com Nahas (2013) o consumo de bebidas alcoólicas representa uma das causas principais de doenças hepáticas, aumenta a incidência futura de diversas formas de câncer, e está diretamente associado aos acidentes de trânsito e a violência doméstica.

Nahas (2013, p. 266), relata quem mais do que nunca, “nossas escolhas e decisões cotidianas – nosso estilo de vida – têm afetado a maneira como vivemos e por quanto tempo vivemos”.

Apesar de não se ter uma receita mágica que possa garantir boa saúde e longevidade a todos, tem-se evidências da ciência e de observações milenares do dia a dia das pessoas de que certos comportamentos e decisões em todas as etapas da vida aumentam as chances de se atingir uma idade avançada, conservando a autonomia e o bem-estar em sua quase totalidade (NAHAS, 2013, p. 266).

Na fase adulta, os cuidados em relação às infecções sexualmente transmissíveis, às drogas, à violência e aos acidentes de trânsito precisam ser efetivos, pois representam as principais ameaças à saúde desta faixa etária. São recomendações de comportamento preventivo nesta fase: usar cinto de segurança, praticar sexo seguro, evitar ambientes e grupos em que a violência física é motivo de admiração, não fumar, beber com moderação, escolher alimentos de maneira inteligente, proteger a pele e os olhos, manter uma vida ativa, mas não exaustiva e realizar check-ups e exames periódicos (NAHAS, 2013).

RELACIONAMENTOS

Analizando as questões do componente - Relacionamentos, descritos na tabela 6, verifica-se que 74,61% da amostra é composta por professores satisfeitos com seus relacionamentos e que procuram cultivar amigos (questão “J”). Já na segunda questão (K), relacionada ao lazer com amigos, atividades em grupo, participação em associações ou entidades sociais, 73,03% dos professores que integram a amostra apresentam comportamento adequado. No entanto a questão (L) relacionada à atividade perante sua comunidade e utilidade no seu ambiente social, verificou-se que 71,43% dos sujeitos da pesquisa adotam comportamento positivo.

Tabela 6 - Perfil do Estilo de Vida dos Professores – Relacionamentos.

Respostas	0 Não		1 Às vezes		2 Quase Sempre		3 Sempre		Perfil Negativo		Perfil Positivo	
	n	%	N	%	N	%	n	%	n	%	n	%
Questões												
J	14	22,22	2	3,17	3	4,76	44	69,85	16	25,39	47	74,61
K	06	9,51	11	17,46	25	39,69	21	33,34	17	26,97	46	73,03
L	06	9,51	12	19,06	17	26,98	28	44,45	18	28,57	45	71,43

Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda (Questões): J – “Você procura cultivar amigos e está satisfeito com seus relacionamentos?”; K – “Seu lazer inclui encontros com amigos, atividades em grupo, participação em associações ou entidades sociais?”. L – “Você procura ser ativo em sua comunidade, sentindo-se útil no seu ambiente social?”.

A média de percentual correspondente ao Perfil Positivo no componente relacionamentos foi de 73,02%. Os professores responderam de forma positiva no que se refere à procura do cultivo das amizades e satisfação com seus relacionamentos, bem como a inclusão de encontros com amigos e se sentir útil no seu ambiente social. É importante estar em um ambiente saudável, e é necessário sabermos o quanto isso depende de cada um. Os professores precisam refletir sobre qual o papel de cada um e a importância desse papel na qualidade do ambiente em que trabalham.

Nesse sentido, Chiavenato (1989) fala que a integração entre indivíduos na organização é importante porque se torna viável um clima de cooperação, fazendo com que atinjam determinados objetivos juntos.

A importância de integrar para obter maiores e melhores resultados, atualmente, é de grande relevância pois:

As pessoas trabalham melhor e mais satisfeitas quando o fazem juntas. Equipes, trabalho em conjunto, compartilhamento, participação, solidariedade, consenso, decisão em equipes: essas estão sendo as palavras de ordem nas organizações (CHIAVENATO, 2002, p. 71-72).

É preciso haver abertura para o conhecimento, pensar o novo, reconstruir o velho, reinventar o pensar. A educação abrange mais do que o saber fazer, é preciso aprender a viver com os outros, desenvolver a percepção de depender reciprocamente, administrar conflitos, a participação de projetos comuns, a ter prazer no espaço comum (CESAR; BIACHINI; PIASSA, 2008).

CONTROLE DO ESTRESSE

De acordo com a tabela 7, 31,75% dos professores participantes da pesquisa não reserva tempo (ao menos cinco minutos) todos os dias para relaxar, enquanto 38,1% não mantem uma discussão sem alterar-se quando contrariado e 47,61% não equilibra o tempo dedicado ao trabalho com o tempo dedicado ao lazer.

Tabela 7 - Perfil do Estilo de Vida dos Professores – Controle do Estresse.

Respostas	0 Não		1 Às Vezes		2 Quase Sempre		3 Sempre		Perfil Negativo		Perfil Positivo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
M	7	11,09	13	20,66	15	23,80	28	44,45	20	31,75	43	68,25
N	3	4,76	21	33,34	22	34,92	17	26,98	24	38,1	39	61,9
O	8	12,69	22	34,92	14	22,22	19	30,17	30	47,61	33	52,39

Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda (Questões): M – “Você reserva tempo (ao menos cinco minutos) todos os dias para relaxar?”; N – “Você mantém uma discussão sem alterar-se, mesmo quando contrariado?”; O – “Você equilibra o tempo dedicado ao trabalho com o tempo dedicado ao lazer?”.

Verifica-se que apesar da média do percentual do Perfil Positivo ser de 60,85%, a média referente ao Perfil Negativo, relacionada ao componente Estresse, é de 39,15%. Goleman (1997,1998) relata que o desgaste físico e emocional ao qual as pessoas são submetidas nas relações com o ambiente de trabalho é um fator muito significativo na determinação de transtornos de saúde relacionados ao estresse, como é o caso das depressões, ansiedade, transtorno de pânico, fobias e doenças psicogênicas.

O estresse, quando não administrado de forma sabia pode desencadear uma baixa produtividade, doenças e até a morte. O fenômeno vem invadindo a classe dos trabalhadores de uma forma desenfreada afetando na qualidade de vida no trabalho, e é definida como uma compreensão abrangente e comprometida das condições de vida no trabalho, que inclui aspectos de bem-estar, garantia de saúde e segurança física, mental e social, e capacitação para realizar tarefas com segurança e bom uso da energia pessoal (FRANÇA; RODRIGUES, 2005).

Diversas doenças estão associadas ao quadro de estresse, destacando-se as doenças cardíacas, seguidas pela tensão nervosa decorrente do estresse, podendo ser somatizadas na forma de diversas doenças como: hipertensão arterial, infartos agudos do miocárdio, derrames cerebrais, câncer, úlceras, depressão/distúrbios nervosos, artrite, alergias, dores de cabeça dentre outros, e alguns sintomas relacionados ao estresse são: dores musculares, insônia, ansiedade, irritabilidade, dores articulares e dor de cabeça (NAHAS, 2013).

Para o mesmo autor, existem ocupações humanas que, por sua natureza, são mais atingidas pelo estresse e são elas: bancários, aviários,

professores, agentes prisionais, donas de casa, profissionais de UTI e emergência médica, policiais e jornalistas. O cansaço mental e a fadiga decorrente da pressão pela produtividade crescente no ambiente de trabalho trazem consequências que vão além dos problemas emocionais, o desgaste físico e a exaustão.

O estresse (burn out) decorrente do trabalho pode matar – e isso não é força de expressão. As frequentes liberações dos chamados “hormônios do estresse” (adrenalina, noradrenalina e cortisol) podem levar à diminuição da imunidade, alterações no apetite e o acúmulo de gordura na região abdominal, com sérias consequências a saúde (NAHAS, 2013, p. 252).

Existem várias maneiras de responder as situações de estresse, pois sabemos que não podemos evitá-las, com intuito de reduzir ou modificar os seus efeitos na vida do indivíduo. Nahas (2013) relata que o amor e o respeito dos familiares e amigos, uma boa dieta, boas noites de sono, folgas semanais, férias descontraídas, atividades físicas de cunho recreativo são importantíssimas para enfrentar o estresse da vida moderna.

PERFIL DO ESTILO DE VIDA DOS PROFESSORES DO IFRR CAMPUS BOA VISTA

Podemos observar na figura 1, o panorama geral referente aos cinco componentes do Pentágulo do Bem-Estar, no que se refere a somatória dos Escores 0 e 1, que nos revela o Perfil Negativo, e a somatória dos escores 2 e 3 indicando o Perfil Positivo para cada característica supracitada.

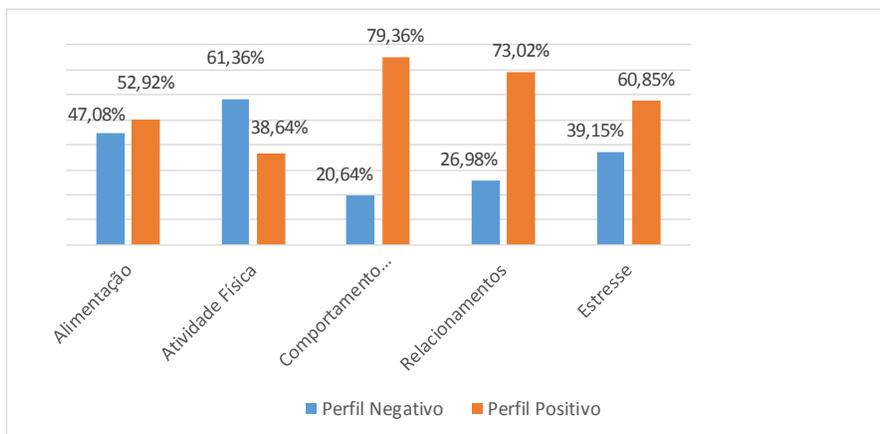


Figura 2 - Perfil do Estilo de Vida dos Professores – Perfil Negativo e Perfil Positivo por Componente.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao analisarmos a figura, identificamos 4 (quatro) componentes que possuem aspectos positivos e 1 (um) componente que possui Perfil Negativo (acima de 50%). A Atividade Física foi a que obteve 61,36% na média do percentual dos escores 0 e 1.

Ao longo de nossas vidas adotamos hábitos e atitudes que podem comprometer ou melhorar totalmente nossa saúde e qualidade de vida. Nahas (2013 p. 22) descreve que “o estilo de vida representa um conjunto de ações cotidianas que refletem as atitudes e valores das pessoas”. Comprovadamente, existem fatores positivos e negativos no nosso estilo de vida que podem comprometer a saúde e o bem-estar, a curto ou a longo prazo.

Alguns estudos apontam diferentes aspectos que justificam a opção por um estilo de vida sedentário. Steinhardt e Stueck (1988) abordam sobre a falta de tempo, falta de espaços públicos, dificuldades financeiras para custear mensalidades de academias ou clubes, experiências negativas relacionadas à prática do exercício, segurança, aspectos relacionados à alimentação, estresse da vida na sociedade industrializada, lesões ou doenças, falta de motivação, entre outros.

Siedentop (1996), Bouchard *et al.* (1990) e Pereira (1988) ressaltam a falta de condições da maioria da população em ter acesso à prática de atividades físicas, devido a fatores socioeconômicos.

É preciso despertar desde cedo o prazer pela atividade física, para fazer com que ela se torne um hábito para toda a sua vida. Diversos estudos têm mostrado os pontos positivos da utilização de programas nas empresas. Tais estudos apontam para diversas vantagens como: a melhoria da aparência dos funcionários, o aumento da satisfação, o desenvolvimento das atividades profissionais com aumento da produtividade, diminuição do absentismo no trabalho, diminuição dos acidentes de trabalho e diminuição dos custos com serviços médicos (COX *et al.*, 1981 apud BOUCHARD *et al.*, 1994.)

Incorporar no dia a dia atividades físicas agradáveis que possam trazer benefícios para a saúde, mediante uma instituição facilitadora, no que diz respeito a informações sobre a importância em adotar um estilo de vida ativo, oportunizando aos menos ativos a tomadas de decisões bem informadas sobre a prática da atividade física e seus benefícios para uma vida saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos resultados revelarem que os professores possuem quatro características positivas, é notório que o percentual de algumas, como é o caso da alimentação e do estresse, se aproxima do resultado negativo, sendo um indicador de alerta para a instituição e para os professores em relação a saúde dos professores. O componente Atividade Física se apresenta nos resultados desta pesquisa como negativo. Com base nos dados, verificamos que há necessidade de investimento, por parte da instituição, em programas que possam atender as necessidades dos professores expostas nos resultados desta pesquisa.

Quando o tema é a promoção da saúde e da qualidade de vida dos trabalhadores, a educação, saúde e lazer, têm contribuições específicas a dar quando se busca educar o trabalhador, incentivá-lo a mudar comportamentos e oferecer oportunidades para que esses comportamentos saudáveis sejam mantidos. Boa parte da literatura nesta área tem enfatizado a necessidade de se adequar o ambiente de trabalho ao trabalhador, de forma a promover o bem-estar e a qualidade de vida dos seus integrantes.

Por meio dos resultados da pesquisa sugerimos que seja elaborado um programa de atividades de lazer para os professores, haja vista que a

instituição possui instalações adequadas para proporcionar melhorias relacionadas a qualidade de vida dos servidores desta instituição com intuito de uma total satisfação no ambiente de trabalho, mas não basta apenas ter instalações adequadas, é necessário que essas atividades sejam acompanhadas e orientadas por profissionais capacitados.

Portanto, é necessário que a instituição informe, motive e crie oportunidades para que os professores conheçam, experimentem e incorporem ao seu estilo de vida hábitos mais saudáveis e atividades de lazer mais ativas em seu ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

BOUCHARD, Claude *et al.* (Eds.). **Exercise, Fitness, and Health: A Consensus of Current Knowledge**, Champaign: Human Kinetics, 1990.

BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R. J.; STEPHENS, T. **Physical activity, fitness and Health**. Champaign, Illinois: Human kinetcs, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2020**. Disponível em: http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf. Acesso em: 10 maio. 2018.

CEZAR, Andréa Silvana dos Santos. BIACHINI, Eloâne. PIASSA. Zuleica Aparecida Claro. **A Atuação do Pedagogo em Espaços Não Escolares**. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/artigo/pdf>. Acesso em: 31 jul. 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos Humanos na Empresa**. São Paulo: Atlas, 1989.

CHIAVENATO, Idalberto. **Construção de Talentos**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2002.

FRANÇA, A. C. L.; RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho: Uma abordagem Psicossomática**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

GOLEMAN, D. **Verdades simples, mentiras essenciais: a psicologia da auto ilusão**. Rio de Janeiro: Objetiva. 1997.

GOLEMAN, D. **Trabalhando com a inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva. 1998.

KAMEL, J. **Nutrição e Atividade Física**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

KOETZ, L. *et al.* Qualidade de vida de professores de Instituições de Ensino Superior Comunitárias do Rio Grande do Sul. Rio grande do Sul, **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 1019-1028, 2013.

MENDONÇA, S. N. T. G. **Nutrição**. Curitiba, PR: Livro Técnico, 2010.

MIRANDA, M. M. A. **Os Benefícios que a Prática de Atividade Física Proporciona aos Idosos: “Projeto Pratique Saúde”**- Ms. jul. 2014.

NAHAS, Markus V. O Pentágulo do bem-estar: base conceitual para avaliação do estilo de vida de indivíduos ou grupos. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 5, n. 2, p. 48-59, 2000.

NAHAS, Markus V. **Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida Ativo**. 6. ed. Londrina: Midiograf, 2013.

NIEMAN, D. C. **Exercício e saúde: Como prevenir de doenças usando o exercício como seu medicamento**. São Paulo: Editora Manole, 1999.

PEREIRA, Flávio M. **Dialética da Cultura Física**. São Paulo: Ícone, 1988.

PHILIPPI, S. T. **Nutrição e Técnica Dietética**. São Paulo: Editora Manole, 2003.

SIEDENTOP, Daryl. Valuing the Physical Active Life: Contemporar yand Future Directions. **QUEST**. v. 48, n. 3, p. 266-274, 1996.

SONATI, J. G.; VILARTA, R.; AFFONSO, C. de V. Nutrição e o ciclo da vida: fases escolar, adolescência, idade adulta e no envelhecimento. *In*: VILARTA, Roberto *et al.* **alimentação saudável e atividade física para a qualidade de vida**. Campinas, IPES EDITORIAL, p. 47-59, 2007.

STEINHARDT, Mary A.; STUECK, Patrícia M. Aptidão Pessoal. **Revista Aptidão Física e Saúde**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 16-28, 1988.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

O Perfil dos professores brasileiros. São Paulo: Moderna, 2004. 220p.v. 1, n. 2, p. 16-28, 1988.

A DANÇA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS DA SEDE DO MUNICÍPIO DE RORAINÓPOLIS

DANCE AS A TEACHING TOOL IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN THE SCHOOLS OF THE HEADQUARTERS OF THE MUNICIPALITY OF RORAINOPOLIS

Iranilza Fabrício Viana¹
Adilan Parintins Ribeiro²
Luciana Leandro Silva³

RESUMO

O presente artigo aborda a dança como uma ferramenta essencial nas aulas de educação Física. Destaca-se a importância do desenvolvimento das aulas de dança em sala de aula pelo professor, pois ela proporciona o desenvolvimento integral do aluno. A dança fornece expressividade corporal e melhora o desenvolvimento cognitivo e motor dos alunos, sendo, portanto, de suma importância sua aplicabilidade no contexto da sala de aula. Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma análise sobre a aplicabilidade da modalidade dança nas aulas de educação física das escolas de nível fundamental e médio, localizadas na sede do município de Rorainópolis. O procedimento técnico utilizado para a realização desta pesquisa foi a pesquisa de campo, de cunho qualitativo, sendo utilizado como instrumento de pesquisa um questionário contendo cinco perguntas aplicadas nas escolas da Sede do Município de Rorainópolis. Foi verificado que a dança é uma importante atividade para as aulas de educação física, sendo um conteúdo essencial no contexto da prática das aulas, trazendo vários benefícios para o desenvolvimento dos alunos, além de promover momentos de interatividade na escola, entretanto a pesquisa demonstrou baixa adesão por parte dos docentes para essa atividade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento. Atividade. Interatividade.

ABSTRACT

This article discusses dance as an essential tool in physical education classes. We highlight the importance of the development of classroom dance classes by the teacher, as it provides the integral development of the student. Dance provides body expressiveness and enhances students' cognitive and motor development, so its

1 Pós-Graduado em Docência em Educação Física Escolar-IFRR/2019. E-mail: ira.ilzaviana@hotmail.com.

2 Pós-Graduado em Docência em Educação Física Escolar-IFRR/2019. E-mail: adilanribeiro@hotmail.com.

3 Professora Coorientadora Ma. Em Ensino de Ciências – Univates/2013. E-mail: lukaed45@gmail.com.

applicability in the classroom context is of paramount importance. This research aimed to perform an analysis on the applicability of dance in physical education classes of elementary and high schools, located in the city of Rorainópolis. The technical procedure used to carry out this research was the qualitative field research, being used as a research instrument a questionnaire containing 5 questions applied to the schools of Rorainópolis. It was found that dance is an important activity for physical education classes, being an essential content in the context of classroom practice, bringing several benefits to the development of students, besides promoting moments of interactivity in school, however the research showed low teachers' adherence to this school activity.

KEYWORDS: Development. Activity. Interactivity.

INTRODUÇÃO

A dança é uma forma de expressão oral e linguagem corporal e antes mesmo da linguagem oral o ser humano já manifestava sua expressão gestual, era uma forma de comunicação entre os povos antigos, fazia parte de todos os acontecimentos (MARBÁ; SILVA; GUIMARÃES, 2016).

Garaudy (1980, p. 9) define dança como “uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração” e desde a antiguidade os povos utilizavam a dança como forma de agradecimento, rituais em datas festivas e comemorativas. O homem primitivo já utilizava a dança como expressão de alegria ou até mesmo em funerais, em acontecimentos importantes existia a presença de manifestação corporal do ser humano (GARIBA; FRANZONI, 2007).

De acordo com Verderi (2009, p. 5), “O homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza”. O homem dançava para tudo que tinha significado, sempre em forma de ritual. Os povos egípcios utilizavam a dança como manifestações religiosas, recreações e festas (MARBÁ; SILVA; GUIMARÃES, 2016).

No Brasil a dança sempre foi uma expressão cultural muito forte e de acordo com Queiroz (2017, p. 27) “As danças no Brasil que mais recebem destaque são: Samba, Baião, quadrilha, bumba-meu-boi, xaxado, frevo, xote”. Muitas dessas danças sofreram mudanças com o passar dos anos, mas ainda preservam sua essência. “A dança evoluiu muito e, até hoje, sofre modificações, levando ao indivíduo que a pratica, sensação de bem-estar ao passo que se sente renovado” (MARBÁ; SILVA; GUIMARÃES, 2016, p. 9).

Os benefícios da dança são valorizados desde os tempos mais remotos, a qual sempre proporcionou emoção e diversão.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (PCNs) do Ensino Fundamental abordam a dança como uma manifestação cultural, presente no nosso cotidiano, que nos proporciona habilidades motoras (BRASIL, 1997). Eles abordam a dança em sala de aula como uma atividade rítmica e expressiva. O Brasil é muito rico por suas diversidades culturais, tudo isso possibilita ao professor uma grande variedade de recursos para a promoção da aprendizagem em sala de aula. Conforme Brasil (1997, p. 34) “No Brasil existe uma riqueza muito grande dessas manifestações. Danças trazidas pelos africanos na colonização, danças relativas aos mais diversos rituais”.

A dança é indispensável nas aulas de educação física, pois oportuniza inúmeros benefícios aos educandos, como: Fortalecimento muscular, coordenação, ritmo, entre outros benefícios, além de contribuir para que os estudantes descubram e desenvolvam suas potencialidades corporais e também mentais. Ela é uma atividade física, a qual a maioria dos alunos considera prazerosa e é capaz de aumentar a autoestima deles, e é de suma importância que os professores abordem a dança nas suas aulas, ela tem o poder de despertar até mesmo o senso crítico dos seus praticantes (GARIBA; FRANZONI, 2007).

Contudo é por meio da dança, sendo esta uma atividade física bem divertida de ser praticada, que muitos podem viver e alcançar uma determinada idade com saúde e muita disposição (MARBÁ; SILVA; GUIMARÃES, 2016). A prática ajuda na perda peso, sendo uma atividade que proporciona alegria e bem-estar para os seus praticantes. Sua implantação nas escolas não deve ser com o desejo de formar bailarinos, mas sim proporcionar aos estudantes o contato com o movimento possibilitando a oportunidade de que sejam criativos (SILVA *et al.*, 2012). É necessário que a dança seja implantada e praticada no contexto escolar, de maneira contextualizada, pois contribui no desenvolvimento do ser humano de forma integral.

É importante que o professor de educação física utilize a dança em suas atividades no ambiente escolar, pois esta necessita ser implantada nas aulas, não somente como uma atividade de recreação, mas com o intuito de proporcionar aos alunos o equilíbrio psíquico em todas as manifestações que poderão ser propostas por meio do conteúdo. A dança explora os potenciais do corpo humano e os movimentos que são oferecidos por intermédio

dela, favorecem o desenvolvimento motor e a concentração dos praticantes, além de gerar conhecimento. A dança ainda sofre muitos preconceitos, inseri-la nas aulas de Educação Física ainda é um grande desafio (ARAÚJO *et al.*, 2015).

A dança pode ser uma ferramenta importante para proporcionar aulas mais atraentes para os alunos e além disso, por ser uma manifestação cultural e corporal pode contribuir para a disseminação de novas práticas pedagógicas, pois o educando passa a conhecer melhor o seu corpo (ARAÚJO *et al.*, 2015).

O presente artigo teve como objetivo realizar uma análise sobre a aplicabilidade da modalidade dança nas aulas de educação física das escolas de nível fundamental e médio, localizadas na sede do município de Rorainópolis.

Mediante a importância de se trabalhar a dança nas aulas de Educação Física visando proporcionar aulas mais atrativas, bem como proporcionar a melhoria do desenvolvimento dos aspectos motor e cognitivo dos educandos, faz-se necessário um estudo científico para compreender a realidade das aulas de Educação Física na sede do município de Rorainópolis, com intuito de possibilitar, por meio deste estudo, conhecimento para que possamos enquanto profissionais de Educação Física, contribuir para uma formação integral dos nossos alunos.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa nos utilizamos da abordagem de natureza qualitativa, por meio da pesquisa de campo com caráter descritivo. Em relação aos estudos realizados no campo da educação, Triviños afirma que a maioria:

[...] é de natureza descritiva, pois o foco reside na vontade de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, problemas, escolas, professores, educação, preparação para o trabalho, valores, problemas do analfabetismo, desnutrição, reformas curriculares, métodos de ensino, mercado ocupacional, problemas dos adolescentes, dentre outros (TRIVIÑOS, 1987, p. 111).

Foi utilizada a pesquisa bibliográfica para aprofundar os conhecimentos teóricos a respeito dos objetivos propostos para a realização desta pesquisa, pois ela é feita de materiais já publicados em artigos científicos, dissertações, livros, entre outros. (PRODANOV; FREITAS, 2013). Esse tipo de pesquisa foi de suma importância, para conhecermos melhor o tema em questão.

O universo deste estudo foi composto pelos professores de Educação Física atuantes nas escolas da sede do município de Rorainópolis, totalizando nove (9) professores pertencentes as seguintes escolas: Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Joselma Lima de Souza, Escola Estadual Pe. Eugênio Possamai, Escola Estadual José de Alencar, Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Ordalha Araújo de Lima, Escola Municipal de Educação de Ensino Fundamental Hildemar Pereira de Figueredo e Escola Militarizada Professora Antonia Tavares da Silva, totalizando seis (6) escolas pertencentes a sede do referido município.

Como instrumento foi aplicado um questionário, contendo cinco (5) perguntas fechadas, para todos os professores de Educação Física pertencentes as escolas da sede do município de Rorainópolis que ofertam o ensino fundamental e médio, sendo este tipo de técnica essencial para a coleta de dados dos pesquisadores, pois na análise e interpretação dos dados buscamos comparar e confrontar os dados da pesquisa, com outros artigos que abordam a mesma temática (MARCONI; LAKATOS, 2003).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Foi observado que dos nove (9) professores que responderam ao questionário seis (6) são do sexo masculino e três (3) são do sexo feminino. Além disso, a maioria formou-se em Educação Física há pelo menos quatro (4) anos. Dos entrevistados seis (6) possuem Pós-Graduação e apenas um (1) deles verticalizou na própria área de atuação, que é a Educação Física. De acordo com o resultado da pesquisa, os dados foram trabalhados em gráficos com uma estatística de percentual simples.

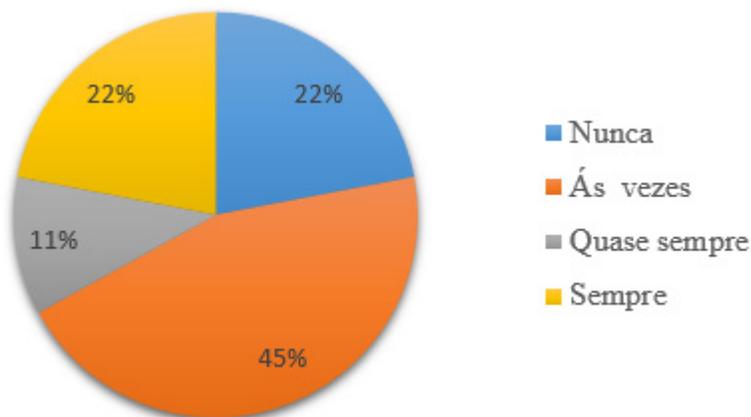


Figura 1 - A utilização da dança dentro do contexto das aulas de Educação Física. Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo a figura 1, das opções relacionadas, 22% responderam que “nunca” utilizam a dança em suas aulas de Educação Física. 45% dos professores responderam que “às vezes” a utilizavam. Dos professores participantes, 11% responderam que “quase sempre” utilizam a dança em suas aulas de Educação Física e 22% responderam que “sempre”.

Podemos analisar pelas respostas que ainda existem professores que não utilizam a dança em suas aulas. Conforme Gariba e Franzoni (2007), a dança é uma atividade completa para as aulas de Educação Física, ela promove e proporciona o desenvolvimento integral do aluno.

É necessário que os professores valorizem a dança como um conteúdo repleto de vantagens e qualidades, pois:

[...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres.

[...] verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/ para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade (PEREIRA, 2008, p. 43).

Na figura 2 podemos observar os percentuais referentes à forma que a dança é utilizada no contexto escolar por meio da disciplina de Educação Física.

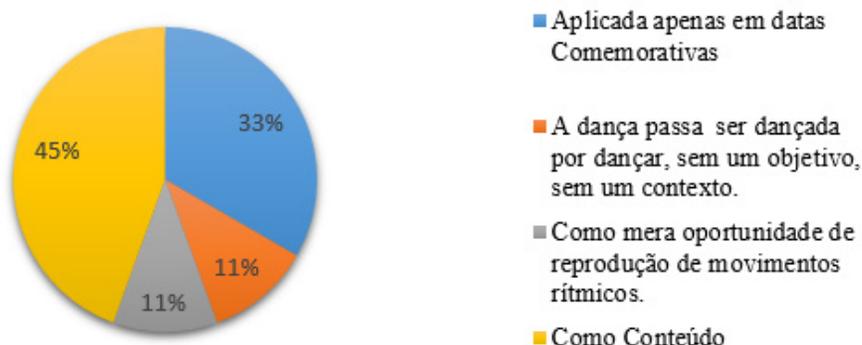


Figura 2 - A modalidade dança no contexto escolar de ensino.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Das opções relacionadas na figura 2, 33% responderam que a dança é “Aplicada apenas em datas comemorativas”, 11% dos professores responderam que “A dança passa a ser dançada por dançar”, 11% responderam que a modalidade dança no contexto escolar de ensino é utilizada apenas “como mera oportunidade de reprodução de movimentos rítmicos” e 45% responderam que esta é ofertada no contexto escolar como “Conteúdo”.

Diante das respostas constatamos que uma grande parte dos professores ainda utiliza a dança apenas como um conteúdo, enquanto um total de 33% utiliza apenas em datas comemorativas. Conforme Silva *et al.* (2012) a dança é vista apenas como um conteúdo obrigatório, não sendo vista nem utilizada como um conteúdo fundamental, sendo sua prática o conhecimento da expressão corporal e seu potencial, como podemos observar claramente nas respostas.

De acordo com Marques (1997, p. 21) “a escola é um lugar privilegiado para se aprender dança com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade, para que isto aconteça e, enquanto ela existir a dança não poderá mais continuar sendo sinônimo de festinhas de fim de ano”.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Vivenciar a dança na Arte e na Educação Física é não relegá-la a festas comemorativas e comemorações, ou a imitação de modelos da mídia; é, sobretudo, promover novas possibilidades expressivas, contribuindo para atender um discurso presente na própria dança que frequentemente é ignorado no contexto escolar (BRASIL, 1998, p. 7).

De acordo com Vargas (2003, p. 13) a atividade da dança na escola “[...] engloba a sensibilização e conscientização dos alunos tanto para suas posturas, atitudes, gestos e ações cotidianas como para as necessidades de expressar, comunicar, criar, compartilhar e interatuar na sociedade”.

Percebe-se que a dança na escola é negligenciada, sendo às vezes mascarada pelas datas comemorativas, apresentando-se por meio de ensaios no cotidiano escolar, nas proximidades das comemorações.

Nas aulas de Educação Física a dança é uma área pouco utilizada de acordo com Rangel:

É certo que a pouca utilização desta atividade em propostas escolares, pode ser um reflexo de sua situação nos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura), da visão que os graduandos têm a respeito da dança e, conseqüentemente (sic), do enfoque que a mesma tem recebido, além da falta da licenciatura em cursos superiores de dança (RANGEL, 2002, p. 61).

A dança é um meio de educação, pois auxilia o desenvolvimento do aluno, tornando mais fácil a sua aprendizagem, possibilitando assim, a construção do conhecimento. Não se pode negar essa importante ligação da dança com a educação, pois:

[...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres [...]. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/ para

o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade (PEREIRA, 2001, p. 61).

Existem situações que o professor se sente despreparado para utilizar a dança e suas múltiplas expressões em sala de aula, não busca se atualizar, nem mesmo mudar sua prática.

Os professores precisam perceber que é necessário a valorização e aplicação do conteúdo dança nas aulas de Educação Física pois:

Para que esses objetivos sejam alcançados em aulas de dança na escola, o conteúdo desenvolvido deve caracterizar-se por uma lógica didática com relação a seus objetivos, à organização dos conteúdos, à escolha metodológica, aos procedimentos a serem tomados. Sobretudo, todas essas decisões devem ser tomadas sob uma concepção de educação e, portanto, de Educação Física, para que efetivamente o professor venha a escolher o caminho correto para a consecução dos seus objetivos educacionais (PEREIRA *et al.*, 2001, p. 60).

Cunha (1992, p. 13) ressalta sobre a importância do processo de escolarização da dança pois “acreditamos que somente a escola, através do emprego de um trabalho consciente de dança, terá condições de fazer emergir e formar um indivíduo com conhecimento de suas verdadeiras possibilidades corporal expressiva”.

Podemos verificar na figura3 os principais motivos da não utilização da dança, por alguns professores de Educação Física, como conteúdo nas suas respectivas aulas:

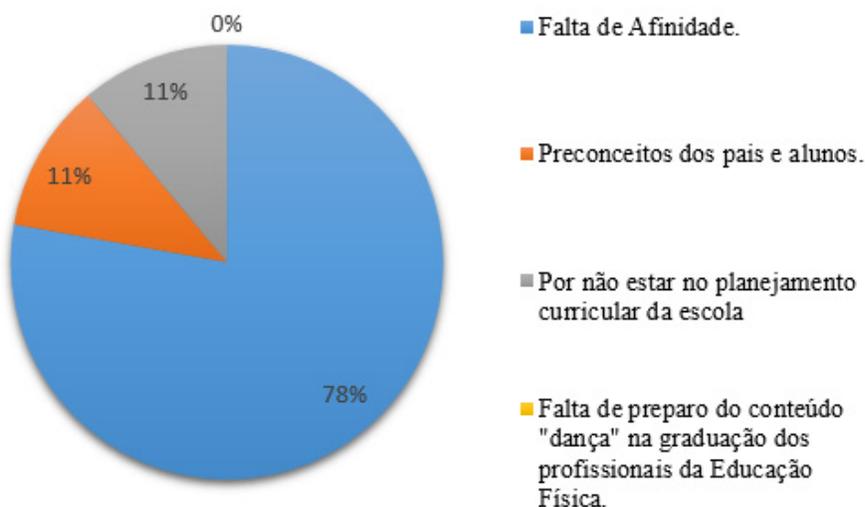


Figura 3 - Motivos da não utilização da dança nas aulas de Educação Física.
 Fonte: Elaborado pelos autores.

Das opções relacionadas na figura 78% responderam que é por “falta de afinidade”, enquanto 11% dos professores responderam que é por “preconceito dos pais e alunos”, e 11 % respondeu que é “por não estar no planejamento curricular da escola”.

Observamos nas respostas que a maioria dos professores participantes da pesquisa marcaram que não possuem afinidade com o conteúdo dança. Isso demonstra a falta de preparo destes, que por motivos diversos não utilizam a dança em suas aulas, mesmo sabendo que sua aplicação é obrigatória, estando a disciplina de Educação Física relacionada com a corporeidade (SILVA *et al.*, 2012).

Podemos visualizar a dança nas casas, nas ruas, na vida das pessoas. Cabe ao profissional de Educação física buscar conhecimentos na área da dança, pois esta é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender (SANTOS; FIGUEIREDO, 2003).

Para Marques (1999, p. 54), “O ensino universitário nessa área não vem sendo capaz de suprir as demandas do mercado, deixando em aberto as suas responsabilidades”. Corroborando com o autor, Rangel (2002) também faz referência à dança como área pouco utilizada na Educação Física.

A dança é essencial nas aulas de Educação Física, não a utilizar é privar os estudantes de um desenvolvimento primordial como ser humano.

4 nos mostra a realidade sobre a atuação em uma ou mais escolas da sede do município de Rorainópolis, na qual fizeram parte da realização da pesquisa, pelos professores de Educação Física.

Observamos que a maioria dos professores trabalha em uma única escola, na qual ministram suas aulas de Educação Física, dessa forma percebemos que não há uma sobrecarga referente ao deslocamento destes para atuarem em mais de uma escola.

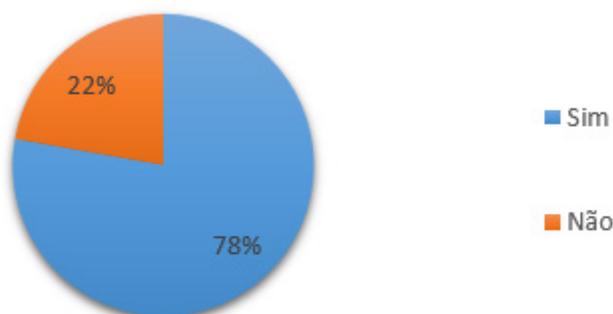


Figura 4 - Atuação docente nas escolas do Município.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Verifica-se que os professores que responderam que atuam em apenas uma instituição de ensino, correspondendo a resposta “sim” equivale a 78% dos participantes da pesquisa e apenas 22% responderam que trabalham em mais de uma escola. Cabe ao educador uma reflexão sobre o seu planejamento e execução das suas aulas de Educação Física, pois estas devem prever a oferta da dança como um conteúdo transformador e não apenas reprodutor (GARIBA; FRANZONI, 2007).

Sobre a aplicabilidade da dança como atividade motora a ser desenvolvida enquanto atuação docente, perguntamos aos professores participantes se tiveram essas aulas na Graduação. Todos os nove (9) professores responderam “sim”. Como vimos todos afirmaram que tiveram o conteúdo dança em sua Graduação, mas apesar da vivência no ensino superior a maioria, por não ter afinidade, possui dificuldade em ministrar este conteúdo, de forma plena, em suas aulas.

Para Ferreira (2005, p. 59), “a aprendizagem dos movimentos complexos da dança e de outros esportes faz com que cresçam mais conexões entre neurônio, aprimorando a memória; assim ficamos mais aptos a processar informações e aprender”.

Conforme Verderi (2000):

Por meio das atividades da dança evolui no domínio do seu corpo, desenvolvendo e melhorando suas possibilidades de movimentação, descobrindo novos espaços, formas, superação de suas limitações e condições para enfrentar novos desafios em relação aos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos (VERDERI, 2000, p. 35).

De acordo com Gariba e Franzoni (2007, p. 11) a dança é uma “[...] linguagem que deve ser ensinada, aprendida e vivenciada, na medida em que favorece o desenvolvimento de vertentes cognitivas, éticas e estéticas [...]”. A dança possui inúmeros benefícios físicos e intelectuais, não devendo ser praticada de maneira restrita, mas abrangendo todos os alunos no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que a dança é uma importante atividade para as aulas de educação física e além disso, é um conteúdo essencial e dever ser valorizada por parte de toda a equipe escolar. Observamos que ela traz vários benefícios para o desenvolvimento dos alunos, além de promover momentos de interatividade na escola. As aulas de Educação Física são muito ricas e proporcionam muitas oportunidades para o aluno no crescimento e florescimento de suas múltiplas expressões. A dança é de extrema importância nas aulas de Educação Física, e não oportunizar a sua prática é negar ao aluno o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e motoras.

Entretanto, existem professores que não se identificam com a dança e isso prejudica sua utilização em sala de aula, apesar de muitos terem estudado o conteúdo dança na sua Graduação, a maioria não se sente segura ou preparada para o desenvolvimento do referido conteúdo por meio das suas

aulas. De acordo com a pesquisa, a maioria dos professores informaram que não possuíam afinidade com a dança, o que deixa bem evidente a falta de preparo dos referidos profissionais.

A aplicação da dança como conteúdo nas aulas de educação física ainda é acompanhada de muitas barreiras, a principal delas é o preconceito, pois verifica-se que muitos pais enxergam a dança como algo inútil e sem objetivo.

Apesar de uma parte dos docentes afirmarem não possuir afinidade com a dança, sendo esta realidade uma barreira que conseqüentemente vem dificultar a proposta de um ensino eficiente e inovador para que ocorra, de maneira eficaz a aprendizagem dos alunos pertencentes ao contexto escolar pesquisado, vale lembrar que sua aplicabilidade em sala de aula não é formar alunos bailarinos profissionais, mas sim proporcionar ao aprendiz o desenvolvimento cognitivo e motor que a dança fornece.

Portanto, faz-se necessário que o professor de Educação Física tenha uma visão inovadora sobre a dança, com isso, melhorando a qualidade de vida dos seus alunos e promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes. A dança promove saúde, ela é fundamental nas aulas de Educação Física, sendo de extrema importância sua valorização pelos professores e ela não deve ser lembrada apenas em datas festivas na sala de aula, mas ser utilizada como uma importante ferramenta de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Leila Aparecida de. *et al.* A importância do conteúdo dança no contexto da Educação Física. **Revista Digital EFDeportes**, n. 203, 2015. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd203/conteudo-danca-da-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 16 maio. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, M. **Aprenda dançando, dance aprendendo**. 2. ed. Porto Alegre: Luzatto, p. 11-13, 1992.

FERREIRA, Vanja. **Dança escolar: um novo ritmo para a Educação Física**. Sprint. Rio de Janeiro: 2005.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GARIBA, Chames Maria; FRANZONI, Ana. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, ago. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115314280008.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

MARBÁ, Romulo Falcão; SILVA, Geusiane Soares da; Thamara Barbosa, GUIMARÃES. **Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida**. Araguaína. n. 1, maio de 2016. Disponível em: https://assets.itpac.br/arquivos/Revista/77/Artigo_3.pdf. Acesso em: 15 maio. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, I. Dançando na escola. **Revista Motriz**, Unesp: Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 20-28, 1999.

MOREIRA, W. W. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. **Educação Física & Esportes**, perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1992.

PEREIRA, A; RIESGO, R. S.; WAGNER, M. B. Autismo infantil: tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil. **Jornal de Pediatria**, v. 84, n. 6, p. 487-494, 2008.

PEREIRA, S. R. C. *et al.* Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**. Porto Alegre, n. 25, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Fabian de. **Dança e ensino de Educação Física: as concepções da escola acerca da dança como conteúdo curricular**. Dissertação (Mestrado em administração escolar), 2017. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8255/Fabian%20Queiroz%20-%20tese%20FORMATADA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 maio. 2019.

RANGEL, N. B. C. **Dança, educação, educação física: proposta de ensino da dança e o universo da educação física**. Jundiaí: Fontoura. p. 61, 2002.

SANTOS, Josiane Tavares dos; LUCAREVSKI, Juliana Araújo; SILVA, Moreira da. **Dança na escola: Benefícios e contribuições na fase pré-escolar.** Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0046.pdf>. Acesso em: 15 maio. 2019.

SILVA, Monique Costa de Carvalho e. *et al.* A importância da dança nas aulas de Educação física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/3310>. Acesso em: 15 maio. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, L. A. A dança na escola. **Revista Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 9-13, jan./jun. 2003.

VERDERI, E.B. **Dança na escola.** 2. ed. Sprint. Rio de Janeiro. 2000.

VERDERI, EB. **Dança na escola: uma abordagem pedagógica.** São Paulo: Phorte, 2009.

A DANÇA DO PARIXARA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

PARIXARA DANCE AND VALUING INDIGENOUS CULTURE: AN EXPERIENCE IN PHYSICAL EDUCATION

Wilkinson do Nascimento de Oliveira ¹

Eliene de Moraes ²

Beatriz Staimbach Albino³

RESUMO

Dentre as danças indígenas, a mais conhecida e difundida na região Norte é a dança do parixara. Este artigo tem como objetivo refletir sobre uma intervenção pedagógica para ensino dessa dança nas aulas de educação física, para crianças do 1º ano de uma escola municipal de Boa Vista/RR. Foi realizada pesquisa participante, em parceria com a professora de educação geral, de artes e uma associação artística da região. As atividades foram aplicadas e registradas em diário de campo pelos professores-pesquisadores. A partir da reflexão sobre o processo pedagógico, destaca-se: a) a importância da interdisciplinaridade para ensino de aspectos culturais, étnicos e sociais; b) a centralidade da imersão corporal das crianças e de concomitante educação estética, no que se sobressai o reconhecimento da cultura indígena em seu cotidiano; c) o indício de apropriação cultural pelo uso da saia pelos meninos; d) e a necessidade da formação ampliada do professor, para abordar aspectos culturais indígenas, e não somente a técnica da dança do parixara.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física escolar. Cultura corporal. Dança do parixara. Macuxi.

ABSTRACT

Among the indigenous dances, the most known and widespread in the North region is the parixara dance. This article aims to reflect on a pedagogical intervention for teaching this dance in physical education classes, for 1st grade children of a municipal school in Boa Vista (RR). Participating research was conducted in partnership with the teacher of general education, arts and an artistic association of the region. The activities were applied and recorded in a field diary by the research

1 Especialista em Docência em Educação Física Escolar/IFRR. E-mail: wilkinson.oliveira@hotmail.com;

2 Especialista em Docência em Educação Física Escolar/IFRR. E-mail: prof.elienedemorais@gmail.com;

3 Doutora em Ciências Humanas/UFSC e professora do CA/UFSC. E-mail: beatriz.albino@ufsc.br.

teachers. From the reflection on the pedagogical process, the following stand out: a) the importance of interdisciplinarity for teaching cultural, ethnic and social aspects; b) the centrality of children's body immersion and concomitant aesthetic education, in which the recognition of indigenous culture in their daily life stands out; c) evidence of cultural appropriation by the use of the skirt by the boys; d) and the need for expanded teacher education to address indigenous cultural aspects, not just the technique of parixara dance.

KEYWORDS: School physical education. Body culture. Dance of the parixara. Macuxi.

INTRODUÇÃO

O ensino da cultura indígena encontra desde 2008, com a Lei 11.645/2008, um lugar dentre os conteúdos escolares. Uma proposição que se mostra essencial visto que, apesar da cultura indígena estar inserida no cotidiano dos brasileiros, como nos mostra Pedro Paulo Funari e Ana Piñon (2011), sua presença não é reconhecida. Assim, se é verdade que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 2008, p. 4), para que permaneça tendo sentido para um povo, essa tessitura deve ser uma ação contínua, uma construção de gerações que, ao reconhecer seus próprios costumes, poderá valorizá-los.

A Educação Física tem como um de seus desafios pedagógicos a abordagem de temas que sejam socialmente relevantes (SOARES *et al.*, 1992; BRACHT, 1999), no que a cultura indígena se insere, visto o lugar de vulnerabilidade que os primeiros habitantes do Brasil há séculos ocupam. Trabalhar seus hábitos e práticas corporais como conteúdo das aulas é uma possível forma de contribuir para o conhecimento e valorização das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte (BRASIL, 1997).

O presente artigo é resultado de uma autorreflexão como docentes, em que se fez a tentativa de criar estratégias de ensino para a dança indígena em uma turma do 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Boa Vista, a qual contempla em sua proposta de conteúdos as danças comunitárias e regionais – seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

Descreve-se aqui o resultado de uma intervenção pedagógica de ensino da dança do parixara e de aspectos culturais da etnia Macuxi. Foram realizadas aulas expositivas e práticas, vídeos, contação de histórias, brincadeiras, teatro, confecção de materiais, e apresentação e ensino da dança do parixara. Apesar da diversidade de comunidades indígenas roraimenses, optou-se por elementos culturais da etnia Macuxi e a dança do parixara, por se tratar do ritmo indígena mais difundido em Roraima, especialmente depois do movimento cultural Roraimeira, que menciona a dança e cita vocabulário indígena em várias de suas músicas (SANTOS; FIOROTTI, 2015).

Nas páginas a seguir é apresentada a metodologia da pesquisa, o campo de intervenção e alguns aspectos relacionados à etnia Macuxi. Na sequência, são relatadas as principais estratégias empregadas durante a intervenção pedagógica e os desafios da prática. Nas considerações finais, retoma-se as principais reflexões sobre a intervenção realizada, apontando-se para a importância do conhecimento de aspectos da cultura indígena, do trabalho interdisciplinar e da apreciação e reconhecimento da presença indígena na vida cotidiana das crianças.

ASPECTOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A intervenção pedagógica iniciou em março, contabilizando um total de dez aulas, e tendo como objetivo desenvolver a dança do parixara na perspectiva da cultura corporal, dando a conhecer a cultura do povo indígena da região.

A dança do parixara é típica do povo Macuxi, o qual chegou na região do hoje estado de Roraima trazendo sua cultura na forma material e imaterial: artesanatos, comidas, danças, costumes. Tradicionalmente vivem nas regiões de serras, como os municípios de Alto Alegre, Bonfim, Normandia e Pacaraima (MANDULÃO *et al.*, 2012), mas habitam também a capital Boa Vista, onde sofrem muitos preconceitos.

Sobre a dança propriamente dita, esta é realizada em grupo e executada em círculo, no qual se intercalam um homem e uma mulher com os braços entrelaçados e os cotovelos flexionados. Na movimentação circular, arrastam o pé direito para frente e para trás, enquanto o pé esquerdo faz a marcação para cima e para baixo, sendo direcionados pelo som da música específica do parixara, acompanhada do chocalho ou tambor. Todos se vestem com uma

saia produzidas com palhas retiradas dos buritis que, além de estar na confecção dessa vestimenta usada em festividades, também é serve para produção de artesanatos e cobertura das casas (BRAGA; BETHONICO, 2018).

Essa intervenção pedagógica ocorreu em uma escola municipal localizada na zona Oeste da cidade de Boa Vista, região com grande vulnerabilidade social e baixo nível econômico. A instituição conta com dezesseis salas de aula, sala de professores, secretaria, sala para coordenação pedagógica, sala da gestão, cozinha, banheiros, sala de recursos multifuncional, refeitório, sala para Artes, sala para Educação Física, mini quadra e playground.

As aulas foram desenvolvidas predominantemente na educação física, em turma do 1º ano do ensino fundamental, tendo ação conjunta com disciplina de artes e a professora regente. Houve aulas ditas teóricas, nas quais foram usadas imagens, vídeos, músicas, contação de histórias, e outras aulas mais práticas, com desenhos, confecção da saia, brincadeiras e dança. Além de notebook, mesa digital e celular, também foram utilizados dois fantoches, já conhecidos dos alunos, já utilizados pela professora regente do ano anterior.

A interdisciplinaridade com Artes se deu na confecção de uma saia para a dança do parixara, utilizando folhas de papel como material de confecção. Outra parceria se deu com uma Associação Artística que já desenvolve trabalho de contação de histórias sobre ancestralidades na cidade de Boa Vista, e que interveio encenando uma lenda indígena para as crianças.

A pesquisa aqui apresentada caracteriza-se como participante, na qual os professores-pesquisadores ministraram e registraram as suas próprias ações. Segundo Kauark *et al.* (2010), pesquisa participante se caracteriza por desenvolver-se a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. No presente caso, um dos professores realizou a aula enquanto o outro observava e registrava, sendo as anotações complementadas ao término da aula por aquele que a ministrava. Foram utilizados diários de campo para as anotações textuais e registros fotográficos.

REPRESENTAÇÕES SOBRE OS INDÍGENAS E FORMAS DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA MACUXI

A primeira aula foi em uma sala utilizada pelos professores de educação física para atividades diversas como guardar materiais, realizar exame

biométrico e fazer jogos, mas que até o momento os estudantes ainda não haviam frequentado. O objetivo da aula foi diagnosticar o conhecimento a respeito dos índios Macuxi, e sobre os indígenas de modo geral. Assim, foram feitas cinco perguntas às crianças: O que são índios? Onde eles moram? O que são Macuxi? O que eles fazem?

A representação imagética das crianças sobre os indígenas era de que usam faixa na cabeça com uma pena acoplada, possuem rosto pintado, e folha para cobrir o corpo (as genitais). Sobre seus hábitos, foram descritos como pessoas que vivem na mata e usam arco e flecha para caça de animais da floresta.

Pela descrição sobre a aparência dos indígenas, identificou-se que ela é imaginariamente muito semelhante à dos indígenas norte-americanos, uma descrição apresentada principalmente pela grande mídia, observando-se um desconhecimento da imagem do índio brasileiro. Romper com essa perspectiva que já se mostra presente em tão tenra idade, parece uma tarefa necessária quando se objetiva a valorização e reconhecimento dos indígenas como pertencente ao povo brasileiro.

Para ampliar as representações das crianças sobre os indígenas, foi utilizada a dinâmica de contação de história, como já explicitado anteriormente. Dois bonecos de fantoche tornaram o processo mais atrativo para os pequenos. Ao longo da história foi abordado o modo de vida dos indígenas, relacionando com a proteção ao meio ambiente, uma vez que se os índios caçam e pescam, seus alimentos têm que ser preservados, algo feito pelos próprios indígenas.

Após a contação de história as perguntas iniciais foram retomadas. Percebeu-se uma mudança nas respostas, especialmente a respeito da compreensão sobre os Macuxis. Se no início imaginaram que tal nome se referia a uma fruta – quiçá pela sonoridade da palavra –, nesse segundo momento todos gritaram que Macuxi são índios. Apesar desse reconhecimento, não se observou a compreensão, dentre a maioria das crianças, de que os indígenas podem viver na cidade, exceto por um aluno. Todos os demais expressaram verbalmente que os índios vivem na floresta, algo que trouxe certo desconforto para os professores-pesquisadores, visto que se tentou explicitar que os indígenas também habitam os centros urbanos. É possível que uma contradição tenha se estabelecido, uma vez que na história contada valorizou-se a relação dos indígenas com a natureza. Entende-se que esta é uma problemática que ainda necessita ser melhor trabalhada, em outras

oportunidades e com novas estratégias, pois entende-se que o reconhecimento da presença do indígena na cidade é um caminho possível para o próprio fortalecimento da identidade cultural roraimense.

Na aula seguinte, ainda com a estratégia da contação de história com fantoches, foram apresentados aspectos da cultura dos Macuxi, em especial uma história conhecida na comunidade de Raposa do Sol: uma lenda sobre a origem dessa comunidade, que possui grande número destes indígenas, os quais convivem pacificamente com Saparás, Taurepangs, Arekunas e Wapichanas (RAPOSO, 2009).



Figura 1 - Apresentação de aspectos da cultura Macuxi.

Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

Durante a mesma aula foi apresentado para os alunos a escrita e significado de algumas palavras em Macuxi que estavam relacionadas à lenda contada: *Insikiran* e *Ani'ke*, que são os nomes de dois irmãos, personagens da história; *maikan*, que significa raposa; e *yekîn*, que quer dizer animal de estimação. Logo após a contação, foi realizada a brincadeira da galinha e da raposa, na qual uma criança fica a frente (galinha), as demais no fundo da quadra de pé (pintinhos), e uma outra fica escondida (raposa), ao lado

e entre a galinha e os pintinhos. A galinha dá alguns comandos e os pintinhos respondem que não querem, quando a galinha oferece milho (alimento muito frequente na dieta alimentar indígena), os pintinhos dizem sim e saem correndo em direção à galinha, e então a raposa vai tentar pegá-los. Aqueles pegos pela raposa irão ajudá-la a pegar os demais. Encerrada a brincadeira e de volta para a sala de aula, já com a professora regente, foram retomadas as palavras e seus significados, em que as crianças fizeram a escrita em seus cadernos, a bem de seguirem se familiarizando com a língua desse povo indígena.

Durante a aula de artes, os alunos tiveram a oportunidade de confeccionar uma saia a partir de folhas de papel, como material alternativo ao buriti, explicando sua origem, quando então imagens foram apresentadas às crianças. Os alunos reconhecerem prontamente a palha da palmeira do buriti utilizada para a sua confecção, em virtude dessas árvores estarem presentes em grande quantidade na cidade, em especial em uma praça localizada próxima à escola. Um aluno comentou que sua mãe produzia “dindim” de buriti para vender. Tais associações são exemplos de como é possível relacionar aspectos da vida cotidiana com a cultura indígena, algo feito pelos próprios alunos a partir dos estímulos oferecidos.

Na confecção das saias houve a participação de todos os alunos, inclusive dos meninos que tiveram grande aceitação da proposta, sem preconceito em manipular um item do vestuário feminino. Tal fato é um indicativo de uma possível aceitação da cultura dos povos indígenas, pois o vídeo apresenta tanto mulheres como homens usando a saia durante a apresentação da dança do parixara.

Na aula que se seguiu, dedicada ao tema de artesanato, com exposição de imagens, no que foi retomado o tema do uso do buriti pelos indígenas, as crianças tiveram oportunidade de desenhar. Instigados a fazer produções que retratassem o que eles consideravam importante sobre o povo Macuxi, foi quase unânime a presença de árvores, o que aponta para o reconhecimento da palmeira do buriti como elemento natural importante para esta etnia.



Figura 2 - Produção de desenhos relacionados a cultura Macuxi.

Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

A partir do que foi relatado é possível afirmar que foram dados alguns passos no sentido de valorizar a cultura indígena e, especialmente, de fazer reconhecer sua proximidade da vida cotidiana das crianças.

BRINCANDO DE PARIXARA

As aulas foram planejadas para que os alunos aprendessem e participassem das atividades por meio de brincadeiras e contação de histórias, sendo sempre priorizada a ludicidade para o ensino dos aspectos culturais. Essa mesma proposta seguiu quando foram introduzidas a música, a produção artesanal do povo Macuxi e a dança do parixara.

Os fantoches foram inseridos como recurso pedagógico, como já relatado, para tornar as aulas mais lúdicas, fazendo uso de uma linguagem que fosse parte do modo próprio das crianças estarem no mundo. Para além do brinquedo em si, a narrativa é uma forma artesanal de produção de conhecimento, que remete a períodos em que ele era transmitido de forma oral,

levando o ouvinte a uma imersão com todos os sentidos do corpo em um mundo imaginário (BENJAMIN, 1994).

Além da narração, outro elemento que remete a uma educação estética é a música, parte central da dança. O parixara é dançado com músicas das etnias Wapichana e Macuxi, sendo nesta intervenção pedagógica utilizada apenas músicas deste último povo. A música foi considerada não somente uma forma de tornar as aulas mais divertidas, mas igualmente uma via de educação dos sentidos, ao serem os alunos instigados a identificarem o som de um instrumento que eles já tinham conhecimento: o chocalho – brinquedo produzido com sucata no ano anterior, quando frequentavam a educação infantil. Para reconhecer o som do instrumento em meio a outros, é necessária uma escuta atenta, contemplativa.

Durante a intervenção, após o reconhecimento do instrumento na música, os alunos foram convidados a trazer para a aula seguinte chocalhos produzidos em casa. Foram trazidos três modelos diferentes: um com pedras dentro de garrafa pet pequena; outro com dois copos descartáveis juntos, com pedras dentro dos copos lacrados com fita isolante; e um terceiro com pedras dentro de uma lata de refrigerante. Os chocalhos foram utilizados pelas crianças durante a dança do parixara e depois devolvidos.

Vale ressaltar aqui o apreço das crianças por todo o tipo de resto, de materiais por vezes rejeitados pelos adultos que, em suas mãos, se transformam em brinquedos. Como escreve Benjamin (2011, p. 18):

As crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. [...] Com isso as crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas.

Em sala, durante a intervenção, também houve um momento de produção com materiais, quando juntamente com a professora de artes foram feitas as saias a serem utilizadas na dança, como já mencionado anteriormente.

Sobre a inserção da dança, que é objeto principal desta intervenção pedagógica, esta se deu com a exposição de um vídeo em que indígenas

executavam a dança do parixara. As crianças apreciaram de modo atento ao vídeo, demonstrando interesse. Na sequência foram questionados: qual é o nome da dança realizada no vídeo? E a saia utilizada na execução da dança era feita com que material?

Para introduzir a dança propriamente dita foi feito uso de uma brincadeira popular, de roda, em que, com as mãos dadas, as crianças movimentavam-se em círculo cantando a música “Pingue, pingue, pongue, pé de carapixo, joga a(o) fulana(o) na lata do lixo”. Brincando, assim, acabaram por executar um dos principais passos da dança do parixara. A partir da música que eles conheciam na brincadeira de roda, inseriu-se uma música indígena (usada na dança do parixara), já apresentada para eles em uma das aulas anteriores. Para que não se perdesse o elo entre as ações, se manteve o mesmo processo e estrutura, porém estando os alunos agora com os braços entrelaçados. Ouviam então a música do parixara e, em um período de tempo estipulado por eles, falavam apenas a frase final da música (joga o fulano na lata de lixo). Assim seguiu até que a roda se desfizesse e a brincadeira se encerrasse.

Outro recurso utilizado foi a contação de história com um ator de teatro. Utilizando como recurso apenas a expressão corporal, o artista conseguiu manter a atenção dos alunos com seu modo dinâmico de se movimentar. Mesmo sem nenhuma vestimenta ou sem se utilizar de recursos que não fosse a expressão corporal e a voz, levou os alunos em uma imersão sensitiva na história, o que era percebido pelos olhares atentos. Quando em uma das intervenções os alunos tiveram que citar os bichos que vivem na floresta, houve uma grande participação, igualmente quando o contador propôs movimentações com os braços, imitando a retirada do cipó e a tessitura de uma escada.

DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A abordagem da dança do parixara com crianças tão pequenas encontrou alguns desafios. Um deles foi o desconhecimento pelas crianças da existência dos povos indígenas Macuxi, para quem lhes pareceu ser uma fruta, no que se observa que nem mesmo o nome da etnia faz parte do acervo cultural dos infantes desta pesquisa. Os indígenas parecem ser figuras invisíveis na cidade de Boa Vista, apesar de sua massiva presen-

ça no contexto urbano e pelo seu aspecto pioneiro, ancestral, enquanto primeiros habitantes locais e elemento integrador com a cultura da Venezuela e das Guianas.

Outros desafios fizeram parte deste percurso de ensino, como a relação com as diferentes técnicas e tecnologias utilizadas. Se por um lado houve dificuldades com o uso da mesa digital no momento de apresentação de um vídeo com a dança, no outro extremo o manuseio dos fantoches também exigiu conhecimentos e desenvolvimento de habilidades pouco praticadas pelos pesquisadores. Em ambos os casos, o objetivo era enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, sendo que no segundo a ênfase recaía sobre o estímulo da imaginação das crianças, do incremento do aspecto lúdico do processo de ensino. Para que isso se concretizasse foi necessária uma implicação corporal, um “fazer-se-fantoches”, transformando-se o professor/pesquisador em uma extensão do brinquedo infantil, dando-lhe vida. Brincavam as crianças e, em certa medida, brincava também o professor, em um envolvimento nem sempre comum e também não isento de certo constrangimento inicial e de dificuldade no manuseio.

Assim como a fantasia tomava conta de alguns momentos das aulas, em outros observou-se uma competição exacerbada entre as pequenas crianças. Comumente em atividades de escrita e desenhos feitas individualmente, elas disputavam sobre quem iria terminar primeiro. Quando em grupo, porém, tal competição não se fez notar.

Um dos maiores desafios, contudo, foi a não aceitação dos conteúdos desenvolvidos em sala como pertencentes às aulas de educação física. Apesar de nos parâmetros curriculares da disciplina no município constar a dança dentre os conteúdos, já nas séries iniciais, como foi o caso em questão, percebe-se que as crianças estão condicionadas, mesmo tão pequenas, a uma prática da educação física por meio de atividades “práticas”. Como é sabido, tradicionalmente a educação física é um componente curricular que ocupa um lugar secundário na escola, tendo uma função, muitas vezes, associada à recreação, não sendo comum o pensamento, a aprendizagem de conteúdos que exigem e fomentem a reflexão (VAZ, 2002). A educação física, como já relatado em outras experiências, é considerada como momento de não aula (ALBINO; ZEISER; VAZ, 2008).

Como estratégia utilizada para contornar parcialmente essa situação, foram realizadas ações coordenadas, já descritas anteriormente neste texto,

com a professora regente de sala e a professora de artes. No primeiro caso foi dado prosseguimento ao conhecimento de palavras em Macuxi e no segundo caso deu-se a confecção das saias da dança do parixara com os alunos na sala de aula. Tais estratégias, de ação conjunta, foram formas de contornar a dificuldade de abordar temas diferenciados nas aulas de educação física.

Ao final da intervenção percebeu-se, a partir de questionamentos feitos, que uma parte dos alunos não reconhecia nem mesmo a prática da dança como aula de educação física. Um dado importante sobre essa avaliação foi a existência de um recorte de gênero em tal interpretação, pois as meninas reconheciam as aulas como tais, enquanto os meninos não. Apesar disso, em nenhum momento eles se negaram a fazer as atividades, pelo contrário, todas as vezes que foram solicitados, tomaram a iniciativa para executar aquilo que pedia o professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio a que estes professores-pesquisadores se lançaram, de abordar um tema socialmente relevante como as práticas corporais indígenas enquanto parte do conteúdo das aulas de educação física, bem como elaborar conceitualmente essa experiência na forma textual, permitiu uma ampliação dos fazeres e saberes docentes em direção a uma perspectiva de ensino que aspira à mudança social.

O ensino da dança do parixara por meio de um trabalho interdisciplinar com a educação geral e com artes, foi essencial para o ensino da dança indígena para além do mero saber-fazer os movimentos, sendo possível o professor de educação física atuar como um mediador, auxiliar na construção dos saberes étnicos, sociais e culturais de seus alunos, fomentando uma visão reflexiva, questionadora. Entende-se que se instigou os educandos a posicionarem-se diante dos conteúdos estudados de forma ativa, integrados e envolvidos em seus contextos, tecendo suas opiniões em virtude da identidade cultural que é, aos poucos, construída. Considere-se aqui o desafio de caminhar nessa direção já com crianças pequenas, de 1º ano do ensino fundamental.

Para cumprir tal objetivo apostou-se nesta intervenção pedagógica, de modo especial, no reconhecimento de aspectos comuns da vida dos indígenas e dos alunos, como no caso da presença do buriti em seu cotidiano.

Fez-se uso da apresentação de aspectos culturais e históricos dos povos indígenas como parte da identidade roraimense, por meio de contação de histórias, brincadeiras e trabalhos artísticos. A imersão corporal das crianças via audição, movimento, tato, imaginação, contemplação, narração, são recursos essenciais para o ensino das crianças pequenas e são meios profícuos para educar os sentidos e desenvolver um senso estético que reconhece a cultura indígena como próxima, concomitantemente aprendendo a apreciá-la e a valorizá-la.

Como dado relevante da intervenção, enquanto aspecto significativo da apropriação cultural durante trabalho pedagógico, está a aceitação dos meninos da confecção de vestimenta considerada como tipicamente feminina, mas que entre os indígenas é usada por ambos os sexos em ocasiões de festividade.

Como principais considerações dessa vivência teórica, prática e reflexiva, destaca-se a constatação de que o ensino da dança ainda se apresenta como um desafio para ser reconhecida como conteúdo da educação física escolar por parte dos alunos nos anos iniciais. Há ainda as dificuldades encontradas pelos próprios professores, em lidar com esse conteúdo tão importante quanto os jogos, a ginástica, as lutas e os esportes. Ampliar o conhecimento acerca das identidades indígenas na contemporaneidade, por exemplo, sua presença no ambiente urbano e a interculturalidade, se mostrou fundamental.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Beatriz Staimbach; ZEISER, Cristiane Camila; BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Acerca da violência por meio do futebol no ensino de Educação Física: retratos de uma prática e seus dilemas. *Pensar a Prática*. v. 11, p. 60-69, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, Obras Escolhidas, v. 2, 2011.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, ano 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRAGA, Mirian Gabriela Gregório; BETHONICO, Maria Bárbara de Magalhães. Uso da palha de buriti: manejo, preservação e tradição do povo Macuxi da comunidade indígena. Campo Alegre – Roraima. *Revista Percursos*, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 177-205, jan./abr. 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, p. 3-24, 2008.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique; **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MANDULÃO, Giovana; MANDULÃO, Joicilene; HOEFEL, Maria da Graça Luderitz; HAMANN, Edgar Merchan; SEVERO, Denise Osório; SANTOS, Silvéria Maria dos. Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando os povos Macuxi e Wapixana de Roraima, Brasil. *Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva*, Brasília, p. 63-70, 2012.

MELO, Luciana Marinho de. **Fluxos Culturais e os Povos da Cidade: Entre os Macuxi e Wapichana de Boa Vista – Roraima**. 2002. 156 f.. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2002.

RAPOSO, Celino Alexandre. **Escola, língua e identidade cultural: comunidade makuxi raposa I**. 2009. 122 f.. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

SANTOS, Jucicleide Pereira Mendonça dos; FIOROTTI, Devair Antônio. Os cantos indígenas Macuxi e Taurepang: possibilidades. *Revista Philologus*, Ano 21, n. 63, Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 1650-1661, set./dez. 2015.

SOARES, Carmen Lúcia. *et al.* **Metodologia do Ensino da Educação Física**. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1992.

VAZ, Alexandre Fernandez. Aspectos, contradições e mal-entendidos da educação do corpo e a infância. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 13, n. 19, p. 7-11, 2002.

ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE DE ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM BOA VISTA/RR

PHYSICAL EDUCATION'S PERFORMANCE IN PROMOTING SCHOOL HEALTH PROMOTION IN BOA VISTA / RR

Yakira Tavares de Oliveira¹

Iva Gregório de Oliveira²

Luciana Leandro Silva³

Simone Lopes de Almeida⁴

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar como o professor de Educação Física atua na promoção da saúde dos escolares matriculados no ensino fundamental de 6º ao 9º ano em algumas escolas estaduais do município de Boa vista/Roraima. Para este estudo, foi utilizada uma pesquisa de campo, descritiva, de abordagem qualitativa, com aplicação de uma entrevista, e posteriormente, procedeu-se a análise dos dados coletados. A entrevista realizada foi composta por dez perguntas abertas e fechadas que abordaram sobre a estrutura dos locais de realização da pesquisa, bem como a atuação do docente de Educação Física na promoção da saúde dos escolares. Considera-se este estudo relevante, pois além de servir de base para outras pesquisas na área da promoção da saúde, verificou-se que o professor tem um papel de suma importância na promoção da saúde dos estudantes, especialmente no incentivo da prática de atividades físicas habituais, podendo contribuir para uma boa qualidade de vida desses profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Professor. Educação Física. Promoção da Saúde.

ABSTRACT

This research aimed to identify how the Physical Education teacher works to promote the health of students enrolled in elementary school from 6th to 9th grade in some state schools in the municipality of Boa vista / Roraima. For this study, a field research was used, descriptive, with a qualitative approach, with the application of

1 Pós-Graduada em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima/2019. E-mail: yakira@hotmail.com.

2 Pós-Graduada em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima/2019. E-mail: ivagregorio@hotmail.com.

3 Professora Coorientadora Ma. em Ensino de Ciências pela Univates/2013. E-mail: lukaed45@gmail.com.

4 Professora Orientadora Ma. em Ciências da Saúde, pela UFRR/2011. E-mail: simone.lopes@ufrr.br.

an interview, and subsequently, the analysis of the collected data was carried out. The interview was composed of ten open and closed questions that addressed the structure of the places where the research was carried out, as well as the role of the Physical Education teacher in promoting the health of students. This study is considered relevant, because in addition to serving as a basis for other research in the area of health promotion, it was found that the teacher has an extremely important role in promoting the health of students, especially in encouraging the practice of physical activities and can contribute to a good quality of life for them.

KEYWORDS: Teacher. Physical Education. Health Promotion.

INTRODUÇÃO

A Educação física é entendida como uma área de conhecimento que possibilita aos estudantes integração entre as práticas do cotidiano e um pensamento crítico que as envolvam, permitindo assim, hábitos que geram benefícios para a qualidade de vida dos escolares (BALAN *et al.*, 2012).

Enquanto ciência da saúde, a Educação Física apresenta uma crescente identificação e afirmação social, já que passa por influência de paradigmas e modelos médicos formados para indicação de saúde/doença, combate/intervenção e promoção da saúde desenvolvida para o aumento da vitalidade humana, mesmo que superficialmente e sem a devida afirmação teórica (LUZ, 2007).

A visão ampliada da saúde que a relaciona ao conjunto de diversos fatores como os sociais, os econômicos, os ambientais e os políticos, entre outros, é o que determina as condições de saúde e de qualidade de vida dos sujeitos, nos seus diferentes contextos, introduzindo o referencial da promoção da saúde no plano teórico e como prática inovadora de repensar as ações de saúde (SILVA, 2008).

Promover saúde é uma estratégia complexa que implica a compreensão da relação do homem ou das populações com sua história, seus padrões de desenvolvimento, suas relações com o mundo, com seu ambiente socio-cultural, com suas necessidades, direitos e condições de vida (MORETTI *et al.*, 2010).

O interesse pela pesquisa surgiu a partir dos estudos relacionados as disciplinas da Graduação e da Pós-Graduação, referentes ao tema em questão, pois sabe-se que a saúde e a qualidade de vida das pessoas tem sido o

foco de muitas pesquisas realizadas em prol da saúde populacional. Com intuito investigar sobre a contribuição do professor de Educação Física na atuação e/ou na promoção da saúde aos escolares de 6º ao 9º ano de algumas Instituições de Ensino localizadas no município de Boa Vista, traçamos o seguinte questionamento: Como se dá a atuação do professor de educação física na promoção da saúde dos escolares?

O público-alvo da pesquisa foi composto pelos professores de Educação Física de sete (7) escolas de Boa Vista/Roraima, que atendem alunos de 6º ao 9º ano. Foi realizada uma entrevista composta por dez (10) perguntas fechadas e abertas. Foram abordados aspectos gerais das escolas, como estrutura e aspectos específicos, como o professor de educação física e a atuação deste na promoção da saúde dos escolares.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ASPECTOS HISTÓRICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A notícia mais antiga que aconteceu em terras brasileiras sobre a Educação Física aconteceu em 1500 quando em uma de suas cartas, Pero Vaz de Caminha relatava que indígenas estavam dançando, saltando, gritando e se alegrando ao som de uma gaita tocada por um português (RAMOS, 1982).

Sabemos que as atividades físicas realizadas pelos indígenas na época do Brasil Colônia estavam extremamente relacionadas aos aspectos da cultura indígena primitiva. Possui como características elementos naturais como brincadeiras, caça, pesca, nado e locomoção (GUTIERREZ, 1972).

Ainda no período colonial, posterior aos relatos de Caminha, surge a capoeira nas senzalas, sobretudo no Rio de Janeiro e na Bahia, que era uma atividade ríspida, criativa e rítmica praticada pelos escravos (RAMOS, 1982). Somente, na época do Brasil Império, surge o primeiro tratado, elaborado por Joaquim Antônio Serpa em 1823. Esse tratado entendia a educação moral como coadjuvante da Educação Física (GUTIERREZ, 1972).

De acordo com Metzner (2013):

Após a guerra civil o esporte surge como algo extremamente necessário, com a exigência do sacrifício indi-

vidualizado e disciplinado, objetivando uma causa comum, seguindo regras tidas como puritanas que tinha se inserido profundamente nas práticas esportivas daquela época estando em declínio no século XX tanto a lógica racional quanto a própria ordem moral que antes predominava (METZNER, 2013, p. 99).

A Educação Física possui um século e meio de história no ocidente moderno e transmite uma tradição e um saber fazer, lançando suas bases com finalidades no corpo e para o corpo, transcendendo esses limites para uma produção totalizadora no ser humano (METZNER, 2013).

A Educação Física foi sendo substituída pelo espírito de competir e vencer por meio do esporte, a vontade passou a ser maior que no passado e não só por isso, mas na busca pelo prazer e satisfação pessoal, na qual o indivíduo passou a cuidar do seu bem-estar, mesmo que criticado pelos puritanos da época.

Em 1880, Rui Barbosa deu seu parecer sobre o projeto 224 – Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública, no qual defendeu a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação dos professores de ginástica aos das outras disciplinas. Destacou-se a ideia de que um corpo saudável para sustentar a vida intelectual era extremamente importante e necessário para o ser humano da época (CARVALHO, 1942).

A iniciação esportiva, a partir do ensino fundamental, tornou-se um dos eixos fundamentais de ensino; buscava-se a descoberta de novos talentos que pudessem participar de competições internacionais, representando a pátria.

De acordo com Lima (2015):

Nesse período, o chamado ‘modelo piramidal’ norteou as diretrizes políticas para a Educação Física: a Educação Física escolar, a melhoria da aptidão física da população urbana e o empreendimento da iniciativa privada na organização desportiva para a comunidade comporiam o desporto de massa que se desenvolveria, tornando-se um desporto de elite, com a seleção de indivíduos aptos para competir dentro e fora do país (2015, p. 250).

A nossa Base Nacional Curricular Comum – BNCC, aprovada recentemente em 2019, define que Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história.

Com base em Lima (2015):

As relações entre Educação Física e sociedade passaram a ser discutidas: questionou-se seu papel e sua dimensão política, ocorreu então uma mudança de enfoque tanto no que dizia respeito à natureza da área, quanto no que se referiam aos seus objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos de ensino de ensino e aprendizagem. Ampliou-se a visão de uma área biológica, reavaliou-se, enfatizaram as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas. Além de abarcar objetivos educacionais mais amplos (LIMA, 2015, p. 251).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, de acordo com Metzner (2013, p. 19), “representam um grande avanço para a área de Educação Física, pois diferentemente das outras disciplinas, a Educação Física nunca teve material didático específico, como livro, para a organização e acompanhamento dos conteúdos”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental apontam que o trabalho de Educação Física, nesse nível de ensino é muito importante, pois possibilita aos alunos desenvolverem habilidades corporais e de participar de atividades envolvendo, como jogos, esportes, lutas, ginástica e dança (METZNER, 2013).

O profissional de Educação Física atua como responsável pela coordenação, planejamento, programação, supervisão, direção, organização, avaliação e execução de trabalhos, programações, realização de treinamentos especializados, além da participação em equipes multidisciplinares e interdisciplinares, informações técnicas e científicas e pedagógicas nas áreas de atividades corporais e do desporto.

A atuação do profissional de Educação Física é importantíssima, pois ele é responsável por coordenar, planejar, programar, supervisionar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos e programas; realizar treinamentos especializados; participar de equipes multi e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos na área de atividades físicas e do desporto (TAVARES, 2012).

Conforme o artigo 26 da LDBEN/9496, o profissional de Educação Física tem o papel de suma importância para a sociedade, tanto que essa disciplina se tornou obrigatória na Educação Básica na qual os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigidas pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL,1996).

A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica (Lei nº 10.793, de 1º.12.2003) cabendo às escolas a oferta da educação física aos escolares por um profissional qualificado, sendo aqui um professor Licenciado em Educação Física para atuar na Educação Básica deve se aprofundar nos conhecimentos teóricos e práticos, conteúdos, técnicas, habilidades e procedimentos, processos pedagógicos e metodológicos da Educação Física Escolar, considerando o processo ensino e aprendizagem nos diferentes níveis da Educação Básica (CONFEEF, 2014).

A RELAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PROMOÇÃO DA SAÚDE INDIVIDUAL E COLETIVA

Conforme a Resolução do Conselho Federal de Educação Física (CONFEEF, 2014), a Especialidade Profissional em Educação Física é definida como um ramo/competência específica dentro dessa profissão que objetiva aprofundar e/ou aprimorar conhecimentos, técnicas e habilidades, além de agregar conteúdos específicos da prática vivenciada em um determinado tipo de intervenção.

Segundo o Confef (2014), tem havido várias mudanças quanto à atuação desse profissional, principalmente atuando em conjunto com as equipes

de Saúde da Família e fazendo parte nas equipes do Núcleo de Apoio a Saúde da Família (Nasf). Visando melhorar a condição de vida dos brasileiros, muitos médicos assumiram função higienista e buscaram modificar os hábitos de saúde e higiene da população. Dessa forma, de acordo com Lima (2015, p. 247) “a Educação física passou a favorecer a educação do corpo, objetivando a constituição de um físico saudável e organicamente equilibrado”.

A Educação Física escolar é entendida como um campo de ação que possibilita aos professores uma interação entre as práticas do cotidiano e um pensamento crítico que as envolvem, permitindo que o aluno adote um estilo ativo que gera benefícios e qualidade de vida (BALAN *et al.*, 2012). Camliguney, Mengutay e Pehliva (2012) observam a sua importância no que se refere a qualidade a atividade física, sendo a educação física considerada como principal caminho para a criação de novos hábitos associados a melhoria e manutenção da qualidade de vida dos jovens.

A promoção da saúde é o processo de capacitação da comunidade para atuação na melhoria da qualidade de vida e da saúde, levando a um maior controle e participação desse processo. A saúde é um conceito positivo que focaliza nos recursos pessoais e sociais, assim como as capacidades físicas, não sendo responsabilidade exclusiva do setor da saúde, mas de um estilo saudável de vida e um bem-estar global (CARTA DE OTAWA, 1986).

A promoção da saúde pode ser vista como um conjunto de medidas fundamentais na prática regular de atividades físicas com o intuito de beneficiar a saúde do indivíduo (NAHAS, 2013). Lima (2015, p. 78) enfatiza que a “saúde deve estar vinculada a capacidade de contemplar a vida e de resistir aos desafios diários, e não somente a ausência de doenças”.

A promoção da saúde não é simples cuidados com a saúde, pois as ações conjuntas contribuem para assegurar bens e serviços mais seguros e saudáveis, serviços públicos saudáveis e ambientes mais limpos e desfrutáveis. A política de promoção da saúde requer a identificação e a remoção de obstáculos para a adoção de políticas públicas saudáveis nos setores que não estão diretamente ligados à saúde. O objetivo maior deve ser indicar aos dirigentes e políticos que as escolhas saudáveis são as mais fáceis de realizar. (CARTA DE OTAWA, 1986).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como um completo estado de bem-estar físico, mental e social do indivíduo, e não meramente como ausência de doença como era vista antigamente. Portanto, a

saúde passa a ser um direito fundamental da pessoa humana, assegurado sem distinção de religião, ideologia política ou condição socioeconômica. Ela passa a ser um valor coletivo, um bem de todos, devendo cada um usufruir individualmente e de forma solidária, sem prejuízo de outrem.

A saúde coletiva pode ser definida como uma nova forma de resposta social organizada aos problemas de saúde, orientada pelo conceito positivo de saúde e pelo paradigma da produção social da saúde e que deve atuar sobre os nós críticos dos problemas, baseado em um saber interdisciplinar em um fazer Inter setorial (SILVA *et al.*, 2008). As estratégias da saúde coletiva resultam da combinação de três grandes tipos de ações: a promoção da saúde, a prevenção das enfermidades e dos acidentes e a atenção curativa (VILELA; MENDES, 2003).

Os campos da promoção e prevenção da saúde vêm avançando a cada dia, tornando-se o centro das atenções na área da saúde, tanto no setor público como no privado (SILVA *et al.*, 2008). A Carta de Jacarta, de 1997, emitida durante a “IV Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde”, reconheceu a promoção e a prevenção da saúde como elementos essenciais para o desenvolvimento dessa área (ALCANTARA, 2004; CONFEE, 2005). Além disso, a promoção da saúde é observada como uma importante estratégia da saúde coletiva, a qual se contrapõe à medicalização da sociedade em geral e no interior do próprio sistema de saúde (BOGUS, 2002).

No que tange ao papel da Educação Física escolar na promoção da saúde, o seu principal objetivo “é de oferecer uma fundamentação teórica e prática que oportunize os escolares quanto à sua importância sistematizada de atividades físicas para a saúde não somente na idade escolar, mas também na fase adulta” (SEVERINO, 2014, p. 78). Além disso, “acreditamos que a educação física pode contribuir auxiliando no controle e prevenção do aumento do sobrepeso e obesidade de crianças e jovens inserida no contexto atual” (SEVERINO, 2014, p. 79).

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, de abordagem quanti-qualitativa. Para Fonseca (2002), a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica

e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante etc.).

Para Oliveira (2008), investigadores que tomam o ambiente de educação como objeto de pesquisa, entendendo que nesse lugar o processo das relações humanas é dinâmico, interativo e interpretativo, devem construir seu arcabouço metodológico alicerçado pelas técnicas qualitativas.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas com dez professores de Educação Física de 6º ao 9º ano das Escolas Estaduais: Maria das Neves Rezende, Antônio Carlos Natalino, Francisca Euzika de Souza Coelho, Presidente Tancredo Neves, Barão de Parima, São José e Jaceguai Reis Cunha, todas localizadas em diferentes pontos da capital Boa Vista.

As escolas em questão foram visitadas para verificar se realmente havia um profissional Licenciado em Educação Física para seguir com a pesquisa. Mas antes disso, foram realizadas conversas com os gestores e coordenadores das escolas para que autorizassem a entrevista.

O roteiro de entrevista foi composto por dez questões que foram aplicadas a dez professores de Educação Física das escolas de Boa Vista/Roraima citadas anteriormente, sendo três no período da noite e os sete no período da manhã e tarde, para saber como se dá atuação dos docentes de Educação Física na promoção da saúde dos escolares.

A análise das entrevistas deu-se consoante à proposta de Bardin (2010), que define como um conjunto de técnicas de análise de comunicação que faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo do roteiro aplicado. As informações foram coletadas e tabuladas utilizando a planilha do Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos pessoais e sociais, bem como as capacidades físicas (CARTA DE OTTAWA, 1986). Em se tratando de promoção da saúde, esta pode ser vista como um conjunto de medidas na prática regular de atividades físicas com o intuito de beneficiar a saúde do indivíduo (NAHAS, 2013).

Ao perguntar “O que é promoção da saúde?”, dos dez professores entrevistados (que equivale ao total de 100%), constatamos que 30% destes

responderam que promoção da saúde é proporcionar atividades físicas; 30% disseram que significa promover qualidade de vida e bem-estar; enquanto que 40% afirmaram que é proporcionar atividade física e alimentação adequada, prevalecendo sobre as respostas obtidas conforme como podemos verificar por meio da figura 1:

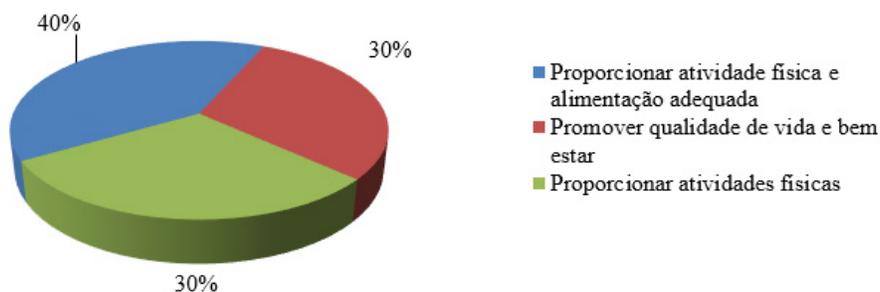


Figura 1 - O que é promoção da Saúde?

Fonte: As autoras.

Em se tratando de promoção da saúde, esta também pode ser vista como um conjunto de medidas fundamentadas na prática regular de atividades físicas com o intuito de beneficiar a saúde do indivíduo (NAHAS, 2013). Seguindo o estudo realizado por Araújo (2012), esta pode ser ordenada em dois eixos, sendo que o primeiro aponta as suas ações no sentido de prevenção de doenças, tendo como objetivo o seu impedimento por intermédio da transformação dos comportamentos por parte dos indivíduos.

A prática regular de atividade física destaca-se como uma medida interessante em programas da saúde coletiva, devido à sua forte relação com a prevenção de Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT) e à diminuição de suas complicações, além da melhoria da qualidade de vida mediante os diversos benefícios à saúde ocasionados pela adoção de um estilo de vida ativo (SILVA *et al.*, 2008).

Na pergunta, relacionada sobre de que forma a Educação Física escolar contribui com a Promoção da Saúde dos escolares, foi possível verificar que a iniciativa contribui na promoção da saúde nos seguintes aspectos, segundo os entrevistados: 30% proporcionando atividades físicas; 20% conscientizando sobre a prática de atividades físicas e qualidade de vida; 30% conscientizando sobre a importância da prática de atividades e alimentação

adequada; e, por último, 20% responderam que seria por meio da promoção de projetos que previnam doenças e palestras nas escolas, prevalecendo atividades físicas e conscientização da prática de atividades e alimentação adequada, conforme a figura 2:

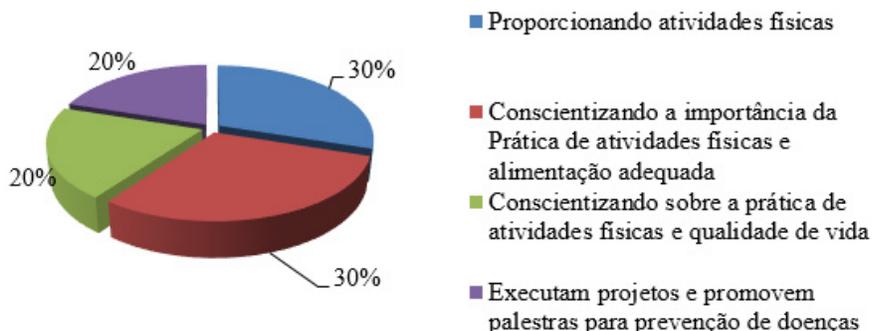


Figura 2 - De que forma a Educação Física Escolar contribui com a promoção da saúde dos escolares?

Fonte: As autoras.

O papel da Educação Física escolar na promoção da saúde tem como papel principal de oferecer uma fundamentação teórica e prática que oportunize aos alunos informações sobre a importância da prática sistematizada de atividades física (LAZZOLI *et al.*, 1998 apud SILVA, 2014). No que tange à distinção entre promoção e prevenção da saúde, a expressão ‘prevenir’ também pode ser compreendida como ‘preparar ou impedir que algo aconteça ou se realize (CZERESNIA, 2003 apud SEVERINO; SILVA, 2014).

Em relação as metodologias utilizadas com frequência para a promoção da saúde dos escolares, verificamos que 20% dos entrevistados responderam que utilizam atividades físicas como futebol e vôlei como metodologias, outros 20% disseram que aferem o índice de massa corporal dos escolares e pesquisas sobre doenças causadas pela obesidade, 10% utilizam palestras e executam projetos existentes na escola, prevalecendo 50% que utilizam vídeos, leituras e documentários e atividades práticas conforme a figura 3.

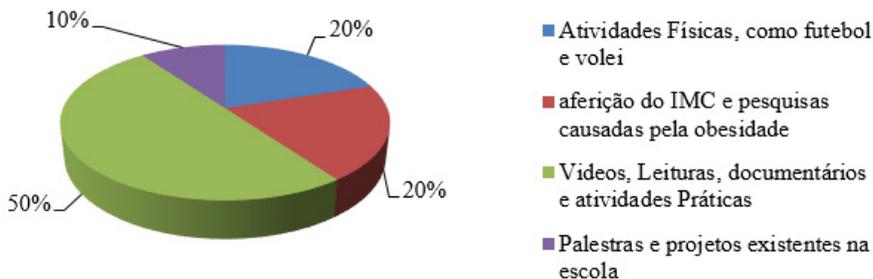


Figura 3 - Que metodologias você utiliza com frequência para a promoção da saúde dos escolares?

Fonte: As autoras.

A Educação Física escolar não deve ser limitada aos conteúdos relacionados aos esportes, mas também objetivar a conscientização por parte do aluno dos hábitos benéficos à saúde, além de proporcionar aos mesmos o prazer, a autoconfiança (SANTOS; CARVALHO; GARCIA JÚNIOR, 2007). Nesse sentido, o professor deve se aprofundar nos conhecimentos teóricos e práticos, conteúdos, técnicas, habilidades e procedimentos, processos pedagógicos e metodológicos da Educação Física Escolar, considerando o processo ensino e aprendizagem nos diferentes níveis da Educação Básica (CONFEE, 2014).

A atuação do profissional de Educação Física é importantíssima, pois ele é responsável por realizar treinamentos especializados; participar de equipes multi e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos na área de atividades físicas e do desporto (TAVARES, 2012).

Na pergunta “Como se dá a atuação do professor de Educação Física na Promoção da Saúde dos escolares?” verificamos que 20% dos entrevistados disseram que na sua atuação incentivam os alunos à prática de atividades físicas, 40% trabalhavam conscientizando sobre a atividade física para o indivíduo e outros 40% atuavam nas aulas de educação física com treinamentos desportivos, conforme a figura 4.

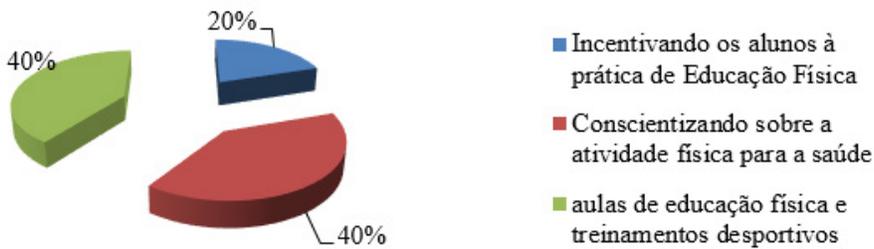


Figura 4 - Como se dá a atuação do professor de Educação Física na promoção da saúde dos escolares?

Fonte: As autoras.

A participação do profissional de Educação Física relaciona-se a programação e supervisão de atividades físicas, adequando-as às realidades locais e características específicas individuais (MARCUS *et al.*, 2000 apud SEVERINO, 2014). As aulas de educação podem ser consideradas e transformadas em momentos de alcance de metas que promovam a saúde, a partir da seleção, organização e desenvolvimento de experiências que propiciem situações em que os escolares sejam ativos fisicamente (DARIDO, 2005).

Observa-se que os hábitos adquiridos pelos indivíduos em idade escolar se manterão desde que sejam providos de algum significado. Esse significado deve estar associado, por exemplo, ao discernimento quanto à relevância do combate ao sedentarismo e, por consequência, à obesidade. Com o reduzido número de locais de fácil acesso à população de reduzido poder aquisitivo para a prática de atividades físicas concomitantes aos fatores de risco para o sedentarismo (LIMA, 2015).

Na pergunta “qual o principal problema de saúde relacionado ao estilo de vida dos escolares?” constatou-se que 30% dos entrevistados disseram que a alimentação inadequada e ausência de atividade física são problemas de saúde relacionados ao estilo de vida que o escolar levava. 20% responderam que é a desnutrição, prevalecendo com 50% obesidade, ansiedade, depressão e diabetes.



Figura 5 - Quais os principais problemas de saúde relacionados ao estilo de vida dos estudantes?

Fonte: As autoras.

No trabalho realizado por Leão *et al.* (2003), descreveu-se a prevalência de obesidade em uma amostra composta por 387 alunos com idade entre 5 e 10 anos, matriculados em escolas públicas e privadas, em que se obteve resultados que apontaram o percentual de 15,8% de dominância global de obesidade, sendo observada uma ocorrência maior na faixa etária entre 7 e 9 anos nas escolas privadas e 9 e 10 anos nas escolas públicas.

Leão (2003) confirma a nossa pesquisa, considerando que 50% dos professores afirmam que um dos principais problemas de saúde relacionado ao estilo de vida dos escolares é a obesidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, verificamos que o professor tem um papel de suma importância na promoção da saúde dos escolares, especialmente no incentivo da prática de atividades físicas habituais. Pois o papel do professor de Educação Física na instituição de ensino não deve ser limitado aos conteúdos do plano de aula, mas deve atingir a conscientização do escolar sobre a importância da inserção de atividades físicas no seu cotidiano para a qualidade de vida dos alunos.

Sendo assim, é de responsabilidade do docente de Educação Física usar meios que possam atrair o aluno para refletir, esclarecer e ter consciência do corpo e que viver sem atividades físicas pode trazer sérias consequências para a saúde. Cabem às autoridades competentes, facilitar o trabalho desses docentes, por meio de programas que ajudem a combater o sedentarismo nas escolas, pois sabe-se que a ausência de informações e ações relacionadas ao tema em questão pode trazer várias consequências negativas,

inclusive o aumento da aquisição de doenças devido à má alimentação e ausência de atividades físicas.

O estudo é relevante para servir de base para outras pesquisas na área de promoção da saúde, especialmente a saúde dos escolares, além de contribuir como fonte de pesquisa para outros acadêmicos, sendo necessários estudos mais aprofundados sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, F. C. **Estudo bibliográfico sobre o processo histórico de atuação do educador físico e da sua inserção na estratégia saúde da família do município de Sobral/CE.** Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Especialização com caráter de Residência em Saúde da Família, Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia – ESFVS da UVA, Ceará, 2004.

ARAÚJO, D. B. de. O professor de educação física e a inserção do Programa Saúde da Família em escolas: desafios e possibilidades (2012). **Rev. Dig. Lecturas: EF y Deportes**, ano 16 (n. 165). Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd165/a-insercao-do-programa-de-saude-da-familia.htm>. Acesso em: 4 jul. 2014.

BALAN, V., MARINESCU, G.; TICALA, L.; SHAAO, M. Physical education longlife learning factor. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, Amsterdã, v. 46, p. 1328-1332, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BÓGUS, C. M. A promoção da saúde e a pesquisa avaliativa. p. 49-53. In: VILLELA, W.; KALCKMANN, S.; PESSOTO, U. C. **Investigar para o SUS: construindo linhas de pesquisa**. Instituto de Saúde, São Paulo, 2002.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CAMLIGUNEY, A. F.; MENGUTAY, S.; PEHLIVAN, A. Differences in physical activity levels in 8-10 year-old girls who attend physical education classes only and those who also regularly perform extracurricular sports activities. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, Amsterdã, v. 46, p. 4708-4712, 2012.

CARVALHO, Carlos Leôncio de. Decreto 7.247 - Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império. In: BARBOSA, Rui. Reforma do Ensino Secundário e Superior. **Obras Completas**. v. 9, tomo I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1942. p. 273-303.

CARTA DE OTTAWA, **Primeira Conferência Internacional Sobre Promoção Da Saúde**. Ottawa, novembro de 1986. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf. Acesso em: 08 dez. 2019.

CONFEF - Conselho Federal de Educação Física. Carta Brasileira da Prevenção Integrada na Saúde. Fórum Nacional de Prevenção Integrada da Área de Saúde, Brasília, v. 5, n. 16, jun. 2005.

CONFEF - Conselho Federal de Educação Física. **Recomendações para a Educação Física Escolar**. Foz do Iguaçu: CONFEF; CREF's, 2014. Disponível em: http://www.listasconfef.org.br/arquivos/RECOMENDACOES_PA_RA_A_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR2.pdf. Acesso em: 12 abr. 2016.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GUTIERREZ, W. **História da Educação Física**. Porto Alegre: IPA. 1972.

LIMA, Rubens Rodrigues. **História da educação física: algumas Pontuações**, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/luciana-pc/Downloads/199-1334-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/luciana-pc/Downloads/199-1334-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 8 dez. 2019.

LEÃO, Leila S. C. de Souza *et al.* Prevalência de Obesidade em Escolares de Salvador, Bahia. **Ver. Arq. Bras. Endocrinol. Metab.** v. 47, n. 2. abr. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2940/1/a07v47n2.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2019.

LUZ, M. T. **Educação física e saúde coletiva: papel estratégico da área e possibilidades quanto ao ensino na graduação e integração na rede de serviços públicos de saúde**. Fraga, AB. 2007.

METZNER, Andreia Cristina. **Fundamentos da educação física escolar**. Batatais, SP Claretiano, 2013.

MORETTI, Andreyra Cristina *et al.* Intersetorialidade nas ações de promoção de Saúde realizadas pelas equipes de saúde bucal de Curitiba (PR).

Revista de Ciênc. e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro. v. 15, supl. 1, p. 1827-1834, jun. 2010.

NAHAS, M. V. **Atividade Física, saúde e qualidade de vida**. 6. ed. Londrina: Midiograf, 2013.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**. Alagoas. v. 4, p. 1-16. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Doenças crônico-degenerativas e obesidade: estratégia mundial sobre alimentação saudável, atividade física e saúde**. 2006.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: IBRASA, 1982.

SANTOS, A. L. CARVALHO; J. R. GARCIA JÚNIOR. **Obesidade infantil e uma proposta de Educação Física preventiva**. Motriz, Rio Claro, v. 13, n. 3, p. 203-213, jul./set. 2007.

SILVA, K. S.; NAHAS, M. V.; HOEFELMANN, L. P.; LOPES, A. D. S.; OLIVEIRA, E. S. D. Associações entre atividade física, índice de massa corporal e comportamentos sedentários em adolescentes. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 159-68, 2008.

SILVA, CS. **A inserção da saúde no projeto político pedagógico da escola**. MEC, Escola de Gestores. Brasília, DF 2008. Disponível em: http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8biblioteca/pdf/texto02_saude_na_escola.pdf. Acesso em: 25 jul. 2010.

TAVARES, A. N.; BRASIL, G. B.; PINTO, R. F. A importância do professor de Educação Física na Estratégia Saúde da Família (ESF). **Revista Digital**. Buenos Aires. Ano 16, n. 165. 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd165/professor-de-educacao-fisica-na-saude-da-familia.htm>.

VILELA, E. M.; MENDES, I. J. M. Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 4, p. 525-531, jul./ago. 2003.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO INSTRUMENTO NA PREVENÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AS AN INSTRUMENT FOR PREVENTION OF CHILD OBESITY

Elifas Neves da Silva¹
Ivanilde Ramos de Lima²
Luciana Leandro Silva³
Simone Lopes de Almeida⁴

RESUMO

A obesidade é um grande problema de saúde pública que acomete as pessoas no mundo. A presente pesquisa buscou, por meio de revisão bibliográfica, analisar como a prática da educação física escolar pode atuar como instrumento no processo de prevenção da obesidade infantil. A educação física escolar tem papel primordial no processo de mudança de hábitos das crianças, isso porque proporciona em suas aulas, atividades que possibilitem o contato com inúmeros benefícios, além do mais a escola pode unir forças com as famílias e possibilitar a mudança de hábito das crianças, promovendo saúde e qualidade de vida. Observa-se a importância de outros estudos que aprofundem a temática, de forma a apresentar à comunidade científica e sociedade geral, a importância da atuação do professor de educação física escolar na prevenção da obesidade infantil e promoção de saúde na escola, família e comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Obesidade infantil. Educação Física Escolar. Prevenção.

ABSTRACT

Obesity is a major public health issue that affects people all around the world. By using bibliographical review, this research tried to analyze how the practice of physical education in school can be used as an ally in the process of preventing childhood obesity, once it plays a key role in changing the habits of children through classes activities that enable them to have innumerable benefits. Furthermore, school can join forces with families and make it possible for children to change their habits by

1 Pós-Graduado em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima/IFRR, 2019. E-mail: elifas.en@gmail.com.

2 Pós-Graduado em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima/IFRR, 2019.

3 Professora Coorientadora Ma. em Ensino de Ciências pela Univates/2013. E-mail: lukaed45@gmail.com.

4 Professora Orientadora Ma. em Ciências da Saúde, pela UFRR/2011. E-mail: simone.lopes@ufrr.br.

promoting health and quality lifestyles. it is important others studies that deepen the theme, to demonstrate for scientific community and general society the central role of the school physical education teacher in the prevention of childhood obesity and in the promotion of health in school, family and community.

KEYWORDS: Childhood obesity. School Physical Education. Prevention.

INTRODUÇÃO

A obesidade é um problema de saúde pública devido a grande proporção que tomou, tendo em vista que, de acordo com o World Health Organization – WHO (2000) (em português OMS), existem no mundo mais de um bilhão de pessoas que se encontram em situação de sobrepeso, sendo que destas em torno de trezentos milhões são tidas como obesas. A obesidade se encontra presente em todas as classes sociais e atinge desde crianças até as pessoas adultas (WHO, 2000).

A obesidade é um problema que vem crescendo de forma descontrolada tanto na infância quanto na adolescência e atingindo todas as classes econômicas e regiões. Acredita-se que isso decorre da mudança no estilo de vida das pessoas, principalmente quando essas mudanças de relacionam aos hábitos alimentares e a falta de atividades físicas. Essas mudanças trazem reflexos negativos a todos, pois antes doenças que eram consideradas de “adultos” estão cada vez mais sendo diagnosticadas em crianças (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

No Brasil existe um crescimento acelerado de pessoas que estão em situação de sobrepeso ou obesas, o IBGE (2011) traz dados alarmantes de pessoas que se encontram acima do peso demonstrando um aumento significativo se comparados os anos a partir da década de 1970, quando os índices ficavam em torno de 2,3% e atualmente chegam a 35% da população com sobrepeso a obesa.

O presente trabalho discorre sobre a educação física como aliada no controle da obesidade infantil, que é definida como o excesso de gordura corporal em crianças, quadro que atualmente atinge um grande número de crianças em todos os lugares do mundo, inclusive devido a essa proporção a obesidade está sendo considerada uma epidemia e conseqüentemente um problema de saúde pública (REIS, 2009).

Por isso, existe uma preocupação em se reverter esse caso e proporcionar uma melhoria na qualidade de vida das pessoas, políticas públicas estão sendo implantadas de modo a contribuir para a redução da obesidade no mundo e no Brasil, portanto, observa-se que todos precisam se envolver nesse processo e a escola é uma das parceiras que podem e devem estar atuando juntamente com outros ramos da sociedade.

Para que se tenha êxito é necessário que haja mudança de hábitos que vão desde a inserção de uma dieta balanceada à prática de atividades físicas, seja em crianças e/ou adultos. A escola pode contribuir por meio das aulas que devem abordar essa temática, além da prática a ser realizada nas aulas de Educação Física que podem estar atuando de forma direta como aliada no controle da obesidade infantil.

É diante dessa realidade que se construiu a questão norteadora que direcionou a construção da presente pesquisa, no intuito de evidenciar de que forma a educação física escolar pode contribuir com o controle da obesidade infantil?

Nesse contexto, os objetivos deste estudo são analisar como a prática da educação física escolar pode atuar como aliada no processo de controle da obesidade infantil, buscando atestar mediante evidências científicas sobre a educação física escolar e demonstrar como esta pode contribuir na prevenção e controle da obesidade infantil.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica a partir de autores que discutem a temática, nas bases de dados Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), capítulos de livros, cujas evidências científicas pautaram-se nos descritores: obesidade infantil, educação física escolar e prevenção.

Para Fonseca (2002), qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Porém, algumas pesquisas científicas se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta, fato adotado na presente pesquisa, de forma a atender o objeto de estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

OBESIDADE INFANTIL

Nos dias atuais é possível verificar que a obesidade infantil é um dos problemas que tem se ganhado dimensão de saúde pública devido ao seu grande aumento, este por sua vez traz à discussão as doenças crônico-degenerativas que existem há muito tempo, mas não que eram facilmente detectadas em crianças, e que podem trazer problemas maiores, tais como diversos transtornos psicossociais, dentre eles a depressão. Portanto, é possível afirmar que a obesidade além de afetar a questão estética, intrinsecamente afeta também o psicológico das crianças (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

A obesidade pode ser descrita como sendo um acúmulo excessivo de gordura que se concentra no tecido adiposo, em alguns casos em locais específicos, mas existem situações em que se estende para o corpo todo, o que proporciona um grande aumento da massa corporal. A obesidade é tida como uma doença crônica que ocorre por diversos fatores, que envolvem fatores internos e externos (REIS, 2009).

Por ser um problema de saúde pública e atingir grande parte da população a obesidade é considerada uma epidemia e deve ser tratada como tal, além do mais, ela acentua problemas relacionados às doenças crônico-degenerativa, dentre outros problemas, como a depressão, a ansiedade, que são problemas da esfera psicossociais.

Oliveira (2005) classifica a obesidade como sendo um desequilíbrio ocorrido entre a ingestão alimentar e o gasto calórico, este por sua vez resulta no aumento significativo de peso, além do mais, existem outros fatores que podem ser observados como determinantes para a ocorrência da obesidade, dentre estes o desequilíbrio hormonal que pode ter relação direta com a glândula tireoidiana.

Luiz *et al.* (2005) discorre ainda que a obesidade tem fatores diversos, dentre eles estão as alterações endocrinológicas que correspondem a um total de 1% de casos. Os outros 99% são causados de forma exógenas, na sua maioria demandam de consumo indiscriminado de alimentos calóricos. De acordo com Fisberg (2005), a obesidade é causada por diversos fatores e envolvem variações biológicas, psicológicas, sociais, econômicas e genéticas.

Observa-se que muitos são os fatores que podem desencadear a obesidade, desde o desequilíbrio entre ingestão calórica por meio da alimentação e a prática de atividades físicas e até por fatores que envolvem a saúde, como os problemas endocrinológicos. O fato é que a obesidade existe e necessita ser controlada de modo a proporcionar melhor qualidade de vida as pessoas que sofrem com esse problema.

Estudar sobre essa temática denota a importância dessa questão na atualidade. Vale ressaltar que atualmente os estudos direcionados a discussão da obesidade tem se tornado cada vez mais relevante, isso se dá devido às alterações ocorridas nas estruturas sociais e econômicas do processo de modernização da sociedade (FERNANDES *et al.*, 2012).

As pessoas devido o sedentarismo vem influenciando a população infantil e isso tem tomado grande proporção, demandando preocupação com esse público. De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (2006), o sedentarismo e a obesidade estão tomando proporções alarmantes e vem se tornando uma epidemia global.

As crianças estão sendo largamente prejudicadas com os hábitos de vida que se perpetuam ao longo dos tempos, neste caso, o sedentarismo. As tecnologias existem e estão ao alcance de todos, isso, de certa forma, contribui para que as crianças passem mais tempo dentro de casa, jogando e sem nenhuma prática esportiva, o que contribui de forma significativa para o aumento da obesidade.

Conforme a Associação Brasileira para Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica – Abeso (2016), a medida de massa corporal mais tradicional é o peso isolado ou peso ajustado para a altura sendo o Índice de Massa corporal (IMC) – calculado por meio da divisão do peso em kg pela altura em metros elevada ao quadrado, kg/m^2 , o cálculo mais usado para avaliação da adiposidade corporal.

A obesidade é classificada atualmente em três níveis de gravidade, sendo estes: classe I IMC entre 30 e 34,9, classe II em torno de 35 e 39,9 e, por fim, a classe III que possuem IMC acima de 40 (POSTON *et al.*, 2003). Ou seja, pessoas que possuem o índice de massa corporal entre 30 e 34,9 são consideradas obesas de nível I, as que possuem o IMC entre 35 e 39,9 possuem nível de obesidade grau II, e acima de 40 nível de obesidade grau III (figura 1).

Classificação	IMC	Risco de comorbidades
Baixo peso	Valores inferiores a 18,5	Presença de risco de outros tipos de problemas clínicos.
Normopeso	18,5 _ 24,9	-----
Pré-obesidade	25 – 29,9	Moderado
Obesidade grau I	30 – 34,9	Aumentado
Obesidade grau II	35 – 39,9	Severo
Obesidade grau III	Valores superiores a 40	Muito severo

Figura 1 - Valores de referências para cálculos de sobrepeso.

Fonte: Batista Filho e Rissin (2003).

A Abeso (2016) ainda ressalta que o IMC é um bom indicador, mas não totalmente correlacionado com a gordura corporal, sendo simples, prático e sem custo. Pode haver diferenças na composição corporal em função do sexo, idade, etnia, no cálculo de indivíduos sedentários quando comparados a atletas, na presença de perda de estatura em idosos devido a cifose, em edemaciados etc.

Vale ressaltar que quando se trata de crianças e adolescentes, além do IMC, podem ser utilizados outros parâmetros, no caso, Sapatara e Pandini (2005) demonstram que o percentual de gorduras traz classificações nutricionais que vão desde excessivamente baixa a excessivamente alta (figura 2):

Classificação	Masculino	Feminino
E. Baixa	Até 6%	Até 12%
Baixa	6,01 a 10%	12,01 a 15%
Adequada	10,01 a 20%	15,01 a 25%
M. Alta	20,01 a 25 %	25,01 a 30%
Alta	25,01 a 31%	30,01 a 36%
E. Alta	Maior que 31,01%	Maior que 36, 01 %

Figura 2 - Classificação do percentual de gordura em crianças.

Fonte: Bristish Journal of Nutrition, v. 63, n. 2, 1990 *apud* Sapatara e Pandini (2005).

E = Excessivamente; M = Moderadamente.

Observa-se na imagem apresentada que a mensuração de percentual em crianças é diferente da mensuração de adultos, tendo em vista que a de criança traz uma abordagem classificatória diferente, com a classificação de percentual de gordura da seguinte forma: extremamente baixa, baixa, adequada, muito alta, alta e extremamente alta, com definições para meninos e meninas, na qual o percentual de meninos varia entre 6% até 31, 01% e para as meninas até 12% indo até maior que 36,01%.

Reforçando o que Sapaterra e Pandini (2005) defendem, a Abeso (2016) traz que existem gráficos de IMC padronizados para faixa etária pediátrica, uma vez que em crianças, além da variação do peso, o IMC também varia com a altura e com a idade, não sendo adequada a sua aplicação direta.

A obesidade é um problema presente na sociedade e traz inúmeros problemas, estes não estão somente relacionados a uma área, mas envolve questões sociais e psicológicas e atualmente encontra-se presente na sociedade de forma plena, pois é a obesidade é um problema de saúde pública (SAPATERA; PANDINI, 2005).

Existe aliados no combate a obesidade dentre eles está a prática regular de atividades físicas, uma alimentação balanceada, acompanhamento médico, assim como a educação física escolar também tem sua contribuição no controle da gordura.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

É de suma importância que haja compreensão sobre o surgimento da Educação Física escolar no Brasil, pois Darido e Rangel (2005) discorrem que essa prática tem surgimento com a descoberta do Brasil, ou seja, no ano de 1500. Desde esse período é possível observar nos relatos de Pero Vaz de Caminha que os indígenas dançavam, saltavam, giravam e se alegravam ao som da gaita. É possível verificar ao longo da história que a Educação Física teve como prioridade os conteúdos gímnicos e esportivos.

A educação física escolar adentrou as escolas no ano de 1930 e teve como base as características militares, tendo em vista que se buscava formar homens fortes para a defesa do país. Adiante, a educação física tomou outra dimensão, utilizada agora para promover a saúde e a higiene, sempre buscando inserir atividades que pudessem ser utilizadas em benefício do homem.

Betti e Zuliani (2002) demonstram que a visão que as pessoas possuem da Educação Física é como sendo algo complementar e isolada aos currículos escolares, direcionado principalmente a preparação de atletas e/ou ao treinamento de pré-militares.

Darido (2003) demonstra que com o passar dos tempos, mais precisamente a partir de 1964 as aulas de Educação Física ganham novas definições, tendo em vista a preocupação em preparar os praticantes para obterem bons resultados em competições internacionais.

A Educação Física tem sua importância dentro do contexto escolar e não pode ser tida como sendo uma disciplina isolada das demais, uma vez que o trabalho interdisciplinar é primordial para o sucesso da prática escolar e deve ser dada a devida atenção para tal.

A Educação Física está diretamente ligada à prática esportiva e segundo Galvão, Rodrigues e Silva (2005, p. 179) “[...] em sua origem, a palavra esporte significa regozijo, ou seja, diversão, e continua, ainda hoje, servindo de base para quase todas as definições atuais”.

Ferreira (2010) discorre a importância do esporte dentro do ambiente escolar, isso é tão intrínseco que não é necessário informar que existe esporte dentro da escola, mas sim que é praticado esporte na escola, pois o esporte faz parte do processo educacional.

Com inúmeras pesquisas e estudos, desse modo, é evidente que a Educação Física tem a sua parcela de contribuição dentro do processo educativo, por isso, não pode ser tratada como sendo algo isolado, tem que ser integrada de modo a integrar as atividades físicas com o prazer, a brincadeira, mas com fundamento para abordar o que se preconiza na legislação educacional.

A partir dessa premissa é que se discorre que a educação física deve promover ao aluno a integração e a introdução à cultura corporal, por meio de movimentos, seja nos jogos, na dança, no esporte, enfim, em práticas que proporcionem a melhoria na qualidade de vida (BETTI; ZULIANI, 2002).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) a educação física no Ensino Fundamental II é necessária para que o aluno tenha o direito ao reconhecimento e possa aprender sobre a linguagem corporal, se utilizando para tanto a utilização dos movimentos.

A prática da educação física requer muito mais que a atividade física em si, ou seja, o aluno precisa ter conhecimento do por que está praticando tal atividade, quais os benefícios podem ser trazidos ao infante pela prática.

Enfim, não basta somente saber as habilidades motoras de atividades a serem praticadas é necessário que o aluno tenha interação e aprenda as regras e os valores existentes durante a realização das aulas.

É válido ressaltar que a prática esportiva dentro do ambiente escolar deve ir muito além dos esportes tradicionais, existe também as atividades lúdicas ou mesmo os esportes que fogem do tradicional, podendo estes serem utilizados como esportes alternativos e assim possibilitar que a criança tenha mais participação e interesse pelas aulas.

Ainda se tratando de Educação Física nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs é possível verificar que é descrita como sendo um instrumento que visa promover a cidadania possibilitando ao aluno participar de atividades corporais na qual por meio destas se possa ter direcionamentos atitudinais de respeito mútuo, de dignidade e de solidariedade, possibilitando assim que este venha conhecer, a valorizar, a respeitar e a desfrutar por meio da pluralidade as manifestações de cultura corporal, além de por meio da atividade física reconhecer que esta é um elemento que faz parte integral do ambiente, onde possa por meio da prática regular contribuir para a melhoria da saúde individual e coletiva (BRASIL, 1997).

Além do mais a atividade física entra como aliada no combate à obesidade, pois “gera um gasto de calorias durante e após o exercício físico, pois o consumo de oxigênio em excesso, do organismo, no pós-exercício provoca a continuidade acelerada do gasto das calorias” (WILMORE; COSTILL, 2001, p. 97).

Silverthorn (2003) discorre que a prática de atividade física traz inúmeros benefícios aos seus praticantes, pois além de auxiliar no combate a obesidade ainda possibilita a melhora em muitas condições patológicas aos quais os obesos são expostos.

Dentre esses benefícios temos o fortalecimento musculoesquelético, por meio da melhora da força no tônus muscular, auxiliando na melhora da flexibilidade, fortalecendo os ossos e as articulações, no caso das crianças em específico é possível trabalhar o aprimoramento das habilidades psicomotoras.

Não se pode deixar de frisar que a prática de atividade física também traz benefícios à saúde mental, tendo em vista que libera substâncias que atingem diretamente o sistema nervoso central, ajudando a aumentar o fluxo sanguíneo no cérebro, isso de certa forma ajuda no combate à depressão e aumenta a autoestima.

A atividade física é uma grande aliada no processo de combate a obesidade e se não praticada regularmente ao mesmo tempo que ocorra o consumo sem controle de alimentos calóricos, a chance de se desenvolver a obesidade é acentuada, assim como a prática regular de atividades físicas associada a uma alimentação saudável poderá trazer o equilíbrio e possibilitar o combate a obesidade. Isso demonstra a importância da prática de atividades físicas para o combate à obesidade.

A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO ALIADA NO CONTROLE DA OBESIDADE INFANTIL

Ao pesquisar discussões relacionadas à prática da educação física escolar como aliada no combate à obesidade infantil, verifica-se que as escolas podem desempenhar papel importante na conscientização da criança e do adolescente quanto à saúde por meio da disciplina de Educação Física.

Além do mais cabe ao professor desenvolver planos que possibilitem atividades que possam atuar no processo, promovendo atividades lúdicas e recreativas, em que a criança possa aprender por meio do lazer e da recreação. É possível verificar que as atividades desenvolvidas no ambiente escolar por meio de atividades recreativas oportunizam a conscientização do aluno quanto aos benefícios destas para a saúde.

Verifica-se que a escola não é só um ambiente de formação intelectual, mas pode trazer outras formações, dentre elas a prevenção e o combate à obesidade por meio de atividades direcionadas nas aulas de educação física, que além de apresentar exercício físicos que podem auxiliar nesse processo também possibilitam a abertura de hábitos saudáveis aos estudantes (ARAÚJO; BRITO; SILVA, 2010).

Um fator importante a ser apresentado nesse contexto é a participação da família nesse processo, tendo em vista a aprendizagem ser um processo contínuo e em parceria escola-família, pois a família pode estimular as crianças e adolescente à prática desportiva, sempre buscando respeitar os limites da criança e promovendo atividades que tenham relação com a sua faixa etária (BARBOSA, 2003).

Além do mais o estímulo à prática de atividades físicas faz com que as crianças mudem seus hábitos, e possam significativamente mudar o estilo de vida, uma vez que, a prática de exercícios atua como aliada no afasta-

mento da criança da frente da televisão, o que tem sido uma das maiores causadoras do sedentarismo, além do mais a televisão apresenta às crianças propagandas que incluem alimentos com pouco valor nutricional e acaba motivando esse consumo.

Mello, Luft e Meyer (2004) afirmam que inúmeros fatores contribuem para o aparecimento da obesidade em crianças mais cedo, dentre eles a obesidade nos pais, assim como fatores genéticos e ambientais aos quais eles se encontram inseridos. Por isso, a recomendação de que os pais possam sempre que possível ofertar lanches saudáveis aos seus filhos.

A melhora na qualidade de vida se inicia ainda quando se é criança, pois a prática de hábitos saudáveis é levada para a vida toda, por isso a importância dos pais em introduzirem de forma cautelosa uma alimentação saudável associada às práticas esportivas como forma de combater a obesidade.

Para se alcançar êxito no combate a essa realidade é necessário que haja um alinhamento entre o trabalho desenvolvido na escola juntamente com a família. Ambos devem incentivar a prática de atividades físicas, associando-a à uma alimentação saudável, pois dessa forma estarão proporcionando a melhoria na qualidade de vida das crianças e conseqüentemente combatendo o surgimento de doenças associadas à obesidade (SILVEIRA; ABREU, 2006).

A escola tem uma grande contribuição, tendo em vista que pode alinhar atividades que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos alunos e proporcionar o combate a obesidade infantil. Vale ressaltar que este é um trabalho a ser realizado em conjunto, no qual família e escola precisam estar alinhadas em parceria em benefício dos alunos.

Mendes *et al.* (2006) ressalta que as atividades físicas podem trazer inúmeros benefícios ao corpo. Isso de certa forma vai em desencontro ao estilo sedentário ao qual muitas crianças estão habituadas, pois apesar de atualmente as crianças terem acesso à inúmeras tecnologias, isso propicia que tenham uma vida mais sedentária, prejudicando o organismo como um todo, pois o sedentarismo é um dos fatores que causam a obesidade. Pimenta e Palma (2001, p. 23) afirmam que:

[...] assistir à televisão provoca um desequilíbrio na balança energética que tende ao acúmulo de energia, já que o gasto calórico requerido para tal é menor do que

o exigido em atividades como correr (piques e brincadeiras), andar de bicicleta, patins, skate, 'jogar bola' e até em repouso, e ainda por produzir o desejo de consumir guloseimas, aumentando a ingestão calórica.

É evidente que, nesse contexto, o papel do professor de Educação Física, vem com um papel fundamental de estimular tais exercícios no ambiente escolar, visto que as crianças, adolescentes e jovens passam boa parte de suas vidas neste ambiente, sendo uma ótima oportunidade de aliar o processo educativo à Promoção de Saúde e qualidade de vida.

Rinaldi *et al.* (2008) afirmam que a inatividade física está aliada à transição nutricional. A urbanização e a industrialização criaram um ambiente com reduzida prática de atividade física, devido à exposição excessiva à televisão, aos jogos eletrônicos, computadores e serviços de pronta-entrega à domicílio. É indubitável que o sedentarismo associado a uma má alimentação, pode trazer prejuízos às crianças.

Trazendo essa discussão para o ambiente escolar, vemos que a escola além de ser um espaço de formação intelectual de crianças e adolescentes, pode e deve ser utilizada no combate à obesidade, por meio das aulas de educação física, pois é por meio destas aulas que os alunos detêm conhecimentos e orientação específica à prática de hábitos saudáveis (ARAÚJO; BRITO; SILVA, 2010).

Vale ressaltar que, de acordo com Santos, Carvalho e Júnior (2007), apesar de as aulas de Educação Física atuarem como aliadas para que as crianças aprendam novos hábitos e que estes sejam saudáveis, é preciso compreender que os objetivos centrais dessas aulas é o desenvolvimento psicomotor das crianças, jamais se deve condicionar a criança de que o exercício físico esteja associado a perda de peso.

É notório que o assunto da obesidade deve ser trabalhado dentro do ambiente escolar, mas de forma lúdica e recreativa de modo a trazer a criança a participar das atividades, é de suma importância que essa discussão seja trabalhada interdisciplinarmente, pois a escola como um todo deve se mobilizar e não deixar somente a cargo do professor de Educação Física, pois além da prática é necessário que os alunos aprendam a teoria. Assim também como deve-se ter a preocupação sobre a forma de se abordar o tema, respeitando sempre a faixa etária e cada ano de ensino (TEIXEIRA; DESTRO, 2010).

A educação física escolar, é aliada no processo de combate a obesidade infantil, mas não deve ser tida como única solução, apesar de atuar estimulando a prática esportiva e aos hábitos saudáveis das crianças. Cabe uma parceria entre escola-família para que resultados mais significativos sejam alcançados e os índices de obesidades sejam modificados, pois, de acordo com o que foi apresentado no decorrer desta pesquisa, esses dados têm aumentado significativamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa atesta, a partir dos vários autores, que a obesidade é um dos problemas que vem crescendo significativamente na sociedade atual e tem se tornado questão de saúde pública, não só no Brasil, como em diversas partes do mundo. Essa preocupação cresce ainda mais quando se observa que crianças estão, cada vez mais, sendo acometidas desta morbidade.

A obesidade é tratada como sendo uma doença crônica e traz inúmeros problemas aos que são acometidos por ela e um dos fatores determinantes para que venha crescendo significativamente é o modo de vida das pessoas que, a cada dia que passa, adquirem hábitos cada vez menos saudáveis.

Os hábitos menos saudáveis são um atrativo para as crianças, principalmente os originários de produtos industrializados, se associado ao sedentarismo, isso vira um problema, pois devido a correria do dia a dia moderno, as crianças acabam sofrendo as consequências, pois adquirem hábitos sedentários e a obesidade vem atrelada a essa realidade.

O que se pode perceber também é que a escola tem papel primordial no processo de mudança de hábitos das crianças, isso porque proporciona em suas aulas atividades que possibilitem o contato com os inúmeros benefícios de um praticante regular, além do mais, a escola pode unir forças com as famílias e possibilitar a mudança de hábito das crianças.

O objetivo deste trabalho foi demonstrar a importância das aulas de Educação Física aliadas ao combate da obesidade, em que se deve buscar informar e demonstrar aos alunos possibilidades de hábitos saudáveis e que para isso a família venha a estar inserida no contexto de modo a se alcançar êxito nos objetivos finais.

Viu-se que a obesidade é um problema que cresce cada vez mais no mundo e uma vida com hábitos sedentários podem trazer problemas não só para crianças, mas também para os adultos e cabe a cada um buscar melhorar de modo que as crianças tenham a chance de melhorar o condicionamento físico e mental e saíam das estatísticas que assolam a saúde pública.

Este trabalho demonstra a sua importância social, tendo em vista que a obesidade é um problema que se encontra presente na sociedade e necessita ser trabalhado de forma conjunta para que se alcance êxito no seu combate. No que se refere à relevância acadêmica, este artigo trouxe conhecimentos ímpares que serão aplicados no decorrer do caminho profissional de cada um que contribuiu para a construção deste trabalho, e também, somando-se às contribuições da academia, tendo em conta que proporcionar mais conhecimentos aos seus acadêmicos é sempre gratificante. A temática apresentada é algo que deve ser estimulado à discussão dentro da academia de modo a possibilitar que os acadêmicos possam ter consciência da sua importância no decorrer da sua formação.

Portanto, pode-se afirmar que este estudo é primordial quando se trata de se utilizar a educação física no combate a obesidade infantil, além de a partir daqui é possível abrir caminhos para estudos futuros que, inclusive, evidenciem a realidade local.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA (ABESO). **Diretrizes brasileiras de obesidade 2016/ABESO**. 4. ed. São Paulo, SP. 2016.

ARAÚJO, R. A.; BRITO, A. A.; SILVA, F. M. O papel da Educação Física Escolar diante da epidemia da obesidade em crianças e adolescentes. **Educação Física em Revista**, v. 4, n. 2, maio/ago. 2010.

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, supl. 1, p. 181-191, 2003.

BARBOSA, V. L. P. **Prevenção da Obesidade na Infância e na Adolescência**. Barueri, SP: Manole, 2003.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERNANDES, M. de M.; ENHA, D. S. G.; BRAGA, F. de A. **Obesidade infantil em crianças da rede pública de ensino: prevalência e consequências para flexibilidade, força explosiva e velocidade**. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-30832012000400012&script=sci_abstract&tlng=pt.

FERREIRA, R. E. **A educação física escolar e sua relação com a aprendizagem e as emoções dos alunos no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

FISBERG, M. Atualização em obesidade na infância e adolescência. In: FISBERG, M.; CINTRA, I. P.; OLIVEIRA, C. L. de. **Epidemiologia e diagnóstico da obesidade: abordagem inicial. Atualização em obesidade na infância e adolescência**, p. 11-16, 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloads-Serie/derad005.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; SILVA, E. V. M. Esporte. In: **Educação física no ensino superior: educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **CENSO 2010**. 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1699&id_pagina=1.

LUIZ, A. M. A. G.; GORAYEB, R.; LIBERATORE JÚNIOR, R. D. R.; DOMINGOS, N. A. M. **Depressão, ansiedade e competência social em crianças obe-**

sas. Depression, anxiety and social competence in obese children. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 2, p. 73-81, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100005>.

MELLO, E. D. de; LUFT, V. C.; MEYER, F. Obesidade infantil: como podemos ser eficazes? **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 3, p. 173-181. 2004.

MENDES, B. *et al.* Associação de fatores de risco para doenças cardiovasculares em adolescentes e seus pais. **Revista Brasileira de Saúde Materna Infantil**. v. 6, supl. 1, Recife, maio. 2006.

OLIVEIRA, L. F. L.; COSTA, C. R. B. Educação Física escolar e a Obesidade Infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 1, v. 10, 2016.

OLIVEIRA, R. J. de. **Saúde e Atividade Física: Algumas Abordagens Sobre Atividade Física Relacionada à Saúde**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Doenças crônico-degenerativas e obesidade: estratégia mundial sobre alimentação saudável, atividade física e saúde**. 2006.

PIMENTA, A. P. A. A.; PALMA, A. Perfil epidemiológico da obesidade em crianças: relação entre televisão, atividade física e obesidade. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Brasília, v. 9, n. 4, p. 19-24, out. 2001.

POSTON, D. *et al.* **Family quality of life outcomes: a qualitative inquiry launching a long-term research program**. *Mental Retardation*, v. 41, n. 5, p. 313-328, 2003.

REIS, C. P. Atividade Física e Obesidade. **EFDeportes Revista Digital**. Buenos Aires, v. 13, p. 130, 2009.

RINALDI, A. E. M.; PEREIRA, A. F.; MACEDO, C. S.; MOTA, J. F.; BURINI, R. C. Contribuições das práticas alimentares e inatividade física para o excesso de peso infantil. **Revista Paulista Pediátrica**, v. 26, n. 3, p.271-277, 2008.

SANTOS, A. L. dos; CARVALHO, A. L. de; GARCIA JÚNIOR, J. R. Obesidade infantil e uma proposta de Educação Física preventiva. **Revista Motriz**. Rio Claro, v. 13, n. 3, p. 203-213, jul./set., 2007.

SAPATERA, M. L. R.; PANDINI, E. V. Obesidade na adolescência. **Revista Digital**. Buenos Aires. Ano 10, n. 85, jun. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd85/obesid.htm>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SEIDELL, J. C. A atual epidemia de obesidade. *In*: BOUCHARD, C. (Ed.). **Atividade física e obesidade**. São Paulo: Manole, p. 23-33, 2003.

SILVEIRA; A, ABREU, S. **Fatores que contribuem para a obesidade infantil**, 2006.

SILVERTHON, A. **Fisiologia humana, uma abordagem integrada**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.

TEIXEIRA, AL. da SILVA, DESTRO, D. de Souza. Obesidade infantil e Educação Física Escolar: possibilidades pedagógicas. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**. Curso de Educação Física, n. 9, jul./dez. 2010.

WILMORE, J. H.; COSTIL, D. L. **Fisiologia do esporte do exercício**. São Paulo: Manole, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. Obesity: preventing and managing the global epidemic. Report of a World Health Organization Consultation. Geneva: World Health Organization, 2000.

A INFLUÊNCIA DA ESTIMULAÇÃO AQUÁTICA NO DESENVOLVIMENTO MOTOR: UM ESTUDO DE OBSERVAÇÃO EM CRIANÇAS DE 6 A 36 MESES

THE INFLUENCE OF AQUATIC STIMULATION ON MOTOR DEVELOPMENT: AN OBSERVATION STUDY IN CHILDREN FROM 6 TO 36 MONTHS

Flávia Alves de Oliveira¹
João Wittor Martins Silva²
Kristiane Alves Araújo³
Simone Lopes de Almeida⁴
Ana Paula Barbosa Alves⁵

RESUMO

O objetivo deste estudo foi verificar a influência e os benefícios da natação para bebês, de acordo com sua idade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza descritiva e exploratória com abordagem quantitativa, realizado na escola de natação Infantil - Academia Live Fit em Boa Vista, Roraima nos meses de setembro e outubro de 2018. Para a coleta de dados empregou-se a técnica de observação participante, utilizando um protocolo de observação, para registrar o comportamento das crianças durante as aulas de natação, quanto à posição do corpo e da cabeça, ação de pernas e braços e sincronização dos movimentos. Foi observado um grupo composto por vinte crianças na faixa etária de seis meses a três anos. Este grupo participou de aulas de natação duas vezes por semana com duração de 40 minutos,

1 Pós-Graduada em Docência em Educação Física Escolar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima. E-mail: flavia.esportesaude@gmail.com.

2 Pós-Graduado em Docência em Educação Física Escolar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima. E-mail: witor.joao@gmail.com.

3 Docente do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em “docência em educação física escolar” na modalidade a distância parceria do Instituto Federal de Roraima e Universidade Aberta do Brasil UNIVIRR. Docente do curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima. E-mail: kristianefisioterapia@hotmail.com.

4 Docente do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em “docência em educação física escolar” na modalidade a distância parceria do Instituto Federal de Roraima e Universidade Aberta do Brasil UNIVIRR. Docente do curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima. Email:simone.lopes@ufr.br.

5 Docente do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em “docência em educação física escolar” na modalidade a distância parceria do Instituto Federal de Roraima e Universidade Aberta do Brasil UNIVIRR. Docente do curso de Gestão em Saúde Coletiva Indígena do Instituto Insiiran/Universidade Federal de Roraima. E-mail: paula.alves@ufr.br.

durante oito semanas. Infere-se a princípio que os estímulos propiciados pela natação contribuem para o progresso motor das crianças nessa faixa etária. Conclui-se que, dentre os benefícios da natação na faixa etária observada destaca-se o desenvolvimento da coordenação geral, além dos aspectos afetivo e social.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades Aquáticas. Desenvolvimento Motor. Psicomotricidade. Benefícios.

ABSTRACT

The aim of this study was to verify the influence and benefits of swimming for babies according to their age. To this end, a descriptive and exploratory research with quantitative approach was conducted at the Swimming School Infantil - Live Fit Academy in Boa Vista, Roraima in September and October 2018. For data collection was used the technique of participant observation, using an observation protocol, to record children's behavior during swimming lessons, regarding body and head position, leg and arm action, and movement synchronization. A group of twenty children aged from six months to three years was observed. This group participated in 40-minute swimming lessons twice a week for eight weeks. It is inferred at first that the stimuli provided by swimming contribute to the motor progress of children in this age group. It is concluded that, among the benefits of swimming in the observed age range, the development of general coordination, in addition to the affective and social aspects, stands out.

KEYWORDS: Aquatic Activities. Motor development. Psychomotricity. Benefits.

INTRODUÇÃO

Ao nadar a pessoa reproduz uma série de movimentos, além de equilibrar-se no meio aquático. Essa atividade, a princípio simples, favorece o desenvolvimento físico, motor e cognitivo. Em relação às crianças, esses benefícios são ainda mais favoráveis, porque por meio da sequência de movimentos o processo de maturação e de equilíbrio é estimulado, porque o desenvolvimento motor está relacionado às habilidades que o infante adquire no decorrer do tempo, que vão desde movimento simples a movimentos complexos (AZEVEDO, 2018; BARBOSA, 2015).

Partindo do princípio de que relacionar os benefícios de um programa de natação infantil no desenvolvimento motor das crianças é importante porque a relevância concedida às atividades motoras no processamento evolutivo aparece destacada em diversas pesquisas e tratados sobre a progressão do comportamento motor ao longo da vida (PIAGET, 2002; GOMES, 2016).

A literatura sobre os benefícios de um programa de natação na infância aponta que a priori a intenção dos pais ao matricular a criança na aula de natação é a aquisição do domínio corporal no meio líquido (GOMES, 2016; BROUCO, 2016). Contudo, ao iniciar o processo de aprendizagem das habilidades aquáticas, a criança depara-se com um meio cujas características físicas são distintas daquele em que vive e, por isso, durante as atividades deve considerar as características do meio, já que estas influenciam sobremaneira o modo como nos relacionamos com a água (WIZER *et al.*, 2016; BROUCO, 2016; SELAU, 2016).

Sendo assim, a partir das leituras realizadas sobre o assunto, das vivências como educadora e da observação do processo de aprendizagem nas aulas de natação, teve início um processo de familiarização com questões que envolvem o desenvolvimento motor da criança na faixa etária de 6 meses a 3 anos e da abrangência que este tema envolve. Nessa perspectiva, em busca de estabelecer a relação entre a natação e o desenvolvimento motor nessa faixa etária, este estudo questiona: Como a natação contribui para o desenvolvimento motor infantil na faixa etária de 6 a 36 meses?

A partir disso, buscou-se desdobrar essa problemática nos seguintes objetivos específicos: apontar como a natação pode beneficiar o processo motor das crianças de 6 a 36 meses; verificar a evolução no desenvolvimento motor das crianças por meio da natação de acordo com a faixa etária de 6 a 36 meses e; descrever os benefícios da natação para as crianças de 6 a 36 meses. Tendo em vista, as inquietações na construção desta pesquisa, tem-se por objetivo principal: investigar como a natação contribui no desenvolvimento motor das crianças de 6 a 36 meses.

REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de desenvolvimento motor da criança se dá mediante etapas do crescimento, da maturação e vivências. Esse comportamento é construído pela interação entre o meio e o indivíduo (PIAGET, 2002). A partir das teorias do crescimento e desenvolvimento podemos inferir que utilizando o comportamento, a percepção sensório-motora e vários movimentos a criança conquista o universo que a cerca (HAYWOOD; GETCHELL, 2016).

Nessa direção, as atividades aquáticas como a natação na primeira infância propiciam benefícios no desenvolvimento motor e previnem lesões na vida adulta. Sobre as influências no desenvolvimento motor, Silva (2015) pontua que uma vez que se sabe que a natação influencia na coordenação motora da criança é fundamental a estimulação das capacidades coordenativas desde os primeiros meses de vida. Porquanto, estudos apontam que a estimulação aquática nessa faixa etária influencia no desenvolvimento motor.

De acordo com Gomes (2016), a natação tem importância significativa no desenvolvimento das crianças, pois contribui para a conscientização e conhecimento do corpo. Nesse entendimento, para Silva *et al.* (2016, p. 17), “as atividades lúdicas aquáticas se enquadram nessa estimulação, pois seu principal objetivo é a adaptação ao meio líquido, através do uso de brincadeiras, respeitando sempre o desenvolvimento motor de cada fase”.

Nesse entendimento, a influência da estimulação aquática no desenvolvimento motor das crianças tem sido investigada por estudiosos que acreditam que o meio aquático, sobretudo a natação, é uma atividade que desenvolve funções como a flexibilidade, o ritmo e a coordenação motora. Segundo Silva *et al.* (2016, p. 19), “esse melhor desempenho no Equilíbrio e na Motricidade Global pode ser explicado pelo fato de que o equilíbrio é a base de toda a coordenação global”.

Santos (2016), tratando da influência do meio aquático na infância e do quanto influencia no desenvolvimento das habilidades motoras na infância, deduziu que este ambiente é favorável ao desenvolvimento nos aspectos motor, emocional, social, afetivos, seguimentos corporais, habilidades e etc. Essas atividades aquáticas também foram consideradas prazerosas por Murcia e Siqueira (2016, p. 4), porque além do prazer que proporciona, o exercício de atividades na água “contribui de forma significativa para o desenvolvimento e o conhecimento da criança, uma vez que ela assimila novos movimentos, fortalece sua musculatura e aprende a controlar a respiração”.

Borges e Maciel (2016) também consideram a natação relevante para o desenvolvimento motor, porque contribui melhorando a coordenação motora, o equilíbrio e a lateralidade. Nesse entendimento, o desenvolvimento motor é estimulado a partir da adaptação das crianças ao meio aquático e, estas propiciam experiências que favorecem as habilidades motoras.

METODOLOGIA

A pesquisa fundamentou-se em um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa. Nessa direção, foram observados alunos de ambos os sexos, na faixa etária de 6 a 36 meses, que participaram nos meses de setembro e outubro de 2018 das aulas de natação na Escola de natação Infantil na academia Live Fit em Boa Vista, Roraima.

Participaram do estudo, vinte crianças cujos pais assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - Tale. Os participantes da pesquisa foram observados por um período de 8 semanas, no decorrer de 16 aulas, duas vezes por semana. As observações foram realizadas individualmente, durante os 40 minutos de atividades aquáticas, em que foram observados os seguintes aspectos: posição do corpo e da cabeça; ação de pernas e braços e sincronização dos movimentos. Considera-se este estudo como descritivo, pois retrata a evolução de variáveis observadas durante o período de 8 semanas. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética do UFRR, para que fosse autorizado e seguiu as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa, definidas pelo Conselho Nacional de Saúde, mediante a Resolução CNS 466/12 (BRASIL, 2012).

O tratamento dos dados foi realizado por meio de uma análise comparativa das observações desenvolvidas durante as aulas e do questionário distribuídos aos pais de crianças que praticam a natação. Para uma melhor compreensão da influência da estimulação aquática no desenvolvimento motor, foi realizada observação das aulas e aplicação dos questionários com os pais em relação à evolução dos alunos desde que começaram a participar nas aulas de natação.

O questionário aplicado foi dividido em duas partes, a primeira com quatro questões abertas, coletou dados referentes características dos bebês, como idade, gênero, peso etc.; e a segunda parte foi composta de seis questões de múltipla escolha relacionadas a percepção dos pais quanto ao desenvolvimento da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As características principais referentes aos participantes da pesquisa foram analisadas (quadro 1) e discutidas a seguir:

1. CARACTERÍSTICAS DOS BEBÊS	2. DADOS SOBRE A PESQUISA
Idade	Equilíbrio da criança
Gênero	Aspectos observados em relação a outras crianças
Peso do bebê	Qualidade do sono da criança
Idade que iniciou a natação	Aspecto emocional social
Motivo	Elo da criança com os pais
Frequência das aulas	

Quadro 1 - Dados coletados referente as características dos bebês.

Fonte: Autoria própria (2019).

O questionário foi aplicado com pais de 20 (vinte) crianças, entretanto, apenas 12 (doze) questionários foram devolvidos respondidos. Desse total, verificou-se que a amostra era composta por 50% feminino e 50% masculino.

Os resultados, em relação aos questionários respondidos pelos pais revelaram que na questão relacionada a faixa etária dos bebês a média de idade que prevalece é de 3 anos, conforme observa-se na figura 1.

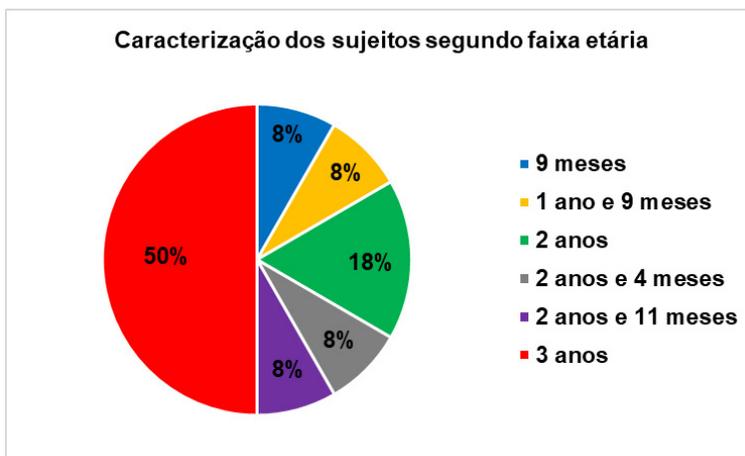


Figura 1 - Caracterização dos sujeitos segundo faixa etária.

Fonte: Autoria própria (2019).

Analisando a figura, observa-se que a faixa etária predominante das crianças observadas é entre 9 meses e 3 anos. Nessa direção, estudos reforçam a importância de atividades no meio aquático para crianças nessa faixa etária, pois influencia no desenvolvimento dos aspectos psicomotores das crianças. Ressaltando, contudo, que deve ser um momento lúdico (BORGES; MACIEL, 2016).

Cunha e Alvarez (2014), analisando a percepção das mães sobre a influência da natação no desenvolvimento motor, corroboram com este estudo apontando que a média de idade dos bebês que frequentam a natação é de 9 (nove) meses, sendo a idade mínima 5 (cinco) meses e a máxima é de um ano e três meses.

A faixa etária das crianças objeto desta pesquisa se inseriu no estágio elementar do desenvolvimento. Conforme estudo desenvolvido por Fernandes (2013), nas aulas de natação é preciso considerar que as atividades sejam realizadas respeitando a realidade motora e psicomotora da criança.

Outra variável pesquisada no grupo de crianças foi o peso, verificando que o peso médio é de 16 kg, estando dentro do perfil do crescimento e desenvolvimento nessa faixa etária. Na figura 2 está descrito a caracterização dos sujeitos quanto ao peso.

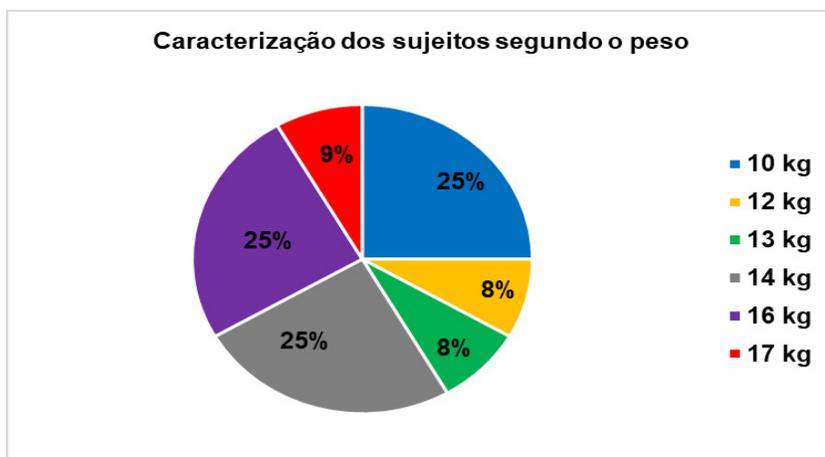


Figura 2 - Caracterização dos sujeitos segundo o peso.
Fonte: Autoria própria (2019).

Os dados descritos na figura 2 permitiram inferir que três crianças estavam pesando 10 kg (25%) e uma criança pesava 12 kg (8%). Tinha-se também uma criança com 13 kg (8%), três com 14 kg (25%), três com 16 kg (25%) e uma criança com 17 kg (8%). A esse respeito Oliveira *et al.* (2013) corroboram esclarecendo que a herança genética também representa fator determinante para o crescimento físico (altura, peso) das crianças.

Ao serem questionados sobre a faixa etária em que matricularam seus filhos na academia para iniciarem a natação, constatou-se que a maioria dos pais buscou a atividade para seus filhos entre o primeiro ano de vida (25%) e os 2 anos de idade (25%), conforme verifica-se na figura 3.

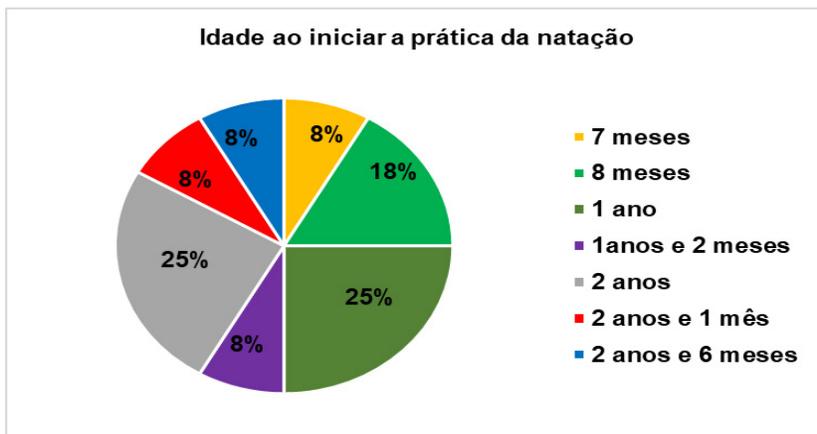


Figura 3 - Caracterização dos sujeitos segundo idade ao iniciar a natação.
 Fonte: Autoria própria (2019).

Observando a figura que descreve as informações analisadas com os pais quanto a idade que matricularam seus filhos na natação, nota-se que já nos primeiros meses elas iniciaram na natação, isto é, aos 7 (8%) e aos 8 meses (17%). A maioria matriculou a partir de 1 ano de idade (25%), com 1 ano e 2 meses (8%), aos 2 anos (25%), e também acima dos 2 anos e 1 mês (8%) e aos 2 anos e 6 meses (8%).

No estudo de Carvalho e Coelho (2016), a maioria dos pais (85,7%), assim como nesta pesquisa, também matricularam seus filhos na natação com o intuito de que as crianças aprendam a nadar. Outro estudo realizado por Gomes (2016), revela que os pais que matriculam as crianças ainda bebês, em sua maioria frequentaram aulas de natação quando crianças ou praticam natação nos dias atuais. Com relação à faixa etária para uma criança iniciar na natação, verificou-se na literatura sobre o assunto que não há um consenso entre os autores. Todavia, observam os estudos, a importância de estabelecer-se um programa que privilegie a estimulação do desenvolvimento motor e da psicomotricidade (ARAÚJO; LIMA; LIRA, 2016; COSTA, 2010).

A figura 4 caracteriza o tempo que as crianças observadas na pesquisa estavam frequentando as aulas de natação. Assim, é possível observar que

o tempo predominante da prática regular da natação é de dois anos e 11 meses (30%).

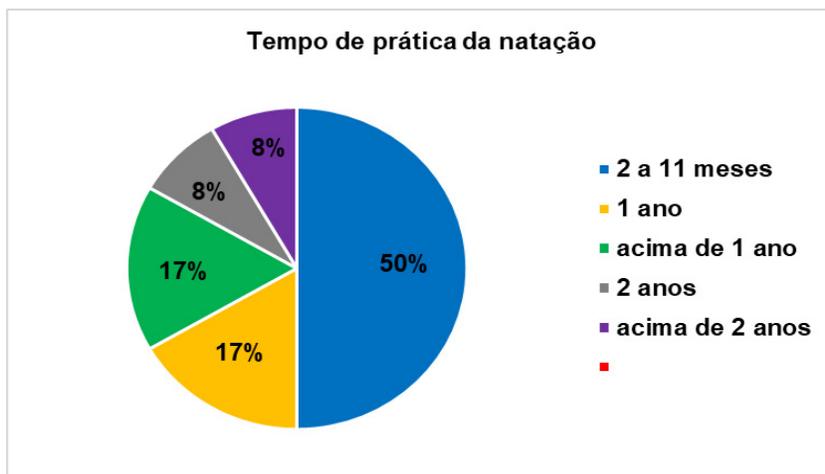


Figura 4 - Caracterização dos sujeitos segundo tempo de prática da natação. Fonte: Autoria própria (2019).

Na figura 4 verifica-se que a maioria das crianças (30%) já frequentavam a natação há quase três anos, 10% há um ano e 10% há mais de 1 ano. As crianças que frequentam há 2 anos representam (5%) do total de crianças pesquisadas e 5% delas praticavam há mais de 2 anos. Esses dados são justificados, tendo em vista que as crianças são iniciadas bem cedo na natação, como foi possível verificar na figura 2.

Quanto ao tempo em que o bebê frequenta as aulas, uma pesquisa realizada por Ferreira (2018), verificou as crianças pesquisadas já frequentavam as aulas de natação há mais de 6 meses, assim como as dozes crianças pesquisadas neste estudo. Santos (2016, p. 33), tratando da influência do meio aquático na infância e do quanto influencia no desenvolvimento das habilidades motoras na infância, deduziu que este “ambiente é favorável ao desenvolvimento nos aspectos motor, emocional, social, afetivos, seguimentos corporais, habilidades e etc”.

Na figura 5 são descritos os motivos para que os pais matriculem as crianças na natação, sendo o principal deles que os bebês aprendam a nadar.

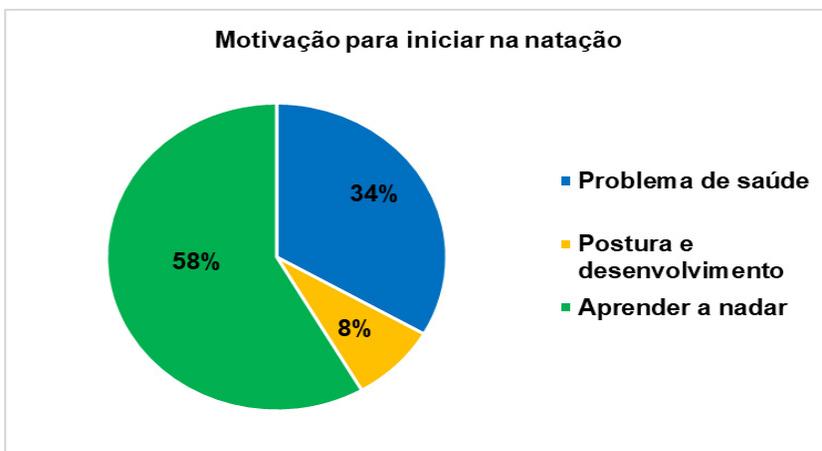


Figura 5 - Caracterização dos sujeitos segundo motivo para prática da natação.
 Fonte: Autoria própria (2019).

Assim, verifica-se que os motivos eram: que a criança aprenda a nadar (58%); seguido de problemas de saúde (34%), como asma, bronquite etc.; e postura e desenvolvimento da criança (8%). Nessa perspectiva, Gomes (2016) pontua que ao procurar as aulas de natação para seus filhos, os pais foram impulsionados pela necessidade quando é uma recomendação médica, e também para satisfazer a necessidade do indivíduo, como aprender a nadar, por exemplo.

Oliveira *et al.* (2013, 47) também estudou e verificou que há vários motivos que levam os pais a matricularem seus filhos na natação. Segundo a pesquisa, “de maneira geral os praticantes buscam não só a aprendizagem dos nados como também a melhoria de qualidade de vida”. Nesse entendimento, Carvalho e Coelho (2016), pontuam que inicialmente a motivação principal é que as crianças aprendam a nadar e assim tenham mais segurança no meio líquido. Todavia, com o tempo, os pais percebem que a prática da natação confere diversos benefícios ao desenvolvimento da criança.

Mediante os dados coletados sobre a quantidade de dias que as crianças frequentam as aulas de natação, foi possível mensurar, na figura 6, que a frequência semanal das aulas é de 2 dias por semana.

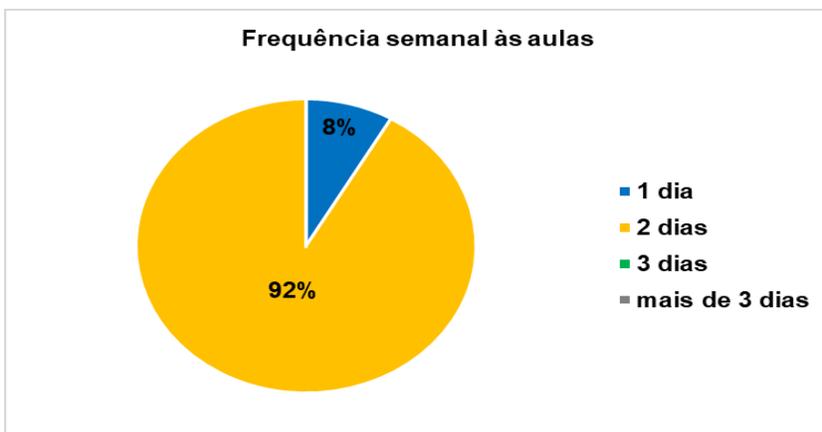


Figura 6 - Caracterização dos sujeitos segundo frequência semanal na natação.
 Fonte: Autoria própria (2019).

O resultado apresentou que 92% dos bebês frequentam a natação por dois dias na semana e 8% em apenas um dia. Nessa perspectiva, ressalta-se a importância da realização de atividades lúdicas, uma vez que quando realizados na água são mais estimulantes ao desenvolvimento porque são agradáveis (GOMES, 2016).

Para Silva *et al.* (2016, p. 17), “as atividades lúdicas aquáticas se enquadram nessa estimulação, pois seu principal objetivo é a adaptação ao meio líquido, através do uso de brincadeiras, respeitando sempre o desenvolvimento motor de cada fase”. Sobre a frequência das aulas, Santos (2016) assinala que são perceptíveis os benefícios oferecidos pela natação desde a infância, salientando que a frequência as aulas colabora para o desenvolvimento das habilidades motoras.

Dando sequência à pesquisa, averiguou-se a percepção dos pais desde que as crianças foram iniciadas na natação, indagando-os se após as aulas de natação perceberam se houve melhorias em relação ao desenvolvimento da criança - equilíbrio, sono, emocional e social, e confiança (tabela 1), como também quanto ao equilíbrio da criança - senta-se sem apoio, engatinha e é mais ativo (tabela 2).

Tabela 1 - Percepção dos pais quanto ao desenvolvimento da criança com a iniciação na natação.

<i>Desenvolvimento</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não observado</i>	<i>Total (%)</i>
Equilíbrio	12 (100%)	—	—	12 (100%)
Sono	12 (100%)	—	—	12(100%)
Emocional/social	12 (100%)	—	—	12 (100%)
Confiança	11 (92%)	—	1 (8%)	12 (100%)

Fonte: Autoria própria (2019).

Na tabela 1, verifica-se que os pais apontaram que houve melhoras significativas quanto ao equilíbrio (100%), ao sono (100%), aos aspectos emocional e social (100%) e também no que refere-se a confiança da criança com diminuição do medo e da ansiedade (98%), entretanto, para um dos respondentes (8%) não foi observado esse último aspecto. A figura 7 ilustra o desenvolvimento de uma criança durante a aula.



Figura 7 - Melhorias no desenvolvimento da criança.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2019).

Em consonância com essa percepção dos pais, diversos estudos apontam esses benefícios para a criança que realiza atividades no meio aquático. Araújo, Lira e Lima (2016) identificaram que há benefícios para os bebês quando entram em contato com a água, destacando dentre eles o desenvolvimento motor, de acordo com sua idade. Nessa direção, Costa (2010) aponta a aquisição do sentimento de confiança e o domínio do corpo.

Também Azevedo (2018) destaca a iniciação desde os primeiros meses de vida como corpo benéfico para a criança, pois beneficia além dos aspectos motores, a socialização e a confiança. Segundo este autor outros autores apresentam a mesma percepção em relação a melhora do sono (FERREIRA, 2018; CUNHA; ALVAREZ, 2014); aspecto emocional e social (RAIOL; RAIOL, 2011; PAIVA, 2018), e confiança (BASTOS, LEITE, 2017). Na figura 8, nota-se que as atividades contribuíram para estimular a confiança das crianças no meio aquático.



Figura 8 - Confiança no meio aquático.
 Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2019).

Estudos que avaliaram o desenvolvimento motor de crianças que realizam atividades no meio aquático revelam que estas são benéficas para o equilíbrio da criança. Nesse sentido, a percepção dos pais mostra que as crianças participantes desta pesquisa após a iniciação na natação sentam sem apoio (8%) e são mais ativas (92%). Nessa questão os pais não marcaram a opção “engatinham”. Talvez porque as crianças já estavam com mais de 6 meses de vida. Esses dados estão descritos na tabela 2.

Tabela 2 - Percepção dos pais quanto ao equilíbrio da criança.

<i>Desenvolvimento motor</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não observado</i>	<i>Total (%)</i>
Senta sem apoio	1	—	—	1 (8%)
Engatinha	—	—	—	—
É mais ativo	11 (92%)	—	—	11 (92%)

Fonte: Autoria própria (2019).

Os dados apontados pelos pais na segunda parte do questionário, que tratam especificamente, do objeto de estudo da pesquisa, também tem sido percebido pelos pesquisadores que acompanham estas doze crianças desde sua matrícula na escolinha de natação. Sendo possível notar ao longo da intervenção avanços quanto ao medo de locomover-se na água. Também se nota uma maior desenvoltura dos bebês, conforme revela a figura 9.



Figura 9 - Percepção quanto ao equilíbrio cervical.
Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2019).

A respeito do desenvolvimento motor, a literatura aponta resultados positivos da prática de natação na primeira infância. Silva (2015, p. 31) verificou se a prática da natação tinha real influência no desenvolvimento motor das crianças, concluindo que “o grupo de crianças praticantes de natação obtiveram resultado superior ao de crianças não praticantes, em razão do maior número de experiências motoras oferecidas pela prática de atividade aquática regular”.

Em outro estudo, Wizer, Valentini e Castro (2015), observaram a evolução do comportamento motor aquático de crianças, concluindo que todos os participantes melhoraram ou mantiveram a posição do corpo ao longo das observações. A pesquisa também mostrou que cada indivíduo possui um processo singular de desenvolvimento das habilidades aquáticas.

Assim, ao ser investigado a influência da estimulação aquática no desenvolvimento motor de crianças, verificou-se como esses alunos estão evoluindo no aspecto psicomotor, partindo da observação diária das aulas e da visão dos pais com a coleta de informações por meio de questionário, pois as crianças após as intervenções apresentaram uma maior descontração e relaxamento muscular, melhor padrão de movimentos exercícios, avanço no desenvolvimento motor satisfatório para o período, e sinais de melhorias no que diz respeito à socialização e confiança nos movimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados encontrados, o presente estudo sugere que a natação pode proporcionar benefícios para pessoas desde os primeiros anos de vida e que embora, a criança nos primeiros meses de vida apresente limitações, pois estão em desenvolvimento os aspectos motores e psicomotores, as atividades realizadas no meio aquático oferecem possibilidades de estímulos em vários aspectos: motor, psicomotor, cognitivo e socializador. Aqui reside a relevância da participação de crianças nas aulas natação.

Observando as crianças na faixa etária estudada, à medida que os anos se passam, tendo em vista que já trabalhamos com bebês há quase uma década, percebe-se sua motivação nas atividades aquáticas lúdicas.

Os benefícios que a natação propicia as crianças são reforçados na literatura que fundamentou este estudo, no questionário aplicado com os pais e nas nossas observações enquanto professores de natação, mostrando os resultados positivos no desenvolvimento motor e psicomotor da criança, bem como na qualidade de vida das crianças, quanto ao sono, ao equilíbrio dentre outros.

Observou-se também que as crianças participantes de estudo, após as intervenções realizadas durante dois dias na semana, apresentaram uma maior descontração e relaxamento muscular, melhor padrão de movimentos nos exercícios, avanço no desenvolvimento motor satisfatório para o período, e sinais de melhorias no que diz respeito à socialização em momentos de atividades coletivas.

Todavia, o estudo tem limitações quanto à quantidade de questionários entregues pelos pais, embora o grupo observado seja de 20 crianças,

apenas 12 questionários foram devolvidos. Ainda assim, sugere-se a continuação da pesquisa e que em estudos futuros seria pertinente conhecer os efeitos da prática da natação no desenvolvimento motor global da criança.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, W. S.; LIMA, M. J. L.; LIRA, J. S. N. **A importância da natação para o desenvolvimento motor na primeira infância de 6 a 36 meses.** 2016. Disponível em: Universidade do Estado do Pará Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/24543716/universidade-do-estado-dopara>. Acesso em: jan. 2019.

BARBOSA, T. M. *et al.* **Manual de referência FPN para o ensino e aperfeiçoamento técnico em natação.** Versão completa. Plano estratégico, 2014-2024. Lisboa: Federação Portuguesa de Natação, 2015.

BORGES, R. K. F. M.; MACIEL, R. M. A influência da natação no desenvolvimento dos aspectos psicomotores em crianças da educação infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 1, v. 9, p. 292-313, out./nov. 2016.

BRASIL. **Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acessado em: abr. 2018.

BROUCO, G. R. O lúdico e a adaptação ao meio líquido de crianças com medo. **EDUCERE - Revista da Educação,** Umuarama, v. 16, n. 2, p. 243-255, jul./dez. 2016.

CARVALHO, A. B. P. C.; COELHO, D. C. M. **Natação Para Crianças: o que motiva os pais a escolherem esta modalidade esportiva para seus filhos.** TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2016.

FERNANDES, J. C. **Natação para crianças de 3 a 5 anos: as práticas de ensino-aprendizagem em um clube e em uma academia de Porto Alegre.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2013.

FERREIRA, M. F. L. **Avaliação comportamental de crianças pré-escolares em programa de natação.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina

de São José do Rio Preto – FAMERP. Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde. São José do Rio Preto-SP, 2018.

GOMES, R. C. A. **Natação para bebês: motivos para a realização desta prática corporal segundo os pais e/ou responsáveis.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br>. Acesso em: maio. 2018.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida.** 3ªed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2016.

OLIVEIRA, L. R. *et al.* Importância da natação para o desenvolvimento da criança e seus benefícios. **Revista @rargumentam.** Faculdade Sudamérica. v. 5, p. 111-130, 2013.

PIAGET, J. **Epistemologia genética.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANTOS, J. A. S. **A prática lúdica da natação na contribuição do desenvolvimento e aprimoramento motor de crianças.** Vitória de Santo Antão, 2016. 38f.

SILVA, L. P. *et al.* Desenvolvimento motor em crianças praticantes e não praticantes de atividades lúdicas aquáticas. **Jorn. Inter. Bioc.** v. 1, n. 2, 2016.

SILVA, A. S. Análise do desenvolvimento motor de crianças de 3 a 5 anos praticantes e não praticantes de natação do município de Cacoal-Ro. **Revista Eletrônica FACIMEDIT**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2015.

WIZER, R. T.; VALENTINI, N. C.; CASTRO, F. A. S. **Descrição da evolução do comportamento motor aquático: um estudo observacional.** *Cinergis*, v. 16, n. 1, p. 33-38, 2015.

PERFIL NUTRICIONAL E PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DE ALUNOS DO 5º ANO DAS ESCOLAS: CENTENÁRIO DE BOA VISTA E LAUCIDES INÁCIO DE OLIVEIRA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BOA VISTA – RR

NUTRITIONAL PROFILE AND PERCEPTION OF THE BODY IMAGE OF STUDENTS OF THE 5th YEAR OF SCHOOLS: CENTENARY OF BOA VISTA AND LAUCIDES INÁCIO DE OLIVEIRA OF THE MUNICIPAL NETWORK OF TEACHING OF BOA VISTA - RR

Gledson Eduardo Messias de Sousa¹

Fredson Ricardo Pereira Ferreira²

Luciana Leandro Silva³

RESUMO

Para uma existência plena é indispensável ao indivíduo uma boa qualidade de vida. Essa condição se traduz em variáveis que interferem diretamente no cotidiano e no desempenho do sujeito. Atualmente as relações com o corpo são amplamente influenciadas por diversos fatores socioculturais. Esses fatores levam crianças e adolescentes a apresentarem um conjunto de preocupações e insatisfações com a imagem corporal, fazendo com que busquem uma melhor aparência física. A imagem corporal abrange complexos fatores tais como: psicológicos, sociais, culturais e biológicos que determinam subjetivamente como os indivíduos se enxergam, acham que são vistos e enxergam os outros. Sendo assim, a presente pesquisa tem o objetivo de analisar especificamente o índice de massa corporal e a percepção da imagem corporal de Kakeshita *et al.* (2009), por meio da coleta de dados do exame biométrico de escolares da Rede Municipal de Ensino da Cidade de Boa Vista/RR. Os sujeitos da pesquisa foram parte de uma amostra randômica de 279 alunos, sendo 117 alunos matriculados na Escola Municipal Centenário de Boa Vista e 162 na Escola Municipal Laucides Inácio de Oliveira, as escolas estão localizadas na zona sul e norte da cidade de Boa Vista/RR. Como resultado, a pesquisa demonstrou que

1 Pós-Graduado em Docência em Educação Física Escolar-IFRR/2019. E-mail: guegueduda@hotmail.com.

2 Pós-Graduado em Docência em Educação Física Escolar-IFRR/2019. E-mail: fredson_pereira_ns2@hotmail.com.

3 Professora Coordenadora Ma. em Ensino de Ciências – Univates/2013. E-mail: lukaed45@gmail.com.

os escolares não conseguem se perceber em relação à imagem corporal pertinente ao seu estado nutricional. A intervenção fez-se de maneira qualitativa e quantitativa por meio da modalidade de pesquisa de campo descritiva com exame biométrico, com um questionário objetivo da Escala de Silhueta e com uma pergunta de cunho social.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças e Adolescentes. Fatores Socioculturais. Exame biométrico.

ABSTRACT

For a full existence it is indispensable to the individual a good quality of life. This condition translates into a range of variables that directly interfere with the daily life and performance of the subject. Currently, the relations with the body are largely influenced by various sociocultural factors. These factors lead children and adolescents to present a set of concerns and dissatisfactions with body image, causing them to seek a better physical appearance. Body image encompasses complex factors such as: psychological, social, cultural, and biological that subjectively determine how individuals see themselves, think they are seen, and see others. Thus, the present research aims at analyzing body mass index and body image perception (Kakeshita et al., 2009), through the collection of data from the biometric examination of school children of the Municipal Education Network of the City of Boa Vista-RR. The subjects of the research were a random sample of 279 students, 117 students enrolled in the Municipal School Centenary of Boa Vista and 162 in the Municipal School Laucides Inácio de Oliveira, the schools are located in the south and north of the city of Boa Vista - RR. As a result, research has shown that students are unable to perceive themselves in relation to the body image relevant to their nutritional status. The intervention was done in a qualitative and quantitative way through the descriptive field research modality with biometric examination, with an objective questionnaire of the Silhouette Scale and with a social question.

KEYWORDS: Children and Adolescents.Sociocultural Factors.Biometric examination.

INTRODUÇÃO

O panorama da evolução nutricional da população brasileira revelou, nas duas últimas décadas, mudanças em seu padrão e as tendências temporais da desnutrição e da obesidade definem uma das características marcantes do processo de transição nutricional do país. Ao mesmo tempo em que declina a ocorrência da desnutrição em crianças, adolescentes e adultos em ritmo bem acelerado, observa-se um aumento na prevalência de sobrepeso e obesidade em todas as faixas etárias (BATISTA FILHO; ROMANI, 2002).

A desnutrição é considerada uma doença que pode causar prejuízos e consequências irreparáveis no decorrer do desenvolvimento físico e mental da criança, ocasionando danos de memória e concentração, perda de peso, retardo no desenvolvimento psicomotor, dificuldades de aprendizagem, impulsionando comportamentos agressivos, negativistas, dentre outros. Esses fatores contribuem para diminuir a imunidade infantil e aumentam o risco de contaminação, tornando a criança mais suscetível a doenças (MENDES, 2016).

Por outro lado, a Federação Mundial de Obesidade vem mostrando, por meio de suas pesquisas e estudos, que há uma proeminência muito alta de crianças e adolescentes acima do peso, com um aumento de mais de 40 milhões, em menos de uma década. Diante da pesquisa, a Federação Mundial de Obesidade aponta que: 91 milhões dessa turma será obesa; 28 milhões terão hipertensão; 39 milhões terão gordura no fígado e 4 milhões terão diabetes tipo 2 (NEPOMUCENO, 2016).

Entretanto, a obesidade é definida como aumento específico da quantidade generalizada ou localizada de gordura em relação ao peso corporal. Portanto, entende-se um indivíduo obeso como tendo sobrepeso inevitavelmente. Contudo, o inverso não se aplica, tendo em vista que o sobrepeso não, necessariamente, caracteriza a obesidade (GUEDES, D.; GUEDES, J., 2003).

Bouchard (2003) afirma que o sobrepeso difere da obesidade, pois, na obesidade a percentagem de massa corporal é maior, ou seja, a expansão dos tecidos magros, livres de gorduras, não foi acompanhada pelo crescimento do tecido adiposo. Outra diferença concerne ao balanço energético que, na obesidade, é sustentado por um período maior de tempo do presente no sobrepeso. Há, ainda, o fato de que os indivíduos obesos são mais pesados do que os indivíduos que apresentam apenas o sobrepeso, em relação à sua estatura.

A fase do desenvolvimento motor no início da vida é apresentada por muitos autores como fase transacional que se encontra entre a infância e vida adulta. É inerente a essa fase conflitos que colocam em foco os conteúdos polêmicos desse período. (SPRINTHALL; COLLINS, 2006). Nesse sentido, o aluno enquanto sujeito, e considerando a imagem corporal como a primeira relação do indivíduo com o mundo social, compreende-se que, principalmente na infância/adolescência, a imagem corporal é especialmente significativa no ajustamento do indivíduo em suas relações sociais. Portanto, a imagem corporal representa fator essencial na constituição de

uma boa autoestima e possui sua importância no desenvolvimento de um adolescente saudável (DUKE-DUNCAN, 1991).

Dessa maneira, temos um fenômeno que tem uma relação muito forte com a imagem corporal: o bullying, o qual pode afetar a autoestima e a saúde mental de crianças e adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, obesidade, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio (GUARESCHI; SILVA, 2008). Segundo Reis *et al.* (2016, p. 102), a “escola é o local mais propício para acontecer o bullying, pois, nesse ambiente tem ocorrido formas negativas de relacionamentos, gerando consequências perigosas para a vida do aluno”.

As pesquisas nesta área, no Brasil, têm apontado que o ambiente escolar tem sido considerado o melhor espaço para a realização do levantamento de dados para a avaliação nutricional de crianças e adolescentes, bem como sua percepção corporal, assim como para as intervenções necessárias à prevenção dos problemas de saúde já citados, pois a maioria dessa população frequenta a escola recebendo a influência dos professores durante o ano. Além disso, os escolares realizam pelo menos uma de suas refeições do dia (merenda escolar) e/ou consomem produtos de lanchonete na escola (MONTEIRO, 1995).

Diante do exposto, a problemática avaliada é: o estado nutricional corresponde à realidade percebida pelos alunos como sua imagem corporal? Nesse sentido, a pesquisa avaliou o estado nutricional com a percepção da autoimagem corporal de escolares das escolas Centenário de Boa Vista e Laucides Inácio de Oliveira, ambas da Rede Municipal de Ensino da Cidade de Boa Vista/RR. A metodologia consistiu na análise do índice de massa corporal dos escolares, na percepção deles sobre sua autoimagem, assim como informando o real estado nutricional dos escolares com a sua percepção de autoimagem corporal.

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo descritiva, exploratória de campo, com uma abordagem qualitativa e quantitativa. A pesquisa descritiva é quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles, já a pesquisa qualitativa não utiliza estatísticas, mas sim observa e a analisa

os fenômenos da pesquisa. Utilizou-se, também, a pesquisa bibliográfica por meio de trabalhos publicados que abordavam o tema nas plataformas Bireme, Lilacs e Scielo (PRODAVON; FREITAS, 2013).

A pesquisa foi realizada com 279 discentes matriculados nas escolas Centenário de Boa Vista e Laucides Inácio de Oliveira, as quais fazem parte da rede municipal de Boa Vista/RR: as duas estão localizadas, respectivamente, na Zona Sul e Norte da cidade. Os sujeitos da pesquisa encontram-se no 5ª ano do Ensino Fundamental I, estudando nos períodos matutino e vespertino.

Para a determinação das escolas que participaram da pesquisa, foi utilizado como referencial a classificação de Cano e Silva (1994), que agrupa as escolas em carentes, mistas ou particulares, de acordo com a clientela que as frequentam. As escolas carentes e mistas foram as escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica, ou seja, as instituições que recebem alunos das mais variadas classes econômicas e culturais.

A coleta de dados organizou-se em três etapas: a) aplicação da avaliação da imagem corporal; b) aferição do peso e altura dos sujeitos da pesquisa e; c) formulação do Índice de Massa Corporal dos alunos avaliados. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado a avaliação da imagem corporal de Kakeshita *et al.* (2009), composta por uma escala de onze (11) silhuetas numeradas, para cada um dos sexos: organizadas de maneira crescente, da mais magra à mais gorda, a silhueta selecionada pelos participantes da pesquisa representa a imagem corporal percebida por eles. É importante ressaltar que cada silhueta, antes de ser desenhada, foi fotografada em estúdio, com os participantes na mesma postura (de frente, com as pernas ligeiramente afastadas, e construídas por computação gráfica (KAKESHITA *et al.*, 2009).

As silhuetas foram estabelecidas em quatro categorias:

- Baixo Peso – silhuetas 1 e 2.
- Normal – silhuetas 3,4 e 5.
- Sobrepeso – silhuetas 6,7 e 8.
- Obeso – silhuetas 9,10 e 11.

Para a obtenção do índice de massa corporal dos alunos, foi utilizada uma balança eletrônica portátil com estadiômetro da marca Welmy, ano de

fabricação 2009, modelo w 20/100A, número de série EK 004.122, escalonada em quilos e intervalos de 100 gramas, com capacidade máxima 150 kg, devidamente aferida. Para que houvesse confiabilidade dos dados coletados, os discentes estavam vestidos com roupas leves e descalços.

Para a avaliação do estado nutricional, utilizou-se a classificação do IMC, de acordo com os parâmetros de Must, Dallal e Dietz (1991), a qual é a classificação proposta pela Organização Mundial da Saúde – OMS (2007).

Na investigação foram respeitados os princípios éticos que regem a pesquisa envolvendo seres humanos. Para tanto, a participação dos entrevistados foi voluntária e consentida. Houve o cuidado de prestar esclarecimentos referentes aos objetivos da pesquisa e da entrevista para os alunos do estudo, assegurando, desse modo, a confidencialidade das informações obtidas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram examinados na pesquisa 279 discentes, sendo 117 alunos oriundos da Escola Municipal Centenário de Boa Vista (42%) e 162 alunos da Escola Municipal Laucides Inácio de Oliveira (57%). Do total de escolares examinados, oito (1%) não entraram nas análises por não se identificarem no questionário e faltarem ao exame biométrico.

A Escola Laucides Inácio de Oliveira fica localizada no Conjunto Pérolas do Rio Branco II, no bairro Nova Cidade e está situada em uma área de classe média-baixa. Por sua vez, a Escola Centenário de Boa Vista fica localizada no bairro Aparecida, em uma área de classe média alta. Na tabela 1, apresenta-se o estado nutricional das duas escolas participantes.

Segundo o parâmetro baixo peso, a Escola Laucides tem 35% dos alunos nessa categoria e a Escola Centenário tem 29%. Percebe-se, pelas análises, que escola situada na periferia tem um índice maior de alunos de baixo peso.

Em relação ao parâmetro peso normal, a Escola Laucides obteve 44%, enquanto a Centenário obteve 35%. Portanto, a Escola Laucides teve uma prevalência significativa de alunos com o peso corporal normal.

No que concerne ao estado nutricional do sobrepeso e obesidade, a Escola Centenário está com 36% de seus alunos com excesso de peso, enquanto a Escola Laucides tem apenas 21%. É importante frisar que a Escola Laucides tem um maior número de participantes na pesquisa, porém, ainda

assim, a Escola Centenário obteve um índice altíssimo de alunos com sobrepeso e obesos. Juntando as duas porcentagens das escolas, o sobrepeso e a obesidade ficaram caracterizado em 57% dos discentes acima do peso.

Tabela 1 - Distribuição do estado nutricional com base no IMC e em porcentagem dos escolares dos 5º anos das Escolas, Centenário de Boa Vista e Laucides Inácio de Oliveira da Rede Municipal de Boa Vista/RR.

Escolas	ESTADO NUTRICIONAL				
	Baixo Peso	Normal	Sobrepeso	Obesidade	Total
Centenário	29%	35%	19%	17%	100%
Laucides	35%	44%	12%	9%	100%
Total	64%	79%	31%	26%	200%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Durante a avaliação, foi questionado aos estudantes qual silhueta representava o seu corpo atual (tabela 2). Fazendo uma comparação entre as duas escolas, a Escola Centenário obteve 49% de acertos, ou seja, discentes que conseguiram se perceber de acordo com o seu IMC/Corpo atual. No entanto, na Escola Laucides essa percepção de acerto foi de 44%. Em relação aos escolares que não conseguiram estabelecer o perfil nutricional de acordo com as silhuetas avaliadas, a Escola Centenário obteve um percentual de 51%, enquanto a Escola Laucides obteve 56%.

Tabela 2 - Percepção de acertos e erros dos escolares quanto a silhueta referente ao seu corpo atual.

Percepção da Imagem Corporal			
Escolas	Acertos	Erros	Total
Centenário	49%	51%	100%
Laucides	44%	56%	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 3, dividimos os escolares por silhuetas de acordo com as respostas. Aproximadamente 10% se identificaram com as silhuetas 1 e 2, que correspondem ao baixo peso. Porém, 59% responderam que o seu corpo atual está representado pelas silhuetas 3, 4 e 5, que corresponde ao estado nutricional normal, e 23% dos discentes se perceberam com sobrepeso, finalizando com 11% de obesidade.

Tabela 3 - Respostas referente a identificação das silhuetas que representam seu corpo atual.

S 1	S 2	S 3	S 4	S 5	S 6	S 7	S 8	S 9	S 10	S 11
3%	7%	12%	21%	26%	10%	3%	10%	4%	6%	1%
Baixo Peso		Normal			Sobre- peso			Obesi- dade		

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 4, os escolares que estavam no estado nutricional Baixo Peso, apenas 22% perceberam-se como realmente estava seu corpo. Foi constatado que 72% dos discentes, nesse estado nutricional, escolheram erroneamente as silhuetas 3, 4 e 5 Normal, e 6% deles escolheram as silhuetas que estão dentro do estado nutricional Sobrepeso e Obesidade. A quantidade de erros é alarmante e alcança o total de 78%.

Tabela 4 - Erros e acertos dos escolares em baixo peso quanto ao seu estado nutricional.

Baixo peso	Normal	Sobrepeso	Obesidade
19	63	5	1
	22%		
	72%		1%
	5%		
BAIXO PESO			

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 5, os discentes em estado nutricional considerado Normal, foram os que mais responderam de forma acertadamente quanto a seu corpo, o que corresponde a 68%. Os outros, 6% responderam as silhuetas 1 e 2 Baixo Peso e 26% Sobrepeso e Obesidade. As respostas erradas somaram um total de 32%.

Tabela 5 - Erros e acertos dos escolares com peso normal quanto ao seu estado nutricional.

Baixo peso	Normal	Sobrepeso	Obesidade
7	74	27	1
6%	68%	25%	1%
NORMAL			

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 6, os escolares que estavam com o fator nutricional de Sobrepeso, após a aferição do IMC, 45% responderam, de forma correta quanto ao seu corpo, enquanto 3% escolheram as silhuetas 1 e 2 Baixo Peso, 45% as silhuetas 3, 4 e 5 Normal e 7% as silhuetas 9, 10 e 11 Obesidade, totalizando 55% de erros.

Tabela 6 - Erros e acertos dos escolares com sobrepeso quanto ao seu estado nutricional.

Baixo peso	Normal	Sobrepeso	Obesidade
1	18	18	3
3%	45%	45%	7%
SOBREPESO			

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 7, os escolares que estavam com o fator nutricional de Obesidade, 47% responderam acertadamente quanto ao seu corpo, 32% escolheram as silhuetas 6, 7 e 8 Sobrepeso e 15% as silhuetas 3, 4 e 5 Normal e apenas 6% escolheram as silhuetas 1 e 2 que representam o Baixo Peso. Totalizando 53% de erros.

Tabela 7 - Erros e acertos dos escolares com obesidade quanto ao seu estado nutricional.

Baixo peso	Normal	Sobrepeso	Obesidade
2	5	11	16
6%	15%	32%	47%
OBESIDADE			

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, os sujeitos da pesquisa foram inquiridos sobre qual silhueta representava o corpo que eles gostariam de ter. As respostas mais expressivas foram 60% e 54% correspondente às silhuetas 3, 4 e 5 (Normal), nas duas escolas. Enquanto que 10% e 11% deles escolheram as silhuetas 1 e 2 (Baixo Peso). Outro valor expressivo é que 26% e 32% deles responderam que gostariam de ter o corpo representado pelas figuras de silhuetas 6, 7 e 8, que corresponde ao estado nutricional de Sobrepeso e 4% e 3%, escolheram as silhuetas 9, 10 e 11 que representa o estado nutricional de (Obesidade).

Tabela 8 - Respostas dos escolares relacionadas ao corpo que gostariam de ter.

Escolas		
Estado Nutricional	Centenário	Laucides
Baixo peso	10%	11%
Normal	60%	54%
Sobrepeso	26%	32%
Obesidade	4%	3%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Questionado aos participantes do estudo qual silhueta representava o corpo ideal, verificamos que os resultados foram bem parecidos com os da pergunta anterior, pois 51% e 45% deles responderam que o corpo ideal estaria melhor representado pelas silhuetas 3, 4 e 5 (Normal). Enquanto que 44% e 37% acreditam que as silhuetas 6, 7 e 8 (Sobrepeso) representavam o corpo ideal. Um dado interessante da pesquisa é que na Escola Laucides teve um índice de 11% dos participantes que responderam que as silhuetas 9,10 e 11 (Obesidade), corresponderia ao corpo ideal, enquanto que na escola Centenário não houve nenhum participante que escolheu uma dessas silhuetas.

Tabela 9 - Respostas dos escolares quanto ao corpo ideal.

Escolas		
Estado Nutricional	Centenário	Laucides
Baixo peso	5%	7%
Normal	51%	45%
Sobrepeso	44%	37%
Obesidade	0%	11%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à prevalência maior de escolares que já sofreram bullying, a pesquisa constatou que na Escola Laucides o índice foi de 62%, enquanto na Escola Centenário tal índice diminuiu para 26%, conforme tabela 10. É importante ressaltar que, no questionário, a pergunta era objetiva, sim ou não. Mas alguns escolares relataram, de acordo com aparência do seu rosto e corpo:

[...] fui chamada de palito [...]

[...] sofro bullying pelo cabelo que tenho enrolado [...]

[...] *mais ou menos* [...]

[...] *bolinha* [...]

O bullying pode fazer com que esses escolares tenham consequências na sua vida social, provocando desconforto, sentimentos negativos gerando sofrimento. Todo esse processo negativo pode trazer momentos de tristeza, vergonha, sentimento de diminuição e desvalorização pessoal (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Tabela 10 - Respostas dos escolares sobre o sofrimento de bullying por conta da sua imagem corporal.

Problema Social relacionado a Imagem Corporal			
Escolas	Sim	Não	Total
Centenário	26%	74%	100%
Laucides	62%	38%	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

DISCUSSÃO

O comparativo entre as escolas selecionadas, sobre o real estado nutricional, evidenciou que na Escola Laucides o número de alunos com baixo peso é mais elevado do que na Escola Centenário. Podemos também verificar esta constatação por meio de alguns relatos e experiências de profissionais de educação, registrados por intermédio dos monitoramentos de professores, coordenadores e gestores das escolas da Secretaria Municipal de Educação de Boa Vista/RR, por exemplo: “Isso está relacionado a vários fatores como: escolas localizadas em periferias, baixo poder aquisitivo, crianças que têm uma única alimentação na escola, chegando a repetir mais de duas vezes”.

A desnutrição desenvolve-se mediante múltiplos fatores, os quais envolvem processos ambientais e patológicos, sendo que estes estão associados à pobreza, não se tratando apenas de uma carência de alimentos (SARNI *et al.*, 2009). Segundo o resultado da pesquisa, na Escola Centenário, o índice de escolares com sobrepeso e obesos foi mais prevalente. De acordo com a pesquisa de Hobold e Arruda (2015, p. 162), os “escolares que pertencem às famílias de maior poder aquisitivo, apresentaram uma predisposição maior ao desenvolvimento da prevalência de sobrepeso em ambos os

sexos”. Esse diagnóstico da Escola Centenário se deve ao fato dos escolares comerem alimentos industrializados, à pouca prática de atividade física e ao tempo excessivo gasto com jogos eletrônicos e redes sociais.

Contudo, Leão *et al.* (2003, p. 155) afirmam que “as razões para uma maior prevalência de obesidade em crianças de nível socioeconômico mais alto poderiam estar associadas ao fácil acesso ao consumo de alimentos ricos em calorias vazias ou por diminuição da atividade física”. Portanto, todos esses fatores negativos podem levar ao sobrepeso e à obesidade que, além de acarretar doenças, pode interferir na imagem corporal e percepção dos escolares, que ficam com vergonha do próprio corpo.

Em relação à percepção corporal pertinente ao seu estado nutricional, houve um índice altíssimo de escolares que não conseguiram perceber, tanto na Escola Centenário como na Escola Laucides. Corroborando tal afirmativa, Macedo (2015, p. 508) informa que “a percepção da imagem corporal é influenciada por aspectos psicológicos, sociais, culturais e biológicos e determina a busca pela melhor aparência física”. Durante o processo de análise da pergunta 1 do questionário, foram observadas inconsistências, a saber: camuflagem dos escolares durante a pesquisa, silhuetas com imagens parecidas, não conhecimento da sua imagem corporal atual e vergonha do seu estado nutricional.

Esses fatores foram determinantes para uma interpretação dos pesquisadores durante todo o processo de análise. Evidenciou-se que muitos alunos burlaram o questionário respondendo de forma errônea, isto é, responderam de forma oposta ao seu real estado nutricional. Outro aspecto importante para mencionar é a interferência das figuras/ou não (silhuetas). No momento de os escolares responderem ao questionário, os pesquisadores identificaram algumas figuras parecidas no parâmetro e isso, também, pode ter interferido na escolha errada dos escolares.

Braga, Molina e Figueiredo (2010) defendem aspectos sobre o corpo como fenômeno de representações sociais ou saberes sociais, dando ênfase na construção de uma identidade por meio do simbolismo, em que o sujeito começa entender o mundo. Com isso, cria-se o estigma social, que dita um corpo magro e simétrico como sendo o padrão de beleza, que leva esses indivíduos em busca de um estereótipo perfeito e isso pode gerar dificuldades relacionadas à percepção corporal, cujas dificuldades são reforçadas pelas mídias na sociedade atual.

Observou-se também que quase todos os escolares que estavam no estado nutricional sobrepeso e obesidade entregaram seus questionários do lado da folha em branco para cima, outros demoraram a entregar e alguns não se identificaram: nesse momento, os pesquisadores notaram que esses escolares ficaram com vergonha do seu estado nutricional.

De acordo com Macedo (2015, p. 507):

A percepção de corpo deteriorado, de uma imagem corporal desfigurada, vai muito além de um corpo com excesso de peso e volume. Essa autoimagem traz consequências para a vida social, provoca desconforto, sentimentos negativos gerando sofrimento, como expressou a categoria, “Sofrer o peso de viver um corpo obeso”.

Com relação a percepção dos escolares com um corpo que gostaria de ter o corpo ideal, observou-se que a maioria relacionou corretamente as silhuetas que representam um estado nutricional adequado para sua vida. Na opinião de Braga, Molina e Figueiredo (2010), a realidade supracitada é resultado da superexposição de modelos corporais nos meios de comunicação, que contribuiu fundamentalmente para a divulgação de uma ótica corpórea estereotipada e determinada pelas relações de mercado, sendo notório que as mídias influenciam a população com um padrão de beleza que vem desde propagandas a comerciais que direcionam as crianças e até os adultos.

Na análise das respostas relacionadas ao bullying, a Escola Laucides obteve um índice altíssimo de alunos que já sofreram esse fenômeno. No estudo de Oliveira *et al.* (2015), os alunos que relatam sofrer bullying em função da aparência do corpo, foram realizados cruzamentos com a variável imagem corporal, apontando aumento das frequências de bullying entre os que se sentem muito gordos e muito magros. Corroborando com o autor, diante das aplicações dos questionários nas turmas da Escola Laucides, alguns escolares informaram que praticaram bullying com outros colegas em função do estado nutricional obeso, sobrepeso e baixo peso daqueles:

“Fulano parece com a silhueta 11”

“Beltrano parece com a silhueta 1”.

No decorrer de todo o processo da pesquisa, os escolares da Escola Centenário apresentaram um comportamento adequado facilitando a co-

leta de dados, já os escolares da Escola Laucides não obtiveram o mesmo comportamento, sendo que algumas vezes os pesquisadores tiveram que intervir durante o processo por conta do mau comportamento, o não entendimento do questionário, dentre outros fatores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto e compreendendo que crianças no 5º ano do ensino fundamental vivem uma fase de transição na qual apresentam uma série de transformações de ordem biológica, psicoemocional e social que podem refletir na adolescência ou na vida adulta, pode-se inferir que a imagem corporal tende a ser percebida distorcidamente pelos discentes, levando-os a crer que possuem uma aparência física inadequada, superestimando ou subestimando o tamanho e/ou forma do seu corpo.

Os achados do presente estudo permitem concluir que os discentes avaliados demonstraram, em sua maioria, uma percepção corporal inadequada ao seu estado nutricional e resultados preocupantes foram encontrados, demonstrando-se uma distorção na percepção corporal com o seu real estado nutricional em uma parcela dos escolares avaliados, especialmente referentes a aqueles que foram identificados com baixo peso, em que a maioria escolheu erradamente a silhueta que representava seu corpo. Alguns escolheram as silhuetas que correspondiam ao estado nutricional de sobrepeso ou obesidade e o percentual de escolares nas faixas de excesso de peso que escolheram imagens que representam o estado nutricional de baixo peso foi elevado.

Dentre os que apresentavam peso normal, alguns se enxergaram abaixo do peso ou com sobrepeso e obesidade, mesmo assim grande parte escolheu, de forma acertada, a silhueta que representava seu corpo.

Os resultados demonstram ainda que o índice de baixo peso, como também o problema social relacionado ao corpo (bullying), é mais relevante na escola situada na área de classe média-baixa e de sobrepeso e obesidade na escola situada na área de classe média-alta, demonstrando que os níveis econômicos mais elevados influenciam no estado nutricional e em questões sociais.

Dessa forma, a compreensão acerca dos fatores que interferem na construção da imagem corporal das crianças merece grande atenção, pois se verifica que é na faixa etária dos sujeitos desta pesquisa que estes comecem a ser influenciados pelos padrões impostos pela sociedade. As fontes pesquisadas confirmam essa preocupação, já que a distorção da imagem corporal se torna cada vez mais comum entre esses indivíduos.

É importante ressaltar que o sobrepeso e a obesidade, durante a análise dos dados gerais, foram percebidos, ou seja, apesar de percepções errôneas relacionadas ao estado nutricional das crianças sobre si próprios, não se pode negar que o sobrepeso e a obesidade foram detectados, podendo continuar na adolescência e posteriormente na vida adulta se não forem adequadamente controlados, além de fatores desencadeadores de problemas na qualidade e expectativa de vida. Por outro lado, a mídia apresenta a magreza como padrão de corpo, o que pode ser inatingível para muitas pessoas, o que trará consequências como baixa autoestima e problemas psicológicos naqueles que não alcançam tal padrão.

É importante destacar que as orientações em nutrição dentro do ambiente escolar são de suma importância, partindo de um trabalho entre profissionais da saúde e educação, incentivando as crianças a conhecerem melhor a si mesmas, o corpo e refletirem sobre os padrões corporais e a adoção de um estilo de vida saudável.

REFERÊNCIAS

BATISTA FILHO, M.; ROMANI, S. A. M. **Alimentação, nutrição e saúde no Estado de Pernambuco: espacialização e fatores sócio-econômicos**. Recife: Instituto Materno Infantil de Pernambuco, 2002.

BRAGA, Patrícia Déa; MOLINA, Maria del Carmen Bisi; FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescente de classes populares. **Ciências, Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, jan. 2010.

BOUCHARD, Claude. **Atividade física e obesidade**. 1. ed. Barueri: Manole, 2003.

CANO, M. A. T.; SILVA, G. B. Detecção de problemas visuais e auditivos de escolares em Ribeirão Preto: estudo comparativo por nível sócio-econômico. **Rev. Latino-Am. Enf.**, v. 2, n. 1, p. 57-68, 1994.

DUKE-DUNCAN, P. Body Image. In: LERNER, R.; PETERSEN, A.; BROOKS-GUNN, J. (eds.). *Encyclopedias Adolescence*. v. 1, p. 90-94. New York and London: Garland Publishing, 1991.

GUARESCHI, A. P.; SILVA, M. R. da. **Bullyng mais sério do que se imagina**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GUEDES, Dartagnan Pinto; GUEDES, Joana Pinto. **Controle do peso corporal: composição corporal, atividade física e nutrição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

LEÃO, L. S. C. de Souza; ARAÚJO, L. M. B.; MORAES, L. T. L. P. de; ASSIS, A. M. Prevalência de Obesidade em Escolares de Salvador, Bahia. **Revista. Arq. Bras. Endocrinal Metab**, v. 47, n. 2, abr. 2003.

MACEDO, T. T. S. de; PORTELA, P. P.; PALAMIRA, C. S.; MUSSI, F. C. Percepção de Pessoas Obesas sobre seus Corpos. **Revista. Anna Nery**, v. 19, n. 3, abr. 2015.

MENDES, L. V. As consequências da desnutrição no desenvolvimento físico e mental infantil. Fundação Telefônica. [on-line], Brasil, 2 de dez 2016. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/promenino/trabalho infantil/colunistas/asconsequencias-da-desnutricao-no-desenvolvimento-fisico-e-mental-infantil/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

MONTEIRO, C. A. **Velhos e novos males da saúde no Brasil: Evolução do País e suas Doenças**. São Paulo: Hucitec, 1995.

MUST, A.; DALLAL, G. E.; DIETZ, W. H. Reference data for obesity: 85th and 95thpercentiles of body mass index (wt/ht²) - a correction. **Am. J. Clin Nutr.**, v. 54. p.773. 1991.

OLIVEIRA, W. A. de; SILVA, M. A. L; MELLO, F. C. M. de; PORTO, D. L; YOSHINAGA, A. C. M; MALTA, D. C. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Março-Abril, 2015, v. 23, p. 275-282, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. **Growth reference data for 5-19 years**. 2007. Disponível em: http://www.who.int/growthref/who2007_bmi_for_age/en/index.html.

KAKESHITA, I. S; SILVA, A. I. P; ZANATTA, D. S; ALMEIDA, S. S. Construção e Fidedignidade Teste-Reteste de Escalas de Silhuetas Brasileiras para Adultos e Crianças. **Revista. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 263-270, abr./jun. 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, A. P. A. dos; FRANCISCATTO, L. A.; SILVA, P. A. M. L.; SIMÕES, V. A. P.; NOGUEIRA, M. do C. O. As consequências do bullying nas escolas e o papel fundamental da comunidade escolar para intervir e solucionar esse problema. **EDUCERE- Revista da Educação**, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 101-109, jan./jun. 2016.

NEPOMUCENO, Thiago. Taxas de obesidade infantil tendem a subir no mundo. Publicado em: 11 out. 2016. **Revista Saúde Abril**. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/familia/taxas-de-obesidade-infantil-tendem-a-subir-no-mundo/>. Acesso em: 14 maio. 2020.

SARNI, R. O. S.; CARVALHO, M. F. C. C.; MONTE, C. M. G. do; ALBUQUERQUE, Z. P.; SOUZA, F. I. S. Avaliação antropométrica, fatores de risco para desnutrição e medidas de apoio nutricional em crianças internadas em hospitais de ensino no Brasil. **Jornal de Pediatria**, v. 85, n. 3, 2009.

SPRINTHALL, A. N.; COLLINS, W. A. **Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista**. Traduzido por Cristina Maria Coimbra Vieira. v. 3, 2006.

COM QUANTA GINGA SE APRENDE A DAR AULA DE CAPOEIRA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

WITH HOW MUCH GINGA DO YOU LEARN TO GIVE CAPOEIRA CLASSES: AN EXPERIENCE REPORT IN PHYSICAL EDUCATION

Ingrid Corrêa Berlezi ¹

Márcia Demétrio ²

Beatriz Staimbach Albino ³

RESUMO

Este relato de experiência aborda o processo de construção de saberes por parte das autoras (professoras-pesquisadoras) para ministrarem aulas de capoeira a partir da perspectiva da cultura corporal. Utilizou-se a metodologia da pesquisa participante, em que o pesquisador vivencia e participa da pesquisa, no caso a elaboração e aplicação das aulas. Estas foram registradas em diário de campo e os dados foram organizados e analisados a partir do objetivo proposto. Ao final do trabalho foi aplicado um questionário com os alunos, a fim de avaliar o aprendizado e o interesse no conteúdo ensinado. Na primeira categoria explanou-se sobre os desafios do processo de construção dos saberes específicos, com busca por conhecimento prático e teórico. Na segunda categoria aborda-se como foi a realização das brincadeiras e apresenta-se seu registro como forma de inspiração para outros professores. Nas considerações finais destaca-se as competências desenvolvidas para o ensino, como um conhecimento prático básico sobre capoeira, a ampliação e aprofundamento do conhecimento da modalidade, apostando em uma perspectiva interdisciplinar, e o uso de estratégias como rodas de conversa, a referência a elementos históricos por meio de brincadeiras e o uso da ludicidade para o ensino dos movimentos próprios da capoeira. As atividades desenvolvidas são apresentadas como um arquivo que pode dar suporte para o trabalho de outros professores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Ensino. Relato de experiência. Capoeira. Saberes Docentes.

1 Especialista em Docência em Educação Física Escolar/IFRR. E-mail: ingridberlezy@gmail.com.

2 Especialista em Docência em Educação Física Escolar/IFRR. E-mail: marciaKiara7@gmail.com.

3 Doutora em Ciências Humanas/UFSC. E-mail: beatriz.albino@ufsc.br.

ABSTRACT

This experience report addresses the process of knowledge construction by the authors (teacher-researchers) to teach capoeira classes from the perspective of body culture. The participant research methodology was used, in which the researcher experiences and participates in the research, in this case the elaboration and application of the classes. These were recorded in a field diary and the data were organized and analyzed based on the proposed objective. At the end of the work, a questionnaire was applied with the students, in order to assess learning and interest in the content taught. In the first category it was explained about the challenges of the process of construction of specific knowledge, with search for practical and theoretical knowledge. The second category discusses how the games were performed and presents their record as a form of inspiration for other teachers. The final considerations highlight the competences developed for teaching, such as a basic practical knowledge about capoeira, the broadening and deepening of the knowledge of the sport, betting on an interdisciplinary perspective, and the use of strategies such as conversation circles, the reference to elements through play and the use of playfulness to teach capoeira's own movements. The activities developed are presented as a file that can support the work of other teachers.

KEYWORDS: Physical Education. Teaching. Experience report. Capoeira Teaching knowledge.

INTRODUÇÃO

A entrada da Educação Física como componente de Linguagens na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) difundiu para os professores em geral uma nova perspectiva de ensino para a área, que é a das práticas corporais como componente da cultura, ultrapassando a dimensão prática, de movimentação visando o mero desenvolvimento de habilidades motoras ou a saúde. Essa mudança tem relação com o ganho de importância acadêmica dos escritos de um Coletivo de Autores, sobre a cultura corporal (SOARES, 1992), no que a Educação Física procura se justificar na escola por ser a única a se ocupar da dimensão cultural do movimento, expressa nos jogos, nas danças, nas lutas, nos esportes e nas ginásticas (SILVEIRA, 2001).

Tal proposta de metodologia de ensino já existia desde os anos noventa e compunha uma dentre as tendências pedagógicas existentes na Educação Física (BRACHT, 1999). Com a entrada na BNCC tal tendência em particular atingiu uma gama mais ampla de profissionais, além de adquirir uma autoridade que antes não possuía. Há, contudo, alguns dilemas

a serem enfrentados, como a dificuldade de traduzir como intervenção pedagógica os avanços teóricos, de modo que o emprego da abordagem da cultura corporal é ainda hoje considerada uma prática inovadora (SILVA, BRACHT, 2012; FARIA *et al.*, 2010). Junte-se a isso o fato de que tal tendência é ainda pouco conhecida em muitos cursos de Graduação e mesmo de Pós-Graduação em Educação Física do país.

Este artigo apresenta a experiência de duas professoras que se dispuseram a enfrentar o desafio de realizar uma intervenção pedagógica a partir da perspectiva da cultura corporal. Tal intervenção, assim como a reflexão sobre ela, é o resultado do trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação em Docência em Educação Física, ofertada pelo Instituto Federal de Roraima no ano de 2018. Com o conhecimento adquirido em um dos componentes curriculares cursados a respeito da cultura corporal e o interesse por estudar o tema da capoeira, as professoras (agora também pesquisadoras) colocaram como tema-guia para o trabalho: como uma professora de educação física sem nenhuma experiência ou prática poderá ensinar a capoeira em suas aulas a partir da perspectiva da cultura corporal?

O objetivo da pesquisa foi apresentar o processo em si de adotar essa perspectiva de ensino, expondo como se deu a construção de saberes que tornou possível esta experiência, bem como os resultados “práticos” desse processo. Entende-se aqui que o saber dos professores “é social por ser adquirido no contexto de uma *socialização profissional*, onde é incorporado, modificado, adaptado em função dos momentos e das fases de uma carreira ao longo de uma história profissional onde o professor aprende a ensinar fazendo o seu trabalho” (TARDIF, 2010, p. 14). Assim, apresenta-se aqui como foi essa reconstrução dos próprios saberes docentes a partir do conhecimento não somente sobre a cultura corporal, mas também de uma modalidade que não se tinha um conhecimento “prático” anterior: a capoeira. Responder se isso é possível e como tornar tal proposta viável foi o mote deste trabalho. Paralelamente objetivou-se apresentar as inovações que poderiam surgir desse processo de ensino, no que o interesse de ensinar a capoeira por meio de jogos e brincadeiras era um fator motivador desde o início.

O artigo foi organizado em quatro partes. Inicialmente é explicada a metodologia da pesquisa e descrito o campo que ocorreu a intervenção. Na sequência estão as categorias de análise: “Capoeira: a busca por conhecimentos” e “A prática das brincadeiras: desafios e estratégias de ensino”. Na

primeira categoria trata-se de explicar sobre o processo de construção dos saberes docentes, por parte das professoras-pesquisadoras, para o ensino da capoeira na escola. Na segunda categoria aborda-se como foi a realização das brincadeiras, perpassando uma descrição geral da pesquisa. Por fim, destaca-se as competências desenvolvidas para o ensino, como um conhecimento prático básico sobre capoeira, a ampliação e aprofundamento do conhecimento da modalidade, apostando em uma perspectiva interdisciplinar, e o uso de estratégias como rodas de conversa, a referência a elementos históricos por meio de brincadeiras e o uso da ludicidade para o ensino dos movimentos próprios da capoeira. As atividades desenvolvidas são apresentadas como um arquivo que pode inspirar o trabalho de outros professores.

ENTRANDO EM CAMPO... ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para esta intervenção foi selecionada uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental⁴ de uma escola de Boa Vista, Roraima, da qual uma das pesquisadoras leciona há cerca de cinco anos. Tal escola municipal atende 303 crianças, distribuídas em 12 turmas, 6 no turno matutino e 6 no vespertino, sendo classificada como de pequeno porte. Para as aulas de educação física há apenas um pequeno pátio, onde também é servido o lanche na hora do recreio. Há ainda um outro pequeno espaço, com árvores do tipo mangueira e chão de areia.

As ações de ensino aqui relatadas foram desenvolvidas durante duas semanas consecutivas, uma hora por dia, de segunda-feira a sexta-feira, totalizando 10 horas/aulas. Tal conjuntura necessitou a colaboração das professoras regentes da turma, devido à permuta de aulas.

As pesquisadoras se debruçaram sobre o problema de ensino e desempenharam um papel ativo no desenvolvimento do trabalho, sendo os planos de aula elaborados, organizados e aplicados por elas. Cada plano esteve sempre aberto a modificações de acordo com os acontecimentos diários, o que contribuiu para que a pesquisa se concretizasse como de tipo participante, a qual, para Severino (2007, p. 120) “é aquela em que o pes-

⁴ As pesquisadoras receberam o devido consentimento dos responsáveis pelas crianças, que assinaram o Termo Livre e Esclarecido.

quisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades”.

As aulas tiveram a regência alternada entre as professoras-pesquisadoras e cada uma das aulas foi registrada em diário de campo individual, no qual foi descrito os acontecimentos de cada aula juntamente com as impressões pessoais, de âmbito mais subjetivo, relacionadas aos sentimentos que emergiram ao longo da experiência de ensino⁵.

Os dados coletados em diário de campo foram organizados e analisados a partir de uma perspectiva qualitativa. Foram então construídas categorias de análise considerando os objetivos iniciais e as temáticas que surgiram do campo de pesquisa.

Ao final do processo pedagógico é aplicado um questionário com os estudantes, com perguntas abertas, para que se avalie a aprendizagem e o interesse dos alunos pelo conteúdo desenvolvido, sendo um mecanismo de feedback para as professoras-pesquisadoras a respeito de questões mais subjetivas ao processo de ensino⁶.

CAPOEIRA: A BUSCA POR CONHECIMENTOS

Visando contribuir para que a capoeira deixe de ser tratada como uma prática marginal nas aulas de educação física e enfrentando as dificuldades que isso implica, as professoras-pesquisadoras deste trabalho se lançaram ao desafio de trabalhar esta temática em suas aulas partindo de um lugar de “não capoeirista” e, como já comentado anteriormente, tendo como guia a perspectiva da cultura corporal, em que o sentido histórico e cultural das práticas corporais se faz presente e impulsiona a organização do conteúdo.

Tratou-se de um processo de mudança bastante singular em especial considerando que as professoras-pesquisadoras possuem uma trajetória acadêmica que, como grande parte dos estudantes de educação física, tem sua formação voltada para o desporto e a saúde. Na Graduação a capoeira foi tratada como um simples tema, repassado de forma bem simplificada, sem ter a mesma importância que a dança, atletismo, voleibol, futebol, na-

5 Cada registro no diário de campo foi feito precisamente ao final das aulas e repassado para a orientadora do trabalho, assim como os registros de fotográficos, que serviram como comprovação documental.

6 As questões foram: 1. Conte sua experiência relacionada ao projeto interventivo nas aulas de educação física. 2. Você pode escrever ou desenhar o que apreendeu o que sentiu e o que mais gostou?

tação etc. e mesmo essas modalidades foram sempre abordadas a partir do ensino da técnica específica do movimento.

No caso de uma das professoras-pesquisadoras, a capoeira surgiu pontualmente com experiência profissional com idosos, enquanto a outra elaborou monografia relacionada ao tema do ensino da capoeira por meio de jogos e brincadeiras, mas com foco no desenvolvimento motor das crianças (MOTA; BERLEZI, 2013).

Os enfrentamentos e as inovações, portanto, se deram em diferentes dimensões, no que as novas perspectivas teóricas lançaram muitos questionamentos sobre a prática, assim como levaram a novos conhecimentos sobre um saber-fazer relacionado não apenas ao campo pedagógico, mas botando a prova o próprio “corpo de professora”, que se colocou em movimento para conhecer (corporalmente) os saberes relacionados à capoeira. Apesar da abordagem mais ampliada, centrada na perspectiva da cultura corporal, havia o sentimento e a vontade de querer-saber-fazer, algo que gerou, por vezes, angústias e conflitos sobre o quanto essa competência “física” era necessária, o quanto se precisava saber-fazer para então poder ensinar⁷.

A busca por um conhecimento “prático” foi então um dos pontos de apoio para lidar com as angústias de enfrentar uma temática nova e tão desafiadora como a capoeira enquanto cultura corporal. Assim, um dos caminhos buscados para um “autoformar-se” nesse campo de conhecimento foi realizar algumas aulas de capoeira, com Mestre especializado, a bem de conhecer a capoeira “no corpo”.

Na experiência prática da capoeira, com as aulas em local especializado, a estrutura observada foi bastante tradicional, com parte inicial dedicada a alongamentos, depois movimentos específicos (golpes) da capoeira, e por fim treinamento físico (abdominais), seguido de uma grande roda de jogo. Partindo de exercícios mais fáceis para os mais difíceis, com golpes combinados, os movimentos corporais eram intensos e requeriam bastante força. As dificuldades foram grandes, as quais unidas às dores musculares, levaram a muitas preocupações.

Percebeu-se nessas aulas com o Mestre de capoeira que o conhecimento técnico era transmitido de forma um tanto mecânica e tecnicista, apenas um treinamento, o que estava em choque com o

⁷ As aulas realizadas pelas professoras-pesquisadoras também foram registradas em diário de campo específico.

conhecimento teórico que vinha sendo construído. A aposta então foi em transformar esse conhecimento técnico – que também é necessário – em atividades lúdicas e recreativas para que os alunos vivenciassem as brincadeiras envolvendo a capoeira. Segue-se assim com Soares (1992), para quem o professor deve desenvolver o conhecimento técnico do aluno, sem que isso signifique exigir dele, necessariamente, níveis de execução de alta qualidade, podendo posteriormente este aluno despertar o interesse pela luta e buscar algum treinamento específico. Os movimentos, portanto, seriam ensinados, mas sem a cobrança de sua perfeição.

Para um aprofundamento ainda sobre o conhecimento técnico, foi buscado auxílio na internet (vídeos) e também em Heine (2009), para quem a capoeira é caracterizada por movimentos básicos: posição inicial, ginga, meia lua de frente, queixada lateral, cocorinha, benção, negativa fechada e o aú. Tais elementos em unísono com os sons dos instrumentos musicais – especialmente o berimbau, o atabaque, o pandeiro, o agogô e o reco-reco – caracterizam a modalidade.

Medeiros e Peres (2008) também foi um suporte teórico-prático. De acordo com este autor:

Para que o aluno possa vivenciar todo esse contexto da capoeira, o professor deverá, no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, trabalhar a sequência dos fundamentos, o jogo, o toque dos instrumentos e o canto, como forma de estimular, motivar e envolvê-los de uma forma mais natural com a capoeira (MEDEIROS; PERES, 2008, n.p.).

A partir desse conhecimento, seguiu-se com o objetivo da proposta, que foi o de proporcionar uma experiência ampliada com a capoeira, que envolvesse todo o contexto da modalidade, o modo como ela constitui sua singularidade – singularidade que diz, no seu próprio modo de ser (música, cantos, movimentos), sobre seus aspectos históricos. Assim, foram foco do trabalho o conjunto de gestos, expressões e a composição única de elementos de dança, luta, ginástica, ritmo, os quais expressam a luta dos negros escravos pela sua liberdade.

Abordar a capoeira como um todo, como cultura corporal, foi igualmente um fator gerador de muita angústia: como trabalhar a capoeira, algo tão específico, com aulas práticas e teóricas, para que a turma compreendesse a história do Brasil e aprendesse os conceitos e preconceitos que envolvem essa prática? Como responder às curiosidades e dúvidas que surgiriam nas aulas? Nesse sentido, foi dada ênfase à leitura de artigos que abordassem a capoeira na escola a partir do viés da cultura corporal ou em perspectiva correlata (BERTAZZOLI, 2008; SILVEIRA, 2001; TEIXEIRA, 2012; MARTINS, 2016; HEINE, 2009; NORONHA, 2004; SOARES, 1992).

A busca foi sempre por compreender como fazer com que as crianças vivenciassem essa prática em seu corpo e entendessem também que ela é uma expressão da cultura do povo brasileiro, tentando concretizar o que Soares (1992) predicou já há algumas décadas, de que

a Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou. Esse alerta vale nos meios da Educação Física, inclusive para o judô que foi, entre nós, totalmente despojado de seus significados culturais, recebendo um tratamento exclusivamente técnico (SOARES, 1992, p. 53).

Os desafios, porém, não são pequenos. Como adentrar o campo reflexivo? A opção – talvez aparentemente paradoxal – foi adotar atividades práticas e lúdicas, pois esse já era um dos anseios iniciais das professoras-pesquisadoras, que apostam na ludicidade como um dos caminhos para o ensino (MOTA, BERLEZI, 2013)⁸. Sabe-se que

A ludicidade é a expressão do desafio, da curiosidade, do novo, do inusitado, do envolvimento e do pra-

⁸ Um dos aportes para a elaboração das aulas, como já mencionado, foi a monografia de conclusão de curso com o tema “A capoeira inserida no currículo da educação física com base na ludicidade” (MOTA; BERLEZI, 2013), tendo como coautora uma das professoras-pesquisadoras deste artigo. No caso da pesquisa que gerou este artigo, havia, contudo, um questionamento a mais, diferente da pesquisa anterior: como o professor de educação física sem nenhuma experiência ou prática poderá aplicar a capoeira em suas aulas a partir da perspectiva da cultura corporal? Pois quando se tem um mestre de capoeira entre os pesquisadores, como no caso da monografia citada, isso facilita nas aulas práticas e teóricas.

zer seja para aprender, para ensinar ou simplesmente para viver. A mera repetição, monótona e previsível de práticas vazias de significado, a prática pela prática, é muito menos lúdica e significativa (apesar da aparente alegria no tradicional “rolar a bola”) que o desafio de conhecer, desvelar, descobrir e dominar, seja técnica e/ou conceitualmente, uma área do conhecimento (SILVEIRA, 2001, p. 5).

Com esse aporte teórico-prático, que em muitos aspectos eram novos em relação a formação inicial dessas professoras-pesquisadoras, iniciou-se a organização dos conteúdos a serem ministrados. Buscou-se dar ênfase ao trabalho interdisciplinar, uma vez que a capoeira tem nela, como já é sabido, a dança, a arte, a história, a ginástica, a música, sendo também uma luta, elemento bastante presente em seu conjunto de gestos e expressão. Foram abordados então os temas: artes visuais, capoeira lúdica, capoeira e brincadeiras, instrumentos musicais da capoeira, e culminância de capoeira com uma grande roda. Os planos foram direcionados de acordo com o avanço da turma, e na medida em que dificuldades eram encontradas foi necessário buscar, estudar e pensar formas de adaptar as brincadeiras. Os planos assim eram flexíveis e adaptados para atender aos objetivos propostos, mas respeitando o ritmo da turma.

No capítulo que se segue são apresentadas algumas atividades desenvolvidas ao longo desta intervenção pedagógica, bem como os desafios enfrentados na prática docente. Nesta parte do texto há o relato da experiência em si, com ênfase em algumas das estratégias adotadas para o ensino e no processo das professoras-pesquisadoras quanto à sua construção e elaboração.

A PRÁTICA DAS BRINCADEIRAS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Para elaborar os planos de aula a partir da perspectiva da cultura corporal do movimento, a principal dificuldade foi sair do método de teorização e da abordagem tecnicista, e aprender a fazer atividades voltadas para a realidade crítica, em que, a partir das brincadeiras, os alunos pudessem construir novos conceitos e se apropriar do conhecimento sobre a capoeira, aprendendo a modalidade de maneira mais ampla.

Quanto ao momento da intervenção propriamente dito, a partir das primeiras aulas e das dificuldades enfrentadas foi necessário refletir sobre a existência de algumas idealizações que atravessaram o processo de construção das aulas. Uma delas foi quanto aos alunos, de que se comportariam exemplarmente. Na realidade a turma apresentou-se dispersa, desconcentrada e desorganizada, demonstrando certa falta de respeito com as professoras e até mesmo entre colegas de sala. Foi necessário dedicar tempo para realizar combinados com os alunos quanto ao comportamento.

Outro tema enfrentado foi a respeito das aulas “teóricas” e a forma de ensino sobre a história da capoeira. A aula inicial foi realizada com eslaides nos quais foram apresentados aspectos históricos da modalidade. Tal estratégia foi repensada, e a partir de então optou-se pelo ensino de aspectos históricos por meio das próprias brincadeiras, como será explicitado nas páginas a seguir.

Além disso, ao se realizar os primeiros planos de aula, percebeu-se que as atividades não estavam sendo atrativas, por um lado pela presença da teoria, em sala, e por outro pelas brincadeiras serem planejadas em formato de estafetas, com filas, em que a vez de cada aluno demorava para chegar. Eles demonstraram interesse em atividades que exigissem mais movimento e que fossem divertidas. As aulas então foram adaptadas, reorganizadas, com reelaboração dos planos para atender o ritmo da turma, a bem de que a relação de conhecimento fosse possível e que se desse de maneira efetiva e ao mesmo tempo divertida. Uma adaptação importante foi o emprego de uma roda de conversa ao final da aula, como forma avaliativa para que um momento reflexivo fosse possível.

Nas ocasiões de roda, procurava-se saber o que os alunos absorveram do conteúdo, por exemplo, nomes dos golpes ou fatos que aconteceram na aula ou sobre o conteúdo. Para as professoras-pesquisadoras que aqui escrevem esse foi um elemento inovador de suas próprias práticas, já que geralmente na educação física o foco está na prática do movimento, sem espaço para o contexto cultural e histórico, ou mesmo de sentar e ouvir a opinião, os sentimentos e até as experiências que eles já carregam consigo, algo que se mostrou essencial, uma vez que

os conteúdos da cultura corporal a serem apreendidos na escola devem emergir da realidade- dinâmica e con-

creta do mundo do aluno. Tendo em vista uma nova compreensão dessa realidade social, um novo entendimento que supere o senso comum, o professor orientará, através dos ciclos, uma nova leitura da realidade pelo aluno, com referências cada vez mais amplas (SOARES, 1992, p. 62).

As rodas de conversa ao final da aula se mostraram assim como um espaço profícuo para concretizar essa perspectiva de ensino. Esses eram momentos em que se procurava também desenvolver o aspecto interdisciplinar do trabalho pedagógico, abordando elementos da história da capoeira.

As brincadeiras também foram outro meio de abordar aspectos históricos, como é o caso da “Foge capoeira”, em que a atividade consistia em uma criança que seria o capitão do mato que deveria pegar os capoeiras que seriam o restante da turma. Eles, os capoeiras, tinham que passar de um lado ao outro do espaço ao comando de “foge capoeira”. Quando alguém era pego se tornava capitão do mato e também passava a pegar junto, até que sobrasse apenas um capoeira. Essa brincadeira é uma variação da brincadeira popular conhecida como dona da rua. Logo ao iniciar foi explicado alguns pontos históricos: quem era o capitão do mato; porque ele caçava os escravos nos quilombos; porque chamavam os escravos de capoeiras; o que eram os quilombos... Neste momento os alunos estavam atentos à explicação. Ao término da atividade foi retomado o conteúdo, e ao serem questionados sobre quem era o capitão do mato responderam que eram homens que eram pagos para capturar os escravos e levá-los de volta para seus donos escravizá-los novamente. Foram feitas outras perguntas como: Por que os escravos fugiam das fazendas? Ao que responderam “- Porque os fazendeiros batiam neles”; pra onde os escravos fugiam?, ao que os alunos retomaram: “- Para os quilombos onde se escondiam do capitão do mato.” O que os escravos faziam para tentar se defender? “- Jogavam capoeira” foi a resposta obtida.

Outra brincadeira foi Bimba Mandou. Nesta atividade foi utilizada uma música que tratava do mestre Bimba (“O Dia Que O Berimbau Chorou”). Foram contados alguns aspectos da história do mestre e brincou-se da seguinte forma: Bimba mandou gingar, bimba mandou pular, descer, sentar, deitar, rolar, fazer meia lua de frente, meia lua de compasso etc. A

cada comando as crianças realizavam o que “Bimba mandou”. Nestas atividades os alunos puderam vivenciar um pouco da história da capoeira.

Além da interdisciplinaridade se fazer presente pelo ensino de aspectos históricos da capoeira, ela também aconteceu pelas artes visuais e pela arte da música. No campo das artes visuais os alunos puderam expressar o que vivenciaram com desenhos e pintura livres (figuras 1 e 2). Realizaram também reproduções e interpretações das obras do artista Hector Julio Páride Bernabó⁹. As duplas foram direcionadas para as mesas do refeitório onde havia pincéis, tintas guache e cola com glitter de várias cores. Percebeu-se nesta atividade comentários como: “pra mim esta foi a aula mais legal” (Diário de campo, 26/02/2019). Os alunos puderam nesse momento questionar sobre as imagens e discutir com os colegas o que desenhar, como fazer, que cores usar. Continuamente eram auxiliados enquanto as professoras-pesquisadoras observavam os trabalhos sendo produzidos. Todo o material criado foi exposto na escola.



Figuras 1 e 2 - Aula de Pintura.
Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

Sobre a música, esta esteve presente em todas as aulas pela noção de ritmo e tempo, explorado no uso das palmas, na ginga, no canto que acompanhava a roda de capoeira e também como pano de fundo das brincadeiras desenvolvidas. Os alunos também foram levados a reconhecer os sons dos instrumentos da capoeira como o berimbau, caxixi, atabaque, quando se

⁹ Este artista foi escolhido devido suas obras lembrarem desenhos animados, este estilo se resume na pintura figurativa, a qual lembra a estética abstrata, o que despertou o interesse dos alunos.

apresentava o som de cada um dos instrumentos e eles iam identificando seus sons. Em uma das aulas também foram levados instrumentos musicais para a sala e houve a oportunidade de manusear e tocar cada um. A presença dos instrumentos não teve caráter meramente ilustrativo, mas teve a intenção de permitir que as crianças se apropriassem do conhecimento de forma ampliada, conhecendo também os elementos técnicos que envolvem a prática, tal como os instrumentos e seus sons, sendo capazes de identificá-los. Trata-se de conhecer a capoeira como manifestação cultural em suas múltiplas dimensões.

Reconhecer os nomes dos golpes também foi um aspecto desenvolvido nas aulas, como na brincadeira “Acompanhe o caxixi” (figuras 3 e 4). Nela os alunos foram posicionados em duas fileiras de números iguais, uma de frente para a outra. O caxixi ficou dentro de um bambolê, e entre as fileiras. Cada aluno recebeu um número igual ao do seu colega que estava na sua frente. No aparelho de som foi colocada uma música tradicional da capoeira, e solicitou-se que todos fizessem o movimento de ginga e prestassem atenção no comando da professora. Quando esta falava “negativa”, “ginga”, “benção” eles tinham que fazer os movimentos, e quando falava o número, por exemplo número 05, os dois alunos designados com o 05 correriam ao meio e pegaria o caxixi. Vencia quem retornasse primeiro ao seu lugar. A equipe ia somando pontos conforme iam vencendo as rodas.



Figuras 3 e 4 - Brincadeira Acompanhe o Caxixi.

Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

Principal movimento da capoeira, a ginga também foi trabalhada de forma criativa. Na brincadeira “Ginga Lúdica” (figura 5) os alunos foram dispostos no pátio, estando cada aluno em cima de um círculo feito de papel 40. Ao som do pandeiro os alunos deveriam executar os seguintes co-

mandos: um pezinho na frente e o outro para trás (um pé dento e outro fora do círculo), é assim que se faz: - cocorinha (ficar de cócoras) - dona aranha (ficar em decúbito dorsal com pés e mãos apoiados no chão)¹⁰. Ambos são movimentos de defesa. Ultrapassando a dimensão do saber-fazer, trata-se de saber também apreciar a capoeira, reconhecer seus elementos constitutivos, identificando seus golpes e nomes. A cada início de aula o que foi anteriormente trabalhado era lembrado, a fim de fixar a nomenclatura dos golpes e construir conhecimentos.



Figura 5 - Brincadeira Ginga Lúdica.

Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

Apesar da presença do nome técnico dos golpes de ataque e defesa, a exigência técnica não foi requerida, como já mencionado. Todas as aulas foram desenvolvidas de forma que os alunos se expressassem, dando-lhes atenção e ajudando quando solicitado. Nos movimentos pedia-se apenas que tentassem, experimentassem, participando das atividades.

Um dos objetivos da proposta interventiva foi a aplicabilidade de brincadeiras lúdicas, em que houve a associação de movimentos da capoeira com algumas brincadeiras populares. Seguem exemplos de brincadeiras adaptadas para as aulas:

1. **Morto e vivo com esquiava:** nesta atividade os alunos realizaram o movimento de esquiava. Ao dizer “morto” o aluno se esquiava, e ao dizer “vivo” o aluno ficava em posição de cadeira.

¹⁰ Utilizou-se o nome “dona aranha” para o movimento queda-de-quatro da capoeira, pois simula uma aranha.

2. **Teia de aranha:** A professora demonstrou o movimento de Aú, logo depois de montar uma estrutura com elástico (a teia de aranha). O aluno então ultrapassava a teia realizando o movimento de Aú. Este movimento não é igual o da estrelinha e sim parecido com a letra “U”, por isso o nome para do golpe (figura 6).



Figura 6 - Brincadeira Teia de Aranha.
Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

3. **Cobrinha:** Colocou-se uma corda estendida no chão e os alunos em fileira (um ao lado do outro). A professora mexia a corda em movimento de cobrinha e para ultrapassar os alunos tinham que fazer o movimento de Aú enquanto a corda se movia.
4. **Manja cola com negativa e Bênção:** A professora escolheu uma criança para ser a manja (pegador), explicou que quem fosse colado deveria permanecer no lugar, mas em posição de negativa. Para ser descolado o colega teria que realizar o golpe da Bênção. (figura 7).



Figura 7 - Brincadeira manja cola com negativa e benção.

Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

O trabalho contou em sua culminância com a presença do professor Mestre Caimbé, que esteve com o grupo durante duas horas. Ele iniciou com uma roda de conversa, deu oportunidade para esclarecimento de dúvidas, e fez uma contação de história da capoeira. Na sequência houve a apresentação de alguns movimentos da capoeira que fazem parte da vida diária, mas que não são imediatamente perceptíveis, como pular em um pé só, sentar, dançar. O mestre abordou o assunto sempre de forma lúdica. Ao fim apresentou algumas músicas que mais pareciam dinâmicas, nas quais os alunos foram convidados a pular, sentar, levantar, imitar movimentos de animais. Foi um momento bem divertido e prazeroso.

Para a avaliação final do trabalho foi aplicado um questionário com perguntas abertas. Nele a maioria dos alunos expressou sua opinião sobre as aulas, bem como sobre as professoras, e que movimentos de capoeira aprenderam. Um dos alunos relatou não saber que havia existido a escravidão. Este dado mostrou-se significativo pelo seu conteúdo, mas principalmente por ter sido uma informação que o aluno considerou relevante de ser mencionada, dando indicações de que o conteúdo abordado deve desdobramentos para além de um brincar que se consome em seu mero fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste relato de experiência foi apresentar o processo de construção de saberes de duas professoras que se colocaram como desafio o

enfrentamento a perspectiva da cultura corporal para o ensino da capoeira. Foi um processo que teve, naturalmente, suas dificuldades, como encontrar atividades que abordassem a temática a partir dessa perspectiva pedagógica e a saída de uma visão tecnicista de ensino. O mais importante neste texto foi apresentar o percurso realizado, como forma de inspirar outros professores e deixar registrado o modo como os saberes docentes podem ser construídos.

No processo de construção das competências necessárias para o ensino alguns recursos foram de grande valia, como um conhecimento básico sobre a prática em si mesma, no seu modo de fazer, para isso foi preciso uma disposição em colocar o corpo de professora em movimento. Esta foi a percepção das autoras do texto, que o conhecimento do movimento em si, para demonstração, proporcionou a confiança necessária para o ensino.

Paralelamente o conhecimento teórico sobre a modalidade como um todo mostrou-se essencial. Foram necessárias leituras para compreender o contexto histórico e cultural, bem como uma atenção especial aos elementos que compõem a capoeira, como as relações com a dança, a música, e as artes visuais. Ampliar o olhar foi o caminho encontrado para guiar a construção das atividades com as crianças.

Três das principais estratégias utilizadas e que vale comentar novamente foram as rodas de conversa, a referência a elementos históricos por meio de brincadeiras e o uso da ludicidade para o ensino dos movimentos próprios da capoeira. As brincadeiras realizadas e exposta no texto acabaram por compor um arquivo com memórias do trabalho e que podem servir como inspiração para outros professores. Destaca-se o potencial do recurso de utilizar brincadeiras e jogos populares adaptados para o ensino da capoeira.

Por fim, a etapa foi concluída com a sensação de dever cumprido, o que é fundamental para a construção da identidade docente e para o encorajamento a novas experiências nessa direção. Comprovou-se na prática que é possível fazer uma aula a partir da perspectiva da cultura corporal de forma lúdica e divertida, no que a capoeira é ensinada por meio de jogos e brincadeiras. Verificou-se a importância e a possibilidade de abordar a história e a cultura popular de forma interdisciplinar. Percebeu-se como a Capoeira é um campo vasto de conhecimento e o quanto ela pode contribuir para a formação do conhecimento do próprio corpo e do mundo o qual está inserido.

REFERÊNCIAS

- BERTAZZOLI, Breno Fiori; ALVES, Danilo Almeida; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Uma abordagem pedagógica para a capoeira. *Rev. Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 207-229, maio/ago. 2008.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, ano 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 02 abr. 2019.
- FARIA, Bruno de Almeida *et al.* Inovação pedagógica na educação física. O que aprender com práticas bem-sucedidas? *Ágora para la ef y el deporte*, n.12, v. 1, p. 11-28, 2010.
- HEINE, Vinícius; CARBINATTO, Michele Viviane; NUNOMURA, Myriam; Estilos de ensino e a iniciação da capoeira para crianças de 7 a 10 anos de idade. *Rev. Pensar a Prática*, p. 1-12, jan./abr. 2009.
- MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; SANTOS, Wagner dos; MELLO, André da Silva. Protagonismo infantil na educação física: Uma experiência pedagógica com a capoeira. *Rev. Portuguesa de Educação*, v. 29, n. 2, p. 59-79, 2016.
- MEDEIROS, Eduardo; PERES, Sérgio. **A capoeira na escola: perspectivas para a educação física escolar – uma abordagem teórica e pratica**, 2008. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_jose_eduardo_segala_medeiros.pdf. Acesso em: 03 jan. 2019.
- MOTA, Dagoberto Luís Ventura; BERLEZI, Ingrid Corrêa. **A Capoeira Inserida no Currículo da Educação Física com Base na Ludicidade**. 2013, 73f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Instituto Federal de Roraima, Boa Vista, 2013.
- NORONHA, Flávia Dayana Almeida; NUNES PINTO, Rúbia-Mar. Capoeira nas Aulas de Educação Física: Uma Proposta de Intervenção. *Rev. Pensar a Prática*, v. 7, n. 2, p. 123-138, jul./dez. 2004.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Mauro Sérgio; BRACHT, Valter. Na pista das práticas e professores inovadores na educação física escolar. *Kinesis*, v. 30, n. 1, p. 80-94, jan./jun. 2012.

SILVEIRA, Guilherme; PINTO, Fernandes. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma Proposta pedagógica. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, v. 22, n. 3, p. 137-150, maio. 2001.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino da Educação Física**. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TEIXEIRA, Francisco Fonseca; OSBORNE, Renata; SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva. A prática do ensino da capoeira nas escolas: perfil e visão do capoeirista. *Rev. Corpus et Scientia*, Rio de Janeiro v. 8, n. 2, p. 1-15, out. 2012.

CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COORDENAÇÃO MOTORA E NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR

CONTRIBUTIONS OF PHYSICAL EDUCATION IN MOTOR COORDINATION AND IN THE SCHOOL TEACHING AND LEARNING PROCESS

Cloter Mendes Messias¹
Simone Lopes de Almeida²
Luciana Leandro Silva³

RESUMO

O presente trabalho teve como foco central analisar a importância da educação física no ambiente escolar a partir da utilização de estratégias que estimulem o desenvolvimento da coordenação motora grossa em crianças e adolescentes e sua contribuição para a aprendizagem destes. Trata-se de uma revisão bibliográfica, descritiva, a partir de bases de dados Scielo, Scopus, entre outras fontes confiáveis, realizada com materiais já publicados, no período de 2010 à atualidade. Obteve-se como resultado principal a constatação da influência da coordenação motora juntamente com a educação física no aprendizado de escolares. Assim, ficou evidenciado que nas aulas de educação física é possível estimular o desempenho dos alunos e o desenvolvimento de sua coordenação motora nos movimentos corporais que contribuem tanto para o seu desenvolvimento motor, como cognitivo e psicossocial, sendo de suma importância a sua aplicabilidade no âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Coordenação Motora. Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work focused on analyzing the importance of physical education in the school environment through the use of strategies that stimulate the development of gross motor coordination in children and adolescents and its contribution to their learning. This is a descriptive bibliographic review, based on Scielo, Scopus databases, among other reliable sources, carried out with materials already published, from 2010 to the present. The main result was the finding of the influence

1 Pós-Graduado em Educação Física Escolar pelo IFRR/Campus Boa Vista/2019. E-mail: clotermendes@gmail.com.

2 Professora Orientadora Ma. em Ciências da Saúde, pela UFRR/2011. E-mail: simone.lopes@ufr.br.

3 Professora Coorientadora Ma. em Ensino de Ciências, pela Univates/2013. E-mail: lukaed45@gmail.com.

of motor coordination along with physical education in the learning of students. Thus, it was evidenced that in physical education classes it is possible to stimulate the students' performance and the development of their motor coordination in the body movements that contribute to their motor, cognitive and psychosocial development, being extremely important their applicability in the field school

KEYWORDS: Schoolchildren. Physical Education. Teaching and Learning.

INTRODUÇÃO

A atividade física é algo que atualmente está presente na sociedade contemporânea não somente como diversão, mas como necessidade e recomendação de médica para uma melhor qualidade de vida, e nesse sentido as pessoas buscam fazer exercícios físicos sempre que possível no seu dia a dia (SOUZA, 2010).

A Educação Física, na qualidade de área de conhecimento, atua com base em suas práticas corporais, por exemplo, esporte, exercícios físicos, dança, lutas, ginástica dentre outras, e como isso está intimamente ligada à forma de viver de cada grupo social (MARQUES, 2016). Mas, para crianças e adolescentes a atividade física não é exatamente uma necessidade e sim brincadeiras de lazer realizadas por meio de jogos esportivos. No ambiente escolar crianças e adolescentes praticam atividades esportivas incentivadas na aula de Educação Física que tem o propósito de contribuir no desenvolvimento psicomotor desses estudantes.

A Constituição, bem como o Estatuto da Criança e do Adolescente asseguram uma educação básica de qualidade e as Diretrizes Curriculares Nacionais dão condições ao exercício pleno da cidadania e o acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos. Sendo assim o desenvolvimento humano deve ser proporcionado por meio da educação em toda sua plenitude valorizando a liberdade, dignidade, respeito e as diferenças. Logo é por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais que “estabelecem a base nacional comum, responsável por orientar a organização, articulação, desenvolvimento e avaliação das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino brasileiras” (BRASIL, 2013, p. 3).

Nesse sentido, o ambiente escolar tem o papel fundamental de possibilitar a vivência das práticas bem como a aquisição do conhecimento referente à educação física escolar estabelecendo novos hábitos que devem ser

continuamente incentivados entre crianças e adolescentes para que estes os adquiram e passem a exercer novas condutas no seu dia a dia. Considerando a importância das aulas desta disciplina questiona-se: as aulas de educação física contribuem para o processo de ensino e aprendizagem dos discente no aspecto da coordenação motora grossa?

A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa foi uma pesquisa bibliográfica, descritiva e a revisão de literatura foi realizada com materiais já publicados, nos períodos de 2010 a 2015, sendo selecionados estudos científicos como teses, dissertações e artigos da base Scielo e Scopus de alta relevância relacionado ao tema em questão.

Apesar da Educação Física escolar ter sido reconhecida como componente curricular da educação básica ela ainda carrega a sua sina histórica de ser considerada uma atividade paralela ao processo educacional. Entretanto, podemos afirmar que, mesmo diante do quadro situacional de pouca consideração no meio educacional, muito já se fez e se propôs para a área nesse setor.

As duas últimas décadas configuram-se como um tempo de reflexão e proposição, o que acabou também por instigar novas visões do processo formativo do profissional da Educação Física e conseqüentemente de sua intervenção no setor educacional, sendo de extrema importância a educação física ser praticada como propulsora do ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é promover uma reflexão por meio de estudo bibliográfico, acerca da importância da Educação Física como uma disciplina relevante no desenvolvimento da coordenação motora e auxílio de ensino e aprendizagem dos estudantes, evidenciando os benefícios de sua aplicabilidade no ambiente escolar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Nos últimos anos, os debates em relação à educação física vêm ganhando destaque, sendo amplamente abordados por diversos autores. No entanto, para Mendonça e Costa (2009), o foco de estudo dessas discussões está relacionado, na maioria das vezes, aos objetivos e às metodologias des-

sa disciplina no ambiente escolar. Os autores lembram que no decorrer da história da educação física, muitos pensamentos relativos à área surgiram e foram sugeridos para a sociedade, com embasamento em diferentes matrizes teóricas na tentativa de encontrar o método mais apropriado para a educação física escolar, enquanto as discussões relacionadas aos conteúdos para as aulas da disciplina acabaram ficando em segundo plano.

Historicamente, é possível perceber que a educação física escolar, na condição de componente curricular na escola, apresentou diferentes finalidades e mesmo nos dias atuais parece não existir uma proposta predominante. Na educação física, em sua origem, esteve centrada na preocupação com os hábitos de higiene e saúde, sendo caracterizada como higienista, a qual dotava os métodos ginásticos franceses e suecos como referências. Em seguida, surgiu o modelo militarista, em que os objetivos estavam baseados na formação de indivíduos fortes e saudáveis, capazes de defender a pátria em caso de guerras com outros países.

O modelo esportivista se estabeleceu durante o governo militar, a partir da década de 1960, convertendo a educação física na escola como sinônimo de esporte. Nessa concepção, os conteúdos relacionados aos esportes eram abordados com vistas ao aprimoramento físico e à identificação de possíveis talentos esportivos para representar o país em competições internacionais. Sua prática tinha, portanto, um caráter excludente.

A história da Educação Física no ambiente escolar brasileiro tem pouco mais de 170 anos considerando como sua origem as aulas de ginástica realizadas no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro no final da década de 1830. Com a evolução da sociedade devido as transformações político-econômico e socioculturais, essa prática pedagógica também passou por transformações que caracterizaram os séculos XIX e XX e que repercutiram em todas as áreas do conhecimento, segundo Kolyniak (2012) e Ruths e Gruppi (2016).

Essa prática pedagógica da Educação Física no Brasil também tem relação com a formação e educação corporal disciplinadora com diversificados objetivos como disciplina militar, educação à saúde, objetivo estético, esportivo e recreativo relacionados, muitas vezes, à políticas públicas com a finalidade de alienar a população aliviando tensões políticas e lutas ideológicas.

Segundo Castellani Filho (1994), durante esse período o esporte foi um elemento importante para o governo, pois tinha inclusive a tarefa de

desviar a atenção da população brasileira do ambiente coercitivo vivenciado durante a ditadura militar.

Nesse contexto, os jovens no final da década de 60 que serviam ao governo militar, pois o militarismo buscava uma formação forte com o objetivo de desmoralizar as correntes opositoras ao regime que vigorava, bem como no futebol brasileiro que caracterizava por meio da vitória o tom de um governo ditatorial (BERTINI JUNIOR; TASSONI, 2013).

No fim da década de 1970 e início de 1980, o Brasil começou a vivenciar um período de grandes transformações políticas. Com o enfraquecimento do regime ditatorial, ocorreu a abertura para a democracia e, paralelamente, surgiram novas correntes pedagógicas para a educação e à educação física (CASTELLANI FILHO, 1994; ALVES, 2003).

Tal época foi caracterizada como um momento de mudanças, pois os conteúdos, os objetivos e os métodos de ensino começaram a ser debatidos nos diferentes currículos educacionais. No âmbito da educação física, novas tendências pedagógicas apareceram com o intento de legitimar e ressignificar o papel dessa disciplina na escola.

Entre as diversas abordagens sugeridas, podemos citar: psicomotricidade, desenvolvimentista, construtivista, crítico-superadora e crítico-emancipatória, além da saúde renovada e dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (DARIDO, 2003).

Para Darido (2003), todas essas abordagens representam importantes avanços para a área da educação física. A autora discute os aspectos mais relevantes de cada uma dessas concepções e, em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais, lembra que estes se apresentam de forma bastante eclética, abarcando diferentes possibilidades para o desenvolvimento da educação física na escola.

Em todo o contexto histórico a educação física sempre esteve em um patamar inferior em relação às disciplinas consideradas como intelectuais, como explicam Bertini e Tassoni (2013, p. 19) destacando aspectos que contribuem para essa característica de inferioridade intelectual afirmando que a educação física é vista como uma área restrita, ignorando seus conhecimentos específicos e a familiaridade entre as pessoas e as práticas corporais dão a impressão de que a área profissional é quase dispensável, incluindo no ambiente escolar.

Nesse sentido, Bertini Junior e Tassoni (2013) explica que o pensamento discriminatório sobre a Educação Física no currículo escolar ainda persiste em muitas escolas e são pais e funcionários da escola que mantêm firme essa visualização dessa disciplina como sendo voltada apenas para a educação corporal e não para o lado intelectual dos alunos.

A realização do trabalho pedagógico com os esportes individuais no ambiente escolar pode ser fundamental para o desenvolvimento dos alunos, na medida em que exige destes um comportamento diferenciado durante sua prática em comparação com aquele solicitado nos esportes coletivos (BERTINI JUNIOR; TASSONI, 2013).

Sentimentos como insegurança, medo e nervosismo devem ser administrados individualmente, de maneira a contribuir para que os alunos desenvolvam a personalidade e competências como autoconfiança, autonomia e liderança, facilitando a tomada de decisões e o enfrentamento das pressões, que serão constantes no decorrer da vida (BERTINI JUNIOR; TASSONI, 2013).

COORDENAÇÃO MOTORA E EDUCAÇÃO FÍSICA

A palavra coordenação etimologicamente é originária do Latim “co-ordenatione”, sendo definida no Dicionário de Língua Portuguesa como o “ato ou efeito de coordenar; disposição ordenada e metódica de coisas unidas entre si e dispostas segundo regras determinadas; mecanismo regulador do funcionamento harmonioso e inter-relacionado dos músculos que produz movimentos conjugados e precisos” (MATOS, 2009).

De acordo com Andrade (2011), a terminologia ‘coordenação’ significa a “relação entre elementos que funcionam de modo articulado dentro de uma totalidade coordenada”. Portanto, a coordenação motora, segundo o mesmo autor é a capacidade de realizar diversos movimentos como pular, correr, andar etc. Na figura 1 é possível observar todas as habilidades motoras que o ser humano é capaz de desenvolver:

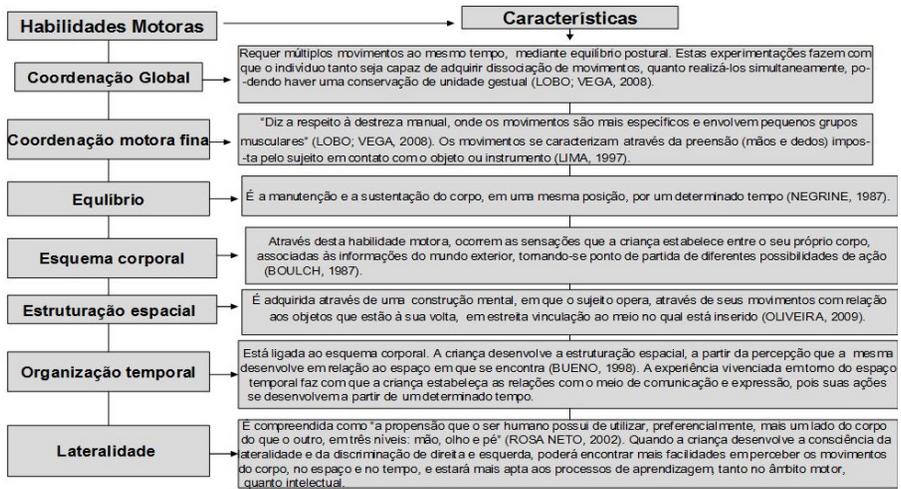


Figura 1 - Características das habilidades.

Fonte: Silveira e Evangelista, 2013.

Importa observar na figura que tais características formam um conjunto de habilidades que o corpo humano deve ter para poder desenvolver movimentos corporais, por exemplo, na atividade física, ou seja, não são apenas características de habilidades motoras, mas sim sete habilidades motoras de suma importância para o corpo humano.

Nesse sentido, Matos (2009) define coordenação motora como necessidade de ordenar e organizar diferentes ações motoras em função de um objetivo ou tarefa motora por meio do controle de forma integrada da ação de dois ou mais segmentos corporais, de forma que o sistema por eles composto atinja esse mesmo objetivo ou tarefa motora. Quanto maior o número de elementos em interação, maior a complexidade do sistema, e mais complicado se torna medir a sua coordenação.

É possível observar que o aprendizado dos estudantes tem relação com a sua coordenação motora, pois é desta que todos os seus movimentos físicos e intelectuais dependem para adquirir o conhecimento por meio das atividades escolares. Nesse sentido, a prática da educação física na escola se torna importante no desenvolvimento da coordenação motora, bem como no aprendizado do aluno.

Para Bardini (2015), a coordenação motora global "é a atuação conjunta, harmônica e econômica do sistema nervoso central dos músculos,

nervos e sentidos, na execução de um movimento”. Esse tipo de coordenação subdivide-se em oculomanual, oculopedal e dissociação:

1º Coordenação oculomanual – são movimentos manuais associados com a visão. Neste tipo de coordenação requer noção de distância e precisão do lançamento. Como exemplo podemos pedir que a criança jogue uma bola ao cesto.

2º Coordenação oculopedal – diz respeito a coordenação dos pés com a visão. Podemos pedir a criança que chute uma bola num lugar preciso.

3º Dissociação – refere-se a independência motora de vários segmentos corporais em função de um fim. É a independência bilateral dos membros inferiores e superiores, ou ainda das quatro extremidades em relação ao tronco. Ou seja, é a capacidade de movimentar diferentes partes do corpo de formas diferentes, o que gera a capacidade de planificar e generalizar motoramente (BARDINI, 2015, p. 63).

As coordenações supracitadas de acordo com suas definições dadas pelo autor podem ser associadas às habilidades destacadas na figura 1 apresentada anteriormente, ou seja, observa-se que os movimentos corporais são habilidades que precisam estar conectadas entre si para que possa ser desempenhados com perfeição.

Contudo, os autores não discorrem somente da coordenação motora como equilibrada, pois algumas pessoas sofrem de desordem motora como explica Ferreira *et al.* (2011) citado por Andrade (2011, p. 6) com base na definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) como um “sério comprometimento no desenvolvimento da coordenação motora, que não é explicável unicamente em termos de retardo intelectual, global ou qualquer desordem neurológica congênita ou adquirida específica (a não ser aquela que possa estar implícita na anormalidade da coordenação)”. É usual que a inabilidade motora esteja associada a algum grau de desempenho comprometido em tarefas cognitivas viso-espaciais.

Segundo Silva e Giannichi (1995), também citados por Andrade (2011, p. 8), normalmente essas pessoas que sofrem de desordem motora são chamadas de desajeitadas. “Mas isso não deve ser dito, mesmo que seja constatado, porque a coordenação motora está associada a dificuldades de aprendizagem ou a disfunções anatomofisiológicas”.

Para Souza (2010, p. 4), as habilidades das crianças aumentam quando a juventude se aproxima e por isso quando está no Ensino Fundamental merece maior atenção, pois o equilíbrio, a capacidade de raciocínio e outras capacidades motoras, aumentam quando a criança se aproxima da juventude, o que a torna capaz de solucionar problemas com mais facilidade podendo assim explorar mais detalhadamente as regras dos jogos e os movimentos técnicos dos desportos. Justificativas essas para uma maior atenção do desenvolvimento motor geral da criança durante o ensino fundamental conforme trata os PCNs.

Nesse sentido, Souza (2010) enfatiza os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação que visam oportunizar a coordenação motora da criança na escola com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pois abordam as diferentes competências e experiências corporais que a criança deveria ter oportunidade de vivenciar durante sua estadia na escola, ou seja, se não puderam brincar, conviver com outras crianças, explorar diversos espaços, provavelmente suas competências serão restritas. Por outro lado, se as experiências anteriores foram variadas e frequentes, a gama de movimentos e os conhecimentos sobre jogos e brincadeiras serão mais amplos. A escola configura-se como um espaço diferenciado, em que as crianças terão que reconstituir seus movimentos e atribuir-lhes novos sentidos, além de realizar novas aprendizagens.

Acrescenta-se ainda que a coordenação motora pode ser analisada como biomecânica, fisiológica e pedagógica: a) o biomecânico, que se refere à forma ordenada dos impulsos de força na ação motora e à ordenação motora em relação a diferentes direções; b) o fisiológico, que se refere aos processos que regulam os movimentos de contração muscular; c) o pedagógico, que se refere ao ordenamento das fases de um movimento e à aprendizagem de novas habilidades (SOUZA, 2010).

Para Barbosa (2014), a coordenação motora é a “habilidade de executar os movimentos de forma suave, precisa e controlada” e “os movimentos coordenados são caracterizados por velocidade, distância, direção, cadência, força e tensão muscular apropriados”, conforme se apresenta na figura 2:



Figura 2 - Tipos de coordenação motora.

Fonte: Barbosa (2014).

A figura 2 apresenta três tipos de coordenação motora quais sejam mais conhecidas como coordenação motora grossa, fina e visual-motora respectivamente, o que nos remete a esclarecer mais uma vez que não são coordenações motoras independentes, ou seja, cada uma de suas habilidades que podem ser produzidas depende de movimentos musculares que estão sempre interligados entre si no corpo humano. Portanto, todos os movimentos corporais requerem uma avaliação e observação em conjunto considerando que o comando dos movimentos tem origem no cérebro.

Algumas afirmações são feitas acerca de que aos seis anos de idade a maioria das crianças possui potencial de desenvolvimento para o estágio de amadurecimento de suas habilidades motoras fundamentais. Porém, estudos evidenciam que “a conquista real dependerá da interação dos fatores tarefa, indivíduo e ambiente, durante o período de prática” (PELLEGRINI, 2003).

Segundo a autora, é importante que as habilidades da criança, equilíbrio e coordenação, sejam desempenhadas em conjunto, pois “os fatores de produção de força tornam-se mais importantes depois que a criança obtém controle de seus movimentos fundamentais e passa para a fase motora

especializada da infância posterior”. Nesse sentido Pellegrini (2003) enfatiza que a maioria das habilidades são adquiridas nas escolas, e por isso o contexto da aprendizagem é muito importante para a aquisição dessas habilidades.

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO E APRENDIZAGEM

Atualmente a escola é considerada não somente um ambiente de estudos, mas também de aprendizado em que Correio e Silva (2013, p. 1) explicam que “a escola é hoje, o espaço mais privilegiado para a construção e, disseminação de valores e hábitos, que possam perdurar por todo o período de vida de um indivíduo”.

Portanto, Correio e Silva (2013, p. 2) afirmam que “a coordenação tem sua importância pedagógica, epidemiológica e psicomotora reconhecida” e contribui não somente no desenvolvimento escolar como também no desenvolvimento integral do aluno, “mantendo uma estreita relação entre o que o indivíduo é capaz de realizar com o que é capaz de aprender”.

Esta tem esteios nas ideias e teoria de Geraldo Peçanha de Almeida como sendo a coordenação motora global a condição que deve ser desenvolvida primeiramente no espaço infantil. É o trabalho que vai apurar os movimentos dos membros superiores (braços, ombros, pescoço, cabeça etc.) e, também dos membros inferiores (pernas, pés, quadris etc.). Assim uma grande organização corporal deve ser construída a partir do trabalho de coordenação motora geral (ALMEIDA, 2007).

Dessa forma, este trabalho busca trazer um apanhado de ideias embasadas e fundamentadas em autores, que vieram responder e propiciar um ambiente de reflexão sobre o tema coordenação motora grossa ou global.

Segundo Alencar (2012, p. 14), durante a brincadeira a criança desenvolve diversos tipos de coordenação motora que conseqüentemente contribui para o seu desempenho motor “enriquecendo a sua organização sensorial, estruturado sua organização perceptiva, cognitiva e neural, elaborando conjuntamente sua organização motora adaptativa”. Dessa forma, seu nível de desenvolvimento alcança resultados positivos.

Segundo o autor supracitado, “a educação psicomotora das crianças desenvolve com o passar do tempo, ou seja, de acordo com sua maturidade e idade considerando o conhecimento que a criança possui sobre movimentos e respeitando seus limites”.

Nesse sentido, Alencar (2012, p. 16) observa que segundo o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil (Rcnei), todo jogo ou brincadeira leva as crianças ao aprendizado tendo regras ou não, pois quando pequenas as crianças usam sua imaginação e assim vão construindo um aprendizado sem mesmo perceberem e no ponto de vista o lúdico se torna de vital importância para a educação. Não apenas na educação infantil, mas dando continuidade nos anos iniciais, pois assim dará mais força e credibilidade a aprendizagem dos alunos (BRASIL, 1998).

Nesse contexto, a Educação Física é de suma importância, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, mais precisamente a partir do ano de 1996, pois passou a ser efetivada nos dois turnos e principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental garantindo o melhor desenvolvimento da coordenação motora e da saúde corporal.

Nos termos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), explica que a Educação Física é diversificada atuando em várias áreas educacionais com o objetivo de melhorar a coordenação dos movimentos, a saúde e o bem-estar físico e social do ser humano.

Desenvolver a psicomotricidade nos anos iniciais é muito importante, pois oportuniza as crianças a desenvolverem novos movimentos corporais com equilíbrio e flexibilidade deixando-os preparados para a fase das operações concretas, que vai dos 7 aos 11 anos. Sendo assim, o documento explica que a Educação Física nas escolas primárias tem por fim promover o desenvolvimento integral da criança.

Mediante o reconhecimento das habilidades motoras, pode-se observar melhor a criança e identificar o estágio em que se encontra. Deve-se saber também que devido a constantes alterações no seu desenvolvimento motor, ela está suscetível a influências externas, que podem ser boas ou não. Compreender o que são as habilidades motoras a fim de identificá-las, proporcionará um novo olhar sobre a criança ou adolescente, o escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coordenação motora faz parte da vida do ser humano desde o momento da sua concepção e com o passar do tempo em que vai se desenvolvendo alcançando cada faixa etária, este deve ter capacidades e habilidades para fazer diversos movimentos.

Durante a infância é importante que seja observado se existe a possibilidade de a criança desenvolver retardos, falhas ou até mesmo não desenvolver algum tipo de coordenação, nesse sentido, a família, pais ou responsáveis devem estar atentos procurar as causas que estão promovendo esse tipo de problema.

Nas escolas a coordenação motora das crianças é observada, mais precisamente, nas aulas de Educação Física. Nesse momento o professor faz exposições e propõe que os alunos realizem várias atividades ou brincadeiras com o objetivo de educar e proporcionar ao aluno a oportunidade de se movimentar e com isso desenvolver capacidades no sistema sensorial, nervoso e musculares.

Portanto, este estudo permitiu compreender melhor a importância do bom desempenho da coordenação motora grossa, bem como do acompanhamento profissional no ambiente escolar por professores que se preocupam em prestar um serviço de qualidade e uma boa educação.

É importante salientar que partir dos conhecimentos que as crianças possuem não significa restringir-se a eles, pois é papel da escola ampliar esse universo de conhecimentos e dar condições a elas de estabelecerem vínculos entre o que conhecem e os novos conteúdos que vão construir, possibilitando uma aprendizagem significativa.

Diante desse contexto é importante enfatizar que a Educação Física como disciplina no ambiente escolar que promove o desempenho de atividades relacionadas à coordenação motora é de suma importância para o ensino aprendizagem das crianças e adolescentes, pois influencia de forma positiva no desenvolvimento da psicomotricidade dos alunos.

Nesse sentido, recomenda-se que mais trabalhos sejam desenvolvidos, não somente nas escolas como também em outras instituições, de forma a evidenciar a importância de trabalhar a coordenação motora em crianças e adolescentes nas aulas de educação física, uma vez que esta não só promove o desenvolvimento motor e habilidades, mas contribui com os domínios psicomotores, cognitivos e emocionais, favorecendo a autoestima e a qualidade de vida dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Souza. **Lúdico e sua importância para a coordenação motora no 1º ano das bases iniciais**. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação Física. Monografia. Porto Velho, 2012.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **Teoria e prática em psicomotricidade: jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2007.

ALVES, W. F. Educação Física e as ideias pedagógicas no Brasil: uma breve análise das concepções que embalaram o século XX e suas repercussões na formação do professor. EFDdesportes.com. **Revista Digital, Buenos Aires**, ano 9, n. 6, jun. 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd6r/brasil.htm>. Acesso em: abr. 2019.

ANDRADE, Leandro Alves de. **Importância do Desenvolvimento Motor em Escolares**. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1129/1/artigo%20pronto%20leandro.pdf>. Acesso em: abr. 2019.

BARBOSA, Fernando S. S. **Coordenação Motora**. Curso de Licenciatura em Pedagogia. UNIR – Ariquemes. 2014. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/fernandossb/coordenao-motora-33240748>. Acesso em: abr. 2019.

BARDINI, Martim Rijo. **Psicomotricidade**. 2015. Disponível em: <http://slideplayer.com.br/slide/5635649/>. Acesso em: abr. 2019

BERTINI JUNIOR, Nestor; TASSONI, Elvira Cristina Martins. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Educ. Fis. Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 467-483, set. 2013.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1994.

CORREIO, J. E. L. C. Zampier; SILVA, Siomara Aparecida. Coordenação motora e índice de Desenvolvimento da Educação Básica: uma revelação pedagógica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 619-955, jul./set. 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5352/1/ARTIGO_Coordena%C3%A7%C3%A3oMotora%C3%ACndice.pdf. Acesso em: abr. 2019.

DARIDO, S. C. Buscando indícios para a sistematização de conteúdos da Educação Física de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. *In: Seminário de Educação Física Escolar*, v. 7, São Paulo, 2003. Anais. São Paulo: Efeusp, 2003.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. *Perspectivas em Educação Física Escolar*. Niterói, v. 2, n. 1, p. 5-25, 2001. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca/81/Darido-Artigo>. Acesso em: abr. 2019.

KOLYNIK FILHO, Carol. **Construindo conceitos**: Contribuições para a sistematização do conteúdo conceitual em Educação Física: anos finais do ensino fundamental. São Paulo: Moderna, p. 9-77, 2012.

MATOS, Sofia Dias G. de. **Coordenação Motora**: Estudo em crianças ex-prematuras nascidas com muito baixo peso. Fevereiro de 2009. Dissertação. Faculdade do Porto. Disponível em: https://sigarra.up.pt/fadeup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=1020 Acesso em: abr. 2019.

PELLEGRINI, Ana Maria *et al.* **Desenvolvendo a Coordenação Motora no Ensino Fundamental**. Unesp. Campos de Rio Claro. 2003. Disponível em: <file:///D:/Biblioteca%20do%20Windows/Downloads/Desenvolvendo%20a%20coordenacao%20motora.pdf>. Acesso em: abr. 2019.

RUTHS, Vicente Elton; GRUPPI, Deoclécio Rocco. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. A educação física na escola e a interdisciplinaridade. *Cadernos PDE*. v. 1. 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edfis_unicentro_eltonvicenteruths.pdf. Acesso em: abr. 2019.

MARQUES, Ruiz da S. **Educação física**. Coleção EJA. 1. ed. Curitiba/PR: Editora Inter Saberes, 2016.

SOUZA, Rafael de Matos. **Perfil do desenvolvimento motor e o equilíbrio em crianças do ensino fundamental**. Universidade Católica de Brasília. Brasília-DF, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1145/1/O%20perfil%20do%20desenvolvimento%20motor%20e%20o%20equilibrio%20em%20crian%C3%A7as%20no%20ensino%20fundamental%205.pdf>. Acesso em: abr. 2019.

REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

REFLECTIONS ON INTERDISCIPLINARY PEDAGOGICAL PRACTICES IN CHILD EDUCATION

Aliane Barbosa Pereira¹
Walkenia Frota de Sousa²
Luciana Leandro Silva³
Andreia Pereira da Silva⁴

RESUMO

A proposta deste artigo é promover uma reflexão sobre as práticas pedagógicas integradoras na Educação Infantil e reforçar a importância das práticas integradoras entre o ensino da educação física, da pedagogia e das artes para o desenvolvimento integral da criança na educação infantil. Para tanto, traçou-se como objetivo geral, conhecer as práticas pedagógicas dos professores que atuam na educação infantil, partindo de uma concepção de desenvolvimento global do estudante e como objetivos específicos, verificar se o planejamento das aulas realizadas pelos professores de educação física, pedagogia e de artes é feito de forma interdisciplinar e saber como os professores que atuam na educação infantil desenvolvem as suas atividades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que teve como sujeitos os professores de educação física, artes e pedagogos. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: questionário com perguntas abertas e fechadas, observação sistemática e análise documental, visando à obtenção de maiores informações que possibilitassem a compreensão sobre as práticas pedagógicas integradoras e como elas acontecem no ambiente escolar. Os resultados obtidos revelaram que as práticas integradoras são resultantes de planejamentos integrados e que embora a escola reserve um horário para que os professores realizassem o planejamento, esse planejamento não era feito de forma articulada, visando o desenvolvimento cognitivo de seus alunos. As práticas pedagógicas integradoras estão intimamente ligadas com o desenvolvi-

1 Licenciada em Pedagogia pela UNIP/Boa Vista. Licenciada em Educação Física – PARFOR, IFRR/Campus Boa Vista, Especialista em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima. E-mail: Alianepl0@hotmail.com.

2 Licenciada em Educação Física pelo IFRR/Campus Boa Vista, Especialista em Educação Física Escolar pelo Instituto Federal de Roraima. E-mail: Walkenia.frota@gmail.com.

3 Professora Coorientadora Mestra em Ensino de Ciências Pela Univates/2013. E-mail: lukaed45@gmail.com.

4 Professora Orientadora do curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar do IFRR. Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Roraima-UERR. E-mail: andreia.silva@ifrr.edu.br.

mento da criança, dessa forma, este estudo visa auxiliar o professor na sua prática pedagógica, dando ênfase ao trabalho em conjunto.

PALAVRAS-CHAVE: Prática Pedagógica. Interdisciplinaridade. Educação Infantil.

ABSTRACT

The purpose of this article is to promote a discussion on pedagogical practices integrated in early childhood education and to reinforce the importance of integrated practices between physical education teaching, pedagogy and the arts for the integral development of children in early childhood education. This is a qualitative research, whose subjects were teachers of physical education, arts and pedagogues. The methodological procedures used were: questionnaire with open and closed questions, systematic observation and document analysis, allowing the use of larger information that enables the understanding of integrated pedagogical practices and how they happen in the school environment. The results show that integrated practices are planned and planned, and although the school reserves a time for teachers to do or plan, this planning will not be done in an articulated manner, using the cognitive development of their students. As integrative pedagogical practices are closely linked to the child's development, this study aims to help the teacher in his pedagogical practice, emphasizing the work together.

KEYWORDS: Pedagogical Practice. Interdisciplinarity. Child Education.

INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade, para alguns professores, pode ser compreendida como um trabalho coletivo a partir da junção de disciplinas. Nesta pesquisa, nos propomos a dar ênfase a um trabalho interdisciplinar que envolva o conhecimento curricular, bem como a cultura do lugar, objetivando o desenvolvimento do aspecto humano. Para isso, partimos do pressuposto que um trabalho coletivo exige do educador uma maneira de ensinar que desenvolva no estudante a competência de estabelecer relações entre as partes e o todo, superando a concepção unidirecional e fragmentada do conhecimento que, muitas vezes, tem caracterizado a prática educativa. Por sua vez, a prática pedagógica é uma atividade complexa e dinâmica, que se efetiva em um ambiente social e educativo, formalmente responsável pela educação do aluno que deve ser organizada de modo a possibilitar a formação de um cidadão crítico capaz de lidar conscientemente, com a realidade na qual está inserido (FAZENDA, 2014).

Essa concepção de educação está comprometida com o desenvolvimento de um currículo diferente daquele no qual existe a divisão do conhecimento escolar em disciplinas específicas que estão agrupadas por áreas de conhecimento com o objetivo de facilitar sua integração. Nessa proposta, cabe aos professores descobrir como manter um diálogo entre elas e desenvolver um ensino capaz de fazer com que os estudantes aprendam a relacionar os diferentes segmentos do conhecimento. Partindo da premissa, entende-se que a aprendizagem escolar é decorrência de relações sociais, afetivas e cognitivas que se estabelecem especialmente na sala de aula nas situações formais de ensino (FAZENDA, 2014).

Já a educação infantil é compreendida como uma modalidade de ensino que tem uma função pedagógica diferente das outras modalidades de ensino, pois parte de um trabalho que toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia por meio de atividades que tem significado concreto para a vida das crianças e que simultaneamente asseguram a aquisição de novos conhecimentos. Nesse sentido, nessa fase, os professores devem englobar em seu planejamento todas as situações educativas vividas pelas crianças pequenas na família e na comunidade, que foram desenvolvidas antes de atingirem a idade da escolaridade obrigatória.

De acordo com LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação infantil é conceituada como a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade. Entende-se, também, que a educação infantil será oferecida em creches para crianças de até três anos de idade e em pré-escolas para crianças de quatro a cinco anos de idade. Em relação à avaliação de aprendizagem dos alunos desta modalidade de ensino, esta lei orienta que ela será feita mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para acesso ao Ensino Fundamental.

A partir desse contexto, entende-se que a educação infantil é uma das mais complexas fases do desenvolvimento humano, em seus diversos aspectos, tais como intelectual, emocional, social e motor. Diante disso, é importante que o educador dessa modalidade de ensino, preocupe-se com a organização e aplicação de atividades que contribuam para o desenvolvimento global das crianças de 0 a 5 anos.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas integradas são relevantes para esse ambiente escolar, visto que consiste na união dos saberes, incentivando o desenvolvimento integral da criança. Essa ação pedagógica mostra-se significativa na educação infantil, visto que nessa fase a criança está em desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo.

As práticas integradoras propõem uma metodologia de ensino que exige que os profissionais que atuam em sala de aula trabalhem em conjunto tanto no planejamento quanto em suas ações diárias. Partindo desse princípio fazemos o seguinte questionamento: Como ocorrem as práticas pedagógicas entre os professores de educação física, pedagogia e artes na educação infantil?

Considerando que precisamos primeiro conhecer os conceitos de práticas pedagógicas interdisciplinares que favorecem o desenvolvimento motor dos alunos da educação infantil, este trabalho se pautou em autores como Gallahue e Ozmun (2005), Fazenda (2001), Barreto (2007) e Vasconcelos (2002) que serviram como base para esta pesquisa. Cada autor, com seus estudos, contribuiu para o amadurecimento teórico e o direcionamento do trabalho.

Como fase posterior ao amadurecimento teórico necessitou-se ir a campo para atender ao que foi estabelecido no objetivo geral que foi conhecer as práticas pedagógicas dos professores que atuam na educação infantil, partindo de uma concepção de desenvolvimento global do estudante. Teve-se como objetivos específicos, verificar se o planejamento das aulas realizadas pelos professores de educação física, pedagogo e de artes era feito de forma interdisciplinar e saber como os professores que atuam na educação infantil desenvolvem as suas atividades.

Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa que foi realizada com professores de educação física, pedagogos e de artes da Escola Municipal do Jôquei Clube, que está localizada no município de Boa Vista/Roraima. A escola possui 428 alunos, divididos entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I. Destes, apenas, 285 pertencem à Educação Infantil.

Como instrumentos de coletas de dados a pesquisa foi realizada por meio de observação das aulas dos professores de educação física, artes e pedagogos e análise documental dos planos de aula e demais documentos da escola. Os dados foram analisados conforme os autores do referencial teórico deste trabalho.

A relevância deste trabalho configura-se na reflexão sobre as práticas pedagógicas que estão sendo realizadas no contexto escolar e a influência destas no desenvolvimento da criança. Busca-se com este estudo auxiliar o professor no seu a fazer pedagógico, bem como a gestão escolar em relação ao gerenciamento educacional, contribuindo assim para melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A educação infantil caracterizou-se, historicamente, por um assistencialismo, essencialmente, reduzido aos cuidados com a criança. Com o passar dos tempos, e algumas mudanças ocorridas nas concepções educacionais, esta modalidade de ensino passou a ser entendida como um processo educativo que pressupõe a participação não só da família, mas também do estado, diferente do que estava estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 4.024/61 que fazia a seguinte previsão para a Educação Infantil que na época era conhecida com Educação Pré-primária:

Art. 23. A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância.

Art. 24. As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária (BRASIL, 1961, p. 5).

O entendimento de educação da criança pequena como responsabilidade, também, do Estado surgiu a partir de movimentos de luta para que o Estado reconhecesse sua importância e legitimidade. Em 1988, os movimentos feministas e sociais contribuíram para que a educação em creches e pré-escolas fossem inseridas na Constituição como sendo um direito da criança e um dever do Estado.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será provida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p. 1).

Em meados dos anos 90, o conceito sobre a criança sofreu algumas modificações uma vez que esta passou a ser reconhecida como um ser sócio-histórico, levando em conta a influência do convívio social no seu processo de aprendizagem. Essa perspectiva sócio-histórica tem como fundamento teórico as contribuições dos estudos de Vigotski, que compreende a criança como sujeito social, que faz parte de uma realidade concreta (OLIVEIRA, 2002).

Percebe-se, também, um fortalecimento dessa nova percepção de infância, a partir dos direitos da criança que foram alcançados e aprovados em lei. Dessa forma, em 13 de julho de 1990 foi criada a Lei 8069/90, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que pode ser considerado um marco para a ampliação dos direitos da criança e do adolescente no país. Com ele, o Brasil aderiu a um novo paradigma de tratamento das questões relacionadas à proteção dos direitos de crianças e adolescentes.

A partir dessa lei, crianças e adolescentes passam a ser considerados sujeitos de direitos e garantias fundamentais, em situação de absoluta prioridade, bem como anuncia a responsabilidade compartilhada entre Estado, sociedade e família, na garantia de uma infância e adolescência dignas, saudáveis e protegidas como podemos observar:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990, p. 1).

Outro marco importante foi a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, ao incorporar a Educação Infantil como sendo a primeira etapa

da Educação Básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade:

Art. 21. A educação escolar compõe-se de:

I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

II – educação superior.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação foi feita para organizar o sistema educacional baseado na constituição, bem como fortalecer o entendimento de que a educação não é obrigação somente da família, mas também do Estado.

Em 1998, foi criado pelo Ministério da Educação o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Rcnei) com o objetivo de auxiliar o professor de educação infantil no trabalho educativo diário junto às crianças pequenas, servindo de base para as discussões entre profissionais da área em todo o país, não sendo, entretanto, de uso obrigatório. Esse documento constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras, buscando direcionar o trabalho com crianças de até seis anos de idade. Configura-se como um grande progresso na educação infantil, justamente por buscar aprimorar melhor o papel da educação infantil, apresentando uma proposta estruturada visando o cuidar e o educar, que hoje são pilares da educação infantil. A partir desse documento, a proposta pedagógica da escola deve estar embasada nos seguintes princípios:

- Respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;
- Direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

- Acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- Socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- Atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade (RCNEI, 1998, p. 13).

A partir dessa análise da legislação sobre a educação infantil percebe-se a preocupação com uma educação escolar e direcionada para o desenvolvimento global da criança, que envolve o seu desenvolvimento motor, social e cognitivo. Dessa forma, ela vai se desenvolver de forma gradual tendo contato com várias áreas de conhecimento, dando vazão a sua capacidade de aprender.

PSICOMOTRICIDADE E DESENVOLVIMENTO MOTOR

A psicomotricidade pode ser concebida como uma ação de finalidade pedagógica e psicológica que utiliza os parâmetros da educação física com a intenção de melhorar o desenvolvimento corporal da criança. Pode-se, também, defini-la como uma ciência que estuda o indivíduo por meio de seu movimento e a interação social.

Assim, é indispensável que a escola trabalhe tanto o desenvolvimento corporal quanto a interação social com os estudantes da primeira infância, pois é a partir desse trabalho de ordem pedagógica que as crianças podem elaborar melhor seus movimentos e interagir com tudo que está a sua volta.

Dessa forma, na sala de aula, deve fazer parte do planejamento dos professores da educação infantil, atividades que envolvam a lateralidade, a organização e a noção espacial, e tanto o esquema corporal quanto a estruturação espacial devem ser trabalhadas em prol do desenvolvimento corporal e intelectual do aluno.

A abordagem de estudo da psicomotricidade nos dá uma compreensão da sua relevância, para o desenvolvimento motor, afetivo e intelectual da criança, bem como as suas contribuições na educação infantil, permitindo que a criança se expresse via seu próprio corpo. Rossi (2012) faz algu-

mas observações sobre as contribuições da psicomotricidade informando que esta:

[...] está presente em todas as atividades que desenvolvem a motricidade das crianças, contribuindo para o conhecimento e o domínio de seu próprio corpo. Ela além de constituir-se como um fator indispensável ao desenvolvimento global e uniforme da criança, como também se constitui como a base fundamental para o processo de aprendizagem dos indivíduos (ROSSI, 2012, p. 2).

Aquino complementa ainda, nos trazendo a definição da psicomotricidade como: “[...] o estudo do homem e tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento integral da criança por meio das atividades que serão com as mesmas, deste modo a criança desenvolve os aspectos mentais, psicológicos, sócias, cultural e físico” (AQUINO *et al.*, 2012, p. 246).

Podemos perceber que a psicomotricidade influencia todas as áreas da vida da criança, compreendendo que o movimento na verdade é uma ferramenta de aprendizado que influencia em outras áreas da vida dos educandos.

O desenvolvimento psicomotor evolui do geral para o específico. No decorrer do processo de aprendizagem, os elementos básicos da psicomotricidade (esquema corporal, estruturação espacial, lateralidade, orientação temporal e pré-escrita) são utilizados com frequência, sendo importantes para que a criança associe noções de tempo e espaço, conceitos, ideias, enfim adquira conhecimentos (ROSSI, 2012, p. 2).

Essa ciência estuda o ser humano como um todo, estudando alguns aspectos do seu desenvolvimento mais a fundo, e dividindo em dois aspectos: o motor amplo e o fino. Almeida (2007) nos traz uma compreensão maior ao conceituar e contextualizar sobre o tema em questão.

A coordenação motora global é a condição que deve ser desenvolvida primeiramente no espaço infantil o

trabalho que aperfeiçoa os movimentos dos membros superiores e inferiores assim, uma grande organização corporal deve ser construída a partir do trabalho da coordenação motora em geral (ALMEIDA, 2007, p. 43).

A respeito do desenvolvimento motor fino, o mesmo autor relata que “esta coordenação motora diz respeito ao trabalho mais fino, aqueles que podem ser executados com o auxílio de mãos e dos dedos” (p. 49).

Já para Le Boulch *et al.* (1986, p. 24): “A coordenação viso-motor e a motricidade fina iniciam no primeiro ano e termina ao final da educação infantil. Ocorrer a partir da reação conjunta do olho e da mão dominante. É a capacidade de realizar movimentos coordenados utilizando pequenos grupos musculares das extremidades”.

Entretanto para uma compreensão maior sobre a importância da psicomotricidade e seu papel no desenvolvimento da criança precisamos entender e estudar um pouco sobre o desenvolvimento motor, ambos os aspectos estão intimamente ligados à evolução do ser humano como um todo.

Galluher e Ozmun (2005, p. 3) definem o desenvolvimento motor como sendo “uma contínua alteração no comportamento motor ao longo do ciclo da vida”.

Já para Caetano, Silveira e Gobbi (2005, p. 6), “o desenvolvimento motor é um processo de alterações no nível de funcionamento de um indivíduo, onde exige uma maior capacidade de controlar movimentos é adquirida ao longo do tempo”.

Para Rossi (2012, p. 4), “podemos considerar que o desenvolvimento motor é um processo de mudança no comportamento dos movimentos, no qual está relacionado com a idade, tanto na postura quanto no movimento da criança”. Dessa forma, Gallahue reforça esse pensamento quando diz que:

O desenvolvimento motor está relacionado às áreas cognitiva e afetiva do comportamento humano, sendo influenciado por muitos fatores. Dentre eles destacam os aspectos ambientais, biológicos, familiar, entre outros. Esse desenvolvimento é a contínua alteração da motricidade, ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente. (GALLAHUE, OZMHUN, 2005, p. 3).

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTEGRADORAS

O trabalho interdisciplinar propõe uma interação entre os alunos, bem como com os professores. Essa temática é compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula, no qual se propõe um tema com abordagens em diferentes disciplinas. É compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. É a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber. Partindo desse princípio é importante, ainda, repensar a forma de planejar as aulas para atender a essa metodologia como uma forma de promover a união escolar em torno do objetivo comum de formação de indivíduos sociais.

Segundo Fazenda (2011), a interdisciplinaridade caracteriza-se por ser uma atitude de busca, de inclusão, de acordo e de sintonia diante do conhecimento. Logo, torna-se explícito a ocorrência de uma globalização do conhecimento, na qual há o fim dos limites entre as disciplinas.

A atividade interdisciplinar pode ser caracterizada como uma conversa entre os saberes, que proporciona atividades conjuntas realizadas por diferentes áreas de conhecimento, atendendo os objetivos de cada disciplina e que pode ser conceituada da seguinte forma:

Conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos (BRASIL, 1988, p. 75).

Segundo Fazenda (2011, p. 52), “[a interdisciplinaridade] nada mais é do que a tentativa de preservar em toda parte a integridade do pensamento para o restabelecimento de uma ordem perdida”.

Por sua vez, as práticas pedagógicas definem-se pelo seu papel dentro do ambiente educacional, que unem conteúdos e metodologias de diversas disciplinas, geralmente vistas como um projeto e não como uma disciplina da matriz curricular como afirma Barreto *et al.* (2007, p. 7): “[...] o projeto inte-

grado não e mais uma disciplina da matriz curricular, mais uma metodologia voltada para a articulação entre os conhecimentos estudados nas disciplinas que integram cada período letivo, na perspectiva da interdisciplinaridade”.

A Prática pedagógica integradora nada mais é do que um novo método de educar que vem como forma de atualizar, integrar, interagir com outros saberes, trazendo uma nova concepção pedagógica a outras formas de ensinar. Dessa forma, “ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã” (FREIRE, 1997, p. 31).

Para que essa integração aconteça verdadeiramente faz-se necessária uma reflexão das práticas pedagógicas de cada educador como afirma Freire (1997):

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade ao diálogo (FREIRE, 1997, p. 153).

Essa concepção de práticas pedagógicas integradoras, mais conhecida e discutida como interdisciplinaridade, não é algo novo, e na perspectiva de Vasconcelos (2002, p. 113) “as práticas interdisciplinares promovem mudanças estruturais, gerando reciprocidade, enriquecimento mútuo, com uma tendência a horizontalizarão das relações de poder entre os campos”. Porém, a educação enfrenta certa resistência em colocar em prática esse projeto nas escolas.

O QUE REVELAM OS DADOS

Por meio da observação e da análise dos planos de aula dos professores atuantes na educação infantil, foi possível perceber que 100% deles faziam o plano de aula semanal, entretanto, somente 75% seguiam fielmente seu planejamento e 25% não o seguiam. Percebeu-se, também, que apesar de estarem no mesmo ambiente durante o planejamento, não o fazem em

conjunto, fato que caracteriza que a prática pedagógica não parte de uma abordagem interdisciplinar.

Barreto (2007, p. 7) nos traz um pequeno esclarecimento sobre como deveriam acontecer as práticas pedagógicas integradas: “[...] o projeto integrado não é mais uma disciplina da matriz curricular, mais uma metodologia voltada para a articulação entre os conhecimentos estudados nas disciplinas que integram cada período letivo, na perspectiva da interdisciplinaridade”.

Verificou-se, também, ao analisar a proposta curricular que os conteúdos programáticos que são estabelecidos pelo município trazem consigo relações entre as áreas de pedagogia, educação física e artes, tais como percepção, lateralidade, orientação de espaço, coordenação visual e motora que poderiam ser trabalhados de forma interdisciplinar, porém, por intermédio da observação, foi possível perceber que essa prática interdisciplinar não acontece, uma vez que os saberes são aplicados de forma dissociada.

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos (BRASIL, 1988, p. 76).

Em relação às atividades interdisciplinares correlacionadas com as práticas integradas, os professores foram perguntados se faziam os seus planos em conjunto de forma interdisciplinar e 100% afirmaram que sim. Entretanto, durante a observação verificou-se que isso não acontece. Apesar de compartilharem de muitos conteúdos semelhantes entre eles, esses professores não fazem o planejamento juntos. Suas aulas são totalmente dissociadas umas das outras.

Portanto, não se caracteriza por uma conduta interdisciplinar, uma vez que para que esse método de ensino aconteça faz-se necessário uma intencionalidade, como afirma Fazenda (2001, p. 34): “Não há interdisciplinaridade se não há intenção consciente, clara e objetiva por parte daqueles que a praticam. Não havendo intenção de um projeto que pos-

samos dialogar, inter-relacionar e integrar, não estaremos trabalhando interdisciplinarmente”.

O trabalho interdisciplinar vem com a intenção de compartilhar saberes, de trabalhar em conjunto, de se aperfeiçoar e se reinventar como profissional, visando uma prática pedagógica de qualidade que vai influenciar diretamente no desenvolvimento do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, dentro do contexto escolar, e a contribuição do professor torna-se relevante uma vez que este profissional é um incentivador e mediador desse desenvolvimento. Esta pesquisa foi direcionada para as práticas pedagógicas integradoras na educação infantil, e foi possível perceber a importância de uma formação continuada que instrumentalize e incentive o professor nesse sentido, pois os profissionais que atuam nesse segmento precisam, após sua Graduação, continuar se aprimorando, se capacitando e dando origem a novos conhecimentos.

Também notamos que o planejamento é feito e executado em sala de aula, mas não é feito de forma interdisciplinar. Muitas vezes esse planejamento é feito no mesmo ambiente, mas acontece de forma individual, cada profissional com seu computador e isso não caracteriza um planejamento interdisciplinar.

Percebemos, ainda, que os professores atuantes na educação infantil têm muitos conteúdos em comum, o que facilita tanto um planejamento interdisciplinar como na execução de práticas pedagógicas integradoras, porém, esses conhecimentos são passados aos alunos em momentos e roteiros totalmente diferentes uns dos outros, os saberes acontecem de forma dissociada uns dos outros.

A partir desta investigação, pretendeu-se valorizar as práticas integradoras desenvolvidas na educação infantil, pois é nessa fase que a criança está em seu pleno desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo. Essas práticas podem auxiliar crianças a atingirem seu desenvolvimento de forma significativa.

Considerando tais características, é possível afirmar que a interdisciplinaridade tem, de forma positiva, efeito sobre o currículo escolar e por

esta razão não deve ser ignorada. Para tal, é preciso propor entre os professores, uma reflexão a respeito da interdisciplinaridade e seus benefícios para o aprendizado do aluno, considerando que é perceptível que o planejamento didático não é feito em conjunto com os outros profissionais atuantes na educação infantil. Nesse sentido, propomos uma reflexão sobre os benefícios para educação infantil em uma abordagem interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Teoria e Prática em Psicomotricidade: Jogos, Atividades Lúdicas, Expressão Corporal e Brincadeiras Infantis**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

AQUINO, Mislene. *et al.* Psicomotricidade como ferramenta de educação física na educação infantil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. São Paulo, v. 4, n. 14, p. 245-257. jan./dez. 2012.

BARRETO, Ana Beatriz P. C. M. *et al.* Uma experiência com pedagogia de projetos no projeto integrador da licenciatura em Espanhol do CEFET-RN. *In: COLOQUI NACIONAL DE ESTUDO DA LINGUAGEM*. Natal: Rio Grande do Norte. 2007.

BRASIL. Presidência da República. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Ministério da Educação. Brasília, 1990.

BRASIL. Presidência da República. Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as diretrizes e bases da educação nacional**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Ministério da Educação, Brasília, 1961.

BRASIL. Presidência da República. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Ministério da Educação, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1. 1988.

CAETANO, Maria, Joana, Duarte; SILVEIRA, Carolina, Rodrigues, Alves; GOBBI, Lilian, Teresa, Bucken, Desenvolvimento Motor de Pré-escolares no intervalo de 13 meses. Universidade Estadual Paulista/Campos de Rio Claro/SP, **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 25 out. 2015.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: didática e prática de ensino**. São Paulo: Cortêz, 2014.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.); GODOY, Herminia Prado (coordenadora técnica). **Práticas interdisciplinares na escola**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, Jhon C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor, Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**, São Paulo: Phort, 3. ed. 2005.

LE BOULCH, Jean. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de Oliveira. **Educação Infantil Métodos**. São Paulo, 2002.

ROSSI, Francieli Santos, **Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil**. Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Barão de Mauá. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Considera%C3%B5es-sobre-a-Psicomotricidade-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2015.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

REFLEXÕES SOBRE JOGOS COMO FATOR CONTRIBUINTE NA FORMAÇÃO DE VALORES ÉTICO-SOCIAIS

REFLECTIONS ON GAMES AS A CONTRIBUTING FACTOR IN
THE FORMATION OF ETHICS AND SOCIAL VALUES

Isaac Teixeira da Silva¹

Rogério Uchôa Martins²

Luciana Leandro Silva³

RESUMO

O presente trabalho propôs identificar os jogos como fator contribuinte na formação de valores ético-sociais dos estudantes do 1º ano da Escola Municipal Pequeno Príncipe na cidade de Boa Vista/Roraima (Brasil), especificamente sobre a aplicabilidade dos jogos e a participação efetiva e concreta dos estudantes, assim como a influência dos ambientes explorados. Foi averiguado se os jogos tinham resultados positivos na vida dos estudantes, dentro da percepção dos professores e se os objetivos traçados foram atingidos por meio dos jogos aplicados. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de caráter exploratório descritivo de cunho qualitativo, buscando por meio da entrevista estruturada avaliar o conhecimento dos professores quanto à importância dos jogos, e a sua aplicação com objetivo na formação de valores ético-sociais do estudante. Entendemos que os professores têm a responsabilidade de oportunizar ao estudante as vivências necessárias para a formação de valores ético-sociais, respeito às regras, interação com o meio em processo contínuo de aprendizagem para a além da escola, na utilização dos jogos em suas aulas. Após aplicação do questionário e análise dos dados, concluímos que os professores conhecem o potencial dos jogos na formação de valores ético-sociais, mas não fazem uso deles com frequência, visando em sua maioria que o aluno aprenda de modo mais específico a leitura, escrita e cálculos matemáticos, não se importando tanto com o ambiente e com os valores ético-sociais, deixando um déficit na aprendizagem e vivência dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Valores. Ético-Social. Jogos.

1 Pós-Graduado em Educação Física Escolar pelo IFRR/Campus Boa Vista/2019. E-mail: isaacfairplay879@gmail.com.

2 Pós-Graduado em Educação Física Escolar pelo IFRR/Campus Boa Vista/2019. E-mail: motokarate@hotmail.com.

3 Professora Coordenadora. Ma. em Ensino de Ciências, pela Univates/2013. E-mail: lukaed45@gmail.com.

ABSTRACT

The present work proposed to identify the games as a contributing factor in the formation of ethical-social values of the students of the 1st year of the Municipal School Pequeno Príncipe in the city of Boa Vista - Roraima (Brazil), specifically on the applicability of the games and the effective and concrete participation of students, as well as the influence of explored environments. It was investigated if the games have positive results in the students' 'lives, within the teachers' perception and if the objectives set are achieved through the applied games. The methodology used in this research was of an exploratory descriptive character of a qualitative nature, seeking through the structured interview to evaluate the knowledge of teachers regarding the importance of games, and its application with the objective of forming students' ethical-social values. We understand that teachers have the responsibility to provide the student with the necessary experiences for the formation of ethical-social values, respect for the rules, interaction with the environment in a continuous learning process beyond the school, in the use of games in their classes. After applying the questionnaire and analyzing the data, we conclude that teachers know the potential of games in the formation of ethical and social values, but do not use them frequently, aiming for the most part that the student learns more specifically in reading, writing and mathematical calculations, not caring so much about the environment and ethical-social values, leaving a deficit in students' learning and experience.

KEYWORDS: Physical Education. Values. Ethical-Social. Games.

INTRODUÇÃO

O processo educativo é longo e abrangente, e a formação de valores perpassa todas as suas etapas, sempre estando em contraste com o meio em que estamos inseridos. Indo ao encontro da teoria de Vygotsky que relaciona o aprendizado com o meio social.

O jogo é um método que facilita a aprendizagem. Segundo Santos (2008, p. 15): “O jogo é o método de aprendizagem mais eficaz para a construção do conhecimento, independentemente da idade cronológica do aluno”.

Atualmente, o que mais se tem visto nos noticiários é a falta de valores entre os seres humanos, realidade na qual as pessoas têm ceifado a vida de outras por coisas insignificantes, demonstrando assim o crescimento de forma assustadora referente a falta de amor e respeito ao próximo. Por isso, nossa missão é mostrar que os jogos sendo bem desenvolvidos nas escolas, em especial nas aulas de educação física, contribuirão efetivamente para

amenizar tal fenômeno, pois, é possível adaptar a criança ao grupo, prevenir a delinquência e aliviar as frustrações.

O desenvolvimento dos processos que finalmente resultam na formação de conceitos começa na fase mais precoce da infância, mas as funções intelectuais que, numa combinação específica, forma a base psicológica do processo da formação de conceitos amadurece, se configura e se desenvolve na puberdade (VYGOTSKY, 2008, p. 49-50).

O jogo é um vínculo de transcendência na formação de valores ético-sociais, pois facilita a convivência entre alunos e professores, desenvolvendo o verdadeiro sentido de vida em sociedade, e a Educação Física, enquanto ciência tem como subsídio os jogos, por meio da ação de seu trabalho com os educandos, o profissional de educação física tem um papel importantíssimo para colaborar com a formação do valor ético-social dos alunos, mediante jogos e não pode se omitir da realização deste conteúdo em suas aulas.

É papel do professor criar, no aluno, condições de desequilíbrio, apresentando para ele, o novo, o inusitado, o desconhecido. Sabe-se que o professor deve saber lidar com esse conflito, pois provocar o desequilíbrio não é deixar a criança perdida, mas apresentar o problema de tal forma que possa ser solucionado com o instrumental existente, ou seja, com o conhecimento mental e motor previamente adquirido pela criança. Portanto, diante do novo a criança tende a assimilá-lo, a incorporá-lo a si, usando, porém, seus esquemas, seus recursos motores e mentais já conhecidos.

O professor de educação física deve sempre planejar as atividades para que não aplique aula sem objetivos a serem alcançados, causando assim a impressão de insegurança e desconhecimento do conteúdo trabalhado, em especial os jogos, pois têm regras a serem explicadas, seguidas e influenciam diretamente na formação de valores ético-sociais da criança.

Portanto, buscamos por meio de questionário misto e estruturado avaliar o conhecimento dos professores quanto à importância dos jogos e a aplicação destes com objetivo na formação de valores ético-sociais do estudante.

Objetivamos refletir sobre os jogos como fator contribuinte na formação de valores ético-sociais dos estudantes do 1º ano da Escola Municipal Pequeno Príncipe na cidade de Boa Vista/Roraima (Brasil), especificamente sobre a aplicabilidade dos jogos e a participação efetiva e concreta dos alunos nos jogos, assim como a influência dos ambientes explorados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

OS JOGOS COMO FERRAMENTA E COMO INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS VALORES ÉTICO-SOCIAIS

O jogo, no passado, era visto como uma atividade apenas de descanso ou forma de gastar o excesso de energia, não tendo grande importância no ambiente escolar. Mas com o advento da escola nova, o jogo fez-se fator importante no sistema educacional das crianças, pois este modelo de escola favorece o aprendizado de forma participativa do aluno e não somente como ouvinte, de forma interacionista.

Froebel percebeu também, por meio desses jogos e brincadeiras, a grande força que os símbolos possuem para a criança. Assim Froebel elegia a brincadeira e os brinquedos como mediadores tanto no processo de apreensão do mundo pela criança, por meio da interiorização, como também no processo de conhecimento de si mesma pela criança (autoconhecimento), por meio da exteriorização (ARCE, 2004, p. 15).

Foi com Froebel que os jogos passaram a fazer parte da educação, constituindo o ponto mais importante de sua teoria. Ele foi o fundador do jardim de infância e acreditava que as crianças trazem consigo uma metodologia natural que as leva a aprender de acordo com seus interesses e por meio de atividade prática.

O jogo tem papel amplo no ambiente escolar, pois é por meio dele que os professores podem identificar, diagnosticar e remediar as dificuldades dos alunos encontradas nas áreas sensório-motoras, perceptivas, intelectuais, sociais, dentre outras, cabendo ao professor possibilitar aos

educandos alternativas teóricas e práticas, levando-os a conhecer valores do que é certo, do que é errado, do que é bom, do que é ruim, ou seja, indicando valores ético-sociais, por meio de jogos.

Também é por meio do jogo que as crianças aprendem a obedecer às regras, os limites, seu momento de atuação no jogo, respeitar aos colegas e os fundamentos iniciais, então a escola deve também se apoiar no jogo, pois este deve ser visto como um instrumento de desenvolvimento do caráter e formação de valores dos alunos, sendo uma ponte entre a infância e a vida adulta, pois o jogo proporciona situações semelhantes que serão enfrentadas pelas crianças quando adultas.

A criança aprende com o jogo muito mais do que se imagina. O brincar é a forma da criança explorar os espaços, formas, objetos, cores, sons. A criança também aprende com o meio e os objetos que brinca. A atenção da criança está sempre polarizada no objeto, e o corpo dela é apenas um meio de ação. É pelo objeto, centro de interesse da criança, que o professor se relaciona com ela.

Por intermédio do jogo, a criança aprende o que é uma tarefa, organiza-se, pois há um programa imperativo que a si mesma se impõe, com um caráter de obrigação moral. Ao jogar, a criança aceita um código lúdico com um contrato social implícito. Todos devem seguir as regras determinadas ou combinadas entre os participantes.

Assim, jogar é estar interessado, não pode ser uma imposição; é um desejo. O sujeito quer participar do desafio. Perder ou ganhar no jogo é mais importante para ele mesmo do que como membro de um grupo. Isso porque é o próprio jogador que se lança seus desafios, desejando provar seu poder e sua força mais para si mesmo que para outros.

Então utilizar jogos em contextos educacionais com crianças pode ser eficaz em dois sentidos: garantir-lhe-á, de um lado o interesse, a motivação, há tanto reclamada pelos seus professores, e, por outro, estariam atuando a fim de possibilitar às crianças construir ou aprimorar seus instrumentos cognitivos e favorecer a aprendizagem motora.

Portanto devemos utilizar esta ferramenta tão válida para estimular o aprendizado ético do aluno em suas atividades escolares, pois este servirá para toda a sua vida, impulsionando uma transformação de caráter e desenvolvendo os valores ético-sociais.

AS TEORIAS DE VYGOTSKY E O JOGO

Com base nas teorias de Vygotsky, sabe-se que o indivíduo se desenvolve pela interação com o meio. Quando uma criança chega à escola, não chega sem conhecimentos, mas sim como um sujeito ativo que compara, exclui, ordena, classifica, comprova e formula hipóteses. Isso é notável quando a criança está participando de um jogo no qual ela escolhe para o seu grupo os mais fortes, ou mais rápidos.

Uma vez que o indivíduo aprende com o meio, a cultura passa a moldar o psicológico e a determinar maneiras de pensar e essas funções psicológicas são desenvolvidas ao longo da vida e mediadas pelo social, por meio de símbolos criados pela cultura, em que atualmente estão presentes as violências sexuais, psicológicas, físicas, entre outras. Porém, a exposição aberta das crianças a esses problemas que, muitas vezes, não são trabalhados pelos pais, fazem com que esses valores sociais sejam deixados de lado e acaba acarretando em dificuldades de relacionamento e as crianças começam a brincar de lutas, se machucando e tornando-se mais individualizadas do que sociáveis.

“Os valores humanos são essenciais para a formação do educando, pois é por meio deles que se formam cidadãos cientes de que o respeito mútuo e solidário, bem como as leis que regem a organização das relações de grupos, são os pilares de uma sociedade democrática” (CORIA-SABINE *et al.*, 2002, p. 47).

É na primeira infância (do nascimento aos cinco anos) que a criança começa a distinguir o certo do errado e desenvolver uma consciência cognitiva, afetiva, social e motora. Por esse motivo, decidimos realizar a pesquisa com os alunos do primeiro ano do ensino fundamental, pois estes se encontram na fase dos movimentos fundamentais, compreendidos na faixa etária dos 2 aos 7 anos, na qual a criança está ativamente envolvida na exploração, na experimentação das capacidades motoras e para tal, escolhemos o jogo, pois é uma maneira de socialização bem ampla e completa.

Os estudos de Vygotsky sobre as relações sociais humanas criam novas condições para o desenvolvimento psíquico porque introduzem um novo elemento, absolutamente decisivo para a existência da realidade psíquica, a linguagem, em que o processo de formação de conceitos se remetem às relações entre pensamento e linguagem, e à questão cultural no processo de construção dos significados pelos indivíduos.

Para Salvador (1999, p. 99), Vygotsky é o teórico que construiu “uma aproximação conceitual e metodológica, por meio de uma metodologia estritamente científica, capaz de abordar o estudo da consciência”.

Vygotsky (1998, p. 176) classifica a formação de conceitos em quatro fases: a primeira é referente aos conceitos sincréticos, estes são ainda psicológicos desorganizados e as crianças não conseguem externalizá-los e geralmente se estabelecem na idade dos três anos; a segunda acontece aos quatro anos, é a fase da escrita pré-silábica, que pode ser unigráfica, ou seja, é semelhante à fase anterior, na qual as letras convencionais são jogadas aleatoriamente sem obedecer nenhuma sequência lógica de escrita; a terceira ocorre aos cinco anos, na qual a criança entra na fase da escrita silábica, sendo esta caótica, mas já sabe o significado das letras e sílabas; na quarta, e última fase, já com uma evolução maior que a anterior, apresenta-se a escrita alfabética, na qual a criança já tem um conhecimento do valor sonoro das letras, mas ainda erra.

O desenvolvimento psicológico é visto como um processo evolutivo em que as funções psicológicas superiores originam-se nas relações entre indivíduos humanos e se desenvolvem ao longo de internalizações de formas culturais de comportamento. Essas funções são mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo possibilidade de independência em relação às características do momento e do espaço presentes – como a atenção, a memória, o pensamento, por exemplo –, as quais acontecem a partir de um plano interpsicológico de desenvolvimento (ou seja, por meio da interação da criança, no caso, com o outro). A partir dessa ideia, nasce a concepção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

A Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

É no relacionamento com o ambiente e, principalmente, na interação com outras pessoas que já dominam os processos psicológicos formadores

de conceitos e valores, que nós aprendemos e nos desenvolvemos. Vygotsky postula ainda que a relação do ser humano com o meio sempre é mediada por instrumentos que caracterizam a atividade humana:

Os instrumentos podem ser do tipo físico (as ferramentas que possibilitam que modifiquemos o ambiente) ou do tipo psicológico (os signos ou os sistemas de signos, a linguagem, além de outros, como, por exemplo, os sistemas numéricos, em geral, todo o tipo de sistema convencional) (SALVADOR, 1999, p. 100).

Com isso compreendemos que o jogo vem a ser instrumento necessário para a formação de valores ético-sociais nas séries iniciais, pois são os jogos que auxiliarão na aquisição desses sistemas de signos. As crianças constroem signos para resolver os problemas, com o auxílio do professor e de outros instrumentos, e a partir deles formulam seus conceitos e interagem entre si.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de caráter exploratório descritivo de cunho qualitativo em uma perspectiva ético-social, na qual a relação do sujeito e o objeto de conhecimento é dialética entre eles, mediada por um outro sujeito contribuindo para a formação de educandos participativos que interagem no mundo e estão abertos a constantes adaptações.

A população-alvo desta pesquisa foram os professores do ensino fundamental da Escola Municipal Pequeno Príncipe, localizada na rua Joca Farias, 1918 – Caranã, nas turmas de 1º ano “D” e 1º ano “E” e a professora de educação física, no turno vespertino.

Foram realizadas entrevistas estruturadas mediante um roteiro com perguntas abertas e fechadas nos dias 06, 07 e 12 de março de 2019, com 2 (dois) professores de sala de aula, 01 (uma) professora de educação física.

A escolha desses professores se deu pela faixa etária dos estudantes que atendem, de 6 (seis) a 7 (sete) anos, em que entre eles ainda há predominância de um comportamento egocêntrico e estão em fase de exploração do seu corpo e do ambiente em que estão inseridos. Nessa fase a criança

ainda tem dificuldade para se socializar, interagir, e os jogos contribuem positivamente para que haja um bom processo de maturação psicomotora, atribuindo-lhes as regras, a cooperação, imaginação e a competição.

A realização da entrevista estruturada junto aos professores teve como intuito constatar a concepção do jogo na formação de valores ético-sociais do estudante e assim analisar como os jogos são utilizados nas aulas, usando como parâmetro as teorias de Vygotsky.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As análises foram feitas mediante entrevistas estruturadas com um roteiro de perguntas abertas e fechadas composto por 11 questões para os professores de sala de aula e a professora de educação física.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	SIM
Professor B	SIM
Prof. Educação Física	SIM

Quadro 1 - Importância do jogo como fator essencial para o aprendizado do estudante.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Constatamos que os professores tinham o conhecimento de que o jogo é um bom instrumento na socialização, construção de regras e desenvolvimento corporal, porém eles não utilizam-no como fator para a formação de valores ético-sociais das crianças, aplicando em sala os jogos voltados para as questões pedagógicas.

O jogo deve usado para ajudar no desenvolvimento geral da criança, como aspecto motor, cognitivo, afetivo, social, porém percebemos, por meio da pesquisa, que os professores de sala de aula estão usando-o somente para o aprendizado cognitivo, com quebra-cabeças, jogos de montar etc.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	SIM
Professor B	SIM
Prof. Educação Física	SIM

Quadro 2 - Utilização dos jogos em sala.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todos responderam que utilizavam jogos em suas aulas na sala de aula.

Sabemos que para uma boa aprendizagem é necessário o máximo de vivências possíveis à criança, em diferentes ambientes (areia, barro, bolas, espaço com e sem plantas, ambientes abertos e fechados), pois tanto o ambiente quanto os objetos ao seu redor influenciam no aprendizado e cabe aos professores fazer a mediação e aplicação dos jogos nesses novos ambientes.

Além da importância do ambiente, segundo as teorias de Vygotsky, o jogo pode ser aplicado em forma de competição ou de maneira lúdica, dependendo do objetivo traçado pelo professor. A ludicidade pode ser usada como estratégia viável pois ela se adapta às novas exigências da educação.

Por esse motivo devemos deixar de utilizar o jogo na escola como forma de modismo, pois nesse sentido não há preocupação quanto à qualidade do aprender brincando, além disso, os jogos podem ser cooperativos, favorecendo a coletividade, a socialização e a importância do outro, melhorando a convivência e relacionamentos entre as crianças.

Jogos cooperativos são dinâmicas de grupo que têm por objetivo, em primeiro lugar, despertar consciência de cooperação, isto é, mostrar que a cooperação é uma alternativa possível e saudável no campo das relações sociais; em segundo lugar, promove efetivamente a cooperação entre as pessoas na exata medida em que os jogos são, eles próprios, experiências cooperativas (SOLER, 2005, p. 21).

O jogo na escola deve proporcionar experiências positivas aos alunos, nas relações sociais, resolução de problemas, desenvolvimento cognitivo e motor do aluno. Os jogos cooperativos e competitivos são características presentes na vida cotidiana e quando bem trabalhada na infância ajuda e muito na vida adulta, fase em que esses aspectos são mais intensos.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	Uma vez por semana.
Professor B	Sempre.
Prof. Educação Física	De 2 a 4 vezes.

Quadro 3 - Frequência que desenvolvem os jogos em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observamos que os professores têm o conhecimento da importância do jogo, mesmo assim, deixam à cargo da professora de educação física, pensando ou sinalizando que as atividades com jogos só podem ser utilizadas nas aulas de educação física.

As aulas de educação física ocorrem duas vezes por semana e aplicam-se os conteúdos dirigidos pelo plano anual da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Boa Vista (SMEC), elaborado anualmente e planejado mensalmente pelos professores da rede municipal.

Podemos verificar que o jogo é muito importante, não só porque os alunos ficam alegres, mas quando estamos vivenciando, direta e reflexivamente, estamos indo além de sua representação simbólica de vida. “A situação educativa torna-se, com isso, um ambiente ideal para o cultivo da tolerância, do combate aos preconceitos, do aprendizado com base nas diferenças” (LIMA, 2008, p. 65).

Averiguamos que depende muito da disposição do professor, em organizar, planejar, para que os jogos aconteçam de forma favorável ao desenvolvimento dos estudantes em suas necessidades.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	Bingo, quebra-cabeça e lego.
Professor B	Quebra-cabeça, alfabeto móvel, números móveis.
Prof. Educação Física	Brincadeiras com bolas, cordas, cones e bambolês.

Quadro 4 - Tipos de jogos utilizados em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Vemos a reincidência dos professores não abordarem em seus conteúdos a questão da formação de valores ético-sociais em sala de forma mais direta sobre o assunto, opinando apenas pela educação no ensino da escrita, da leitura e do cálculo.

A professora de Educação Física descreveu que sempre realiza jogos nas aulas, brincadeiras com instrumentos diversos e materiais distintos. Com essa vivência ampla dos jogos, os alunos acabam aprimorando suas relações e a solução de problemas ficam mais fáceis de lidar, mas cabe ao professor aplicar jogos que estimulem na formação de valores ético-sociais.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	SIM
Professor B	SIM
Prof. Educação Física	SIM

Quadro 5 - Trabalha em sala de aula os valores ético-sociais.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todos responderam que sim, demonstrando que quando conhecemos que indivíduo se desenvolve interagindo com o meio, percebemos a importância da utilização de jogos que incentivem valores ético-sociais às crianças, e que, em alguns casos não desfrutam de um meio social favorável ao bom desenvolvimento em suas respectivas famílias.

“Os jogos reforçam a confiança mútua e todos podem participar autenticamente. Ganhar e perder são apenas referências para contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo” (SOLER, 2006, p. 116). Cabe ao professor, por meio de jogos, planejar atividades que estimulem os valores éticos dos estudantes, respeito as regras e limites dos jogos, saber ganhar e saber perder; a socialização, aprimorando a coletividade.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	Cartazes e jogos.
Professor B	Diálogo e jogos educativos.
Prof. Educação Física	Vídeos e conversas são os principais meios.

Quadro 6 - Meios que utilizam para trabalhar valores ético-sociais em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os professores pedagogos enfatizam usar os jogos como minimizadores dos problemas de aprendizagem da criança e veem este meio de ensino viável para a formação do estudante, só que ainda continuam a priorizar o ensino tecnicista, deixando de lado a formação humana.

A professora de educação física relata que utiliza vídeos e conversas mas percebemos uma controvérsia, pois relatou que sempre trabalha com jogos e para resolver problemas utiliza vídeos educativos como principal mediador. Os jogos podem favorecer esses valores quando dentro deles mesmos surgem as oportunidades de diálogos, pensamentos e ações que fortalecem essa formação de valores ético-sociais.

Os instrumentos e ambientes utilizados pelos professores devem estimular o ensino-aprendizagem dos alunos em seu potencial máximo, visto

que a formação de valores perpassa o ensinar por ensinar, é algo que levarão para toda a vida. Precisam ser melhor estruturados para que haja uma real possibilidade de desenvolver valores ético-sociais dos alunos.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	SIM
Professor B	SIM
Prof. Educação Física	SIM

Quadro 7 - Os estudantes obedecem às regras dos jogos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todos obedecem às regras e sabemos que por meio do jogo as crianças aprendem sobre seus limites, a respeitar aos colegas, a ter momentos de atuação, a obedecer às regras, a delimitar espaços e desenvolver habilidades motoras, tornando-se um exercício de preparação para a vida.

O jogo é um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos (KISHIMOTO, 1997, p. 37).

Cabe aos professores estimular que os alunos obedçam às regras por meio dos jogos, pois estes delimitam atitudes, conceitos, parâmetros de respeito, o “saber esperar a sua vez”, conceitos abstratos que passam a ser notados na vida adulta.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	Sala de aula.
Professor B	Sala de aula.
Prof. Educação Física	No pátio da escola ou sala de aula.

Quadro 8 - Espaços utilizados para a realização dos jogos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os professores disseram que utilizam apenas as salas de aula para realizar as atividades pois a escola não dispõe de espaços alternativos, como

campo, quadra, tendo somente um pátio pequeno para realização das aulas de Educação Física e é também utilizado para reuniões de pais e mestres e na hora do intervalo.

Segundo Vygotsky, o ambiente influencia na formação de valores e este deve ser um local favorável ao aprendizado, organizado e amplo, de múltiplas possibilidades físicas, motoras e psicológicas, entretanto averiguamos que a escola não dispõe de espaço aberto e amplo para realização das aulas de Educação Física, ficando limitada a um pátio pequeno ou nas salas de aula.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	SIM
Professor B	NÃO
Prof. Educação Física	SIM

Quadro 9 - Conhecimento sobre os jogos realizados nas aulas de educação física.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Notamos que não há interação entre os professores das disciplinas, e esta interação entre os profissionais docentes é necessária e favorável ao aprendizado do aluno, pois as disciplinas não devem existir em si somente, mas integradas, e é compartilhando conhecimentos, adaptando-se à prática e vivências dos estudantes que a educação ou desenvolvimento se consolida, existindo uma interação com o meio e com outras pessoas facilitando a formação de valores ético-sociais dos estudantes.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	Auxiliar o cognitivo do estudante na aquisição e compreensão do assunto.
Professor B	Contribuir, facilitar, as atividades que necessitam de formação ou construção de conceitos abstratos.
Prof. Educação Física	Trazer alegria e prazer, trabalhando também nas dificuldades e limitações dos alunos.

Quadro 10 - Meta do professor ao planejar as aulas de jogos.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Isso demonstra que os professores têm conhecimento amplo do potencial do jogo quanto à formação de valores, mas não utilizam esses jogos com frequência em suas aulas e isso nos alerta que necessitam de mais capacitação e vontade para aplicar jogos.

Os jogos auxiliam no desenvolvimento cognitivo e motor, formam conceitos psicológicos, trabalham respeito às regras, socialização, interação, sentimentos, valores dentre outras competências. Essa meta deve ser alusiva ao completo acerto sobre a aplicação dos jogos nas aulas, com uma real intenção de estimular o aluno em seu desenvolvimento global.

Quadro 11 - Relato de experiência com a aplicação dos jogos em sala de aula.

PROFESSORES	RESPOSTAS
Professor A	Tangran (desenhos); Quebra-cabeças e bingo.
Professor B	O alfabeto móvel auxilia o aluno a identificar o som das letras, tornando a alfabetização mais fácil e prazerosa.
Prof. Educação Física	Observando um estudante nas atividades lúdicas, foi feito um relatório e descobriu que o estudante tinha um tipo leve de autismo devido sua participação nos jogos propostos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Compreendemos que o jogo é importante para a formação de pensamentos e de caráter ético-social, dos fundamentos básicos para a sua inserção na escolaridade, mas os professores não demonstram dar a importância devida a esse recurso tão proeminente no aprendizado das crianças, utilizando-se de outros métodos para desenvolver a formação de valores ético-sociais.

Constatamos que os professores têm o jogo como fundamento para a aprendizagem da formação de valores dos estudantes, pois eles obedecem às regras, respeitam as decisões, ajudam aos colegas nos jogos cooperativos e de socialização, mas podemos perceber que os jogos são utilizados pelos professores de sala de aula para auxiliar somente à formação cognitiva dos alunos, quanto ao aprendizado tradicional do alfabeto, números e cálculos matemáticos, havendo a necessidade de explorar mais os jogos no ambiente escolar como forma de estímulo à formação de valores ético-sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise da pesquisa, constatamos que o jogo realmente favorece o desenvolvimento motor, social, afetivo e facilita a assimilação de si próprio, e entendemos que os professores, na utilização dos jogos em suas aulas, têm a responsabilidade de oportunizar ao aluno as vivências necessá-

rias para a formação de valores ético-sociais, respeito às regras, interação com o meio em processo contínuo de aprendizagem para a além da escola.

Há necessidade de mais recursos físicos, jogos e empenho dos professores para a realização dos resultados esperados, pois percebemos que apesar de reconhecerem a importância do jogo para a formação de valores ético-sociais do estudante, a sua aplicabilidade não é tão ampla no ambiente escolar, deixando um déficit na aprendizagem e vivência dos discentes em relação ao meio.

REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. O jogo e o desenvolvimento na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 24, n. 62, 2004.

CORIA-SABINE, Maria Aparecida; OLIVEIRA, Valdir Kessamiguinemon de. **Construindo Valores Humanos na Escola**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo e brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997

LIMA, José Airton da Silva; DA SILVEIRA, Stela Aparecida Damas (Org.). **Gestão em Educação Comunitária no Município de Boa Vista**. UFRR. Roraima, 2008.

SALVADOR, César Coll (Org.). **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Santa Marli Pires. **A Ludicidade como Ciência**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOLER, Reinaldo. **Jogos Cooperativos para Educação Infantil**. Editora: Sprint – Rio de Janeiro, 2005.

SOLER, Reinaldo. **Educação física: uma abordagem cooperativa**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Sobre os Organizadores

Luciana Leandro Silva - Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física



pela Universidade Federal do Amazonas (2002) e Mestrado em Ensino de Ciências Exatas pelo Centro Universitário Univates (2014). Ingressou no Doutorado em Ensino pelo Centro Universitário Univates recentemente (2020). Foi Coordenadora da Pós-Graduação em Docência em Educação Física Escolar, na modalidade EaD e atualmente é Coordenadora do Curso de Tecnologia em Gestão Hospitalar e Coordenadora Institucional do Pibid – IFRR. É professora nos cursos de Licenciatura em Educação Física,

Matemática, Gestão de Turismo e Gestão Hospitalar no IFRR. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física Escolar, Educação Especial na Perspectiva da Inclusão, Estudo das Deficiências, Tênis de Mesa, Turismo Adaptado e Saúde.

Emanuel Araújo Bezerra - Emanuel Araújo Bezerra é Bacharel em Enfermagem



pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Pós-Graduado em Auditoria em Serviços e Sistemas de Saúde pelo Instituto de Teologia Aplicada (Inta); Pós-Graduado em Doenças Crônicas Não Transmissíveis pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Atualmente é docente do Instituto Federal de Roraima e exerce a função de Coordenador Geral do Programa Universidade Aberta do Brasil.

Elisangela Silva da Costa - Especialista em Educação Profissional Técnica de



Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pelo Cefet/AM em agosto/2007. Graduada em Secretariado Executivo pela UFRR/1998. Graduada em Segurança Pública pelo Instituto Superior de Segurança e Cidadania/ 2005. Licenciada em Pedagogia em dezembro/2012. Professora do Curso Técnico em Secretariado, Supervisora de Estágios e professora nos cursos de licenciatura e tecnologia do IFRR - Campus Boa Vista..

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS PRÁTICAS INTEGRADORAS

A concepção reflexiva da docência é um processo extremamente complexo, que tem como pré-requisito a existência de integração entre teoria e prática, programação e ação, visando possibilitar o desenvolvimento de capacidades que subsidiem as mais diversas intervenções na realidade educativa. Nesse contexto, esta obra é o resultado da interação entre diferentes concepções das experiências pedagógicas que emergiram através do curso de Pós-Graduação em Docência em Educação Física Escolar. Nessa construção, os profissionais tiveram a oportunidade de vivenciar experiências dentro de sua área de atuação, no campo conceitual e prático, tornando possível a ressignificação do conhecimento, sem deixar de valorizar aspectos sócio-históricos, econômicos, biológicos e culturais existentes no contexto. O livro é composto por diversos artigos que possibilitam a reflexão do fazer docente e da prática pedagógica da cultura corporal em diferentes realidades, abrangendo três grandes áreas do conhecimento específico, quais sejam: 1) A promoção da saúde na Educação Física Escolar; 2) O esporte escolar na Educação Básica e 3) As atividades rítmicas, expressivas e as lutas na Educação Básica. Deste modo, esperamos que os profissionais da área da Docência em Educação Física Escolar possam ter, através deste acervo, mais uma fonte para suas pesquisas e para a melhoria do seu fazer pedagógico diário.

